

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11
Número 1
Junho 2022

ISSN 2316-686X

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia · Teologia · Prática

Vol. 11 n. 1 · Junho | 2022

Missão

Promover o debate e a socialização do conhecimento bíblico e teológico na sua interlocução com a práxis.

Faculdade Batista
Pioneira

R454 Revista Batista Pioneira : Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira ; editor responsável Claiton André Kunz. –
v. 11, n. 01, jun. 2022. – Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2022. –
139 p.

Semestral
ISSN 2316-686X

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade
Batista Pioneira. II. Kunz, Claiton André. III. Título. IV. Título: Bíblia,
teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales do Santos Theobald
CRB 10/1879

Site: revista.batistapioneira.edu.br

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional*

A revista está catalogada nos seguintes indexadores:



REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia · Teologia · Prática

DIRETOR GERAL E EDITOR RESPONSÁVEL

Dr. Claiton André Kunz

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Alan Doyle Myatt (Gordon-Conwell Theological Seminary/USA)

Dr. Antônio Renato Gusso (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Dimitrios Christidis (Aristotelian University of Thessaloniki/Grécia)

Dr. Helge Stadelmann (Freie Theologischen Hochschule/Alemanha)

Dr. Jaziel Guerreiro Martins (Faculdades Batista do Paraná)

Dr. Lourenço Stelio Rega (Faculdade Teológica Batista de São Paulo)

Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão (Faculdade Teológica Batista de SP)

Dr. Nicolau Reinhard (USP – Universidade de São Paulo)

Dr. Sam Williams (Southeastern Baptist Theological Seminary/USA)

Dr. Vilson Scholz (ULBRA – Consultor SBB)

COMISSÃO CONSULTIVA

Dr. Gerson Joni Fischer (Faculdades Batista do Paraná)

Me. Lucas Merlo Nascimento (Faculdade Teológica Batista de SP)

Dr. Luciano Robson Peterlevitz (Fac. Teológica Batista de Campinas)

Dr^a Marivete Zanoni Kunz (Faculdade Batista Pioneira)

Dr^a. Mônica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Vanderlei Alberto Schach (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Werner Wiese (Faculdade Luterana de Teologia)

REVISÃO

Juliana Scheibner Dellafavera e Claiton André Kunz

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Delize Gabriela Grando Balaniuk

FOTO DA CAPA

Claiton André Kunz

Ruínas da Sinagoga de Cafarnaum

Faculdade Batista Pioneira

LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico, tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

*Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão missionária*

*Rua Dr. Pestana, 1021 - Centro | Ijuí/RS | 98700-000
|55| 3332.2205 | faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....7

ARTIGOS

O MAIOR É O MENOR: QUEM SÃO OS PEQUENINOS E QUAIS OS ENSINOS DE JESUS SOBRE ELES EM MATEUS 18.1-14

The biggest is the smallest: who are the little ones and what Jesus teaches about them in Matthew 18.1-14

Esp. Cléber Mateus de Moraes Ribas e Dr. Claiton André Kunz.....8

CONTEXTUALIZAÇÃO MISSIONÁRIA: A IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Missionary contextualization: the importance of contextualized evangelization

Esp. Haiza Feuerharmel de Oliveira e Dr. Josemar Valdir Modes.....17

A INFLUÊNCIA DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA DAS ESCOLAS ALEXANDRINA E ANTIOQUENA NOS DIAS ATUAIS

The influence of biblical interpretation of the Alexandrine and Antiochian Schools in the present day

Me. Francisco Emanuel Lima Santos.....30

HEBREUS 11: UMA FÉ NECESSÁRIA À VIDA CRISTÃ

Hebrews 11: a faith necessary for the christian life

Esp. Silvio Oliveira da Silva e Dr. Claiton André Kunz.....53

EPISTEMOLOGÍA Y TEOLOGÍA CRISTIANA

Christian Epistemology and Theology

Dr. Juan José Pérez.....62

AS CONVICÇÕES TEOLÓGICAS DE PAULO PARA O PLANTIO DE IGREJAS

Paul's theological convictions for church planting

Me. João Eder Graebin.....71

BREVE RESEÑA BIOGRÁFICA SOBRE EL DISTINGUIDO REV. JONATHAN EDWARDS

Brief biographical review on the distinguished Rev. Jonathan Edwards

Dr. Juan C. de la Cruz.....85

VISÃO PANORÂMICA DA TEOLOGIA DA CRIAÇÃO NO LIVRO DE SALMOS

Panoramic vision of creation theology in the book of Psalms

Me. Francis Natan Gonçalves Martins.....106

MATEUS, O APÓSTOLO IMPROVÁVEL

Matthew, the unlikely apostle

Me. Erivelton Rodrigues Nunes.....117

EM MOMENTOS DIFÍCEIS: ANÁLISE DA ORAÇÃO DE JONAS COM DESTAQUES EXEGÉTICOS

In difficult moments: analysis of Jonah's prayer with exegetic highlights

Esp. João Paulo Gouvêa e Dr^a Marivete Zanoni Kunz.....129

NORMAS DE PUBLICAÇÃO136

APRESENTAÇÃO

Este é o primeiro número do volume 9 de nossa revista acadêmica. É uma grande satisfação poder oferecer aos nossos leitores mais um pouco de reflexão bíblica, teológica e prática sobre os afazeres eclesiais. Nesta edição, 10 artigos e 1 resenha compõem o conteúdo da mesma, com os quais os respectivos autores procuram contribuir com as suas pesquisas.

São compartilhadas as seguintes temáticas: “O maior é o menor: quem são os pequeninos e quais os ensinamentos de Jesus sobre eles em Mateus 18.1-14” (Esp. Cléber Mateus de Moraes Ribas e Dr. Claiton André Kunz), “Contextualização Missionária: a importância da evangelização contextualizada” (Esp. Haiza Feuerharmel de Oliveira e Dr. Josemar Valdir Modes), “A influência da interpretação bíblica das escolas alexandrina e antioquina nos dias atuais” (Me. Francisco Emanuel Lima Santos), “Hebreus 11: uma fé necessária à vida cristã” (Esp. Silvio Oliveira da Silva e Dr. Claiton André Kunz), “Epistemología y teología cristiana” (Dr. Juan José Pérez), “As convicções teológicas de Paulo para o plantio de igrejas” (Me. João Eder Graebin), “Breve reseña biográfica sobre el distinguido Rev. Jonathan Edwards” (Dr. Juan C. de la Cruz), “Visão panorâmica da teologia da criação no livro de Salmos” (Me. Francis Natan Gonçalves Martins), “Mateus, o apóstolo improvável” (Me. Erivelton Rodrigues Nunes) e “Em momentos difíceis: análise da oração de Jonas com destaques exegéticos” (Esp. João Paulo Gouvêa e Dr^a Marivete Zanoni Kunz).

Desejamos a todos uma ótima leitura, esperando que a revista possa contribuir para o debate teológico e prático.

DR. CLAITON ANDRÉ KUNZ
EDITOR RESPONSÁVEL

O MAIOR É O MENOR: QUEM SÃO OS PEQUENINOS E QUAIS OS ENSINOS DE JESUS SOBRE ELES EM MATEUS 18.1-14

The biggest is the smallest: who are the little ones and what Jesus teaches about them in Matthew 18.1-14

*Esp. Cléber Mateus de Moraes Ribas¹
Dr. Claiton André Kunz²*

RESUMO

A perícope de Mateus 18.1-14 tem sido interpretada de diferentes formas por muitos teólogos e estudantes da Bíblia. Dentre estes, muitos entendem que Jesus, ao falar acerca dos pequeninos no texto em questão, está se referindo exclusivamente às crianças. No entanto, este entendimento pode apresentar algumas dificuldades e problemas teológicos, como por exemplo o entendimento da existência de anjos guardiões das crianças, visto que Jesus fala sobre “anjos dos pequeninos”. Assim, Jesus estaria se referindo às crianças quando fala sobre os pequeninos ou não necessariamente? E qual seria o ensino principal de Jesus ao tratar acerca das crianças e dos pequeninos? Tendo por objetivo responder a estas questões, neste artigo é apresentado um estudo bibliográfico e hermenêutico da perícope apontando algumas questões contextuais concernentes à perícope com análise de termos-chave na língua grega, bem como quem são os pequeninos citados por Jesus, o que se espera deles e qual deve ser a atitude das outras pessoas em relação a eles. Para isso, o artigo tem como aporte teórico comentários bíblicos do Evangelho de Mateus e obras sobre a língua grega. Portanto, a perícope de Mateus 18.1-14 trata principalmente acerca dos pequeninos de Jesus. Estes não necessariamente são crianças, mas sim todos

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-Graduado em Design Instrucional pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. É designer instrucional da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: cleber@batistapioneira.edu.br

² Graduado em Teologia e Filosofia, Mestre em Novo Testamento e Mestre e Doutor em Teologia (ênfase em Bíblia). Diretor e professor da Faculdade Batista Pioneira, professor do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR e professor adjunto do Mestrado em Ministérios da Carolina University. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

aqueles que são humildes como ela, se humilham diante de Deus reconhecendo a sua condição de pecador, miserável e destituído de qualquer mérito para a salvação. Desta forma, estes pequeninos devem ser cuidados pelos demais, a saber, a Igreja de Jesus. Eles não devem ser escandalizados, isto é, tropeçarem por causa de uma má conduta de outros e, caso tenham se afastado, não devem ser desprezados de forma alguma. Pelo contrário, devem ser valorizados assim como são pelo próprio Senhor.

Palavras-chave: Crianças. Pequeninos. Humildade. Reino dos Céus.

ABSTRACT

The pericope of Matthew 18.1-14 has been interpreted in different ways by many theologians and students of the Bible. Among these, many understand that Jesus, when speaking about the little ones in the text in question, is referring exclusively to children. However, this understanding may present some difficulties and theological problems, such as the understanding of the existence of guardian angels for children, since Jesus talks about “angels of the little ones”. So, would Jesus be referring to children when he talks about little ones or not necessarily? And what would be the main teaching of Jesus when dealing with children and little ones? With the aim of answering these questions, this article presents a bibliographical and hermeneutic study of the pericope, pointing out some contextual questions concerning the pericope with analysis of key terms in the Greek language, as well as who are the little ones mentioned by Jesus, what is expected of them and what should be the attitude of other people towards them. For this, the article has as theoretical support biblical commentaries of the Gospel of Matthew and works on the Greek language. Therefore, the pericope of Matthew 18.1-14 deals mainly with the little ones of Jesus. These are not necessarily children, but all those who are humble like her, humble themselves before God, recognizing their condition as sinners, miserable and devoid of any merit for salvation. In this way, these little ones must be cared for by others, namely, the Church of Jesus. They are not to be scandalized, that is, stumbled because of the misconduct of others, and if they have strayed, they are not to be despised in any way. On the contrary, they should be valued just as they are by the Lord himself.

Keywords: Children. Little ones. Humility. Kingdom of Heaven.

INTRODUÇÃO

Há muitos textos bíblicos de difícil compreensão ou cujas interpretações por parte de alguns teólogos parecem não estar em consonância com o restante das Escrituras. Dentre estes textos, há alguns relatos de ensinamentos de Jesus. No texto de Mateus 18.1-14 Jesus responde aos seus discípulos à pergunta sobre quem seria o maior no reino dos céus a partir do exemplo de uma criança. Em meio ao ensino, ele fala das crianças e dos pequeninos e faz algumas afirmações - como por exemplo a de que os anjos destes pequeninos estão sempre vendo a face de Deus. Alguns interpretam a perícopie como se todo o texto se referisse às crianças. Ou seja, para eles, quando Jesus se refere aos pequeninos ele está falando sobre as crianças. Devido à concordância com esta ideia, alguns - como Brewster - afirmam que as crianças possuem anjos específicos para o seu cuidado, ou seja, algo como “anjos da guarda”.³ Por isso, faz-se necessária uma análise mais profunda para se buscar uma interpretação correta da passagem, a fim de encontrar respostas para questões como, por exemplo: uma vez que a

³ BREWSTER, Dan. **O que a Bíblia diz sobre as crianças?** Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2019/11/27/o-que-a-biblia-diz-sobre-as-criancas-2/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

expressão “criança” aparece nos cinco primeiros versículos e a partir do sexto Jesus usa a expressão “pequeninos”, esta mudança seria intencional? Jesus estaria se referindo às crianças quando fala sobre os pequeninos ou não necessariamente? Existiriam então anjos guardiões das crianças? E ainda, qual seria o ensino principal de Jesus ao tratar acerca das crianças e dos pequeninos?

Desta forma, no presente artigo será apresentada a interpretação da perícopes buscando uma compreensão correta acerca do ensino de Jesus. Primeiramente, buscar-se-á uma definição sobre quem seriam os pequeninos citados por Jesus. Também será apontado o que Jesus ensinou na perícopes acerca do que se espera dos pequeninos e como deve ser o tratamento para com estes por parte dos seus seguidores de Cristo.

1. OBSERVAÇÕES INICIAIS ACERCA DA PERÍCOPE

O ponto central da perícopes reside na pergunta dos discípulos sobre quem era o maior no reino dos céus. Os ensinamentos de Jesus que se seguem têm como objetivo tratar desta questão corrigindo a perspectiva equivocada que os discípulos ainda mantinham. Ele faz isso enfatizando tanto a necessidade da humildade quanto do tratamento para com os humildes. Wiersbe aponta que muito provavelmente a questão sobre quem seria o maior dentre os discípulos no reino vindouro estava sendo discutida com frequência por eles já há algum tempo antes desta pergunta, visto que alguns deles pareciam estar ganhando certo destaque. Dentre estes, Pedro parecia ser o principal, uma vez que havia andado sobre as águas e estado dentre os que viram Jesus transfigurado, além de, como relatado no capítulo anterior, ter pegado uma moeda de forma milagrosa da boca de um peixe, sob as ordens de Jesus, para pagar os seus impostos.⁴ Hendriksen também aponta nesta direção, ao afirmar que possivelmente os discípulos se perguntavam se Pedro seria a pessoa mais importante depois de Jesus quando este estivesse reinando.⁵ Fato é que este questionamento mostrava que os discípulos ainda eram muito imaturos e estavam muito longe da compreensão dos ensinamentos de Jesus.⁶ Souza e McGee apontam que Jesus já havia ensinado sobre o tema da humildade diversas outras vezes, como por exemplo no sermão do monte. Da mesma forma, esta não foi a última vez que ele ensinou sobre este tema.⁷

Nesta perícopes, então, mais uma vez Jesus estava lhes ensinando acerca da humildade como sendo crucial para os que desejavam fazer parte de seu reino e, por conseguinte, de sua Igreja. Segundo Rienecker, o capítulo todo trata da vida em comunidade entre os seguidores de Cristo, tanto em relação a como fazer parte desta, quanto em como lidar com os seus demais membros.⁸ Hendriksen concorda ao afirmar que o capítulo deva ser considerado como uma unidade. No entanto, ainda que, aparentemente, o capítulo todo apresente uma unidade neste sentido da vida em comunidade, é possível perceber que Jesus trata de assuntos diferentes quando se refere aos seus pequeninos e à comunidade em geral.⁹ Dos versículos 1 a 14 ele claramente aponta quem são e como devem ser tratados os seus pequeninos, conforme será abordado posteriormente neste artigo. Ele afirma que as pessoas não deveriam escandalizar, isto é, ser pedra de tropeço para eles. Já nos versículos que seguem ele aponta como deveria ser a atitude dos discípulos uma vez que alguém houvesse pecado contra eles. Ou seja, Jesus inicia explicando sobre quem são os pequeninos e como estes deveriam ser tratados pelos discípulos e, posteriormente, aponta como estes deveriam tratar aqueles que lhes causassem dano. Assim sendo, é possível compreender o capítulo como sendo um mesmo ensino geral (a vida em comunidade), mas dividido em ao menos duas partes distintas (os pequeninos do reino e

⁴ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2012, vol. 1., p. 84)

⁵ HENDRIKSEN, William. **Mateus**: comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 2, p. 258.

⁶ SOUZA, Itamir Neves de; MCGEE, John Vernon. **Mateus**: comentário bíblico. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008, p. 242.

⁷ SOUZA; MCGEE, 2008, p. 242.

⁸ RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 311.

⁹ HENDRIKSEN, 2001, p. 259.

o relacionamento entre os cidadãos do reino). Desta forma, para o presente estudo serão analisados apenas os versículos 1 a 14 para que seja possível compreender o seu ensino imediato em resposta à pergunta dos discípulos e acerca de quem são os pequeninos aos quais Jesus se refere.

2. QUEM SÃO OS PEQUENINOS

Para responder à pergunta dos discípulos, Jesus usa o exemplo de uma criança. A pergunta deles era sobre quem é o maior no reino dos céus, ao que Cristo respondeu que seriam aqueles que se fizessem humildes como aquela criança. A seguir, no versículo 5, ele afirma que quem recebesse uma criança em seu nome estaria igualmente o recebendo. Em sua resposta, até este versículo, Jesus se refere à criança usando o termo παιδίον (*paídion*). No entanto, a partir do versículo 6 ele passa a falar sobre os pequeninos, usando o termo μικρῶν (*micrôn*).¹⁰

Muitas versões bíblicas em língua portuguesa trazem a expressão “destes pequeninos”, dando a impressão de que pequeninos é uma referência direta às crianças. Mas seria possível que ele estivesse se referindo a outro grupo de pessoas que não necessariamente fossem as crianças? Souza e McGee apontam que há dois principais entendimentos sobre isto: muitos entendem que a referência aos pequeninos é relativa a quem humildemente cria em Jesus, enquanto outros entendem haver uma referência específica às crianças. Por conseguinte, para os que creem desta forma Jesus estaria afirmando nesta passagem a necessidade do cuidado pelas crianças, bem como a evangelização destas.¹¹

A questão não é apenas semântica, mas muito mais profunda e carece de uma resolução. Por exemplo, se Jesus está se referindo apenas às crianças ao usar a expressão “pequeninos”, então ao afirmar que o Pai não deseja que nenhum deles se perca, Jesus está afirmando que esta preocupação é restrita às crianças. Porém, ele afirma isso como uma conclusão do que acabara de dizer ao contar a parábola da ovelha perdida, também relatada no capítulo 15 de Lucas em alusão aos pecadores que se arrependiam. Naquela ocasião, ele se referia diretamente a adultos, uma vez que respondia à acusação dos mestres da Lei acerca de sua “associação com pecadores”. Por conseguinte, parece haver uma grande discrepância entre os sentidos da mesma parábola. Além disso, se a referência de Jesus era diretamente à criança ou mesmo às crianças de maneira geral, por que há uma mudança no uso dos termos? Eles poderiam ser apenas sinônimos?

Como citado anteriormente, o texto apresenta dos versículos 1 a 5 a palavra criança (παιδίον) e dos versículos 6 a 14, pequenino (μικρῶν). Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, a palavra παιδίον é um diminutivo da palavra παῖς (país) que significa “criança”. A diferença está no fato de que παῖς denota uma criança de 7 a 14 anos e παιδίον uma criança de até 7 anos de idade.¹²

Já o termo μικρῶν é derivado da palavra μικρός (mikrós) que, segundo Louw e Nida, pode ser traduzida tanto para alguém mais novo em uma relação de comparação entre pessoas, quanto de importância ou status, como por exemplo “mais humilde” ou “menos importante”.¹³ Na LXX, μικρός aparece na maioria das vezes traduzindo as palavras “pequeno”, “jovem” e “poucos”, como por exemplo em 1 Samuel 16.11, em que traduz a expressão “filho menor” e em Isaías 11.16, “menininho”.¹⁴ Já entre os rabinos a palavra era usada com frequência para se referir aos jovens discípulos, também podendo ter um sentido depreciativo, denotando imaturidade.¹⁵ Quanto ao uso em referência a jovens

¹⁰ LUZ, Waldyr Carvalho. *Novo Testamento interlinear*. 26.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 62.

¹¹ SOUZA; MCGEE, 2008, p. 244.

¹² COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, vol. 1, p. 465, 467-468.

¹³ LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 574, 658.

¹⁴ COENEN; BROWN, 2007, p. 919.

¹⁵ COENEN; BROWN, 2007, p. 920.

discípulos, chama atenção o fato de que Mateus somente utiliza a palavra *μικρῶν* em outro momento, a saber, Mateus 10.42, em que Jesus se refere aos seus discípulos. No restante dos textos do Novo Testamento, de forma geral, a palavra mantém-se como utilizada na LXX.¹⁶

O seu significado principal é “pequeno” em contraste a *μέγας* (*mégas*), que significa “grande”, geralmente aludindo a uma oposição em termos de quantidade ou qualidade relacionados a um período de tempo, objetos e/ou seres vivos.¹⁷ Isto é importante, pois na presente perícope a palavra *μεῖζων*, que é o comparativo irregular de *μέγας*,¹⁸ aparece nos versículos 1 e 4.

Nota-se que, ainda que aparentemente haja um contraste ou algum sentido especial no fato de Jesus deixar de usar “criança” para usar a palavra “pequenino”, isto é, *παιδίον* para *μικρῶν*, a comparação real está entre *μεῖζων* e *μικρῶν*. Ou seja, Jesus é perguntado sobre quem é o maior e responde: o menor (esta questão será mais bem explicada mais adiante neste artigo). Ou seja, *παιδίον* não é centro da perícope ou mesmo um sinônimo para *μικρῶν*, e sim o exemplo para que seja possível compreender quem seria este. Desta forma, os pequeninos não necessariamente são as crianças, mas também podem ser estas. Lopes aponta que os pequeninos podem ser todos aqueles crentes em Jesus que as outras pessoas consideram como sendo pequenas ou sem valor.¹⁹ Rienecker também entende que a expressão não denota apenas uma criança por menor que seja, mas também os novos convertidos, ou seja, aqueles que ainda são “crianças na fé”; os “insignificantes, os pequenos e fracos no reino de Deus”.²⁰ Souza e McGee são concordantes com esta posição²¹, assim como Tasker, que acrescenta que a expressão “que creem em mim” no versículo 6 evidencia o fato de que o termo “pequeninos” faz referência a um grupo maior de pessoas do que apenas as crianças.²² Portanto, é possível afirmar que os pequeninos nesta perícope são todos aqueles que creem em Jesus e, assim, possuem as características que Jesus aponta por meio da criança.

3. O QUE SE ESPERA DOS PEQUENINOS

Jesus responde à pergunta dos discípulos primeiramente afirmando como eles poderiam entrar no reino dos céus e só então explica quem seria o maior. Ele afirma que eles deveriam tornar-se como crianças, isto é, serem convertidos para poderem ter acesso ao reino. Segundo Tasker, o verbo *στραφήτε* (*straphéte*) deve ser construído como passivo estrito, visto que a ação não pode ser produzida pelo próprio homem. Assim, tornar-se como crianças refere-se a nascer de novo de maneira sobrenatural, conforme João 3.3-6.²³ Hendriksen aponta que este ato é obra divina, portanto seria impossível que os discípulos conseguissem realizá-lo por conta própria. Para ele, tanto a salvação quanto a fé são presentes imerecidos dados por Deus e, por isso, não há como ter qualquer forma de orgulho por parte do ser humano.²⁴ Conforme Ryle,

Todos precisamos de uma radical mudança em nossa natureza. Por nós mesmos não teríamos nem fé, nem temor, nem amor para com Deus. ‘Importa-vos nascer de novo’ (Jo 3.7). Por nós mesmos somos totalmente despreparados para habitar na presença do Senhor. O céu não seria céu para nós, se não nos convertêssemos. Isso aplica-se com igual verdade a todas as fileiras, classes e ordens da humanidade. Todos nós temos nascido no pecado e somos filhos da ira, sem uma única exceção. Por isso mesmo, precisamos nascer

¹⁶ COENEN; BROWN, 2007, p. 920.

¹⁷ COENEN; BROWN, 2007, p. 919.

¹⁸ REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico**: gramática fundamental. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 315.

¹⁹ LOPES, Hernandes Dias. **Mateus**: Jesus, o Rei dos reis. São Paulo: Hagnos, 2019, p. 554.

²⁰ RIENECKER, 1998, p. 313.

²¹ SOUZA; MCGEE, 2008, p. 244.

²² TASKER, R. V. G. **Evangelho segundo Mateus**: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 140.

²³ TASKER, 1980, p. 139.

²⁴ HENDRIKSEN, 2001, p. 262-263.

do alto, tornando-nos novas criaturas. É mister que um coração novo comece a pulsar dentro de nós, que um espírito novo nos seja insuflado. As coisas antigas precisam passar, e todas as coisas devem ser renovadas.²⁵

Souza e McGee são concordantes com esta afirmação sobre nascer de novo ao apontarem que é necessário que o homem se torne como uma criança no sentido espiritual.²⁶ Assim, a questão não era que os discípulos tinham de ter a criança como um exemplo de alguém que se humilhava ou que era humilde e sim humilharem-se até que ficassem como a criança, isto é, sem consciência ou pretensão de ser grande.²⁷ Eles estavam questionando Jesus sobre qual deles seria o maior no reino dos céus, ao que ele respondeu que se não mudassem a sua forma de pensar certamente nem chegariam até lá.²⁸

Como então os discípulos deveriam pensar? Eles deveriam ser humildes, isto é, considerar-se verdadeiramente frágeis, ignorantes e miseráveis. Quanto maior é a fragilidade de alguém, mais presente poderá ser o amor e o auxílio de Deus sobre sua vida.²⁹ Hendriksen aponta que esta humildade também pode ser entendida como uma confiança humilde, tendo em vista a expressão “quem crer em mim” presente no versículo 6. E é exatamente esta que é enfatizada por Jesus na passagem, assim como o ensino é percebido em outros textos, como Mateus 20.20-28, 23.11-12, Marcos 9.35 e 42 e Lucas 18.14 e 22.24-30.³⁰

Qualquer pessoa que for orgulhosa ou considerar que merece algo jamais receberá a graça da salvação. O reino dos céus é recebido como um presente por meio da graça, isto é, como um favor imerecido. Portanto, a graça só pode ser recebida mediante a verdadeira humildade. E esta não é uma humildade fingida ou cujo propósito seja de receber a graça. Aliás, este é um paradoxo da graça: aquele que se considerar merecedor de recebê-la, ainda que minimamente, jamais irá alcançá-la, ao passo que aquele que considera que é absolutamente imerecedor deste favor é exatamente quem o recebe. Tasker afirma que as pessoas só podem ter a humildade necessária para herdar o reino caso estejam preparadas para serem insignificantes como eram as crianças no mundo antigo.³¹

Por fim, Wiersbe e Rienecker apontam também diversas qualidades às crianças, como confiança, dependência, altruísmo, modéstia e franqueza.³² No entanto, conforme Tasker, Jesus não enfatiza nenhuma outra virtude das crianças ou mesmo elogia a sua humildade.³³ Ou seja, não há nada na perícopes em questão que corrobore apontar inúmeras qualidades das crianças, uma vez que Jesus fala claramente apenas acerca de se fazer humilde como elas. Ele não usou aquela criança como um exemplo de pureza, inocência ou fé, mas de desinteresse em se tornar alguém importante.³⁴ Portanto, embora alguns erroneamente alistem inúmeras qualidades que acreditam que Jesus estava enfatizando nesta perícopes, é possível afirmar que isso é um erro, visto que apenas uma é apontada: a humildade.

4. COMO DEVEM SER TRATADOS OS PEQUENINOS

Uma vez que é possível estabelecer que os pequeninos apontados na perícopes são aqueles que humildemente reconhecem sua condição de incapacidade de alcançar o favor de Deus por seus próprios méritos, tendo assim que se tornarem como crianças, isto é, nascendo espiritualmente por meio da fé em Jesus, é possível analisar qual a postura que Jesus espera que se tenha em relação a estes. Eles não

²⁵ RYLE, J. C. *Meditações no evangelho de Mateus*. São Paulo: Fiel, 1991, p. 145.

²⁶ SOUZA; MCGEE, 2008, p. 243.

²⁷ TASKER, 1980, p. 140;

²⁸ WIERSBE, 2012, p. 84-85.

²⁹ RIENECKER, 1998, p. 311.

³⁰ HENDRIKSEN, 2001, p. 262.

³¹ TASKER, 1980, p. 139.

³² WIERSBE, 2012, p. 84; RIENECKER, 1998, p. 312.

³³ TASKER, 1980, p. 139.

³⁴ SOUZA; MCGEE, 2008, p. 243;

deveriam ser escandalizados ou desprezados, mas sim cuidados pela comunidade da fé.

Rienecker aponta que poderia haver muitas injustiças na vida de fé dos novos convertidos por parte dos “adultos” da fé, e por isso era necessário que estes abandonassem toda e qualquer atitude que viesse a ser motivo de escândalo para aqueles. A palavra *σκανδαλίση* (*scandalise*) é derivada de *σκάνδαλον* (*skandalon*), que significa tropeço. Ela foi usada por Jesus quando ele repreendeu a Pedro chamando-o de Satanás em Mateus 16.23.³⁵ Segundo Vischer, a expressão denota “o empecilho que se coloca em nosso caminho, de modo que tropeçemos ou sejamos desviados do rumo certo e caímos na perdição”.³⁶ Pode-se entender também o significado da palavra como sendo “ferir a consciência de”, “for ocasião de cair” e “ofender” além de “fazer tropeçar”.³⁷ Desta forma, a primeira atitude para com os pequeninos de Jesus é não ser pedra de tropeço para eles, isto é, não ser para eles motivo de escândalo.

Além disso, é crucial não agir com desprezo em relação a eles. Neste caso, esta orientação se refere tanto às crianças (v. 5) quanto em relação aos pequeninos de Jesus (v. 10-14). É possível compreender por que Jesus fala o mesmo tanto em relação às crianças quanto aos seus pequeninos a partir da perspectiva da realidade das crianças na sociedade à época de Jesus. Segundo Lopes (2019, p. 551), elas eram desprezadas, despercebidas pelos adultos. Não havia quem lhes desse atenção. No entanto, Jesus valorizava as crianças de tal forma que afirmou que quem as recebesse, a si mesmo estaria recebendo. Ou seja, receber a pessoa menos importante da sociedade da época era lhe receber, pois as crianças representavam muito mais que elas próprias. Elas representavam os excluídos e os desprezados da sociedade - os quais ainda existem na contemporaneidade.

Souza e McGee afirmam que a parábola da ovelha perdida mostra o quanto Jesus se preocupa com cada uma de suas ovelhas. Ele recomendou aos discípulos que não as desprezassem, visto que seu desejo era que nenhum dos seus pequeninos se perdesse.³⁸ Conforme Rienecker, o sentido da parábola em Mateus é diferente de Lucas 15.³⁹ No texto lucano o intuito é descrever o amor do Pai que procura os perdidos sem medir esforços, enquanto em Mateus além deste sentido também há o interesse de mostrar o valor de cada indivíduo para Deus. Para ele, cada pessoa é preciosa como uma ovelha desgarrada cuja ausência é notada por seu dono. Deus não despreza os seus pequeninos e espera que a sua igreja também não o faça. Assim, muito mais do que cuidar dos pequenos, fracos e menos favorecidos, a comunidade de fé deve ir à procura dos perdidos e desgarrados tal qual o Senhor faz; ela deve se importar com eles de tal forma que não os despreze de forma alguma.⁴⁰

Neste sentido, é interessante pensar no grande número de pessoas que pelos motivos mais diversos se afastaram das igrejas. No Brasil, aumenta a cada dia o número de pessoas que frequentavam uma igreja e por conta de algo que lhes foi como pedra de tropeço acabaram afastadas como ovelhas desgarradas. E, infelizmente, muitas são desprezadas pelas igrejas, uma vez que acabam por serem esquecidas ou abandonadas. Aqui apresenta-se uma questão de suma importância para a reflexão das igrejas protestantes no Brasil: será que devido a diferentes tipos de escândalos muitos pequeninos estão se desgarrando? E será que, uma vez tendo se afastado da igreja, muitos destes não estão sendo desprezados por elas? É mister que as igrejas protestantes atentem para o chamado de Jesus ao cuidado pelas suas ovelhas perdidas.

Este cuidado pelos pequeninos por parte da igreja é tão relevante que Jesus demonstra que os anjos estão zelando por eles. Quanto a estes anjos, como já fora apresentado anteriormente,

³⁵ RIENECKER, 1998, p. 313.

³⁶ VISCHER, 1946, citado por RIENECKER, 1998, p. 313.

³⁷ TASKER, 1980, p. 140.

³⁸ SOUZA; MCGEE, 2008, p. 246.

³⁹ RIENECKER, 1998, p. 316.

⁴⁰ RIENECKER, 1998, p. 316.

alguns entendem que este trecho dê base para a crença em anjos da guarda das crianças. Wiersbe, por exemplo, parece apresentar este entendimento. No entanto, conforme já foi exposto anteriormente, os pequeninos citados na perícopes não são necessariamente as crianças e sim os crentes em Jesus.⁴¹ Assim, a hipótese de serem anjos guardiões das crianças se torna equivocada. Sobre esta questão, Hendriksen afirma:

Não tenho podido encontrar melhor interpretação da passagem do que aquela oferecida por Calvino em seu comentário *A Harmony to the Evangelists Matthew, Mark, and Luke*. Ele interpreta as palavras de Jesus no seguinte sentido: ‘não é coisa leviana desprezar a quem tem os anjos como seus companheiros e amigos... Portanto, devemos precaver-nos de desprezar a salvação delas, a qual os próprios anjos têm sido incumbidos de promover... O cuidado de toda a igreja está confiado aos anjos, para assistir a cada membro segundo sua necessidade o requeira.’

A isto, A. Kuiper acrescenta dois importantes pensamentos: a. Mateus 18.10 não enfatiza que os anjos falam a Deus em nosso favor, mas, antes, que Deus, por meio de seus anjos, cuida de seus escolhidos; e b. não obstante, o cuidado e a vigilância prestados aos filhos de Deus pelos anjos não são de um caráter meramente mecânico e arbitrário. Ao contrário, como se faz evidente à luz de passagens tais como Lucas 15.10 (‘há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende’) e 16.22 (‘Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão’), os anjos levam as necessidades dos filhos de Deus dentro do próprio coração, se interessam profundamente por eles e os amam.⁴²

Assim, uma vez que os anjos, bem como o próprio Jesus, têm apreço pelo cuidado para com os pequeninos é fundamental que as comunidades eclesiais tenham o mesmo cuidado, não se tornando causa de escândalo e/ou desprezando-lhes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a perícopes de Mateus 18.1-14 trata principalmente acerca dos pequeninos de Jesus. Estes não necessariamente são crianças, mas sim todos aqueles que se humilham diante de Deus reconhecendo a sua condição de pecador, miserável e destituído de qualquer mérito para a salvação. Desta forma, estes pequeninos devem ser cuidados pelos demais, a saber, a Igreja de Jesus. Eles não devem ser escandalizados, isto é, tropeçarem por causa de uma má conduta de outros e, caso tenham se afastado, não devem ser desprezados de forma alguma. Pelo contrário, devem ser valorizados assim como são pelo próprio Senhor.

Obviamente, esta percepção não deve servir de pretexto para que a igreja não se dedique ao cuidado e à evangelização das crianças. Há outros textos que apontam nesta direção, embora também sejam passíveis de uma análise mais acurada, como o texto do capítulo seguinte, a saber, Mateus 19.13-15, no qual Jesus afirmou aos discípulos que deixassem as crianças ir a ele e não as impedissem. De qualquer forma, uma vez que os pequeninos são aqueles conforme foi apresentado no presente artigo, é plenamente possível que as crianças compreendam a sua pecaminosidade, sua carência do perdão de Deus e, por conseguinte, humildemente venham a crer em Jesus.

REFERÊNCIAS

BREWSTER, Dan. **O que a Bíblia diz sobre as crianças?** Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2019/11/27/o-que-a-biblia-diz-sobre-as-criancas-2/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007. v. 1.

HENDRIKSEN, William. **Mateus**: comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 2.

⁴¹ WIERSBE, 2012, p. 84.

⁴² HENDRIKSEN, 2001, p. 271.

LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o Rei dos reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.

LOUWN, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUZ, Waldyr Carvalho. **Novo Testamento interlinear**. 26.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico: gramática fundamental**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

RYLE, J. C. **Meditações no evangelho de Mateus**. São Paulo: Fiel, 1991.

SOUZA, Itamir Neves de; MCGEE, John Vernon. **Mateus: comentário bíblico**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

TASKER, R. V. G. **Evangelho segundo Mateus: introdução e comentário**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1980.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento**. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2012. v. 1.w



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

CONTEXTUALIZAÇÃO MISSIONÁRIA: A IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Missionary contextualization: the importance of contextualized evangelization

*Esp. Haiza Feuerharmel de Oliveira¹
Dr. Josemar Valdir Modes²*

RESUMO

Esta pesquisa apresentou alguns aspectos importantes com relação à evangelização. A principal preocupação é com o cuidado que se deve ter em transmitir o Evangelho à uma cultura diferente sem que esta seja modificada, com exceção dos aspectos que podem ser alterados e que não se constituem de uma ameaça à herança cultural que os evangelizados possuem e, ao mesmo tempo, sem distorcer o Evangelho. A contextualização foi o grande destaque e é o desafio que o trabalho missionário enfrenta.

Palavras-chave: Missão. Contextualização. Evangelização.

ABSTRACT

This research presented some important aspects regarding evangelization. The main concern is with the care that must be taken in transmitting the Gospel to a different culture without it being modified, with the exception of the aspects

¹ Formada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Missões pela Faculdade Batista Pioneira (não sei se já pode deixar isso). Trabalha como assessora administrativa na Rede Excellent (Assessoria Educacional para Escolas Cristãs). E-mail: haizafeuerharmel@hotmail.com

² Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão Corporativa pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e um mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, com concentração em História e Cultura. Trabalha como Pastor na Primeira Igreja Batista em Ijuí, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaios Teológicos da Faculdade. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

that can be altered and that do not constitute a threat to the cultural heritage that the evangelized ones have and, at the same time, without distorting the Gospel. Contextualization was the highlight and it is the challenge that missionary work faces.

Keywords: Mission. Contextualization. Evangelization.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos de história missionária, é nítido que existe um problema em não conseguir compreender a diferença entre Evangelho e Cultura, e isso, ainda hoje, tem sido uma das maiores fraquezas na área em missões transculturais. Frequentemente os missionários comparam o Evangelho com sua própria herança cultural, e isso os tem instigado a reprovar e condenar a maioria dos costumes e hábitos locais diferentes dos seus, impondo assim seus próprios costumes aos convertidos.

Por consequência disso, o Evangelho tem sido visto como algo estrangeiro de maneira geral, e como ocidental em particular. Muitas pessoas acabam recusando o Evangelho não porque rejeitam à Cristo, mas porque acreditam que sua conversão significa que terão que negar a sua herança cultural e seus vínculos sociais aprendidos desde a infância.³

Se as culturas são as formas de pensar, sentir e agir das diferentes pessoas, onde será que o Evangelho pode ser encaixado? Ele seria ou não parte de uma cultura específica? Se a resposta for sim, qual cultura deve-se adotar para se tornar um cristão?⁴

O processo de comunicação do Evangelho não pode ser separado ou isolado da cultura das pessoas que estão entregando a mensagem, e nem da cultura de quem vai receber a mensagem. **Algumas questões como** a contextualização da Bíblia, as barreiras culturais à comunicação do Evangelho, a importância da sensibilidade na transmissão da mensagem e o grande risco de sincretismo devem ser estudadas e tratadas com muito cuidado.⁵ Para uma eficiente comunicação do Evangelho, é necessário levar em conta que não há cultura inferior, nem cultura certa ou errada, apenas culturas diferentes.

1. CONCEITOS DE CULTURA E EVANGELHO

É muito comum ouvir alguém falar que “tal pessoa tem muita cultura”, isso porque para muitos, o significado da palavra cultura é o grau de estudos de uma pessoa. Muitas pessoas fazem esta associação da cultura com o grau de estudo de alguém, por essa razão, uma pessoa que tem um linguajar rude, um modo de vida simples, logo é taxada de uma pessoa sem cultura. Define-se a cultura como um conjunto de comportamentos e ideias que são característicos de um determinado povo, que é transmitido de uma geração a outra e que resulta da socialização e aculturação verificadas no decorrer de sua história.⁶

Uma compreensão mais apropriada do significado do que da cultura é um pré-requisito para qualquer comunicação mais eficaz do Evangelho a um determinado grupo de pessoas é de fundamental importância. Todo mundo possui uma cultura e ninguém nunca conseguirá se divorciar da sua própria cultura.⁷ Porém, a história ensina que o povo dominante, o mais forte, sempre impõe sua cultura e costumes ao povo dominado, o mais fraco, assim, quando feita de modo radical e violento, essa imposição acarretava o desaparecimento completo da cultura dominada.⁸

³ HIEBERT, Paul. **O Evangelho e a diversidade das culturas**. Tradução de Maria P. Grosso. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 54.

⁴ HIEBERT, 2001, p.53.

⁵ SÉRIE LAUSANNE. **O evangelho e a cultura**. Tradução de José Gabriel Said. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1983, p. 6.

⁶ BURNS, Bárbara. **Costumes e culturas**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 20.

⁷ WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven; BRADFORD, Kevin. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 385.

⁸ RIBEIRO, Josenilda. **Sincretismo religioso no Brasil**, p. 17. Disponível em: <http://estrategistas.com/wpcontent/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

Cultura é um conjunto de comportamentos, crenças e ideias características de um povo, que se transmite de uma geração para outra e que resulta na história desse povo, na formação de sua sociedade e na perpetuação de seus valores. Toda comunicação humana se faz através da cultura. A cultura define as ideias usadas para se articularem as palavras, os valores que elas expressam, a maneira de falar, a distância com a qual se posicionam os falantes, um diante do outro, o tom de voz, e até a dinâmica sofrida pela língua em si.⁹

Em uma cultura os valores não são escolhidos ao acaso, mas invariavelmente refletem um sistema subjacente de crenças.¹⁰ Ela não é um aglomerado de traços e características, nem um amontoado de conhecimentos. Mas cada parte distinta da cultura se interliga às demais de forma que resulta num funcionamento sistemático da sociedade.¹¹

Quando se observa uma cultura, percebe-se que ela se compõe de várias camadas. Para um observador externo, a camada mais superficial é a do comportamento, ou seja, os costumes. Isso envolve a maneira como as pessoas fazem as coisas, como por exemplo, o fato delas comerem com as mãos. Logo que se aprofunda, aprende-se alguns de seus valores, isto é, aquilo que eles pensam ser bons e corretos, por exemplo, a separação dos sexos na vida social.¹²

Deve-se concluir que o homem não pode viver sem cultura, pois a cultura é tão inevitável quanto o ar que se respira e querer viver sem cultura é querer viver sem o ar. Assim como o ar, que mesmo estando presente, acaba sendo esquecido frequentemente, a cultura também está presente na vida do homem e em suas ações, mesmo que ele acabe não se dando conta disto.¹³

A cultura também envolve os sentimentos das pessoas, como seus atos, o senso de beleza, preferências em relação a roupas e alimentos, o modo como lidam com a alegria, tristeza e dor. Cada cultura tem um costume e um jeito diferente em lidar com todas essas situações e cada cultura julga esses valores e determina o que é certo e o que errado.¹⁴

Clifford Geertz cita que:

No passado quando as chamadas culturas primitivas envolviam-se apenas muito marginalmente umas com as outras referindo-se como ‘as verdadeiras’, ‘as boas’ ou simplesmente ‘os Homens’, e desprezando as que se situavam do outro lado do rio ou da serra como ‘macaco’ ou ‘ovos de piolho’ isto é não humanas ou não plenamente humanas, a integridade cultural era prontamente mantida. (...) A profunda indiferença para com as outras culturas era uma garantia de que elas podiam existir a sua própria maneira e segundo os seus próprios termos. (...) Agora, quando é claro que essa situação já não prevalece quando todos cada vez mais apertados num pequeno planeta, estão profundamente interessados em todos os demais e nos assuntos que lhes dizem respeito assumam a possibilidade de perda dessa integridade em função da perda dessa indiferença. Talvez ‘etnocentrismo nunca desaparecerá por completo sendo da essência mesmo da nossa espécie’, mas pode tornar-se perigosamente fraco deixando-nos a mercê de uma espécie de uma entropia moral. (...) Sem dúvidas nos iludimos com um sonho ao supor que um dia a igualdade e a fraternidade reinarão entre os homens sem comprometer nossa diversidade.¹⁵

Por causa do pecado, todas as culturas têm anseios imperialistas, devido a sua própria natureza, qualquer cultura acredita ter a melhor maneira de responder às realidades da vida e de explicar essas realidades. Quando se encontra com outra cultura, com um modo e estilo diferente de responder à realidade e explicá-la, esse estilo diferente ameaça seu próprio ser e, assim, aquela outra cultura é vista

⁹ LIDÓRIO, Ronaldo. **Indígenas do Brasil**. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 75.

¹⁰ WINTER; HAWTHORNE; BRADFORD, 2009, p. 387.

¹¹ BURNS, 1996, p. 26.

¹² DENNET, Jo. **Florescendo em outra cultura**. Tradução de Marisa K. Lopes. Londrina: Descoberta, 2004, p.49.

¹³ GONZÁLEZ, J. **Cultura e evangelho**. Tradução de Vera e Jordan Aguiar. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 50.

¹⁴ HIEBERT, 2001, p. 32-33.

¹⁵ GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 70.

como inimiga que deve ser vencida.

Assim funciona a base do imperialismo, de um certo modo, porque além da história, os impérios se auto justificavam vendo-se a si mesmos como carregadores de uma cultura melhor e superior, onde os benefícios queriam fazer chegar a seus vizinhos. Sendo que na realidade o que eles estavam tentando fazer era impor sua cultura a seus vizinhos e explorá-los com a desculpa de que não pertenciam totalmente à cultura supostamente mais avançada do império.¹⁶

A fidelidade a certo conjunto de valores faz com que, de maneira inevitável, as pessoas se tornem parcial ou inteiramente insensíveis a outros valores dos quais outras pessoas, igualmente provincianas, são igualmente fiéis. Não é ofensivo colocar o seu próprio estilo de vida ou o seu próprio modo de pensar acima dos outros, ou em sentir pouco encanto por outros valores. Essa incomunicabilidade relativa não autoriza ninguém a reprimir ou destruir os valores rejeitados ou aqueles que os possuem. À exceção disso, porém, ela não tem nada de repugnante.¹⁷

Toda cultura também tem o seu próprio código moral e seus próprios pecados culturalmente definidos, julgando assim alguns atos certos e outros imorais.¹⁸ Toda cultura tem sua própria definição do que é pecado e como as culturas mudam, suas ideias de pecado também mudam.¹⁹ Toda cultura leva consigo o selo do pecado em suas próprias práticas internas, na forma de se organizar, na forma de agir com a opressão e a injustiça, e na forma como deseja se impor sobre as demais culturas.²⁰

Sabe-se que o etnicismo defende e acoberta a pureza natural das culturas intocadas. Mas isso pode, em certa instância, influenciar a comunicação. Por isso, é necessário lembrar que o pecado é cultural. O pecado não ocorre em um plano sobre-humano, ele brota do coração do homem envolto em seus conceitos e costumes. O pecado se manifesta moldado às circunstâncias externas e, por fim, vem a despencar no mesmo precipício que foi aberto desde o início, a separação entre o homem caído e o Deus santo.²¹

A cultura é boa, bela e merece respeito, mas também, assim como toda realidade humana, carrega o selo do pecado e pode muito bem ser sua ferramenta.²² Nenhuma cultura é ideal e perfeita em si mesma. Somente Deus, o criador de todas as coisas, é capaz de revelar uma cultura perfeita, que abrigue o homem por completo e responda de uma maneira completa à necessidade do homem. Toda cultura precisaria estar nivelada à cultura divina, mas as pessoas estão afastadas por conta de suas diferenças culturais. Mas, Cristo, o Senhor, e só ele, tem a possibilidade de unir todas essas pessoas, mesmo diante de tantas diferenças.²³

A cultura é ambivalente porque o próprio homem é ambivalente. Como o Pacto de Lausanne anuncia “porque o homem é criatura de Deus, parte de sua cultura é rica em beleza e bondade, e porque ele experimentou a queda, toda a sua cultura está manchada pelo pecado, e parte dela é demoníaca”, deste modo, a cultura sempre precisa ser julgada e aprovada pelas Escrituras, onde os cristãos precisam discerni-la e avaliá-la.²⁴

O Evangelho é a força vital do cristianismo e proporciona o fundamento para confrontar a cultura, pois quando cremos de verdade no evangelho, começamos a perceber que ele não só constrange o cristão a confrontar as questões sociais a sua volta, mas também cria de fato uma confrontação com

¹⁶ GONZÁLEZ, 2011, p. 70.

¹⁷ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 70.

¹⁸ HIEBERT, 2001, p. 34.

¹⁹ HIEBERT, 2001, p. 54.

²⁰ GONZÁLEZ, 2011, p. 69.

²¹ LIDÓRIO, Ronaldo. **Com a mão no arado: pensando a vida, cumprindo a missão**. Belo Horizonte: Betânia, 2006, p. 89-90.

²² GONZÁLEZ, 2011, p. 77.

²³ LIDÓRIO, 2005, p. 33.

²⁴ STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010, p.149.

a cultura ao seu redor.²⁵

De uma forma resumida, o Evangelho é a verdade fundamental da morte e ressurreição de Cristo, qual torna possível ao homem a salvação. Pela fé, o homem consegue alcançar a graça redentora de Deus no Evangelho, por isso ele abandona sua própria natureza rebelde e se submete a Cristo, em cada aspecto de sua vida. O Evangelho é o meio de mudança e transformação nas vidas daqueles que creem nele, bem como o meio de redenção eterna.²⁶ E discernir a forma particular que Deus imprimiu a uma determinada cultura ajuda a Igreja a descobrir como explicar a redenção de forma mais incisiva para os membros de determinada cultura.²⁷

O evangelho não pertence a nenhuma cultura, mas ele sempre deve ser entendido e expresso dentro de formas culturais humanas. Os homens não podem recebê-lo fora de seus idiomas, símbolos e rituais. Se as pessoas devem ouvir e crer no evangelho, ele precisa ser apresentado em formas culturais. No nível cognitivo, as pessoas devem entender a verdade do evangelho. No nível emocional, devem experimentar o temor e o mistério de Deus. E no nível de avaliação, o evangelho deve desafiá-las a responder à fé. Esse processo de tradução do evangelho para uma cultura, aonde as pessoas venham a entender e responder a ele, é chamado de naturalização ou contextualização.²⁸

2. COLONIZAÇÃO X CONTEXTUALIZAÇÃO

No decorrer da história, a Igreja abraçou práticas evangelizadoras que colaboraram para sedimentar um modelo de missão fortemente marcado pelo ideário dos empreendimentos de expansão colonialista do final do século XV e começo do XVI. Assim, esse modelo foi formatado nos Estados Unidos, tendo influência pelo puritanismo²⁹ e pelo pietismo³⁰, com o retoque das ideias iluministas, originando assim o formato missionário protestante dominante.³¹

Ao longo dos anos, os cristãos sucumbiram com frequência à tentação de imaginar que a encarnação do Evangelho em uma cultura qualquer, a deles em particular, era a melhor e mais pura forma que este Evangelho pode tomar. Isto levou a divisões e conflitos desnecessário e frequentemente impediu a missão e evangelização.³²

A Antropologia Missionária baseada nos princípios bíblicos não se impõe e nem é destruidora de sociedade, porque contém salvaguardas éticas relacionais. As ações missionárias, entretanto, são julgadas ao longo da história até os dias de hoje, com base nos fantasmas da imposição catequista que há nos processos colonialistas.³³

2.1 HISTÓRICO DA IGREJA

O modo e a forma que os colonizadores portugueses e espanhóis trataram os povos indígenas da América Latina é um dos episódios históricos que delatavam o desrespeito à diferença e à alteridade. Pessoas e historiadores que testemunharam os episódios na época, escreveram as barbaridades, brutalidades e atrocidades cometidas pelos desbravadores europeus contra os povos nativos latino-americanos. O Frei Bartolomé de Las Casas, um dominicano que viveu nessa época da colonização,

²⁵ PLATT, David. **Contracultura**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p.19

²⁶ DENNET, 2004, p. 60.

²⁷ RICHARDSON, Don. **O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.231-232.

²⁸ HIEBERT, 2001, p. 55.

²⁹ PURITANISMO foi um movimento de protestantes radicais que insistiam na necessidade de regressar à pura religião bíblica. In.: GONZÁLEZ, Justo. **História ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 277.

³⁰ PIETISMO foi o mais notável movimento de protesto contra a frieza intelectual que parecia dominar a vida religiosa. Ele se opôs ao dogmatismo que reinava entre teólogos e pregadores e ao racionalismo dos filósofos. In.: GONZÁLEZ, 2011, p. 337.

³¹ NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização**. Viçosa: Ultimato, 2015, p. 7.

³² GONZÁLEZ, 2011, p. 90.

³³ LIDÓRIO, 2011, p. 43.

visitou as terras latino-americanas onde os espanhóis fincaram suas bandeiras, e em 1502, deixou notas e registros importantes sobre a forma como os colonizadores declararam e regeram uma guerra contra os povos indígenas. Fizeram tudo isso usando o nome de Deus e da “Santa Igreja” para legitimá-la.³⁴

Os primeiros americanos acreditavam que Deus estava do lado de seu país, tornando-o diferente dos outros e melhor que eles. Para aqueles americanos, os objetivos de sua nação e de Deus tornaram-se um. O colonialismo e as ações militares eram justificados como meio de evangelização do mundo. Não é de surpreender que em muitas partes do mundo o cristianismo seja comparado ao militarismo e ao imperialismo.³⁵

O que dizer da perseguição enfrentada pelos jesuítas no século 18, que culminou com a expulsão de centenas deles do Brasil e depois a prisão de dezenas de sacerdotes? Muitos foram mortos, como Gabriel Malagrida, queimado em 1761 porque teve a ousadia de contestar o Marquês de Pombal, e o capuchinho Martinho de Nantes, considerado revolucionário por proteger os indígenas contra as estratégias dos Bandeirantes, apesar de que suas atitudes também eram colonialistas, pois considerava o índio “mais animais que homens”.³⁶

Ronaldo Lidório se refere por catequese não apenas ao modelo tradicional católico romano, mas a qualquer modelo, como cristão ou não cristão, católico ou evangélico, onde se baseiem em primeiro lugar, na determinação e imposição de valores, não em sua exposição, nos códigos comunicacionais de quem transmite e nem de quem recebe. Também se baseiam em um modelo que tem uma proposta da relação de um grupo-alvo com a igreja-instituição, e não com a igreja-pessoas, assim como ter o alvo de adequar o ouvinte a uma forma religiosa nominal. Por isso é necessário estabelecer a diferença entre evangelização e catequese, uma diferença que não é somente metodológica, mas também conceitual, onde expressa as transformações quanto à abordagem do outro à exposição do Evangelho nos últimos séculos.³⁷

Essa evangelização distingue-se da catequese em relação ao *conteúdo, abordagem e comunicação*. O conteúdo da catequese é a Igreja, com seus símbolos, estrutura e práticas, sua eclesiologia. O conteúdo da evangelização é o evangelho, os valores cristãos centrados em Jesus Cristo. A abordagem da catequese é impositiva e coercitiva. A abordagem da evangelização é dialógica e expositiva. A catequese se comunica a partir dos códigos do transmissor, sua língua e seus costumes, importando e enraizando valores. A evangelização se dá com a utilização dos códigos do receptor, sua língua, cultura e ambiente, respeitando os valores locais e contextualizando a mensagem.³⁸

Classificar o que é diferente como incorreto, defeituoso, inferior ou até excluí-lo do seu mundo, infeliz e lamentavelmente, é uma prática bem frequente do homem, que tem a tendência de repudiar e rejeitar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que ele se identifica. Sendo assim, considera que estão fora da normalidade os costumes muito diferentes dos seus, ou dos que ele conhece.³⁹

Quando o Evangelho chega em determinada cultura, o processo de mudança de mente é algo natural, mas não imposto como muitos declaram. Os próprios índios selecionam os elementos culturais de seu povo e o avaliam sob uma nova ótica, à luz das Escrituras. Aquilo que é puro, se mantém, mas o que é espiritualmente ruim, é abandonado.⁴⁰ Por isso, é muito importante lembrar que não é o

³⁴ SOUZA; LIDÓRIO, 2008, p. 140-141.

³⁵ HIEBERT, 2001, p. 54.

³⁶ NASCIMENTO, 2015, p. 120.

³⁷ LIDÓRIO, 2011, p. 43.

³⁸ INDÍGENA ORG. **Presença e ação missionária evangélica entre os povos indígenas do Brasil**. Disponível em http://www.indigena.org.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=36:manifestoamtb&catid=2:publicacoes&Itemid=4. Acesso em: 13 jul. de 2016.

³⁹ NASCIMENTO, 2015, p. 61.

⁴⁰ MONTEIRO, Tiago. **A terceira onda missionária entre os indígenas**. Disponível em: http://batistas.com/index.php?option=com_

Evangelho que se deve curvar à cultura, e sim a cultura que deve-se curvar ao Evangelho, mas também é necessário descobrir como aproximar-se de cada uma dessas culturas distintas, para assim poder comunicar de maneira adequada as verdades do Evangelho.⁴¹

A motivação deve ser o amor de Cristo, que conduz a compartilhar o Evangelho. É necessário demonstrar cuidado com as pessoas, dando atenção para suas necessidades terrenas, assim como por suas almas. O trabalho não é tentar convencê-los de que eles estão errados e apenas comunicador está certo. O cristão é responsável por testemunhar a graça salvadora de Cristo e é responsável por orar confiando que o Espírito Santo convencerá o povo da verdade do Evangelho e da salvação.⁴²

2.2 O PERIGO DA ACULTURAÇÃO E DA CONTEXTUALIZAÇÃO EQUÍVOCADA

A aculturação é um processo de molde social que é imposto por uma sociedade distinta. Pode ser objetiva, como uma imposição aberta ou colonialista, ou pode ser subjetiva, como uma imposição baseada na atração e consequente desvalorização do sistema cultural materno em detrimento do apresentado, mas ambas são igualmente danosas.⁴³

Alguns perigos surgem quando se fala de contextualização dentro do universo missionário. O primeiro perigo, que é político, tem sua origem na natural tendência humana de estabelecer a outros povos sua forma adquirida de pensar e interpretar, prática esta feita em grande escala pelos movimentos imperialistas do passado, assim como por forças missionárias que compreenderam o significado do Evangelho apenas dentro de sua própria cosmovisão,⁴⁴ cultura e língua. Desta maneira as torres altas dos templos, a cor da toalha da mesa da ceia, a altura certa do púlpito e as expressões faciais de reverência acabaram tornando-se muito mais do que peculiaridades de um povo e de uma época. Ou seja, essas coisas misturam-se com o essencial do Evangelho na transmissão de uma mensagem que não está muito interessada em resgatar o coração do homem, mas sim adaptá-lo à uma teia de elementos impostos e culturalmente definidos apenas para a satisfação do comunicador da mensagem, apesar de totalmente sem significado para aqueles que recebem a mensagem.⁴⁵

São várias as implicações de uma exposição política do Evangelho, porém a mais frequentemente é o nominalismo, e, depois, o sincretismo quase irreversível. Essa perigosa apresentação política do Evangelho acaba confundindo o Evangelho com a roupagem cultural daquele que o expõe, deixando de apresentar Cristo e apresentando somente uma religiosidade que no fim é vazia e sem significado para o povo que a recebe.⁴⁶

Um outro perigo, é pragmático, e pode ser visto quando se adota uma abordagem puramente prática na contextualização. Como a contextualização é um assunto frequentemente associado à metodologia e ao processo de campo, é preciso então entendê-la e avaliá-la baseado mais nos resultados do que em seus fundamentos teológicos. Consequentemente, aquilo que é bíblico e teologicamente evidente, acaba se tornando menos importante do que aquilo que é funcional e pragmaticamente efetivo.⁴⁷

content&view=article&id=1300:aterceiraondamissionariaentresindigenas&catid=16:artigos1&Itemid=42. Acesso em: 10 abr. 2016.

⁴¹ ESCOLA DE MISSÕES DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS, 2005, p. 130.

⁴² DENNET, 2004, p. 61.

⁴³ LIDÓRIO, Ronaldo. **O evangelho e a aculturação indígena**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/missoes/evangelho-aculturacao-indio_lidorio.pdf. Acesso em: 11 abr. 2016.

⁴⁴ COSMOVISÃO: pode ser descrita como a visão ou o conjunto de suposições e crenças que um determinado indivíduo ou grupo possui acerca da vida, do mundo, de Deus, de si mesmo e de suas inter-relações. Basicamente, é a forma pela qual as pessoas interpretam e percebem a realidade ao seu redor, seja de forma consciente ou inconsciente. In.: CUNHA, Maurício; WOOD, Beth. **O reino entre nós: transformação de comunidades pelo evangelho integral**. Viçosa: Ultimato, 2003, p. 50.

⁴⁵ LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 123-124.

⁴⁶ BURNS, Bárbara. **Contextualização missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 19.

⁴⁷ LIDÓRIO, 2011, p. 124.

Só que nem tudo o que é funcional é bíblico, pois o pragmatismo leva as pessoas a dar mais valor à metodologia da contextualização do que o conteúdo que precisa ser contextualizado. Portanto, a apresentação pragmática do Evangelho, privilegia somente a comunicação com seus devidos resultados e esquece de ater-se ao conteúdo da mensagem comunicada.⁴⁸

Outro perigo é sociológico, pois aceita a contextualização como sendo nada mais do que uma cadeia de soluções para as necessidades humanas, em uma abordagem puramente humanista. Esse erro acontece quando os missionários adotam decisões baseadas na avaliação e interpretação sociológica das necessidades humanas, e não nos ensinamentos da Bíblia. Aqui neste caso, os assuntos culturais, ao invés das Escrituras, determinam e flexibilizam a teologia a ser aplicada a determinado grupo. O anseio por justiça social não deve e não pode levar ao esquecimento da apresentação da mensagem do Evangelho. A defesa de um evangelho integral e o desejo de comunicar uma mensagem contextualizada não deve ser ponte para o esquecimento dos fundamentos da teologia bíblica.⁴⁹

Bruce Nicholls fala sobre o perigo do sincretismo e nominalismo como consequência de uma contextualização existencial sem fundamentação teológica. Segundo ele, o sincretismo religioso é uma síntese entre a fé cristã e as demais religiões, onde a mensagem bíblica é progressivamente trocada por pressuposições e dogmas não-cristãos, e as expressões cristãs da vida religiosa de adoração, do testemunho e da ética, aceitando-se cada vez mais aquelas da parte não-cristã no diálogo. Ao final disso, a missão cristã é diminuída a uma chamada presença cristã, ou a uma preocupação social humanista. O sincretismo acaba resultando na morte lenta da igreja e no fim da evangelização.⁵⁰

A apreensão e preocupação dos dias de hoje, no sentido de contextualizar o Evangelho em outras culturas mais específicas, elevou o grande problema do sincretismo, mas de uma maneira nova. De acordo como a igreja procura expressar sua vida em formas culturais locais, ela imediatamente precisa enfrentar o problema dos elementos culturais que são malignos ou tenham associações malignas. Esses elementos que são intrinsecamente falsos ou claramente malignos não devem ser assimilados no cristianismo. Este é um grande perigo para todas as igrejas em qualquer cultura.⁵¹

O sincretismo cultural pode acabar de uma tentativa entusiasta de traduzir a fé cristã por meio do uso acrítico de símbolos e práticas religiosas da cultura receptora, resultando em uma mistura de crenças e práticas cristãs e pagãs. Outra forma de sincretismo cultural está de acordo com o espírito dos fariseus e judaizantes, que buscavam forçar e impor as formas culturais de suas convicções religiosas sobre seus seguidores. É visto com frequência nas igrejas que foram fundadas por missões ou denominações, sob a forma de estruturas eclesiais obrigatórias ou de modelos sociais de conduta correta e de hábitos mundanos, sendo totalmente estranhos à cultura local. Para os não cristãos desses lugares, o cristianismo apresenta a imagem de uma religião estrangeira.⁵²

Agora, o sincretismo teológico alcança o próprio âmago da cultura, porque faz o ligamento de conceitos e imagens, assim como de valores morais e éticos nos níveis profundos da cosmovisão e da cosmologia. Ele consegue ser mais destrutivo do que o sincretismo cultural, porém, na realidade, frequentemente leva ao sincretismo cultural do tipo de acomodação.⁵³

É necessário ter cuidado para não distorcer o Evangelho, a fim de torná-lo aceitável, enfraquecendo assim sua mensagem. Isto levaria ao sincretismo, que mistura uma forma de cristianismo com a religião do povo. Isto ocorreu na América do Sul, onde algumas tribos, partindo da adoração à Maria, no catolicismo, aceitaram-na como a deusa mãe da terra. O sincretismo sempre falha em confrontar os

⁴⁸ BURNS, 2011, p. 19-20.

⁴⁹ BURNS, 2011, p. 20.

⁵⁰ BURNS, 2011, p. 22-23.

⁵¹ NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização**: uma teologia do evangelho e cultura. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 38-39.

⁵² NICHOLLS, 2013, p. 41-42.

⁵³ NICHOLLS, 2013, p. 42.

pecados humanos e a necessidade de redenção através da morte de Jesus. Isto levanta uma questão, o Evangelho de Cristo é o único caminho para Deus?

A contextualização não possui valor em si, mas seu valor é proporcional ao conteúdo a ser contextualizado. Por exemplo, nas seitas são localizadas diversas propostas religiosas antibíblicas, contudo bem contextualizadas, mostrando que, fundamentalmente, o mais importante não é até que ponto a mensagem é contextualizada, mas o conteúdo da mensagem em si. No Brasil, a umbanda é um dos exemplos de conteúdo antibíblico, mas com boa contextualização. Trazida pelos escravos, a umbanda adaptou-se ao catolicismo europeu, transmitindo uma mensagem pessoal e informal, criou células que ganharam vida de maneira independente e gerou cenários atrativos para novos adeptos. Numa proposta de evangelização bíblica e contextualizada, portanto, a pergunta-chave não é como se deve contextualizar e sim, o que vai se contextualizar.⁵⁴

Por outro lado, existe a necessidade de fazer tentativas ousadas e criativas em que se empreguem formas culturais que possam ser batizadas em Cristo sem negar o Evangelho.⁵⁵

3. IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO MISSIONÁRIA

A intenção e objetivo do testemunho cristão é ver as pessoas convertidas a Cristo e integradas a grupos que são chamados de igrejas, as quais necessitam ser bíblica e culturalmente ajustadas e adaptadas.⁵⁶

A contextualização do cristianismo faz parte do registro que se encontra no Novo Testamento, no qual os discípulos se envolveram ao transmitir aos de fala grega a mensagem de Cristo, que chegou aos discípulos na língua e na cultura aramaica. Tendo a intenção de contextualizar o cristianismo aos que falavam grego, os discípulos anunciaram a verdade cristã no padrão de pensamento de seus receptores. Palavras e conceitos de cada cultura foram usados para esclarecer temas como Deus, igreja, pecado, conversão, arrependimento, iniciação e outras áreas importantes da vida e da prática cristã.⁵⁷

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Contextualização significa tornar o Evangelho relevante dentro de uma cultura, dentro do contexto em que as pessoas estão vivendo, para que possam entendê-lo. A mensagem do Evangelho não deve ser corrompida e alterada, porém, o método da evangelização pode ser adaptado.

A contextualização do Evangelho começa desde o esforço para compreender e entender o texto no seu lugar de vivência até a percepção da realidade daquele que ouve a mensagem do Evangelho. Essa necessidade de envolvimento com as pessoas e de ter um relacionamento com elas, é um dos exemplos que Jesus deixou. Ele assumiu a forma de homem e veio habitar no meio das pessoas, preferindo nascer, crescer, viver e morrer entre os homens. Não se colocou simplesmente a gritar, lá do céu, proclamando uma palavra de salvação, de uma forma distante, fria e descomprometida. Muito pelo contrário, ele viveu no meio de todos.⁵⁸

Toda a Bíblia é um testemunho eloquente de Deus encontrando e convertendo os homens em seus próprios contextos culturais. Deus andava com Adão e Eva no Jardim, e ele conversou com Abraão, Moisés, Davi e outros israelitas dentro de uma cultura hebraica em mutação. Ele se tornou a Palavra que viveu no tempo e no espaço como um membro da sociedade judaica. De maneira parecida, a Igreja Primitiva anunciava a mensagem apostólica de uma maneira que as pessoas compreendessem. No Pentecostes, o sermão de Pedro e o discurso de Paulo no Areópago em Atenas, mostram como

⁵⁴ LIDÓRIO, 2011, p. 126.

⁵⁵ NICHOLLS, 2013, p. 39.

⁵⁶ WINTER; HAWTHORNE; BRADFORD, 2009, p. 397.

⁵⁷ WINTER; HAWTHORNE; BRADFORD, 2009, p. 397.

⁵⁸ LIDÓRIO, 2005, p. 36.

eles expuseram a mensagem sob medida para seus ouvintes. Do mesmo modo, os Evangelhos e as Epístolas conseguem alcançar as pessoas em culturas diferentes e de formas diferentes. Toda comunicação autêntica do Evangelho em missões precisa ser padronizada a partir da comunicação bíblica e deve procurar fazer com que a mensagem do Evangelho seja entendida pelas pessoas dentro de suas próprias culturas.⁵⁹

Ao contrário do que muitos pensam, todas as culturas podem sim servir adequadamente como veículos de comunicação do Evangelho. Se não fosse dessa maneira, todas as pessoas precisariam mudar de cultura para poderem se tornar cristãs. Isso não quer dizer que o Evangelho seja completamente compreendido em uma cultura, mas que todas essas pessoas podem aprender o suficiente para serem salvas e crescerem na fé dentro do contexto de sua própria cultura.⁶⁰

3.2 NECESSIDADE E BENEFÍCIOS DA CONTEXTUALIZAÇÃO

Um mito que deve ser derrubado, por ter suas raízes em um liberalismo irresponsável quanto à mensagem que deve ser comunicada, trata do valor da contextualização. Enquanto o cristianismo liberal se concentra no processo da contextualização, onde o importante é comunicar, os cristãos bíblicos, fundamentados na Palavra de Deus, tratam o assunto por uma outra perspectiva, onde o mais importante é o que estão comunicando.⁶¹

A verdadeira, correta e fiel comunicação do Evangelho inicia-se com a contextualização do próprio Evangelho na vida do comunicador. Essa contextualização acontece por meio da adoração e comunhão, do serviço diaconal e da justiça profética, do testemunho e discipulado evangelístico. A contextualização manda aceitar de bom grado o senhorio de Cristo, assim como servir e sofrer com alegria em prol dos outros. A igreja, como povo de Deus, é convocada para anunciar todo o Evangelho a todos que estão no mundo, demonstrando-o em formas culturais relevantes, a fim de produzir o mesmo fruto de amor e justiça que caracterizava os indivíduos, famílias e comunidades que faziam parte da igreja primitiva.⁶²

Teve um tempo em que a contextualização era um princípio distante, um instrumento usado somente pelos missionários transculturais. Contudo, as demandas do mundo moderno e o ambiente policultural fazem da contextualização um instrumento indispensável à igreja atual. É necessário lembrar que na contextualização o que muda é a apresentação, e não o conteúdo. O missionário é aquele que deve apresentar a mesma verdade de modos diferentes às culturas diferentes, e não aquele que expõe verdades diferentes a cada cultura. Os métodos e procedimentos podem variar, entretanto, o conteúdo deve ser sempre o mesmo.⁶³

Cabe a Igreja de Cristo estudar com cuidado a cosmovisão da sua cultura alvo, a fim de apresentar Jesus Cristo e as verdades universais do Evangelho dentro das necessidades e das realidades de cada povo. Sendo assim, seja qual for o povo alvo, Cristo deve ser apresentado de acordo com as necessidades desse povo, como sendo o único capaz de solucionar o problema da salvação do homem.⁶⁴

Contextualizar o Evangelho é demonstrá-lo e traduzi-lo de tal forma que o senhorio de Cristo não seja apenas um princípio abstrato ou mera doutrina importada. Ele precisa ser um fator determinante de vida em toda a sua dimensão e o critério básico em relação aos valores culturais que formam a substância com a qual avalia-se o existir humano. Com toda certeza, pode-se afirmar que o Evangelho

⁵⁹ HIEBERT, 2001, p. 55.

⁶⁰ HIEBERT, 2001, p. 56.

⁶¹ LIDÓRIO, 2011, p. 126.

⁶² NICHOLLS, 2013, p. 95.

⁶³ GONÇALVES, Leonardo. **Evangelho e cultura**: pregando o evangelho em um ambiente multicultural. Disponível em: <http://www.napec.org/apologetica/evangelhocultura/>. Acesso em: 09 abr. 2016.

⁶⁴ ESCOLA DE MISSÕES DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS – EMAD. **Guia prático de missões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 180.

é sim suficiente para todo homem em todas as culturas e gerações.⁶⁵ O evangelho quer produzir não uma nova pessoa em uma nova e diferente cultura, meramente humana, mas sim uma nova criatura dentro da sua própria realidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada sociedade olha e percebe o mundo de maneira própria e agrupa essa maneira em sua própria língua e cultura. Nenhuma língua é imparcial, nenhuma cultura é teologicamente neutra. Porém, o pecado é cultural e manifesta-se culturalmente, e o homem, em sua cultura, necessita de redenção. Mas o evangelho é supra cultural, pois não se restringe às estruturas da sociedade. O evangelho é aplicado a todo homem, de todas as culturas, em todas as gerações.

Mas devido a mudança visível nos convertidos, o cristianismo é acusado duramente de ser agente de transformação cultural indesejável. O que não se compreende é que ninguém continua o mesmo depois de conhecer Jesus Cristo e o amor de Deus. Essa preocupação de muita gente que tem se colocado contra o evangelho, não tem a cultura como razão, mas sim as suas crenças e pressuposições anti-evangélicas e, conseqüentemente, uma atitude antideus. Mas o evangelho respeita sim a cultura dos povos, porém é inocência missiológica assegurar que o evangelho não mudará nada da cultura, pois a própria razão do evangelho vem com o pressuposto de transformação em todos os níveis da existência do homem.

Dentro de determinada cultura, a Igreja precisa encontrar o seu modo de ser entre o cuidado em manter a sua identidade e em expressar plenamente o seu significado. Ela necessita juntar ao conhecimento de sua missão, tradição e essência, o conhecimento da cultura que a cerca, a história do povo que a rodeia e os desafios da sua época, ajustando-se assim sabiamente a tudo isso. Mas para que isso venha acontecer, ela também precisa acertar o seu ritmo de modo a não se colocar numa vanguarda destruidora nem numa retaguarda inofensiva.⁶⁶

Em Atos 1.1-11 encontram-se o que foram as últimas palavras de Jesus na terra. Ele foi claro sobre onde seus discípulos deveriam estar concentrando os objetivos e desejos deles e da Igreja, mas a missão de Deus excede barreiras geográficas. Não é primeiro em Jerusalém, depois na Judeia e confins da terra. Também não é primeiro o mundo e depois o país. A ideia é de simultaneidade, ou seja, deve acontecer ao mesmo tempo. A obra missionária precisa ser feita o mais simultaneamente possível. É preciso preocupar-se tanto com os becos da cidade (Lc 24.21), como com toda a cidade (Lc 8.39), e com as outras cidades (Lc 4.43), e com todas as aldeias (Lc 9.6), e com todas as nações (Mt 28.19) e com todo o mundo (Mc 16.15).⁶⁷

Deve-se lembrar que nenhuma cultura é ideal em si mesma, mas somente Deus, o aquele que criou todas as coisas, é capaz de revelar uma cultura perfeita, que abrigue o homem por completo e responda completamente à necessidade do ser humano. Toda cultura deveria estar nivelada à cultura divina. Sendo assim, a Igreja não pode perder o seu grande desafio, conhecido no meio evangélico como a trilogia do amor, respeito, compaixão e carinho com qualquer ser humano.

REFERÊNCIAS

BURNS, Bárbara Helen. **Contextualização missionária, desafios, questões e diretrizes**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

BURNS, Bárbara. **Costumes e culturas**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

CUNHA, Maurício; WOOD, Beth. **O reino entre nós: transformação de comunidades pelo evangelho integral**.

⁶⁵ LIDÓRIO, Ronaldo. **Com a mão no arado: pensando a vida, cumprindo a missão**. Belo Horizonte: Betânia, 2006, p. 65.

⁶⁶ MONTEIRO, Marcos. **Um jumentinho na avenida**. Viçosa: Ultimato, 2007, p. 29.

⁶⁷ FERNANDES, Tomé. **Igreja, missão e missões**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014, p. 94-95.

Viçosa: Ultimato, 2003.

DENNET, Jo. **Florescendo em outra cultura**. Tradução de Marisa K. Lopes. Londrina: Descoberta, 2004.

ESCOLA DE MISSÕES DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS – EMAD. **Guia prático de missões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

FERNANDES, Tomé. **Igreja, missão e missões**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

GONÇALVES, Leonardo. **Evangelho e cultura: pregando o evangelho em um ambiente multicultural**. Disponível em: <http://www.napec.org/apologetica/evangelhocultura/>. Acesso em: 09 abr. 2016.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura e evangelho**. São Paulo: Hagnos, 2011.

GONZÁLEZ, Justo. **História ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2011,

HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas**. Tradução de Maria Alexandra P. Contar Grosso. São Paulo: Vida Nova, 2001.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**. Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

INDÍGENA ORG. **Presença e ação missionária evangélica entre os povos indígenas do Brasil**. Disponível em http://www.indigena.org.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=36:manifestoamtb&catid=2:publicacoes&Itemid=4. Acesso em: 13 jul. 2016.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Com a mão no arado: pensando a vida, cumprindo a missão**. Belo Horizonte: Betânia, 2006.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Indígenas do Brasil**. Viçosa: Ultimato, 2005.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LIDÓRIO, Ronaldo. **O evangelho e a aculturação indígena**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/missoes/evangelho-aculturacao-indio_lidorio.pdf. Acesso em: 11 abr. 2016.

MONTEIRO, Marcos. **Um jumentinho na avenida**. Viçosa: Ultimato, 2007.

MONTEIRO, Tiago. **A terceira onda missionária entre os indígenas**. Disponível em: http://batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1300:aterceiraondamissionariaentreosindigenas&catid=16:artigos1&Itemid=42. Acesso em: 10 abr. 2016.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização**. Viçosa: Ultimato, 2015.

NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2013.

PLATT, David. **Contracultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia**. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

RIBEIRO, Josenilda. **Sincretismo religioso no Brasil**, p. 17. Disponível em: <http://estrategistas.com/wp-content/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

RICHARDSON, Don. **O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

SÉRIE LAUSANNE. **O evangelho e a cultura**. Tradução de José Gabriel Said. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1983. Vol. 3.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010.

WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven; BRADFORD, Kevin. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

A INFLUÊNCIA DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA DAS ESCOLAS ALEXANDRINA E ANTIOQUENA NOS DIAS ATUAIS

The influence of biblical interpretation of the Alexandrine and Antiochian Schools in the present day

Me. Francisco Emanuel Lima Santos¹

RESUMO

A interpretação bíblica sempre desenvolveu um papel importante na história da igreja e na atualidade. Por essa razão, o presente trabalho ocupa-se em analisar o uso dos métodos alegórico e literal na atualidade a partir da pergunta central: Quais são os representantes das escolas alexandrina e antioquena de interpretação bíblica nos dias atuais e quais as implicações do uso dos métodos alegórico e literal nos dias atuais para a compreensão do texto bíblico? O objetivo é analisar a influência das duas nos dias atuais, identificando o Movimento Neopentecostal brasileiro como representante atual da Escola de Alexandria e a Igreja Tradicional brasileira como representante da Escola de Antioquia. Apontar os malefícios da interpretação alegórica das Escrituras Sagradas. Oferecer orientações e diretrizes práticas para uma boa interpretação das Escrituras segundo os princípios hermenêuticos do Método Gramático-Histórico. O tipo de pesquisa a ser abordada é a de revisão bibliográfica e analítica consistindo no levantamento de informações relacionadas à pesquisa. Terá como fonte de informação e fundamentação, os seguintes instrumentos de pesquisa: a Bíblia cristã, dicionários e enciclopédias bíblicas e teológicas, manuais de teologia bíblica, comentários bíblicos, exegéticos e artigos científicos relacionados ao tema adquiridos na internet entre outros. Conclui-se que os dois métodos estão atuantes nos dias atuais e influenciando os cristãos na interpretação bíblica.

Palavras-chave: Método Alegórico. Método Literal. Movimento

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). Mestrado em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e Doutorando em Teologia pela PUC-Rio. É professor do Seminário Teológico Batista Goiano. E-mail: sanemau@hotmail.com

Neopentecostal. Igreja Tradicional. Interpretação.

ABSTRACT

Biblical interpretation has always played an important role in church history and today. For this reason, the present work is concerned with analyzing the use of allegorical and literal methods today from the central question: Who are the representatives of the Alexandrian and Antiochian schools of biblical interpretation in the present day and what are the implications of the use of these allegorical and literal methods in the present day for the understanding of the biblical text? The objective is to analyze the influence of these two nowadays, identifying the Brazilian Neo-Pentecostal Movement as the current representative of the Alexandria School and the Brazilian Traditional Church as the representative of the Antiochia School. Pointing out the harms of the allegorical interpretation of the Holy Scriptures. Offering practical guidelines and guidelines for a good interpretation of Scripture according to the hermeneutical principles of the Grammar-Historical Method. The type of research to be addressed is the bibliographic and analytical review, consisting of the collection of information related to the research. It will have as a source of information and foundation, the following research instruments: the Christian Bible, biblical and theological dictionaries and encyclopedias, biblical theology manuals, biblical commentaries, exegetics and scientific articles related to the topic researched on the internet, among others. The conclusion is that both methods are active today and influencing Christians in their biblical interpretation.

Keywords: Alegorical Method. Literal Method. Neo-Pentecostal Movement. Traditional church. Interpretation.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe-se a estudar e transmitir conhecimento a respeito do tema: *A influência da interpretação bíblica da escola alexandrina e antioquena nos dias atuais*. O tipo de pesquisa a ser abordada é a de revisão bibliográfica e histórica consistindo no levantamento de informações relacionadas à pesquisa. Terá como fonte de informação e fundamentação, os seguintes instrumentos de pesquisa: a Bíblia cristã, dicionários e enciclopédias bíblicas e teológicas, manuais de teologia bíblica, comentários bíblicos, exegéticos e artigos científicos relacionados ao tema adquiridos na internet entre outros.

A pesquisa parte da necessidade de que os cristãos conheçam sobre o uso dos métodos alegórico e literal nos dias atuais, com ênfase na importância de compreender melhor e de forma mais aprofundada esse assunto. Também por entender que há a necessidade de que os cristãos saibam quais são os males e benefícios dos métodos de interpretação alegórico e literal, com comprovação transmitida através de um estudo analítico e bibliográfico.

A interpretação bíblica é um dos temas centrais na compreensão das Sagradas Escrituras. Foi assim para os autores do Antigo e Novo Testamento, para os apóstolos e, da mesma forma, continuou sendo para os primeiros discípulos de Cristo. Sendo, portanto, a compreensão e aplicação do texto bíblico, a principal fonte de conduta e fé para os cristãos. Por isso, a interpretação bíblica deve continuar sendo relevante e oferecendo aos cristãos a possibilidade de compreenderem melhor e corretamente a revelação escrita de Deus e por ela serem abençoados.

Em sentido prático, esta pesquisa se propõe a oferecer orientações aos cristãos com vista ao alcance de mais clareza a respeito do tema e de como interpretar as Escrituras Sagradas com mais eficácia. É importante conhecer sobre o método alegórico e literal por algumas razões. Por exemplo, na atualidade as interpretações e pregações bíblicas, especialmente no meio neopentecostal brasileiro,

tendem a ignorar o contexto gramático e histórico dos textos bíblicos com aparentes aspectos alegóricos envolvidos, praticam livre interpretação do texto bíblico.² O que causa muita distorção dos textos bíblicos. Da mesma forma, é relevante conhecer o método literal que contrapõe o alegórico, pois o literal coloca-se como fiel à gramática e a historicidade dos textos bíblicos, como se procurará demonstrar na pesquisa. Portanto, é importante que os cristãos saibam a origem e os efeitos desses dois métodos de interpretação, e como identificá-los na atualidade.

Esta pesquisa tem a finalidade de responder a pergunta central: Quais são os representantes das escolas alexandrina e antioquena de interpretação bíblica nos dias atuais e quais as implicações do uso dos métodos alegórico e literal nos dias atuais para a compreensão do texto bíblico? A partir da pergunta central, faz-se as seguintes indagações: Quais são os malefícios do método alegórico na interpretação das Sagradas Escrituras na atualidade? Quais diretrizes podem ser seguidas para uma boa interpretação das Sagradas Escrituras?

Diante do propósito de esclarecer aos cristãos a respeito da relevância e necessidade de conhecer o uso dos métodos alegórico e literal na atualidade e de mostrar quais são os males que o método alegórico de interpretação bíblica pode trazer à igreja como Corpo de Cristo, a pesquisa se desenvolverá tendo os seguintes objetivos específicos: Procurar identificar o uso do método alegórico no Movimento Neopentecostal³ e o uso do método literal na Igreja Tradicional. Explicar os males da interpretação alegórica e os benefícios da interpretação literal para a igreja atual, igreja como Corpo de Cristo. Por meio da análise e comparações com a interpretação alexandrina, pretende-se mostrar que o Movimento Neopentecostal representa atualmente a escola de Alexandria no que diz respeito ao uso do método alegórico de interpretação das Escrituras Sagradas e a Igreja Tradicional como representante da escola de Antioquia no uso do método literal das Escrituras.

Ao se referir ao “Movimento Neopentecostal” nesta pesquisa, entende-se como o movimento geral neopentecostal que inclui todas as igrejas de linha neopentecostal, como por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus. Da mesma forma, quando se refere à “Igreja Tradicional”, refere-se ao movimento tradicional ou reformado que inclui todas as igrejas de linha histórica ou oriundas da reforma, como por exemplo, os batistas e os presbiterianos.

O propósito é tentar mostrar que as duas escolas alexandrina e antioquena estão em pleno funcionamento nos dias atuais, que não morreram. Que o método alegórico continua sendo amplamente usado pelos neopentecostais. Igrejas como a Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus, grandes representantes do Movimento Neopentecostal brasileiro, são as grandes responsáveis pelo uso do método alegórico. No final da pesquisa, elaborar diretrizes de interpretação bíblica que ajudem os cristãos a interpretar corretamente o texto bíblico usando o método literal, por entender, nesta pesquisa, que o método de interpretação literal é o que mais se aproxima de uma interpretação correta das Escrituras.

A pesquisa concluirá fazendo as considerações finais, expressando a opinião do autor a respeito do assunto que foi tratado. O desejo do autor, desde já, é que este trabalho contribua para acrescentar conhecimento sobre o tema proposto e que motive os leitores a estudarem mais a respeito do mesmo, tirando dele conhecimento e proveito prático na área da leitura, interpretação e ensino das Escrituras Sagradas.

² ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça**: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Candeia, 2013, p. 123.

³ O Movimento Neopentecostal é um movimento considerado a terceira onda do pentecostalismo, cujas características são as curas, exorcismos de demônios e prosperidade financeira. No terceiro capítulo desta pesquisa o neopentecostalismo é tratado com mais detalhes.

1. A IGREJA TRADICIONAL COMO REPRESENTANTE DA ESCOLA DE ANTIOQUIA

O método literal de interpretação bíblica surgiu com a escola de Antioquia. O método tinha por característica uma interpretação que levava em consideração o sentido histórico e gramatical do texto bíblico. Com a reforma protestante o método foi resgatado e ficou conhecido como método gramático-histórico ou histórico-gramatical. Verifica-se que este método que começou com a escola de Antioquia, passou pelo período patrístico, ficou um pouco apagado na Idade Média, mas reascendeu na reforma protestante do século XVI e é atualmente amplamente praticado pela Igreja Tradicional. Para uma breve análise, serão destacadas dentro da Igreja Tradicional, apenas duas igrejas por serem bastante conhecidas, por serem grandes igrejas em número de fiéis e de linha reformada: A Igreja Batista da Convenção Batista Brasileira e a Igreja Presbiteriana do Brasil.⁴ Existem outras, mas, como exemplo, entende-se que apenas estas duas são suficientes.

1.1 A IGREJA BATISTA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA E O MÉTODO LITERAL

A Igreja Batista com o nome de “Batista existe desde 1612, quando Thomas Helwys de volta da Holanda, onde se refugiara da perseguição do Rei James I da Inglaterra, organizou com os que voltaram com ele, uma igreja em Spitalfields nos arredores de Londres”.⁵ Porém, segundo Cairns, os batistas vieram dos anabatistas, movimento oriundo da reforma protestante do século XVI.⁶ Por isso, se pode afirmar que a Igreja Batista é uma igreja tradicional de origem reformada.

Atualmente, a “Convenção Batista Brasileira (CBB) é o órgão máximo da denominação Batista no Brasil. É a maior convenção Batista da América Latina”.⁷ Como se nota, é uma grande igreja denominacional com forte influência no meio evangélico brasileiro e mundial.

Segundo Silva, os batistas creem que as Escrituras Sagradas são autoridade máxima para os cristãos, é a única regra de fé e prática. Não há outros escritos inspirados por Deus além das Escrituras Sagradas como Palavra de Deus.⁸ Diferentemente dos intérpretes alexandrinos, como observado no primeiro capítulo, que acreditavam que a filosofia grega, pagã servia também como guia de vida e instrumento divino para a compreensão da mensagem das Escrituras, os batistas, conforme Silva, entendem que somente as Escrituras são suficientes em matéria de vida e prática.

A declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira no item sobre as Escrituras Sagradas, diz: “A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas a doutrina e a conduta dos homens”.⁹ Para a Convenção Batista Brasileira, assim como foi para os reformadores, somente a Bíblia é autoridade máxima para os cristãos. Os reformadores insistiram na declaração de que os cristãos deveriam ser guiados somente pelas Escrituras e assim também pensam os batistas.

Assim como os intérpretes antioquenos e os reformadores, os batistas entendem que “não se deve ler a Bíblia e querer que ela nos fale e ensine de acordo com os nossos desejos e preferências”.¹⁰ Nesse sentido, pode-se dizer que os batistas representam o tipo de interpretação que era defendida pelos intérpretes da escola de Antioquia. Uma interpretação que visava o sentido original do texto, sem

⁴ PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 66-67.

⁵ Convenção Batista Brasileira: **nossa história**. Disponível em: <<http://www.batistas.com/institucional/nossa-historia>> Acesso em: 02/06/2017.

⁶ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 248.

⁷ Convenção Batista Brasileira: **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.batistas.com/institucional/quem-somos>>. Acesso em 05/06/2017.

⁸ SILVA, Roberto do Amaral. **Princípios e doutrinas batistas: os marcos de nossa fé**. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p. 78.

⁹ Convenção Batista Brasileira. **Declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira**. Rio de Janeiro, JUERP, 1996, p. 5.

¹⁰ SILVA, 2007, p. 79.

alterá-lo para se conformar a interpretação desejada do intérprete. É uma clara evidência de que o método literal continua na atualidade por meio dos cristãos batistas brasileiros.

Silva coloca alguns princípios hermenêuticos pelos quais os batistas tem procurado interpretar a Bíblia.

O primeiro princípio é que a Bíblia interpreta a Bíblia. Ou seja, não se deve isolar uma passagem bíblica e dela formular uma doutrina ou justificar uma prática. Por isso, declarou Martyn Lloyd Jones: A Bíblia é uma grande mensagem. Ela forma sempre um todo homogêneo, de modo que um ponto nunca deve contradizer o outro. O segundo princípio diz que textos obscuros da Bíblia devem ser interpretados à luz dos mais claros e explícitos. O terceiro princípio nos mostra que a Bíblia deve ser lida à luz do contexto histórico em que foi escrito. O último e importante princípio é que a Bíblia deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo.¹¹

Esses são princípios hermenêuticos que, na verdade, começaram com a escola de Antioquia, depois usados pelos reformadores e melhorados ao longo da história, são também usados pelos cristãos batistas nos dias atuais. Além desses princípios, o princípio de que a Bíblia “deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Cristo”,¹² era a interpretação cristológica que os antioquenos faziam, por exemplo, com alguns textos do Antigo Testamento.

1.2 A IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL E O MÉTODO LITERAL

A Igreja Presbiteriana do Brasil, assim como a Igreja Batista, é no Brasil uma grande igreja de origem reformada. As origens históricas do presbiterianismo remontam à reforma protestante do século XVI. A Igreja Presbiteriana do Brasil pertence à família das igrejas reformadas ao redor do mundo, tendo surgido no Brasil como fruto do trabalho missionário da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. É considerada a mais antiga denominação reformada do país, tendo sido fundada pelo missionário Ashbel Green Simonton (1833-1867).¹³

Os princípios hermenêuticos praticados pelos presbiterianos do Brasil e os demais tradicionais, foram princípios “praticados pelos reformadores e puritanos que vieram a ser desenvolvidos e adotados pelo protestantismo conservador em geral e conhecidos como método gramático-histórico de interpretação bíblica”.¹⁴ Os reformadores, por sua vez, usaram a hermenêutica da escola de Antioquia, o método literal.¹⁵

A hermenêutica reformada que é usada pela Igreja Presbiteriana do Brasil, enfatiza a interpretação gramatical e histórica das Escrituras, sem negar a sua origem e autoridade divina como Palavra de Deus. A interpretação reformada rejeita a interpretação alegórica dos alexandrinos.¹⁶ Os intérpretes da escola de Alexandria adotaram livremente a alegoria em suas interpretações das Escrituras. No entanto, como se pode observar, a Igreja Tradicional não segue o mesmo caminho dos alexandrinos, pelo contrário, segundo Anglada, segue os princípios hermenêuticos antioquenos e reformados. Princípios como:

1. A Escritura interpreta a si mesma: As Escrituras não se contradizem, são uniformes.
2. O princípio do contexto: não se pode interpretar uma passagem bíblica fora de seu contexto.
3. Interpretação literal: toda passagem deve ser interpretada literal, a menos que a própria passagem exija o contrário.
4. Conhecer e respeitar os gêneros literários diferentes da Bíblia: cada gênero tem suas particularidades
5. Princípio linguístico: deve estudar as línguas originais da Bíblia e conhecer suas regras gramáticas.¹⁷

¹¹ SILVA, 2007, p. 79.

¹² Convenção Batista Brasileira, 1996, p. 5.

¹³ Igreja Presbiteriana do Brasil. **História**. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/ipb/historia>> Acesso em: 05/06/2017.

¹⁴ ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos**. Ananindeua: Knox, 2016, p. 101.

¹⁵ ANGLADA, 2016, p. 61.

¹⁶ ANGLADA, 2016, p. 59-60.

¹⁷ ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Sola Scriptura: a doutrina reformada das Escrituras**. Ananindeua: Knox, 2013, p. 161-169.

A hermenêutica da Igreja Presbiteriana segue a confissão de fé de Westminster, “uma das confissões reformadas mais representativas”.¹⁸ A Confissão ensina que o Espírito Santo é quem ilumina o homem para que ele compreenda as Escrituras. Elas são autoridade máxima de Deus para a vida cristã, devem ser obedecidas como Palavra de Deus. Na área da hermenêutica bíblica, a Confissão de Westminster declara:

Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens; reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para compreender as coisas reveladas na Palavra de Deus. Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não são só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários podem alcançar uma suficiente compreensão delas. A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente.¹⁹

Observando alguns trechos da Confissão de Westminster, conforme citada acima, percebe-se uma hermenêutica ou exegese muito parecida com a interpretação praticada pelos antioquenos e por reformadores como Lutero e Calvino, por exemplo, quando ela diz: *Nas Escrituras não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não são só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários podem alcançar uma suficiente compreensão delas.*²⁰

Essa afirmação mostra que, assim como os intérpretes antioquenos e os reformadores, a interpretação bíblica tradicional reconhece que as Escrituras nem sempre são fáceis de entendimento, há textos de difícil interpretação. Porém, diferentemente dos intérpretes alexandrinos, a interpretação tradicional entende que não se deve alegorizar para conformar o texto à mente das pessoas. Por meio do uso de princípios interpretativos, como os do método gramático-histórico, é possível interpretar corretamente o texto. Mostra também que não somente os “espirituais”, podem compreender o verdadeiro sentido do texto, como afirmava Orígenes da escola alexandrina, mas todos os cristãos.

Outra afirmação da Confissão de Westminster, conforme citada acima, diz: A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente.²¹ Essa declaração vai contra a escola de Alexandria que, por meio de seus intérpretes como Filo, Clemente e Orígenes, ensinava que o texto tem mais de um sentido, um sentido oculto que somente os mais espirituais podiam descobrir.

De forma geral, se observa que a Igreja Tradicional representada nesta pesquisa, pelas Igrejas Batista da Convenção Batista Brasileira e Presbiteriana do Brasil, corresponde na atualidade à escola de Antioquia por adotar o método literal de interpretação das Escrituras, método conhecido atualmente de gramático-histórico.

2. O NEOPENTECOSTALISMO COMO REPRESENTANTE DA ESCOLA DE ALEXANDRIA

¹⁸ LOPES, Augustos Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 250.

¹⁹ LOPES, 2013, p. 250-252.

²⁰ LOPES, 2013, p. 250-252.

²¹ LOPES, 2013, p. 250-252.

O método alegórico de interpretação bíblica surgiu com a escola de Alexandria. O método alegórico caracterizou-se por uma interpretação espiritualizada ou contrária ao sentido original e histórico do texto bíblico. Na Idade Média, esse método foi amplamente usado, na época, chamado de quadriga ou quatro sentidos. Dizia-se que o texto bíblico chegava a ter até quatro sentidos diferentes. Com a reforma protestante, o método alegórico foi substituído pelos reformadores pelo método literal. No entanto, o método alexandrino, pelo que se verificará nesta pesquisa, continua sendo usado amplamente pelo Movimento Neopentecostal.

Para uma breve análise, serão destacadas dentro do Movimento Neopentecostal, apenas duas igrejas por serem bastante conhecidas e por serem grandes igrejas em número de fiéis: A Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus.²² Existem outras, mas, como exemplo, entende-se que apenas estas duas são suficientes.

2.1 O SURGIMENTO DO MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL E SUA HERMENÊUTICA

Conforme Bledsoe, o neopentecostalismo brasileiro surgiu na década de 70, oriundo da terceira onda do pentecostalismo brasileiro. Nasceu, cresceu e se expandiu a partir do Rio de Janeiro com o início da Igreja Universal do Reino de Deus.²³ Embora seu início tenha sido nos 70, “todavia, ele cresce e se consolida nas décadas de 1980 e 1990”.²⁴ Atualmente, a Igreja Universal é a maior igreja neopentecostal no Brasil, por isso, “sem dúvida ela é a maior representante do Movimento Neopentecostal brasileiro. E boa parte disso se deve à gestão do bispo Edir Macedo”.²⁵ Inicialmente o neopentecostalismo teve sua influência vinda do pastor canadense Walter Robert McAlister da Igreja Vida Nova sediada no Rio de Janeiro.²⁶ O neopentecostalismo floresceu graças a algumas situações que ocorrem na década de 70, como explica Bledsoe:

O neopentecostalismo se desenvolveu em uma fase da história sócio-política brasileira diferente do pentecostalismo de segunda onda. Na metade da década de 1970, o país começou a transição do regime militar para o sistema democrático. O Brasil se rendeu à participação e dependência do capitalismo internacional. Durante os anos de 1980, a rápida migração urbana e estagnação econômica acarretaram riscos sociais complexos. Assentamentos informais começaram a surgir juntamente com a degradação de algumas áreas, resultando nas favelas, taxas altas de desemprego, alcoolismo e tráfico de drogas.²⁷

A partir desse cenário, o neopentecostalismo viu uma boa oportunidade para se instalar e oferecer às pessoas uma saída para as dificuldades da vida. O neopentecostalismo começou a enfatizar três características, as quais atualmente são as marcas do Movimento Neopentecostal. Arelada à teologia da prosperidade, estão: as curas, o exorcismo de demônios e a prosperidade financeira. Para os neopentecostais, atribui-se ao Diabo e aos seus demônios as mais diversas doenças, maldições, maldição hereditária, defeitos físicos, problemas financeiros, conjugais, emocionais, psicológicos e espirituais.²⁸

Para a vida melhorar é preciso participar de sessões de descarrego, corredor dos ungidos, tomar banho de sal grosso, levar para casa rosas ungidas, expulsar os espíritos do erro, da mentira, do olho gordo, da traição, da inveja, participar de sessões em montes na sexta-feira e fazer a oração forte. Essas

²² OLIVEIRA, Estevam Fernandes de. **Conversão ou adesão**: uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil. Niterói: Proclama, 2004, p. 39.

²³ BLEDSOE, David Allen. **Movimento neopentecostal brasileiro**: IURD: um estudo de caso. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 41.

²⁴ CAVALCANTE, George Sousa. **Quanto vale a sua fé**: a tendência capitalista da fé evangélica fortalezense nas últimas duas décadas. Duque de Caxias: Espaço Científico Projetos Editoriais, 2015. p. 42.

²⁵ LEMOS, Christina; TAVOLARO, Douglas. **O bispo**: a história revelada de Edir Macedo. Editora Larousse do Brasil, p. 38. Disponível em: < <https://hermesgama.files.wordpress.com/2008/09/o-bispo-a-histc3b3ria-revelada-de-edir-macedo-christina-lemos-douglas-tavolaro.pdf> >. Acesso em: 30/05/2017.

²⁶ BLEDSOE, 2012, p. 41.

²⁷ BLEDSOE, 2012, p. 42.

²⁸ BLEDSOE, 2012, p. 42-44.

práticas são muito parecidas com o espiritismo e as religiões afro-brasileiras.²⁹

Percebe-se que o neopentecostalismo, surgiu em um momento de transição em que o Brasil passava por transformações e que propiciou o surgimento do Movimento Neopentecostal, o qual se apresentou como solução para as dificuldades da vida. “A salvação é algo de certo e concreto, que se realiza na vida do fiel pelo poder sem limites de Jesus; é sinônima de vida feliz, sem misérias, sem desavenças e sofrimentos”.³⁰ Conforme Pedroso, além das características enfatizadas pelo Movimento Neopentecostal como as curas, exorcismos de demônio, prosperidade, caracteriza-se também pelo forte uso da mídia.³¹

Na área da interpretação bíblica, observa-se que o Movimento Neopentecostal é bastante alegórico em sua interpretação das Escrituras. Esse é um problema no neopentecostalismo. Assim como os alexandrinos, os neopentecostais distorcem o sentido do texto em função de suas vontades e interesses. Comentando sobre a interpretação alegórica dos neopentecostais, Vargens diz que:

Uma das principais características do pregador neopentecostal é o uso de alegorias em seus sermões. É comum, por exemplo, observamos muitos dos pastores neopentecostais dizendo aquilo que as Escrituras não ensinam. Outro dia eu ouvi um “Apóstolo” ensinando que os Jebuseus, heteus e amorreus (Dt 7.1; 20.17; Js 3.10) simbolizam, o diabo, a carne e o mundo. Para o pregador em questão toda vez que a bíblia faz menção aos amorreus, significa que Deus deseja a morte do “eu”. Noutra ocasião soube de um pregador que ensinou que os amigos do parálítico curado por Jesus simbolizavam, amor, compaixão, misericórdia e companheirismo.³²

Da mesma forma que os intérpretes da escola de Alexandria, alegorizavam o texto, os neopentecostais também alegorizam o texto bíblico. Os Jebuseus, Heteus e Amorreus, foram povos históricos, inimigos de Israel citados no Antigo Testamento, e não há nada nos textos bíblicos que mostre que esses povos simbolizam o Diabo, a carne e o mundo. Assim como também os amigos do parálítico, no texto, não significam amor, compaixão ou misericórdia, isso é alegorizar, encontrar um sentido oculto no texto.

Na hermenêutica neopentecostal, a interpretação bíblica é relativizada, conforme os interesses neopentecostais de atrair pessoas. Silva, em sua dissertação de Mestrado sobre a hermenêutica neopentecostal, citando Alderi Matos, destaca três fatores que somaram para tornar relativo o valor das Escrituras no neopentecostalismo e que contribuem para a interpretação alegórica.

- (a) A ênfase na experiência como um critério de verdade, colocando a Escritura em segundo plano, em detrimento a uma prática que produz resultados ou traz satisfação;
- (b) O apelo a revelações divinas de maneira direta e imediata relativizando a Bíblia e tornando a palavra ora revelada inquestionável, como divina e em igual nível à Bíblia;
- (c) O uso seletivo e questionável de certas passagens acompanhado de interpretações tendenciosas ou ênfases inadequadas.³³

O neopentecostalismo interpreta o texto bíblico à luz dos interesses de seus ouvintes. Interesses como o sucesso financeiro, cura física, sucesso na profissão e aquisição de bens materiais. Os neopentecostais estão mais preocupados em interpretar o texto bíblico conforme a teologia deles e, assim agradecer o público, do que realmente interpretar segundo o seu contexto histórico-gramatical.

Na interpretação dos neopentecostais, “o texto bíblico tem uma função mais prática que teórica e não uma referência escrita de uma experiência do passado que exige interpretação para ser

²⁹ BLEDSOE, 2012, p. 43-44.

³⁰ PASSOS, 2005, p. 68.

³¹ PEDROSO, Ivode Kleber Mendes. **Heresia vs. Espiritualidade**: a heresia de ser espiritual ou a graça de ser herege? Londrina: Descoberta, 2009, p. 99.

³² VARGENS, Renato. **Os 10 erros principais de uma pregação neopentecostal**. Disponível em: <<http://renatovargens.blogspot.com.br/2013/10/os-10-principais-erros-de-uma-pregacao.html>> Acesso em: 05/06/2017.

³³ SILVA, Jouberto Heringer da. **O desenvolvimento da hermenêutica alegórica e sua presença num mundo pós-moderno de múltiplas verdades**. A hermenêutica Neopentecostal. p. 63. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2452>> Acesso em: 05/06/2017.

compreendida e explicada”.³⁴ Fazem uma “leitura da Bíblia, cujo princípio hermenêutico fundamenta-se nas representações de mundo que configuram o imaginário de seus fiéis, ou seja, o texto bíblico é adaptado à satisfação de necessidades imediatas”.³⁵ Matos comentando sobre a interpretação do movimento neopentecostal que não considera o contexto histórico e gramatical, não se preocupa em fazer uma exegese detalhada do texto, diz o seguinte:

A Bíblia se torna um brinquedo, uma peteca lançada para lá e para cá ao sabor das conveniências. Tomam-se diferentes declarações, episódios e símbolos bíblicos e, sem esforço algum de interpretação, passa-se diretamente para a aplicação, muitas vezes de uma maneira que nada tem a ver com o propósito original da passagem. O que é ainda mais grave, os textos bíblicos são usados de modo mágico, como se fossem amuletos ou talismãs, como se tivessem um poder imanente e intrínseco.³⁶

A alegorização do texto bíblico feita pelo Movimento Neopentecostal acontece, conforme Romeiro, porque “não se preocupa com a interpretação científica do texto bíblico e com as ferramentas necessárias à hermenêutica. Ao longo das décadas, o pentecostalismo brasileiro até mostrou certa ojeriza pela educação”.³⁷ Por essa razão, é que se observa tantas pregações alegorizadas como será visto no item que tratará sobre a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus.

O estudo hermenêutico e teológico das Escrituras é visto pelo neopentecostalismo como algo que confunde, embaraça a mensagem de Deus às pessoas. Romeiro cita Edir Macedo que em seu livro “A libertação da teologia”, diz: “Todas as formas e todos os ramos da teologia são fúteis; não passa de emaranhados de ideias que nada dizem ao inculto, confundem os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé”.³⁸ Como se percebe, para Edir Macedo, o estudo teológico para nada serve, senão para confundir as pessoas.

Observa-se também que uma tendência muito forte na interpretação bíblica neopentecostal é a forte ênfase em textos do Antigo Testamento. Essa tem sido uma das características do movimento. Textos como, por exemplo, de Gênesis 14.14-16 que fala dos 318 homens escolhidos por Abraão para resgatar Ló dos inimigos, foi usado pela Igreja Universal para fazer a “Campanha dos 318 pastores”,³⁹ em uma clara alegorização do texto bíblico. O uso frequente dos textos do Antigo Testamento em interpretações alegóricas foi também uma prática muito usada pelos intérpretes alexandrinos, como se verificou no primeiro capítulo.

Outro ponto da hermenêutica neopentecostal são os objetos e símbolos. Objetos como: óleo ungido, rosa ungida, sal grosso, copo com água em cima da TV e outros ganham vida e poder sobrenatural. São usados para estimular a fé dos fiéis. São considerados pontos de partida para a compreensão da mensagem bíblica. No entanto, essa prática de usar objetos e relacioná-los a textos bíblicos, dando-lhes significados espirituais, místicos, mostra que o Movimento Neopentecostal interpreta as Escrituras livremente, na tentativa de conformar o texto às suas ideias.⁴⁰

2.2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E O MÉTODO ALEGÓRICO

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada por Edir Macedo, atualmente conhecido como

³⁴ COSTA, Flávia Luiza Gomes. **Recebi um Rhema de Deus**: uma análise das interpretações e dos usos da Bíblia no universo neopentecostal. Belo Horizonte, 2010, p. 40,42. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp147361.pdf>> Acesso em: 06/06/2017.

³⁵ PEDROSO, 2009, p. 106.

³⁶ MATOS, Alderi Souza de. **A integridade do evangelho**: uma avaliação do neopentecostalismo. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/312/a-integridade-do-evangelho-uma-avaliacao-do-neopentecostalismo>> Acesso em: 06/06/2017.

³⁷ ROMEIRO, Paulo, 2013, p. 121.

³⁸ ROMEIRO, 2013, p. 122.

³⁹ ROMEIRO, 2013, p. 127-128.

⁴⁰ ROMEIRO, 2013, p. 130-132.

bispo Edir Macedo. A sua história começou em um coreto no subúrbio do Rio de Janeiro. Com um teclado, um microfone e uma Bíblia, o então pastor Edir Macedo ia todos os sábados ao bairro do Méier realizar cultos, dando assim, os primeiros passos da **Igreja Universal**, que teve como principal incentivadora a senhora Eugênia, mãe do hoje bispo Edir Macedo.⁴¹

Edir Macedo veio de família católica. Sua família apesar de ser católica, era também simpatizante das religiões afro-brasileiras como a umbanda. Macedo teve contato com o evangelho por meio de sua irmã Elcy que era frequentadora da Igreja Nova Vida. Aos 19 anos de idade, Macedo converteu-se a Cristo e passou a frequentar a Igreja Nova Vida.⁴² Tempos depois ele saiu da Igreja Nova Vida para começar a Igreja Universal.⁴³ Na verdade, “Macedo juntou-se a R. R. Soares, Roberto Augusto Lopes e aos irmãos Samuel e Fidélis Coutinho para fundar a Igreja Cruzada do Caminho Eterno, mas devido a desentendimentos com os irmãos Coutinho, Macedo, Soares e Roberto deixaram a Cruzada para fundar a Igreja Universal do Reino de Deus”.⁴⁴

Atualmente, a Igreja Universal está espalhada por todo o Brasil e mantém milhares de templos, pastores e entidades relacionadas que complementam a igreja. Sua presença se faz também em 172 países. Segundo o próprio Edir Macedo, atualmente são mais de 25 mil pastores distribuídos nas mais diferentes frentes de atuação em todo o mundo. Somente no Brasil, somam-se 12 mil pregadores. São centenas de milhares de obreiros voluntários e milhões de membros fiéis nas mais distintas nações.⁴⁵

A maior parte dos membros da Igreja Universal no Brasil provém de lares nominalmente católicos e que teve participação em diferentes formas de espiritismo antes de sua conversão e compartilham da mesma história de Edir Macedo que também veio de lar católico.⁴⁶ Deixam as religiões de origem afro e se filiam à Universal trazendo consigo um mundo fertilíssimo propício às práticas tipicamente mágicas e sincréticas que são características de tais religiões, mas que na Universal recebem uma nova roupagem.⁴⁷

Na área da interpretação bíblica, “o método de interpretação das Escrituras utilizado por bispos e pastores da IURD consiste, em geral, numa atualização ou transposição das experiências religiosas de personagens bíblicos para os dias atuais”.⁴⁸ Essa era também uma característica dos intérpretes da escola de Alexandria, querer transportar o texto e sua mensagem original para a realidade contemporânea, muitas vezes ignorando o contexto e o sentido histórico. Os intérpretes como Filo, alegorizavam as Escrituras para torná-las aceitáveis à mente dos gregos ou judeus helenizados. Seguindo os passos alexandrinos, os pastores da Igreja Universal, na tentativa de repetirem os episódios bíblicos, alegorizam os textos desrespeitando o contexto histórico dos mesmos.⁴⁹

Para ilustrar a interpretação alegórica praticada pela Igreja Universal, apenas dois exemplos serão mostrados. Ambos os exemplos foram tirados do site oficial da Igreja Universal na internet. O primeiro exemplo é a interpretação dada ao texto de Josué capítulos 3 a 6 que fala sobre a entrada do povo de Israel em Canaã e a queda dos muros de Jericó.

Que muralha você precisa derrubar?

Nem mesmo as colossais muralhas das cidades bíblicas detiveram o povo de Deus em suas conquistas

Foi a primeira grande fortificação com que os hebreus se depararam em sua ocupação

⁴¹ **História da Universal**. Disponível em: <<http://www.universal.org/institucional/historia-da-universal.html>> Acesso em: 06/06/2017.

⁴² BLEDSOE, 2012, p. 62.

⁴³ PEDROSO, 2009, p.99.

⁴⁴ ROMEIRO, 2013, p. 53.

⁴⁵ MACEDO, Edir. **Nada a perder**: do coreto ao templo de Salomão: a fé que transforma. São Paulo: Planeta, 2014, p. 22.

⁴⁶ BLEDSOE, 2012, p. 62.

⁴⁷ PEDROSO, 2009, p. 106.

⁴⁸ ROMEIRO, 2013, p. 134.

⁴⁹ ROMEIRO, 2013, p. 134.

da Terra Prometida, após a libertação do cativeiro egípcio – eles não só chegaram até aquele território cruzando o Jordão, mas tiveram que conquistá-lo. Como conquistar aquela gigantesca fortaleza, intimidante até mesmo para os padrões atuais? Um povo fraco e cansado entendeu, por meio de seu líder Josué, que não era com a força deles que deveriam contar. Ao invés de espadas e escudos, trombetas, gritos e orações. Ao fim de 7 dias de cerco, os muros simplesmente ruíram. Não pela ação física do homem ou de artefatos mecânicos, mas pela ação de Deus. A antes majestosa defesa foi abaixo. O que dava medo e desanimava, não passava mais de escombros. A passagem estava aberta. Jericó era do povo de Deus. Todos têm, em alguns momentos da vida, muralhas à sua frente. E em todos os campos: aquele emprego que parece impossível; a felicidade no amor que parece só acontecer para os outros ou é vista como “coisa de novela”; dívidas; doenças; dificuldades das mais variadas formas. Mas o que faz a diferença é como você enxerga essas muralhas. Elas são um indício de que deve desistir? Ou você, como o povo hebreu, não as vê como obstáculos, mas como desafios? Foi assim que os homens de Josué viram a questão, e a dificuldade virou vitória.

Fogueira Santa de Jericó

Assim como Deus libertou o povo de Israel da escravidão do Egito e deu a eles a Terra Prometida, Ele também quer dar a você. Mas, para isso acontecer, não basta apenas crer na profecia. É preciso agir, lutar, colocar toda a sua força.

Se Moisés não tivesse estendido o cajado, o Mar Vermelho não se abriria simplesmente por causa da promessa. Do mesmo modo, se Josué não tivesse obedecido à Palavra de Deus – que é a Profecia – e não tivesse rodeado a cidade por 7 dias, dado as 13 voltas e seguido todas as instruções do Senhor, as muralhas não teriam ruído e o povo não teria tomado posse da cidade de Jericó, mesmo tendo recebido a Profecia Divina. Isso significa dizer que entre crer na Profecia e o cumprimento dela na nossa vida existe um caminho a ser percorrido. O cajado estendido por Moisés representa a fé, que deve ser usada para que a Profecia se cumpra. Obediência e fé são as ferramentas que nos levarão a tomar posse da nossa terra prometida. Onde está a muralha que você precisa derrubar? Na vida financeira, familiar, sentimental, na saúde, ou numa causa que, aos seus olhos, é impossível de ser resolvida? Não se acomode com o seu problema. Participe desta campanha de fé e, no dia 15 de dezembro, faça essas muralhas ruírem. Tenha uma atitude de coragem e tome posse da sua terra prometida!⁵⁰

Segundo essa interpretação, pelo que se pode perceber, as muralhas da cidade de Jericó são as lutas no casamento, dificuldades financeiras, as doenças e dificuldades em geral. A terra prometida é vista como um lugar de gozo e vitória, onde não há sofrimentos. Ou seja, para conquistar a terra prometida, uma vida de vitória, é preciso primeiro derrubar as muralhas da vida, muralhas que muitas vezes se levantam por falta de fé das pessoas. A fé que representa o cajado de Moisés é a chave da vitória. Essa interpretação não leva em conta o contexto histórico e o seu sentido original, mas busca alegorizar o texto.

O segundo exemplo é a interpretação dada ao texto de 1Reis, capítulo 3, que fala sobre a sabedoria dada por Deus ao rei Salomão e a causa que ele julga das duas mulheres.

A justiça de Salomão

Rei ensina a empresários como ter funcionários leais

Salomão empresário empreendedor.

Todo empreendedor almeja ser bem-sucedido. Mas, para comandar uma empresa, terá que ter em mente que o empreendimento tem muitas responsabilidades, inclusive as relacionadas com aqueles sob o seu comando. De uma forma geral, como qualidade básica, deve possuir espírito criativo. Essa característica lhe permite resolver problemas para os quais, no dia a dia, não se encontram fáceis soluções. Apesar disso, sua conduta deverá ser baseada em valores cristãos. São regras e procedimentos que devem ser aplicados, igualmente, sem favoritismos, em todos os segmentos da empresa. Os gerentes que não lideram com justiça e equidade logo perdem a confiança e a lealdade de seus seguidores. A Bíblia é rica em histórias e episódios que nos ensinam e ilustram muito bem como o empresário deve proceder para alcançar o sucesso. Alguns homens descritos nas

⁵⁰ **Que muralha você precisa derrubar?** Disponível em: <<http://www.universal.org/estudos-biblicos>> Acesso em: 07/06/2017.

Escrituras possuem experiências que podem auxiliar nesse sentido.

Justiça e equidade

Muitos conhecem a história de Salomão e sabem de uma virtude dele muito importante para o sucesso de seu reinado: a sabedoria. Porém, vamos falar de outras características desse líder cristão que também foram fundamentais para seu êxito: justiça e equidade. Para um empresário, essas são duas qualidades que são testadas diante das adversidades no seu cotidiano. Tanto para um empreendedor quanto para um rei, os problemas esperam soluções e precisam ser resolvidos. A passagem bíblica em 1 Reis 3.16-28 é mais uma lição do sábio Salomão e nos ajuda a compreender como justiça e equidade são importantes para todas as pessoas.

Uma questão para Salomão

Duas mulheres se apresentaram diante do rei. Ambas afirmavam ser mãe de uma mesma criança. Caberia ao monarca de Israel decidir o que fazer para resolver o problema. Sobre os ombros do rei pesam muitas responsabilidades. Os súditos estão atentos às suas atitudes. O que ele decide pode motivá-los ou não a seguirem suas diretrizes. Com o empresário não é diferente. Sua conduta é exemplo para seus funcionários. Se não for justo e tratar a todos de forma equânime, corre o risco de ter a autoridade questionada. Salomão agiu com acerto sobre a questão. Sua decisão foi vista por toda a Israel e influenciaria seus súditos em suas condutas pessoais. Assim deve também agir o empreendedor que espera contar com o apoio de sua equipe para alcançar seus objetivos e atingir o êxito. Se você quer ter sabedoria para cuidar bem de seus negócios, participe do Congresso da Conquista, que acontece às segundas-feiras no Templo de Salomão, às 15h e às 22h. Ou participe do Congresso Empresarial em uma Universal mais próxima de você.⁵¹

Nessa interpretação, como se pode observar, a sabedoria de Salomão representa o sucesso que todo empresário precisa ter para que os seus negócios possam ir bem. Segundo essa interpretação, Salomão é um exemplo bem-sucedido de como lidar com os negócios do dia a dia. O texto é tirado do seu contexto original e histórico e transportado alegoricamente para atrair e agradar empresários aos bons negócios empresariais atualmente. É uma clara distorção do texto bíblico. Observa-se que, “a ênfase nos símbolos, metáforas e alegorias levou a Igreja Universal a se distanciar do fundamentalismo protestante e de sua leitura literal da Bíblia”.⁵²

2.3 A IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS E O MÉTODO ALÉGORICO

Conhecido popularmente como “Missionário R. R. Soares”, o “Romildo Ribeiro Soares nasceu em um lar humilde no interior do Espírito Santo”.⁵³ Soares foi criado nos caminhos do Senhor, mas muito cedo aprendeu que a prosperidade não deveria ser buscada pelo cristão. A humildade financeira fazia parte da vida cristã. No entanto, em seu coração ele sempre alimentou a busca pela prosperidade, apesar de ter sido ensinado de forma contrária. Depois de certo tempo, Soares teve contato com literaturas que ensinavam a prosperidade na vida do cristão. Foi o ponto decisivo para Soares iniciar a sua busca por prosperidade, como explica Pedroso.

No entanto, essa mudança radical se deu pela influência de duas pessoas que foram fundamentais nessa nova visão teológica, na qual o Missionário se adentrava, são eles T. L. Osborn e Kenneth E. Hagin. Osborn e Hagin enfatizavam em suas mensagens a prosperidade e a cura divina. Essas mensagens caíram em um terreno propício para um homem que desde a sua infância sonhava com uma vida melhor, um menino sonhador que desejou, aos 11 anos de idade, quando pela primeira vez viu um televisor, estar lá dentro.⁵⁴

Problemas com Edir Macedo contribuíram para que R. R. Soares saísse da Igreja Universal,

⁵¹ **A justiça de Salomão.** Disponível em: <<http://www.universal.org/estudos-biblicos>> Acesso em: 07/06/2017.

⁵² ROMEIRO, 2013, p. 135.

⁵³ PEDROSO, 2009, p. 119.

⁵⁴ PEDROSO, 2009, p. 120-121.

levando-o a fundar, em 1980, a Igreja Internacional da Graça de Deus. Inclusive, Soares já fez declarações de que quem ordenou Edir Macedo ao ministério pastoral, foi ele próprio.⁵⁵ Conforme Bledsoe, no início da Igreja Universal, Soares era o líder da igreja, mas se viu em conflitos de interesses com Macedo e os demais membros da diretoria da igreja, o que acabou contribuindo para a sua saída pelo voto da maioria dos pastores que compunham, na época, a Igreja Universal.⁵⁶

Soares ao sair da Igreja Universal, estabeleceu a Igreja Internacional da Graça de Deus e tornou-se o seu líder principal.⁵⁷ A Igreja da Graça segue uma estrutura centralizadora na liderança de Soares. Todas as decisões, o controle financeiro, a abertura de novas igrejas, o controle do corpo pastoral, as campanhas evangelísticas, os temas dos programas na TV, a venda de materiais da igreja, o controle patrimonial, tudo passa pelo crivo pessoal de Soares.⁵⁸

Atualmente Soares orgulha-se de ser o pastor com mais horas de programação aberta na televisão brasileira. Onde ele prega sobre a teologia da prosperidade, a cura divina e exorcismo de demônios como sendo sinônimo de vida plena.⁵⁹ O sonho de ter um programa de longo alcance na TV, vem desde que ele era criança. No site oficial da Igreja da Graça, diz que:

Quando criança, durante uma visita à cidade vizinha, ele viu, pela primeira vez, um aparelho de TV na vitrine de uma loja e alimentou em seu coração o desejo de um dia ter um programa evangelístico na TV. Em abril de 1964, Soares chegou ao Rio de Janeiro e em novembro de 1977, por meio de seu programa exibido na extinta TV Tupi, R. R. Soares iniciou o maior trabalho de evangelismo já visto em um canal brasileiro de televisão.⁶⁰

Na área da hermenêutica bíblica, Soares foi, inicialmente, influenciado por uma interpretação feita por Osborn do texto de Eclesiastes 5.19, que diz que Deus deu ao homem riquezas para que delas possa usufruir. Osborn interpretou o texto dizendo que Deus deseja que o homem seja rico, próspero na terra e que as riquezas não condenam o homem, mas leva-o ao céu. A partir dessa interpretação, Soares entendeu que ele não havia nascido para sofrer, Deus o queria próspero neste mundo.⁶¹

Como é característico do Movimento Neopentecostal, o método alegórico é o método usado nas interpretações das Escrituras. Com Soares e a Igreja Internacional da Graça de Deus não é diferente, pois ele, em suas pregações e seus livros, deixa isso transparecer com naturalidade. Pedroso cita um exemplo de interpretação alegórica, feita por Soares em seu próprio livro “Onde está Deus que me fez?”, de Gênesis 1.28, que diz: “E Deus abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra”.⁶² Na visão de Soares, conforme Pedroso, Gênesis 1.28 foi escrito de forma figurada, trata-se de uma metáfora que tem por objetivo principal transmitir, revelar verdades espirituais.

Soares dividiu o texto em três partes: *I. Dominai sobre os peixes do mar.* O mar é composto de água e a água significa a Palavra de Deus, enquanto os peixes do mar, seres, significam os anjos de Deus. Ou seja, originalmente Deus criou o homem com poder e autoridade sobre os anjos, mas o pecado tirou esse poder dos homens. Com Jesus, esse poder é restituído aos homens, por isso, se pode exercer autoridade sobre os anjos no Nome de Jesus. *II. Que nos fez mais doutos que os animais da terra:* Os animais, seres vivos, são criaturas visíveis e invisíveis. Os visíveis são os animais e os invisíveis são bactérias e vírus, causadores das doenças. Deus deu autoridade ao homem sobre todos os seres vivos visíveis

⁵⁵ ROMEIRO, 2013, p. 53.

⁵⁶ BLEDSOE, 2012, p. 47.

⁵⁷ BLEDSOE, 2012, p. 47.

⁵⁸ ROMEIRO, 2012, p. 65-67.

⁵⁹ PEDROSO, 2009, p. 122.

⁶⁰ **História de Soares.** Disponível em: <<http://ongrace.com/portal/?historia=r-r-soares>> Acesso em: 22/06/2017.

⁶¹ PEDROSO, 2009, p. 123-124.

⁶² **Bíblia do Pregador:** Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Curitiba: Esperança, 2009, p. 5.

e invisíveis, por isso, se pode orar expulsando as doenças. III. *Nos fez mais sábios do que as aves dos céus.* As aves, assim como na parábola do semeador, representam os demônios e o próprio Diabo. No início Deus deu autoridade ao homem sobre os demônios. A sabedoria é identificar a ação dos demônios e prendê-los.⁶³

No site oficial da Igreja da Graça na internet, há várias mensagens, estudos bíblicos postados por Soares. Nessas mensagens é possível identificar alegorias, por exemplo, a interpretação que ele faz de Mateus 17.24-27, quando diz que Jesus mandou Pedro ir ao mar e lançar o anzol e fisgar o primeiro peixe, o qual teria um tipo de dinheiro que serviria para pagar impostos. Soares diz o seguinte:

NO MAR, ENCONTRAMOS OS RECURSOS

Mas, para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir e, abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter; toma-o e dá-o por mim e por ti. Mateus 17.27 Era simples a instrução do Mestre ao Seu discípulo, que, por sinal, falou sem refletir, garantindo o pagamento do tributo (Mt 17.24,25). Ele deveria ir ao mar e pescar nas muitas águas, que representam o Reino de Deus e são símbolo da Palavra divina, o essencial para os dois pagarem o imposto. Quanto temos perdido por não buscarmos no mar de Deus o necessário para não escandalizarmos os outros? Tendo pedido ajuda ao Senhor, fique atento ao que Ele falará, pois, em todos os casos, será o melhor modo de agir. Jesus deu orientações claras a Pedro e, sem dúvida, também dará a nós. Naquele caso, um peixe seria usado para conter o suficiente para o pagamento. A fim de suprir a necessidade de Elias, Deus usou corvos, que levavam carne e pão até ele. Sem dúvida, o instrumento usado pelo Altíssimo está escrito em Sua Palavra. Deve ter havido uma verdadeira competição no mar naquele dia. Os peixes daquelas águas entenderam que deveriam procurar no fundo delas um que mordesse a isca de Pedro. Desta vez, o discípulo não poderia usar uma rede nem outro recurso de pesca, e sim um anzol. Cuidado para não fazer diferente do que lhe é dito. Moisés, por exemplo, não prestou atenção à ordem do Senhor quando fora tirar água da rocha pela segunda vez. Ele fez o que não devia e se desclassificou. Os peixes, exceto um, foram proibidos de abocanhar a isca de Pedro, ainda que tivessem o desejo de servir a Deus. Isso mostra que há organização completa no Reino de Deus. Até os peixes foram instruídos sobre o que poderiam e deveriam fazer. Ah, se na igreja acabassem de uma vez por todas as rebeldias ou os planos de homens! Sem dúvida, ela cumpriria o seu papel com maestria. Perguntemos a Datã, Corá e Abiú se valeu a pena serem rebeldes. O que eles dirão? O peixe que traria a moeda tinha de ser o primeiro a ser recolhido por Pedro. Se outro viesse sem o valor, a Palavra de Cristo não se cumpriria e, então, como ficaria o Altíssimo? Isso mostra que, além de ser um Deus de fé, Ele sabe que todas as criaturas Lhe obedecem, mas, infelizmente, isso não acontece com os homens. Misericórdia! Estamos sendo piores do que as vidas criadas para nos alimentar! Que o Pai seja misericordioso conosco! Nessa pescaria, a variedade seria grande, mas ele teria de abrir a boca de um animal apenas para suprir aquela necessidade, pagando pelo Senhor e por ele. No verdadeiro mar de promessas, a pescaria pode ser muito grande, mas siga as instruções e nada lhe faltará.⁶⁴

Como se observa, Soares identifica o mar e as muitas águas como o reino de Deus, os peixes representam as pessoas que competem entre si na igreja. Os peixes foram instruídos que somente um, naquele momento, seria privilegiado em servir ao reino de Deus, os demais não poderiam abocanhar o anzol de Pedro, o que mostra organização no reino de Deus. A mensagem, pelo que se pode deduzir, é: Se você está passando por dificuldades, saiba que no mar de Deus, mar de promessas, o Senhor suprirá suas necessidades. No reino de Deus não pode haver competição, mas cada um precisa entender a sua missão em comunhão uns com os outros. Para que a pessoa seja abençoada é necessário seguir corretamente as instruções do Senhor.

Evidentemente que essa interpretação não é condizente com o texto e nem com a sua mensagem. Tasker, em seu comentário de Mateus, diz que nesse texto, Jesus cumpre uma obrigação judaica da época. Uma coleta que era cobrada anualmente de todo judeu acima dos dezoito anos de idade para

⁶³ PEDROSO, 2009, p. 138-145.

⁶⁴ **No mar encontramos os recursos:** mensagem de hoje. Disponível em: <<http://ongrace.com/portal/>> Acesso em: 23/06/2017.

a manutenção do templo. Mostra que Jesus não era um fraudador e para não causar confusão com os cobradores de impostos, ele manda Pedro pagar a devida coleta por meio desse evento extremamente curioso.⁶⁵ Soares, como o neopentecostalismo, de forma geral, espiritualiza os textos na tentativa de enquadrá-los em suas próprias interpretações. É característica do neopentecostalismo, como foi da escola de Alexandria, a interpretação forçada como se pode constatar também no exemplo abaixo:

As cinco pedras de Davi (*I Samuel 17.39-45*)

1ª pedra- IRA: *Matheus 5.21-24*

Davi não usou esta pedra. Sua motivação não era a raiva.

2ª pedra- ORGULHO: *Matheus 5.33-37*

Davi também não usou a pedra do orgulho, soberba ou arrogância.

3ª pedra- VINGANÇA: *Matheus 5.38-42*

A pedra da vingança foi deixada por Davi.

4ª pedra- ÓDIO: *Matheus 5.43-48*

Davi também não pegou a pedra do ódio. Talvez teria jogado esta pedra fora para não correr o risco de confundir e usar a pedra errada.

5ª pedra- NOME DO SENHOR: *João 14.13*. Esta foi a pedra escolhida por Davi quando deixou bem claro que enfrentaria Golias “em nome do Senhor” (*I Samuel 17.45*).⁶⁶

Esse texto bíblico fala sobre a luta de Davi contra o gigante Golias. O intérprete faz uma clara alegorização da passagem bíblica, atribuindo as pedras significados que não era a intenção do autor original do texto. Porém, esse é um caso típico das alegorias que são feitas na atualidade. Segue o mesmo raciocínio do método alegórico, espiritualiza ou interpreta o texto de forma que fique mais apresentável e agradável aos ouvintes.

O que se pode perceber no Movimento Neopentecostal, mediante os exemplos citados acima, são pregadores e líderes alegorizando, espiritualizando, distorcendo os textos bíblicos sem terem a mínima preocupação com o contexto cultural, histórico e gramatical, e ensinando o povo suas próprias ideias, fantasias e interpretações pessoais. Enganam o povo segundo suas artimanhas interpretativas e criatividades da mente humana.

3. ORIENTAÇÕES AOS CRISTÃOS SOBRE OS MALEFÍCIOS DO MÉTODO ALEGÓRICO

Diante tudo o que foi escrito até aqui a respeito do uso dos métodos alegórico e literal na atualidade, faz-se necessário alertar para os perigos, especialmente, para o perigo do uso do método alegórico de interpretação das Escrituras no meio dos cristãos, na sua tarefa de interpretação das Escrituras Sagradas e, conseqüentemente, o mau testemunho da Igreja, Corpo de Cristo, perante a sociedade.

Atualmente, como se observa, o Movimento Neopentecostal brasileiro, por meio de igrejas como a Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça, representa a escola de Alexandria, a mãe da interpretação alegórica das Escrituras. Estas duas igrejas usam amplamente a alegoria em sua hermenêutica bíblica. Da mesma forma que os intérpretes alexandrinos usaram a alegoria para conformar a explicação de um texto bíblico à mente de seus ouvintes, os neopentecostais a usam com o propósito também de conformar o texto aos seus interesses.

A escola de Alexandria com a sua interpretação alegórica que influenciou o período medieval por meio da quadriga,⁶⁷ e da mesma forma como esse tipo de interpretação fez parte da vida da igreja nesse

⁶⁵ TASKER, R. V. G. **Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 135-136.

⁶⁶ RODRIGUES, Welfany Nolasco. **As cinco pedras de Davi**. Disponível em: <<http://www.esbocosermao.com/2011/11/as-cinco-pedras-de-davi.html>>. Acesso em: 22/07/2017.

⁶⁷ LOPES, 2013, p. 151.

período,⁶⁸ hoje, pelo que se pode observar, o Movimento Neopentecostal também adota interpretações que distorcem o texto bíblico por meio do método alegórico, como observado.

No entanto, esse tipo de interpretação traz grandes consequências à compreensão das Escrituras por parte dos cristãos, a comunicação do evangelho de Cristo e ao testemunho da igreja perante a sociedade. A seguir será feita uma observação resumida dos principais erros do método alegórico e também serão pontuados alguns malefícios de seu uso, com o objetivo de esclarecer que “o método alegórico, como sistema de interpretação é repleto de perigos”.⁶⁹

1. *Atropela o contexto histórico e Ignora o sentido original intencionado pelo autor:* “Ele ignora a intenção do autor, inserindo no texto todo tipo de extravagância ou fantasias que um intérprete possa desejar”.⁷⁰ Ao escrever determinado texto, carta ou livro, o autor tinha em mente uma razão e muitas vezes destinatários específicos. O método alegórico não se preocupa em tentar descobrir o que o autor quis dizer, quando ele escreveu ou para quem ele escreveu. Ignora a raiz do texto.

2. *Faz uma interpretação fora do contexto:* O estudo do contexto de um texto bíblico é quase mundialmente reconhecido como uma necessidade para se chegar a sua interpretação. O contexto histórico, teológico, literário, de um texto está estreitamente ligado ao seu significado, bem como o contexto anterior e posterior no qual uma passagem está inserida.⁷¹ Portanto, ao estudar, por exemplo, um versículo ou um bloco, é importante que se analise os versículos que vem antes e depois e, se for preciso, o capítulo ou todo o livro. É preciso pesquisar o seu contexto geral.

3. *Ignora o estudo gramatical e procura espiritualizar palavras:* Ele “despreza o significado comum e ordinário das palavras, especulando sobre o sentido místico de cada uma delas”.⁷² É como se as palavras ganhassem um significado oculto. Os intérpretes alexandrinos como Filo, criam na inspiração divina das Escrituras e, por isso, viam nas palavras ou até mesmo nas letras significados espirituais. Isso é um perigo, pois embora os cristãos creiam na inspiração verbal das Escrituras,⁷³ não quer dizer que cada palavra esconda um significado espiritual.

4. *Impõe ao texto a interpretação do próprio intérprete:* No método alegórico não se “extrai o significado legítimo da linguagem do autor, mas sim, introduz toda fantasia e capricho do intérprete”.⁷⁴ Ou seja, o leitor ou intérprete vai para a Escritura com pensamentos e ideias preconcebidas. Ele tem uma interpretação e procura um texto apenas para encaixá-la. Força o texto a dizer uma coisa que ele não quer dizer.

5. *O texto se torna apenas um fantoche na mão do intérprete para agradar aos seus ouvintes:* Nesse caso, “a autoridade básica da interpretação deixa de ser a Bíblia, e passa a ser a mente engenhosa do intérprete”.⁷⁵ Na verdade, como já observado, tanto os intérpretes alexandrinos e atualmente os neopentecostais, na grande maioria das vezes em que se aplicou o método alegórico, aplicou-se com intenção de fazer o texto aceitável aos seus ouvintes. No caso dos neopentecostais, o que se constata é que são interesses de atrair as pessoas às suas práticas e experiências religiosas como visto, consideradas por muitos, místicas e estranhas. Práticas como: participação em sessões de descarrego espiritual, unção de objetos, promessas de prosperidades na vida financeira e outras. Usam de criatividade engenhosa.

6. *Somente os intérpretes “mais espirituais” conseguem entender o verdadeiro sentido do texto:* Orígenes dizia

⁶⁸ ARMANI, Tony. **O que todos devem saber sobre o catolicismo:** uma análise fraterna e honesta dos principais dogmas da Igreja Católica Romana à luz da Bíblia. São Paulo: Abba Press, 2004, p. 15.

⁶⁹ BENTO, Esdras Costas. **Hermenêutica fácil e descomplicada:** como interpretar a Bíblia de maneira prática e eficaz. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 125.

⁷⁰ BENTO, 2003, p. 125.

⁷¹ ANGLADA, 2016, p. 196-202.

⁷² BENTO, 2003, p. 125.

⁷³ ZUCK, Roy. **A interpretação bíblica:** meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 114.

⁷⁴ BENTO, 2003, p. 125.

⁷⁵ BENTO, 2003, p. 125.

que o “literal é para iniciantes, mas o espiritual é para os maduros na fé”.⁷⁶ Este entendimento, pelo que se observa, separa os cristãos entre “os espirituais” e “não espirituais”. Os espirituais são capazes de interpretar o texto bíblico corretamente, enquanto os demais ficam apenas na camada superficial do entendimento bíblico.

7. *A Escritura é interpretada à luz das experiências espirituais*: “Os acontecimentos que se desdobram através da Bíblia toda são interpretados com base no que Deus afirma que é verdade, e não vice-versa”.⁷⁷ Achar que a Bíblia deve ser entendida também por meio das experiências místicas é um perigo. No entanto, o que se observa no neopentecostalismo é que “a Bíblia perde espaço para as experiências”.⁷⁸ Ou seja, as experiências sobrepõem aos ensinamentos bíblicos, tornam-se verdade absoluta paralelamente à Palavra de Deus. Isso se mostra um perigo porque somente a Palavra de Deus é a verdade absoluta, conforme a própria Escritura que diz: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”.⁷⁹ Quando se coloca as experiências pessoais acima da Escritura, corre-se o risco de levar as pessoas a crerem mais nas experiências do que na própria Escritura.

8. *Rejeita a interpretação do cristianismo histórico sobre as Escrituras*: Os alegóricos e os neopentecostais geralmente não aceitam a interpretação dada a determinados textos pela igreja ao longo dos séculos, porém “um intérprete precisa reconhecer que, ao longo dos séculos, outros leitores da Bíblia lutaram para descobrir o sentido de muitas das mesmas passagens bíblicas e, por isso, talvez tenham adquirido conhecimentos sobre esses textos das Escrituras”.⁸⁰

9. *Passa a impressão de que não é preciso estudar o texto, basta apenas alegorizar que fica mais fácil*: Isso é um perigo porque ignora o estudo bibliográfico, exegético, hermenêutico, histórico e teológico de um texto bíblico em particular e até mesmo de toda a Escritura.

Virkler alerta para o fato de que quando se tenta interpretar e explicar as Escrituras, é preciso entender que há diversos bloqueios a uma compreensão espontânea do significado primitivo da mensagem, pois há um espaço muito grande entre os autores e leitores primitivos.⁸¹ Por essa razão, deve-se sempre buscar compreender o texto bíblico, não somente por meio da ação do Espírito Santo, mas também por meio do estudo contextual e histórico da Escritura e não recorrer à alegorização como o caminho mais fácil e atraente.

10. *Passa uma imagem distorcida da Bíblia, de Deus e da igreja para a sociedade*: por meio de pregações e ensinamentos errados, o método alegórico quando usado para explicar a Bíblia, usado para justificar determinadas práticas, transmite uma mensagem prejudicial no sentido de que a sociedade ao ouvir certas pregações e ver determinadas práticas, em algumas igrejas, por exemplos, neopentecostais, se escandaliza e julga erradamente a Igreja, Corpo de Cristo. Geralmente a sociedade não analisa apenas uma igreja local ou uma única denominação, mas os evangélicos como um todo. Ou seja, por conta dos erros hermenêuticos de alguns que geram práticas estranhas às Escrituras, todos acabam sendo prejudicados. Isso não é bom para o testemunho da Igreja, Corpo de Cristo.

Por exemplo, quando se diz que a justiça ou sabedoria de Salomão representa nos dias atuais o sucesso empresarial e que todo empresário que quiser ser bem-sucedido assim como foi Salomão com seus servos, deve participar do Congresso Empresarial na Igreja Universal, passa a mensagem para a sociedade que a igreja quer atrair os empresários visando o dinheiro deles, logo, é uma igreja com interesses financeiros, é uma empresa.

Outros exemplos poderiam ser colocados, mas apenas este é suficiente para mostrar que práticas

⁷⁶ LOPES, 2013, p. 132

⁷⁷ HENRICHSEN, Walter A. **Princípios de interpretação da Bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p.19.

⁷⁸ ROMEIRO, 2013, p. 126.

⁷⁹ Bíblia do Pregador, 2009, p. 1047.

⁸⁰ ZUCK, 1994, p. 25.

⁸¹ VIRKLER, H. A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2007, p. 12.

como estas baseadas em interpretações alegóricas com o objetivo de alcançar determinados grupos de pessoas, só traz prejuízo à Igreja, Corpo de Cristo, porque a sociedade tende a associar a igreja a uma empresa, uma loja, um supermercado, um shopping, práticas de charlatanismo e etc.

4. DIRETRIZES PARA UMA INTERPRETAÇÃO CORRETA DAS ESCRITURAS SAGRADAS

O propósito desse ponto é oferecer aos cristãos de forma geral, diretrizes ou princípios hermenêuticos do método literal ou gramático-histórico oriundo da escola de Antioquia, pois os cristãos usam as Escrituras Sagradas em seus cultos e em suas mais diversas atividades religiosas, além de usarem para o estudo pessoal.

Entende-se que é importante procurar usar as Escrituras de forma correta e, para isso, é necessário que se interprete também corretamente. Para esse fim, acredita-se que o método literal de interpretação bíblica seja o mais adequado. Com o objetivo de auxiliar os cristãos e pregadores das Escrituras, serão listados alguns princípios hermenêuticos visando à boa interpretação bíblica.

1. *Orar a Deus pedindo orientação no processo de interpretação do texto bíblico.*⁸² Os reformadores criam que sem a iluminação do Espírito Santo, ninguém tinha condições suficientes para interpretar a Bíblia de maneira correta, pois, segundo eles, o Espírito é o maior intérprete das Escrituras. Por isso, sugere-se que mesmo antes de começar o processo de interpretação, busque-se a Deus em oração pedindo orientação, iluminação e discernimento para alcançar uma boa interpretação.

2. *Definir os limites do texto a ser estudado ou ensinado.*⁸³ Um dos primeiros passos ao interpretar um texto é procurar delimitá-lo. É um capítulo inteiro, dois versículos, um bloco? Isso precisa ser definido para facilitar o foco de pesquisa que será feita em cima do texto. Olhar o texto que vem antes e depois. Não se recomenda seguir as divisões em temas de capítulos e versículos que geralmente as Bíblias trazem, mas buscar as divisões dos textos seguindo o raciocínio natural do autor.

3. *Trabalhar o texto bíblico partindo da pressuposição de que a Bíblia é autoridade:* A Bíblia para os cristãos evangélicos não é um livro qualquer, pelo contrário, é a Palavra de Deus inspirada e transmitida aos homens por meio do Espírito Santo. Se o pregador ou o leitor for para a Bíblia com o propósito de estudá-la ou pregá-la, mas não entendendo que ela é a própria Palavra de Deus, corre o risco de não valorizá-la adequadamente e, por consequência, ensiná-la de forma errada.⁸⁴

4. *Procurar descobrir o que o autor original quis dizer, considerando o seu histórico-cultural e contextual:* Não é possível interpretar o significado de um texto com certa precisão sem fazer uma análise histórico-cultural e contextual.⁸⁵ É preciso investigar, por exemplo, qual foi o ano ou época em que o autor escreveu e situações que envolvem o seu tempo, por exemplo, pesquisar qual era a situação política, a situação religiosa, econômica, a legislação civil virgente, fatos históricos ocorridos. Analisar também questões que envolvem vestimentas, agricultura, arquitetura, geografia, estrutura social e outros.⁸⁶

5. *Procurar identificar as figuras de linguagens.*⁸⁷ A Bíblia é cheia de figuras de linguagens. É preciso identificá-las e fazer a analogia correta com o seu propósito. A figura de linguagem “é um recurso de comparação, mais precisamente é um uso do idioma em que há alguma comparação entre dois termos, seja explícita ou implícita”.⁸⁸

⁸² STEIN, Robert H. **Guia básico para a interpretação da Bíblia:** interpretando conforme as regras. Rio de Janeiro, CPAD, 1999, p. 67.

⁸³ STUART, Douglas.; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 31-32.

⁸⁴ HENRICHSEN, 1983, p. 10-11.

⁸⁵ VIRKLER, 2007, p. 59.

⁸⁶ ZUCK, 1994, p. 92-101.

⁸⁷ KÖSTENBERG, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica:** a tríade hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 616.

⁸⁸ KÖSTENBERG, 2015, p. 616.

6. *Fazer uma análise gramatical*: “A Bíblia foi escrita em linguagem humana e, conseqüentemente, deve ser interpretada gramaticalmente”.⁸⁹ “A interpretação gramatical é o único método que respeita integralmente a inspiração verbal das Escrituras”.⁹⁰ A análise gramatical envolve: exame da etimologia das palavras, descobrir o emprego das palavras em diversas partes das Escrituras, descobrir os significados das palavras semelhantes (sinônimos e antônimos) e exame do contexto.⁹¹ “**É necessário também tomar as palavras no sentido indicado no contexto, a saber, os versículos que precedem e seguem ao texto que se estuda**”.⁹²

7. *Procurar descobrir o estilo literário do texto*: A Bíblia apresenta vários gêneros literários, por exemplo, jurídico, narrativas, poesia, literatura sapiencial, discurso lógico, evangelhos,⁹³ profecias, literatura apocalíptica, cânticos, parábolas, milagres, entre outros.⁹⁴ Isso ajuda a entender o raciocínio do autor e a natureza do seu argumento.

8. *A Escritura interpreta a Escritura*: O estudo comparativo dentro da própria Escritura é importante, pois às vezes o autor fala algo que pode ser explicado em outra parte da Escritura. Muitos textos, por exemplo, do Antigo Testamento só são explicados no Novo Testamento. A Bíblia não contém erros e nem contradições doutrinárias.⁹⁵ É preciso “relacionar o que está sendo estudado, com outras porções das Escrituras e dentro do próprio trecho em estudo”.⁹⁶ Textos obscuros devem ser interpretados à luz de textos mais claros.⁹⁷

9. *O texto tem o significado que o autor original intencionou*: O sentido literal deve ser tomado sempre, a menos que o próprio texto não permita isso. Não se deve interpretar o texto alegoricamente para encaixá-lo ao pensamento ou vontade do intérprete.⁹⁸ Os intérpretes da escola de Alexandria alegorizavam o texto, muitas vezes, para torná-lo compreensível a mente de seus ouvintes. Assim, eles atropelavam o sentido original e davam um sentido espiritualizado apenas para agradar aos seus ouvintes ou aqueles que questionavam sua fé.

10. *Interpretar a experiência pessoal à luz da Escritura, e não a Escritura à luz da experiência pessoal*: Embora as experiências com Deus façam parte da vida cristã, elas não podem ser determinantes na interpretação bíblica. Alguém que teve certa experiência não quer dizer que outra pessoa vá ter a mesma experiência, não é uma regra. As experiências devem ser submetidas ao crivo das Escrituras.⁹⁹

11. *Procurar aproximar-se da Escritura sem opiniões preconcebidas*: Embora isso seja difícil, pois as pessoas têm suas opiniões, herança religiosa, sua cultura, porém deve buscar “aproximar-se da Escritura com equilíbrio e bom senso, procurando ser o mais objetivo possível, sem prevenções nem opiniões preconcebidas”.¹⁰⁰ Não se deve procurar encaixar no texto as ideias do intérprete, mas deixar que o texto forme as ideias, deixar que ele fale naturalmente.

Embora não sejam regras ou princípios terminativos, ou seja, eles não englobam todo o método literal, pois existem outros princípios, entende-se que estes ajudarão bastante os cristãos e pregadores na tarefa de interpretação das Escrituras. Poderão evitar que se caia no erro dos intérpretes alexandrinos, de alegorização do texto bíblico.

⁸⁹ BERKHOF, Luís. **Princípios de interpretação bíblica**. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 53.

⁹⁰ ZUCK, 1994, p. 114.

⁹¹ ZUCK, 1994, p. 116-123.

⁹² LUND, 1968, p. 30.

⁹³ ZUCK, 1994, p. 148-154.

⁹⁴ ANGLADA, 2016, p. 208.

⁹⁵ HENRICHSEN, 1983, p. 14-15.

⁹⁶ HENRICHSEN, Walter A. **Métodos de estudo bíblico**. São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 84.

⁹⁷ ANGLADA, 2016, p. 205.

⁹⁸ HENRICHSEN, 1983, p. 36.

⁹⁹ HENRICHSEN, 1983, p. 14-16.

¹⁰⁰ ZUCK, 1994, p. 27.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nesta pesquisa, o método alegórico continua nos dias atuais como herança viva da escola de Alexandria, assim como o método literal, também herança da escola de Antioquia. Esses dois métodos sempre estiveram presentes na história da igreja. Na atualidade, conforme proposto nesta pesquisa, o método alegórico é representado pelo Movimento Neopentecostal brasileiro, enquanto o método literal é representado pela Igreja Tradicional brasileira.

Mostrou-se que a Igreja Tradicional, por meio de suas representantes neste trabalho, a Igreja Batista da Convenção Batista Brasileira e a Igreja Presbiteriana do Brasil, tem características hermenêuticas ou interpretativas muito similares à interpretação da escola de Antioquia. Isso acontece, como visto, porque os cristãos batistas e presbiterianos preservam seus ensinamentos e práticas oriundas da reforma protestante do século XVI. Como se sabe, por meio do presente trabalho, os reformadores herdaram dos intérpretes antioquenos o método gramático-histórico. Atualmente, a Igreja Tradicional de forma geral, procura e adota uma interpretação bíblica mais antioquena.

Mostrou-se também que o Movimento Neopentecostal representado, nesta pesquisa, pela Igreja Universal e Internacional da Graça, segue a escola de Alexandria em sua interpretação alegórica. Da mesma forma que os alexandrinos estavam dispostos a sacrificarem o sentido contextual e histórico do texto bíblico para acomodar nele suas interpretações fantasiosas, os neopentecostais também fazem do mesmo jeito, ou seja, encontram no texto um sentido escondido, espiritual, sentido este não pretendido pelo autor, para embasar suas crenças e práticas religiosas.

Alertou-se também para que os cristãos conheçam os perigos do método alegórico, tido neste trabalho como um método perigoso e que traz prejuízos à interpretação das Escrituras. Por isso, procurou-se colocar à disposição dos cristãos algumas diretrizes de como fazer uma boa interpretação bíblica a partir do método literal ou gramático-histórico. São apenas algumas diretrizes importantes que ajudarão ao leitor, intérprete ou pregador no conhecimento melhor das Escrituras e como interpretá-las.

Nos dias atuais, há muitas igrejas e a cada dia novas igrejas surgem. Há muitas pregações, seja por meio da TV, Rádio, Internet ou até mesmo nos púlpitos das igrejas. Há muitos pregadores usando as Escrituras em suas pregações mais diversas, há muitas explicações estranhas dos textos bíblicos. Por isso, o autor deste trabalho, entende que há uma grande necessidade de se buscar cada vez mais estudos e que se façam mais pesquisas no campo da interpretação bíblica. É importante que os cristãos conheçam os malefícios das interpretações equivocadas, inadequadas, tiradas da mente humana engenhosa e as rejeitem.

É preciso dizer que não se pode afirmar com certeza que todos os neopentecostais são absolutamente alegóricos, assim como todos os tradicionais são totalmente literais em suas interpretações bíblicas. A pesquisa apenas analisou e verificou que o Movimento Neopentecostal por meio de suas representantes, citados na pesquisa, corresponde à escola de Alexandria no uso do método alegórico, assim como a Igreja Tradicional por meio de suas representantes na pesquisa, corresponde à Escola de Antioquia no uso do método literal.

O desejo do autor, é que este trabalho sirva de fonte bibliográfica para outros que queiram pesquisar sobre o assunto, e que se sintam também desafiados a pesquisarem mais sobre este tema tão relevante, especialmente nos dias atuais. É desejo e se espera também que este trabalho possa servir de fonte de conhecimento para os cristãos sobre o uso dos métodos alegórico e literal, mas que também sirva de alerta para os perigos de uma pregação, explicação ou ensino alegórico. Que com este trabalho, os cristãos sejam encorajados a estarem mais atentos e preparados para identificarem o método alegórico e o método literal.

REFERÊNCIAS

A justiça de Salomão. Disponível em: <<http://www.universal.org/estudos-biblicos>> Acesso em: 07/06/2017.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à hermenêutica reformada:** correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos. Ananindeua: Knox, 2016.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Sola Scriptura:** a doutrina reformada das Escrituras. Ananindeua: Knox, 2013.

ARMANI, Tony. **O que todos devem saber sobre o catolicismo:** uma análise fraterna e honesta dos principais dogmas da Igreja Católica Romana à luz da Bíblia. São Paulo: Abba Press, 2004.

BENTO, Esdras Costas. **Hermenêutica fácil e descomplicada:** como interpretar a Bíblia de maneira prática e eficaz. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BERKHOF, Luis. **Princípios de interpretação bíblica.** Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

Bíblia do Pregador: Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Curitiba: Esperança, 2009.

BLEDSOE, David Allen. **Movimento neopentecostal brasileiro: IURD:** um estudo de caso. São Paulo: Hagnos, 2012.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos:** uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CAVALCANTE, George Sousa. **Quanto vale a sua fé:** a tendência capitalista da fé evangélica fortalezense nas últimas duas décadas. Duque de Caxias: Espaço Científico Projetos Editoriais, 2015.

Convenção Batista Brasileira. **Declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira.** Rio de Janeiro: JUERP, 1996.

Convenção Batista Brasileira. **Nossa História.** Disponível em: <<http://www.batistas.com/institucional/nossa-historia>> Acesso em: 02/06/2017.

Convenção Batista Brasileira. **Quem somos.** Disponível em: <<http://www.batistas.com/institucional/quem-somos>>. Acesso em 05/06/2017.

COSTA, Flávia Luiza Gomes. **Recebi um Rhema de Deus:** uma análise das interpretações e dos usos da Bíblia no universo neopentecostal. Belo Horizonte, 2010, p.40,42. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp147361.pdf>> Acesso em: 06/06/2017.

HENRICHSEN, Walter A. **Métodos de estudo bíblico.** São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

HENRICHSEN, Walter A. **Princípios de interpretação da Bíblia.** São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

História da Universal. Disponível em: <<http://www.universal.org/institucional/historia-da-universal.html>> Acesso em: 06/06/2017.

História de Soares. Disponível em: <<http://ongrace.com/portal/?historia=r-r-soares>> Acesso em: 22/06/2017.

Igreja Presbiteriana do Brasil. História. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/ipb/historia>> Acesso em: 05/06/2017.

KÖSTENBERG, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica:** a tríade hermenêu-

tica. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LEMOS, Christina.; TAVOLARO, Douglas. **O bispo: a história revelada de Edir Macedo.** Editora Larousse do Brasil, p.38. Disponível em: < <https://hermesgama.files.wordpress.com/2008/09/o-bispo-a-histc3b3ria-revelada-de-edir-macedo-christina-lemos-douglas-tavolaro.pdf> >. Acesso em: 30/05/2017.

LOPES, Augustos Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

MACEDO, Edir. **Nada a perder: do coreto ao templo de Salomão: a fé que transforma.** São Paulo: Planeta, 2014.

MATOS, Alderi Souza de. **A integridade do evangelho: uma avaliação do neopentecostalismo.** Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/312/a-integridade-do-evangelho-uma-avaliacao-do-neopentecostalismo>> Acesso em: 06/06/2017.

No mar encontramos os recursos: mensagem de hoje. Disponível em: <<http://ongrace.com/portal/>> Acesso em: 23/06/2017.

OLIVEIRA, Estevam Fernandes de. **Conversão ou adesão: uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil.** Niteroi: Proclama, 2004.

OLIVEIRA, Raimundo F. **Princípios de hermenêutica: estudo e compreensão da Bíblia.** Campinas: EETAD, 1989.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo.** São Paulo: Paulinas, 2005.

PEDROSO, Ivode Kleber Mendes. **Heresia vs. Espiritualidade: a heresia de ser espiritual ou a graça de ser herege?** Londrina: Descoberta, 2009.

Que muralha você precisa derrubar? Disponível em: <<http://www.universal.org/estudos-biblicos>> Acesso em: 07/06/2017.

RODRIGUES, Welfany Nolasco. **As cinco pedras de Davi.** Disponível em: <<http://www.esbocosermao.com/2011/11/as-cinco-pedras-de-davi.html>>. Acesso em: 22/07/2017.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal.** São Paulo: Candeia, 2013.

SILVA, Jouberto Heringer da. **O desenvolvimento da hermenêutica alegórica e sua presença num mundo pós-moderno de múltiplas verdades.** A hermenêutica Neopentecostal. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2452>> Acesso em: 05/06/2017.

SILVA, Roberto do Amaral. **Princípios e doutrinas batistas.** Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p. 78.

STEIN, Robert H. **Guia básico para a interpretação da Bíblia: interpretando conforme as regras.** Rio de Janeiro, CPAD, 1999.

STUART, Douglas.; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

TASKER, R. V. G. **Mateus: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 1980.

VARGENS, Renato. **Os 10 erros principais de uma pregação neopentecostal.** Disponível em: <<http://renatovargens.blogspot.com.br/2013/10/os-10-principais-erros-de-uma-pregacao.html>> Acesso em: 05/06/2017.

VIRKLER, H. A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica.** São Paulo: Vida, 2007.

ZUCK, Roy. A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

HEBREUS 11: UMA FÉ NECESSÁRIA À VIDA CRISTÃ

Hebrews 11: a faith necessary for the christian life

Esp. Silvio Oliveira da Silva¹
Dr. Claiton André Kunz²

RESUMO

O artigo visa oferecer uma análise do capítulo onze de Hebreus e a demonstração de uma fé necessária à vida cristã dos chamados heróis da fé, dos cristãos destinatários da carta e dos discípulos de Cristo da atualidade. Para tal proposta, é utilizado o caminho teórico-metodológico da pesquisa bibliográfica, que recorre aos materiais já elaborados e sistematizados, como livros e artigos científicos. O texto de Hebreus onze foi escrito há milhares de anos, mas o seu ensinamento é contemporâneo para a vida cristã.

Palavras-chave: Hebreus onze. Fé. Vida cristã.

ABSTRACT

The article aims to offer an analysis of the eleventh chapter of Hebrews and the demonstration of a necessary faith for the Christian life of the so-called heroes of the faith, of the Christians receiving the letter and of the disciples of Christ today. For such proposal, the theoretical-methodological path of bibliographic research is used, which uses materials already elaborated and systematized, such as books and scientific articles. Hebrews eleven was written thousands of years ago, but its teaching is contemporary for the Christian life.

Keywords: Hebrews eleven. Faith. Christian life.

¹ Graduado em Teologia e Educação Física. Possui pós-graduação Lato sensu em Ensino Superior e Teologia; e Aconselhamento Pastoral. Mestrando em Teologia pela FABAPAR; Pastor e Presidente da Primeira Igreja Batista em Várzea da Alegria. Filho de Severino Félix e Maria de Lourdes. Email: silteledfisica@gmail.com

² Graduado em Teologia e Filosofia, Mestre em Novo Testamento e Mestre e Doutor em Teologia (ênfase em Bíblia). Diretor e professor da Faculdade Batista Pioneira, professor do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR e professor adjunto do Mestrado em Ministérios da Carolina University. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

INTRODUÇÃO

O capítulo onze da carta³ aos Hebreus é um convite ao conhecimento de um elemento essencial à vida cristã, a fé. Essa é providenciada pelo Senhor e por meio dela há possibilidades de certezas e convicções inabaláveis nas revelações que Deus expôs nas Escrituras Sagradas. Pela fé, o discípulo de Jesus Cristo pode confiar que as coisas esperadas acontecerão e as invisíveis são reais pelo Senhor, uma vez que ambas foram tanto reveladas quanto ensinadas pelo Eterno. O décimo primeiro capítulo dessa carta expõe uma essencial definição de fé, uma exemplificação substancial de fé e uma fundamental exposição de seus efeitos.

1. UMA FÉ DEFINIDA

O autor de Hebreus separa um capítulo para trazer uma excelente exposição sobre a fé. O décimo primeiro capítulo da carta inicia trazendo a única definição de fé em toda a Bíblia.⁴ O escritor direciona às suas palavras a seres humanos que tinham fé, mas estavam sendo provados e perseguidos porque em suas vidas tal elemento estava presente. De fato, as vicissitudes da vida cristã podem colocar em prova a fé do discípulo de Jesus e com a finalidade de instruir seus leitores o elaborador da carta começa o mais longo capítulo de seu texto definindo fé, pois tal definição era, é e será fundamental para alicerçar o viver do filho de Deus.

No Antigo Testamento, fé trazia o significado de firmeza, solidez, estabilidade, segurança e fidelidade. Nos Evangelhos, fé é a aceitação de Jesus e de suas exigências. É a convicção que todas as suas palavras são eternas. Ademais, é a rendição e total sujeição ao Cristo de Deus. Nas cartas paulinas, fé é obediência ao Salvador, certeza e confiança nas palavras do Senhor e, ainda, um mistério. Já no primeiro verso de Hebreus onze o termo traz o sentido de certeza, confiança, convicção, sustentação, fundação ou base.⁵ Para Taylor, Grider e Taylor, a palavra fé no NT é πιστις (*pistis*), que significa “firme convicção, persuasão ou convicção com base no que você ouviu”.⁶

A definição de fé, segundo o escritor de Hebreus, possui duas afirmações primordiais: a certeza de coisas que se esperam e a convicção de coisas que não se veem. Tais afirmativas expõem que a fé pode ser definida a partir de referenciais provenientes do Senhor. Assim, a fé está relacionada tanto com os ensinamentos quanto com as promessas de Deus e como o ser humano responde a estes elementos celestiais, apesar de estar em uma pátria terrena, ou seja, não divina. Para Codina, a fé cristã é aquela que reconhece Jesus como Senhor.⁷

A fé é a base que firma o indivíduo em uma vida cristã em conformidade com o Criador. É, ainda, o elemento necessário que capacita o homem a ter certeza de coisas invisíveis, como Deus, o reino de Deus e a salvação. Essa fé é algo que o ser humano vivencia e ao mesmo tempo espera com a convicção de que ressuscitará e entrará no céu, onde não mais pecará, pois em vida carnal, embora salvo, todos os dias venha a pecar. O indivíduo possui a certeza de sua salvação não porque é capaz de produzi-la, mas porque foi o Senhor quem a proporcionou e a prometeu. Segundo Lopes:

³ O presente artigo não possui o objetivo de discutir se Hebreus é uma carta ou epístola, a sua autoria e a sua autenticidade. Para o conhecimento de tais elementos, ver mais sobre em: MAUERHOFER, Erich. **Uma Introdução aos Escritos do NT**. Tradução por Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010, p. 484-505.

⁴ Vale ressaltar que a fé possui diferentes significados ao longo das Escrituras Sagradas. Assim, Hebreus 11.1 traz a única definição de toda a Bíblia, mas não traz o completo entendimento.

⁵ Fé é uma expressão regularmente utilizada nas Escrituras Sagradas e possui em diversos versículos significados diferentes. Uma boa exposição e discussão sobre os termos hebraicos, gregos e suas derivações a respeito da utilização da palavra fé na Bíblia pode ser vista em: MCKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico**. Traduzido por Álvaro Cunha et al. São Paulo: Paulus, 1983, p. 311-314.

⁶ TAYLOR, R. S.; GRIDER, J. K.; TAYLOR, W. H. **Beacon dicionário de Teologia**. Missouri: Beacon Hill Press, 1984, não paginado. É válido destacar que a palavra fé (*pistis*) expressa em Hebreus 11.1 é a fé que abarca a intelectualidade, a convicção da verdade e a confiança nas promessas de Deus e, assim, é diferente da fé exposta em Judas 3. Nesse verso, ela traz a ideia do conjunto de elementos e ensinamentos relacionados à ortodoxia e ortopraxia da fé cristã, isto é, o ensino e a prática correta dos discípulos de Cristo em conformidade com a sua Palavra.

⁷ CODINA, V. S. J. Fe y Discipulado. **Theologica Xaveriana**. Colombia. v. 57, n. 161, enero-marzo/2007, p. 176.

Fé é a simples confiança de que o que Deus prometeu vai cumprir-se. Ele é Todo-Poderoso, onisciente, onipresente, ele é fiel e verdadeiro; cumpre as suas promessas, não é homem para que minta e nem filho do homem para que se arrependa.⁸

O filho de Deus possui certezas e convicções que não são cegas, mas alicerçadas no Senhor, pois é Ele quem propicia não apenas a expectativa como também a esperança de coisas que estão no campo da espera e da invisibilidade. A fé está fundamentada em Deus e na sua Palavra. Tanto o cristão destinatário da carta aos Hebreus quanto o contemporâneo não vê a redenção, a regeneração, a justificação e adoção como filhos, haja vista serem realidades invisíveis, mas creem em suas existências, pois o Deus, que é invisível, revelou-as por meio dos textos sagrados, pelos seus profetas ao longo da história, pelo Seu Filho e pelos apóstolos.

Fé é possuir a certeza de que toda a Palavra do Senhor é eterna e digna de confiança. Além disso, é a insuspeição que todas as promessas de Deus serão cumpridas. O discípulo de Jesus que possui tais convicções vive, de maneira cristã, certo que receberá o que espera e como se estivesse vendo os invisíveis salientados nas Escrituras Sagradas. Para Lopes, “porque a palavra de Deus não pode falhar, a fé ri das impossibilidades e descansa imperturbável nos braços das promessas de Deus”.⁹

É fundamental que o cristão saiba, então, o que deve esperar e quais realidades invisíveis deve tomar por conhecimento. Esse virá pela leitura, reflexão e meditação nas Escrituras Sagradas, pois é nela que estão inseridas as revelações do que o filho de Deus pode esperar, como a salvação, a vida eterna, a segunda vinda do Salvador e a cidade celestial preparada para os santos. Somado a isso, é na Bíblia que estão inseridos os ensinamentos sobre as coisas invisíveis, como os anjos, a redenção, a habitação do Espírito Santo no discípulo de Jesus, entre outros.

Nesse sentido, a fé não é visualizar algo que deseje muito, a fim de que a vontade do indivíduo possa ser concretizada. Não é imaginar um bem material que aspira obter, de forma que por meio desta atitude seja possível recebê-lo. Fé não é um pensamento positivo para conseguir algo ou mudar uma determinada realidade.¹⁰ Tais sentidos não são encontrados nas Sagradas Escrituras, mas em ensinamentos de vieses pagãos. Lopes afirma que “a nossa fé se apoia nos fatos. Não é uma questão de sentir ou de emoção, mas tem sempre de estar olhando para a evidência, para a promessa, para o autor de todas as coisas que é Deus”.¹¹ No que tange ao contexto dos cristãos destinatários da carta aos Hebreus, Dever acrescenta:

Primeiro eles souberam que tinham posses celestiais; depois, eles permitiram alegremente que suas posses terrenas fossem confiscadas enquanto permaneciam firmes em Cristo e por Ele. Você percebe a diferença? Eles tinham fé, por isso, perseveraram, não o contrário.¹²

Para Vasconcellos a “fé não diz respeito a repetir simplesmente uma doutrina, mas a viver na certeza daquilo que se espera”.¹³ A fé não pode ser relacionada com elementos que não estão vinculados as Escrituras Sagradas, pois ela vem, de acordo com o apóstolo Paulo, pelo ouvir a Palavra de Deus.¹⁴ Essa é a sustentação da fé e, desse modo, o discípulo de Jesus que deseja fortalecer tal bem-estar entregue pelo Senhor deverá regularmente estudar a Bíblia. McKenzie acrescenta que “o termo comum para descrever a resposta do homem não é ‘crer’, mas ‘ouvir’ no sentido de ‘estar atento’, isto é, ouvir de

⁸ LOPES, A. N. **Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 244.

⁹ LOPES, H.D. **Hebreus**: a superioridade de Cristo. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 233.

¹⁰ É válido ressaltar que o capítulo onze de Hebreus não está condenando os pedidos feitos e confiados a Deus. Há relatos bíblicos que apontam Jesus realizando curas e milagres a pedido de doentes e de pessoas necessitadas por mudanças de realidades. Muitos tiveram seus pedidos atendidos, pois estavam alinhados a vontade do Senhor. O autor de Hebreus está salientando que o objeto da fé, isto é, Deus, é quem deve ser exaltado, pois nele pode ser depositada toda confiança.

¹¹ DEVER, Mark. **A mensagem do Novo Testamento**: uma exposição teológica e homilética. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 244.

¹² DEVER, 2015, p. 448).

¹³ VASCONCELLOS, P. L. **Como ler a carta aos Hebreus**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 79.

¹⁴ Tal fato pode ser observado em Romanos 10.17.

modo a aceitar e obedecer”.¹⁵ Assim, salienta-se que a fé está intimamente ligada ao conhecimento e confiança que o cristão possui nas palavras do Eterno.

Ressalta-se que a confiança é proporcionada pelo conhecimento, de maneira que ele é vital no que diz respeito à fé. Sem o conhecimento de algo ou alguém não é possível depositar confiança. À medida que o discípulo de Cristo está sensível a ouvir, refletir e meditar nas palavras do Senhor é possível conhecer mais o seu Salvador e, assim, adquirir e vivenciar as certezas e convicções inabaláveis ensinadas na Bíblia. É notório que a fé está apoiada na própria revelação que Deus faz de si. Uma vez que a fé vem do Senhor, o discípulo de Cristo pode descansar nas promessas do Salvador, pois elas acontecerão em um futuro controlado por Ele.

Hebreus onze indica que a fé destaca a profundidade de uma certeza inabalável no objeto da fé, ou seja, no próprio Deus. Esse deve ser buscado, diligentemente, nas Escrituras Sagradas, lugar onde Ele se revelou, a fim de que o discípulo de Jesus tenha uma vida cristã modelar. Sayão afirma que “a compreensão da Bíblia é absolutamente fundamental para que se tenha uma igreja séria e cristãos espiritualmente saudáveis”.¹⁶

O autor da carta aos Hebreus salienta em sua definição que a fé possui um componente de mistério. Assim como nenhum conhecimento humano pode explicar a Deus em sua totalidade, a fé apresentada por Ele não pode ser completamente elucidada. Ambos estão no campo da invisibilidade e, portanto, quanto mais o ser humano os conhece mais permanecem como mistério a serem conhecidos. Vale destacar que o mistério descrito nas Escrituras Sagradas não é o desconhecido, mas o elemento que produz uma contínua atração e reverência aquilo que permanece sempre a ser conhecido. O mistério da fé sempre permanece mistério, apesar de se obter mais conhecimento sobre ele e, isso, é um dos paradoxos descritos na Bíblia.

Tal paradoxo convida o cristão a cada dia de sua vida ter um ímpeto de conhecer mais e mais esses elementos infinitos e imperecíveis. O paradoxo contido na definição de fé em Hebreus salienta verdades que ajudam o discípulo de Jesus a refletir diligentemente sobre o assunto. Quanto aos paradoxos contidos na Bíblia, Wiersbe acrescenta:

Os paradoxos atraem a nossa atenção, desafiam a nossa fé, provocam-nos a ir mais fundo em nossa reflexão e a ser mais sábios em nosso questionamento. Eles nos levam a verdades que, se agirmos com base nelas, nos auxiliarão a deixarmos a nossa infância espiritual rumo às bênçãos da maturidade cristã.¹⁷

Em síntese, a definição de fé do capítulo onze de Hebreus aponta para uma maneira de viver já possuindo o que se espera e conhecendo, em parte, realidades invisíveis que não podem ser vistas humanamente. É a fé que inspira a certeza e sustenta a esperança necessária à vida cristã. Deus presenteia o discípulo de Cristo com fé. Essa é o alicerce necessário para que o cristão possa viver de acordo com as palavras e ensinamentos do Senhor. O capítulo onze da carta aos Hebreus apresenta não só uma definição de fé aos cristãos, mas também uma exemplificação dela por meio da vida de discípulos do Senhor, como a de Abraão.

2. UMA FÉ EXEMPLIFICADA

O elaborador da carta aos Hebreus iniciou o capítulo onze apresentando uma expressiva e necessária definição de fé. Nesse capítulo, reputado como a galeria dos heróis da fé, o autor como um profícuo conhecedor da história de Israel e do Antigo Testamento destaca uma lista de exemplos de homens e mulheres deste povo que foram relevantes exemplos de indivíduos que tinham a fé necessária à sua vida com Deus e com o próximo. Além disso, aponta diversas experiências cristãs que

¹⁵ McKENZIE, 1983, p. 312.

¹⁶ SAYÃO, L. A. **Agora sim! Teologia na prática do começo ao fim**. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 61.

¹⁷ WIERSBE, W. W. **A verdade de cabeça para baixo**. Tradução de José Fernando Cristófaló. Santo André: Geográfica, 2017, p. ix.

somente ocorreram por meio da fé.

O escritor de Hebreus começa a exemplificação da fé por meio da vida de Abel (Hb 11.4). Pela fé, ofereceu um sacrifício ao Senhor mais excelente que o seu irmão Caim. A apresentação dos modelos da fé cristã inicia pela primeira família da Terra. Destaca dois irmãos que cresceram sendo ensinados sobre o Deus de seu pai, Adão. O livro de Gênesis aponta que Deus se agradou da oferta do irmão mais novo, Abel, mas não se agradou da oferta apresentada por Caim.¹⁸ Tais irmãos foram instruídos da necessidade de apresentar sacrifícios ao Senhor e, assim, estavam fazendo. O autor da carta salienta que por meio da fé o irmão mais novo oferece o sacrifício que foi aceitável a Deus. O filho mais novo de Adão tinha uma vida correta e obedeceu a maneira certa, orientada e revelada por Deus para sacrificar. Pela fé, Abel fala até hoje.

Por meio da fé, agradou a Deus um homem chamado Enoque (Hb 11.5). Esse vivia em uma sociedade perversa e de maus caminhos, mas não se deixou corromper, antes escolheu permanecer nos caminhos ensinados pelo Senhor e, assim, foi capaz de agradar a Deus. Esse o trasladou, a fim de que este seu filho não visse a morte. A fé presenteada pelo Senhor a Enoque foi capaz de alicerçá-lo nas palavras do Eterno e fazer com que a sua vida cristã pudesse ser um exemplo para muitas gerações. Em meio a uma sociedade que não acreditava em um único Deus e vivia dominada por suas pulsões pecaminosas, pela fé, Enoque escolheu se render ao Senhor e se deleitar na presença do seu Salvador.

Noé, por meio da fé proporcionada por Deus, obedeceu a uma instrução dada particularmente a ele. No tempo deste filho de Deus, a chuva ainda não havia caído na terra. No entanto, o Senhor transmite uma ordem a este justo homem, a fim de que construísse uma arca porque essa seria o lugar de salvação dele, de sua família e de alguns casais de animais. As pessoas que viviam no tempo de Noé estavam embrenhadas em pecados e distantes de Deus. Colocavam as suas vontades em primeiro lugar e não se atentavam as palavras do Criador. De maneira contrária aos seus contemporâneos, Noé era um homem tanto obediente quanto temente ao Senhor e após receber uma direta instrução divina, pela fé, obrou uma arca para a salvação de sua casa e para a condenação do seu mundo (Hb 11.7).

O autor da carta aos Hebreus expõe uma atenção especial ao denominado pai da fé, Abraão. O escritor aponta que, por meio da fé, o patriarca, sobretudo, obedeceu. Deixou a confiança da estabilidade de sua região para ir para uma terra humanamente imprevisível, de modo que colocou em primeiro lugar a palavra do seu Senhor. Vivia em Ur dos caldeus e tanto a sua parentela quanto o povo que residia próximo a ele era idólatra. Em meio a uma sociedade marcada pelo paganismo, o patriarca, pela fé, após ser convocado pelo Deus único e verdadeiro, deixa toda a sua segurança para trás e se coloca rendido à vontade do Senhor.

Pela fé, Abraão e sua mulher, Sara, passam a viver como estrangeiros e peregrinos em cidades terrenas, mas tinham em vista a concretude da promessa de uma cidade celestial não arquitetada e edificada por mãos humanas, mas pelo próprio Criador. Tal cidade é moldada pelo Senhor não apenas para o patriarca e sua mulher como também para os herdeiros da mesma promessa, isto é, os filhos de Deus.

Marido e mulher, Abraão e Sara, deixaram estruturas já estabelecidas e enfrentaram o risco do desconhecido. Foram sensíveis em ouvir as promessas de Deus e viveram na certeza de suas concretizações. A confiança deste casal estava no objeto da fé que é o Todo-Poderoso e não nas realidades visíveis e contingenciais. Assim, Isaque, o filho da promessa feita ao marido e sua mulher, nasceu, apesar da dupla apresentar idades avançadas e, ainda, Sara ser estéril.

O chamado pai da fé tinha uma certeza inabalável porque estava sustentado nas revelações do seu Salvador. O fundamento da vida cristã do patriarca não estava nas promessas, mas naquele quem havia prometido. Por isso, quando o Criador colocou a prova Abraão, esse não questiona ou

¹⁸ Este fato pode ser notado em Gênesis 4.4-5.

adia, simplesmente obedece, pela fé. Para Lopes, há cinco verdades expostas na carta aos Hebreus sobre esse patriarca: ele tinha uma fé que responde ao chamado de Deus, uma fé que se sacrifica para obedecer a Deus, uma fé que revela coragem para caminhar, uma fé que contempla a antecipação do futuro e uma fé que se apropria do milagre (Hb 11.8-17).¹⁹ Sobre Abraão, Thielman ressalta:

Ele confiou que Deus seria fiel a suas promessas, embora não pudesse, a partir de uma perspectiva humana, saber como isso aconteceria. Assim, embora ele e Sara fossem muito velhos para ter filhos, Abraão creu que Deus poderia cumprir a promessa de lhe dar muitos descendentes e esperou pacientemente que Deus lhe desse um filho. Da mesma forma, ele fez os preparativos para sacrificar o filho que Deus lhe havia dado em obediência a uma ordem divina, acreditando que Deus levantaria a criança da morte se necessário fosse, para que sua promessa fosse cumprida.²⁰

Isaque, filho da promessa, evidencia a fé quando abençoa aos seus dois filhos, Esaú, o mais velho e, Jacó, o mais novo. Deus, o soberano Senhor, havia revelado que o mais novo seria maior que o mais velho. Apesar da escolha do Senhor, Isaque desejava abençoar Esaú, o primogênito. Em um enredo conturbado pela desobediência de Isaque, mentiras de Rebeca e Jacó e troca de bênçãos espirituais por realidades materiais de Esaú, Hebreus destaca que Isaque abençoou Jacó e Esaú, ou seja, alterou a ordem, colocando-a do mais novo para o mais velho. Dessa forma, Isaque, antes vacilante, ao refletir sobre a situação, por meio da fé, creu na promessa do Senhor e a confirmou (Hb 11.20).

Jacó, o escolhido por Deus, pela fé, abençoou os filhos de José. Esse era o seu filho mais novo e com quem tinha um apreço maior. Ambos eram filhos mais novos e que haviam sido proeminentes em relação aos irmãos. Por meio da fé, Jacó, denominado posteriormente de Israel, revelou algo diferente da normalidade familiar. Indicou que o filho menor de José, Efraim, seria maior que o irmão mais velho, Manassés. Assim, pela fé, Jacó expôs uma revelação do Eterno (Hb 11.21-22).

Moisés, pela fé, preferiu estar ligado aos israelitas a estar conectado aos egípcios. Foi por meio da fé provida pelo Criador que o menino ocultado por três meses pelos seus pais decidiu não desfrutar dos tesouros do palácio e dos prazeres do pecado, antes deixou o Egito e entregou a sua vida aos desígnios do Senhor. Pela fé, Moisés celebrou a Páscoa, atravessou o mar Vermelho e libertou o seu povo da escravidão. Ele conhecia a história dos hebreus e as revelações divinas conectadas aos seus antepassados. Assim, por meio da fé, tal patriarca obedeceu ao chamado divino e permaneceu firme na palavra do Senhor (Hb 11.23-29). Olyott afirma que o Deus invisível era mais real para Moisés que o faraó do Egito.²¹

Raabe, por meio da fé, impediu que os espias fossem mortos, de maneira que os recebeu e os protegeu. Os dois israelitas anunciaram o Deus verdadeiro e tal mulher ao tomar conhecimento demonstrou confiança no Criador. Ela era uma pagã e prostituta, mas escolheu confiar, obedecer e se render à vontade de Deus. Esse, sendo o Salvador, salva Raabe e sua família (Hb 11.31). Lopes destaca que “quando a cidade foi destruída, ela foi salva, não foi destruída como os demais de Jericó e passou para a história do povo de Deus como mais um exemplo de fé”.²²

O escritor de Hebreus indica que poderia apresentar muitos outros heróis da fé, como Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas, contudo, salienta que não haveria o tempo necessário. Esses, de acordo com o elaborador da carta, pela fé, subjugarão reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguíram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra e puseram em fuga exércitos de estrangeiros, ou seja, tiveram uma vida cristã marcada pela fé.

¹⁹ LOPES, 2018.

²⁰ THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. Tradução de Rogério Portella e Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2007, p. 734.

²¹ OLYOTT, Stuart. **A carta aos Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 107-108.

²² LOPES, 2016, p. 288.

O elaborador de Hebreus destaca que, por meio da fé, situações milagrosas ocorreram, como a queda das muralhas de Jericó, a travessia do mar Vermelho e a ressurreição de mortos. Pela fé, cristãos permaneceram firmes, apesar dos sofrimentos, como torturas, escárnios, açoites, algemas, prisões, apedrejamentos, aflições, necessidades e maus tratos (Hb 11.30; 32-38). Dessa forma, a fé necessária e exemplificada pelo autor da carta aos Hebreus deve ser o modelo a ser seguido pelos discípulos de Jesus de seu tempo e, também, dos atuais, a fim de que nas suas vidas cristãs deixem qualquer instabilidade espiritual e estejam fundamentados no Eterno.

3. OS EFEITOS DA FÉ

O capítulo onze da carta aos Hebreus salienta que a fé produz dois efeitos: o bom testemunho e a capacidade de entender, em parte, o invisível. Os homens e mulheres citados como modelos da fé cristã caminharam na presença de Deus e foram obedientes, apesar das vicissitudes de suas vidas cristãs e, assim, obtiveram o bom testemunho, o primeiro efeito da fé apontado em Hebreus onze. Quanto aos heróis da fé, porque obedeceram às palavras de Deus foram abençoados e suas histórias com o Eterno ensinam até hoje. Segundo Brown, a fé é uma resposta de homens e mulheres àquilo que Deus expressa em sua Palavra.²³

Hebreus onze destaca que para aqueles que obtiveram o bom testemunho, Deus proveu não a concretização de todas as promessas, antes algo muito maior, isto é, uma pátria celestial, pois é um Eterno galardoador. De acordo com Shields, a fé levou esses indivíduos para um reino fora da experiência humana.²⁴ Quanto à pátria celestial, Guthrie salienta:

A pátria superior é imediatamente identificada como sendo celestial. É talvez surpreendente, tendo em vista este fato, descobrir que aquilo que Deus lhes preparou é descrito em termos de uma cidade, um símbolo do gênio criador do homem e especialmente da sua vida social. O que na realidade foi preparado é uma cidade ideal, da qual as cidades dos homens são as mais pálidas imitações.²⁵

Lopes afirma que a fé sempre honra a Deus e Ele, como Senhor, sempre honra àqueles que têm fé nEle e doam as suas vidas por conta do Evangelho. A fé está ligada ao bom testemunho e esse é ressaltado no capítulo onze de Hebreus por meio da história dos discípulos do Senhor da antiga aliança que escolheram crer nas palavras de um Deus invisível, mas muito real em suas vidas.²⁶

Um segundo efeito é exposto pelo autor da carta aos Hebreus em tal capítulo, o entendimento de fatos que não podem ser racionalmente esclarecidos. Nesse sentido, é necessário afirmar que o cristão não vê Jesus assentado à direita do Pai ou o reino de Deus com seus olhos humanos, mas sabe que são verdades expostas e reais, uma vez que o Deus invisível as revelou na sua Palavra. A certeza do discípulo do Senhor não está firmada naquilo que ele pode ver, antes está alicerçada na revelação apresentada pelo Senhor. À vista disso, Lopes afirma:

Fé é tomar a revelação divina, as promessas e declarações de Deus, confiar nelas e viver por elas. Fé é a certeza de coisas que se esperam e a convicção de fatos que não se veem. Deus revelou-se de maneira tão clara que ficamos firme como se estivéssemos vendo, como se pudéssemos tocar e ouvir de viva voz o nosso Deus nos falando hoje pela Escritura. Isso é fé conforme a descrição da carta aos Hebreus.²⁷

O capítulo onze de Hebreus relaciona a fé com o crer que Deus é o Criador. A revelação da criação não é uma lenda, mas um fato concreto narrado pelo Senhor e que somente está acessível aos homens e mulheres de fé. Essa está envolvida pela obra e iluminação do Espírito Santo: “pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir

²³ BROWN, Raymond. **The message of Hebrews**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1984, p. 197.

²⁴ SHIELDS, N. A. **Hebreus: nova voz, nova aliança, nova fé**. São Paulo: PES, 2017, p. 104.

²⁵ GUTHRIE, Donald. **Hebreus: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 220.

²⁶ LOPES, 2018, p. 251.

²⁷ LOPES, 2016, p. 246.

das coisas que não aparecem” (Hb 11.3). Ao comentar esse verso, Guthrie ressalta:

Ao contemplar a origem do mundo observável da natureza, o escritor reconhece a necessidade de um salto da fé. Se a explicação fosse restrita a fenômenos que podem ser testados nenhuma fé seria necessária. O invisível seria automaticamente excluído, porque somente as coisas que podem ser vistas seriam consideradas como dados válidos. Mas as palavras ‘pela fé entendemos’ demonstram que o conhecimento não é independente da fé. Esta declaração tem alguma aplicação ao conceito científico do mundo. A ciência não poderia rejeitar a ideia de que o universo foi formado pela palavra de Deus, porque este conceito não depende de uma avaliação científica dos fatos ‘vistos’. O escritor reconhece que a aceitação de um ato criador especialmente de Deus é possível somente a fé. O interesse que Deus tem na fé dos indivíduos é condicionado pelo Seu propósito na criação. Se a fé é exercida pelos homens na terra, deve dizer respeito ao fato que tudo quanto existe na terra está sob o controle de Deus.²⁸

Lightfoot afirma que por trás de tudo existe um Deus invisível com uma força invisível que não está sujeito a quaisquer investigações científicas.²⁹ O cristão, por meio da fé, crê que o Universo foi formado pelo poder da palavra do Senhor.³⁰ Assim, o discípulo de Jesus crê em tudo que o Senhor revelou de si mesmo e vivencia os mistérios da fé apresentada pelo insondável e intangível Senhor.³¹

De acordo com Swindoll, o pensamento verdadeiramente iluminado fundamenta a verdade de que Deus não apenas existe, mas também governa a criação, de maneira que o viver a partir dessa lente aponta um mundo menos assustador.³² Por fim, os filhos de Deus são aqueles que diante do futuro, do invisível e das realidades sem entendimento racionais, como a criação e a vida eterna, sabem como aconteceu e como acontecerá, porque o Senhor revelou por meio de sua Palavra e isso traz o segundo efeito da fé exposto em Hebreus onze: a capacidade de entender, em parte, o invisível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a fé possui um lugar especial nas Escrituras Sagradas, uma vez que tanto para se relacionar com o Senhor quanto para agradá-lo é necessário o cristão possuí-la (Hb 11.6). A fé é um elemento primordial na vida do discípulo de Jesus, uma vez que ela traz as certezas e convicções necessárias à caminhada cristã, de modo que o filho de Deus é capacitado a conhecer e confiar em toda a Palavra de Deus e, assim, obedecê-la.

O texto sagrado, inspirado pelo Espírito Santo, é capaz de conduzir o filho de Deus a estar em conformidade com a vontade do Eterno e, assim, oferecer um bom testemunho em obediência ao Senhor. Salienta-se que para conhecer a vontade de alguém é necessário conhecê-lo. Nesse sentido, para Frame o que mais leva alguém a conhecer a vontade do Senhor é uma profunda experiência com a Escritura, uma vez que nela se encontra o próprio Deus.³³

Em suma, o capítulo onze de Hebreus traz uma notável definição de fé, uma significativa exemplificação de fé e uma essencial exposição de seus efeitos. Hebreus onze, de fato, demonstra a fé apresentada pelo Senhor e necessária para toda a vida cristã. Por fim, os denominados heróis da fé, os discípulos de Jesus destinatários da carta aos Hebreus e, também, os cristãos hodiernos, possuem algo em comum: nenhum deles contemplaram todas as promessas do Senhor, mas pela fé todos serão conduzidos a vivenciarem as suas concretizações.

²⁸ GUTHRIE, 1984, p. 213.

²⁹ LIGHTFOOT, N. R. **Hebreus**. São Paulo: Vida Cristã, 1981, p. 250.

³⁰ Isso pode ser notado em Hebreus 11.3.

³¹ Ressalta-se que Hebreus 11.3 é oposição ao pensamento greco-romano na época da escrita de Hebreus. Tal carta contrasta com o pensar greco-romano de que a matéria vista no mundo era eterna e originada por uma matéria invisível. Hebreus 11.3 destaca que Deus criou todas as coisas do nada e por meio de sua palavra.

³² SWINDOLL, C. R. **Abraão**: um homem obediente e destemido. Tradução de Emirson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 16.

³³ FRAME, John. **Spiritual formation**. Philadelphia: Westminster Press, 1981, p. 221.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BROWN, Raymond. **The message of Hebrews**. Downers Grove: Intervarsity Press, 1984.

CODINA, V. S. J. Fe y Discipulado. **Theologica Xaveriana**. Colombia. v. 57, n. 161, enero-marzo/2007, p. 175-183.

DEVER, Mark. **A mensagem do Novo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

FRAME, John. **Spiritual formation**. Philadelphia: Westminster Press, 1981.

GUTHRIE, Donald. **Hebreus: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984.

LIGHTFOOT, N. R. **Hebreus**. São Paulo: Vida Cristã, 1981.

LOPES, A. N. **Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

LOPES, H.D. **Hebreus: a superioridade de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2018.

MAUERHOFER, Erich. **Uma Introdução aos Escritos do NT**. Tradução por Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010.

MCKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico**. Traduzido por Álvaro Cunha et al. São Paulo: Paulus, 1983.

OLYOTT, Stuart. **A carta aos Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

SAYÃO, L. A. **Agora sim! Teologia na prática do começo ao fim**. São Paulo: Hagnos, 2012.

SHIELDS, N. A. **Hebreus: nova voz, nova aliança, nova fé**. São Paulo: PES, 2017.

SWINDOLL, C. R. **Abraão: um homem obediente e destemido**. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

TAYLOR, R. S.; GRIDER, J. K.; TAYLOR, W. H. **Beacon dicionário de Teologia**. Missouri: Beacon Hill Press, 1984.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética**. Tradução de Rogério Portella e Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2007.

VASCONCELLOS, P. L. **Como ler a carta aos Hebreus**. São Paulo: Paulus, 2008.

WIERSBE, W. W. **A verdade de cabeça para baixo**. Tradução de José Fernando Cristófal. Santo André: Geográfica, 2017.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

EPISTEMOLOGÍA Y TEOLOGÍA CRISTIANA

Christian Epistemology and Theology

Dr. Juan José Pérez¹

RESUMEN

El teísmo cristiano no niega el papel, ni de los sentidos, ni de la razón para obtener conocimiento. Todo lo contrario. Por un lado, reconoce que Dios ha delegado al ser humano la tarea de conocer los secretos naturales del universo a través de la observación empírica y la experimentación. Por otro lado, reconoce el papel de la razón a la hora de intuir verdades éticas que vienen escritas en nuestros corazones. Pero la Escritura también resalta que hay verdades trascendentales que van más allá de lo que nuestros sentidos pueden percibir y de lo que nuestra razón puede concebir. Además, subraya los efectos noéticos del pecado que llevan al ser humano a suprimir y cambiar de manera injusta la verdad de Dios por la mentira. Esas razones hacen necesario entonces una tercera fuente epistemológica que guíe la razón y los sentidos en sus conclusiones. A esa tercera fuente epistemológica es conocida como REVELACIÓN, la cual llega a su clímax en la persona y la obra de Jesucristo, el Hijo de Dios.

Palabras-clave: Teología. Epistemología. Revelación. Cristianismo.

ABSTRACT

Christian theism is not about paper, not about the senses, not about the reason for obtaining knowledge. Quite the contrary. On the one hand, it recognizes that God has delegated to human beings the task of knowing the natural secrets of the universe through empirical observation and experimentation. On the other hand, recognize the role of reason at the time of intuiting ethical truths that have been written in our hearts. But Scripture also emphasizes that there are transcendental

¹ Nascio em Santiago, Republica Dominicana. Tiene Maestría em Bíblia por el Reformed Baptist Seminary (California), Maestría em Divindad en la Pontificia Universidad Católica Madre y candidato de PhD en el Southern Baptist School (Santo Domingo / RD). Es decano y profesor en la Academia Ministerial de la Gracia y enseña teología UNEV. E-mail: jjperez.ibg@gmail.com

truths that go beyond what our senses can perceive and what our reason can conceive. In addition, subvert the noetic effects of sin that lead human beings to suppress and unfairly exchange the truth of God for the lie. These reasons make it necessary then a third epistemological source that guides the reason and the senses in its conclusions. This third epistemological source is known as REVELACIÓN, which reaches its climax in the persona and work of Jesus Christ, el Son of God.

Keywords: Theology. Epistemology. Revelation. Christianity.

La historia del pensamiento cristiano es el testimonio del esfuerzo humano por comprender y esclarecer las implicaciones de la autorrevelación de Dios en el hombre Jesucristo (Justo González).²

INTRODUCCIÓN

- Sobrina: ¿Hay un Dios?
- Tío: Bueno... no lo sé.
- Sobrina: Solo dímelo.
- Tío: Te lo diría si lo supiera, pero nadie lo sabe.
- Sobrina: Roberta lo sabe.
- Tío: No, Roberta tiene fe y eso es algo grandioso, pero tiene que ver con lo que piensas y sientes, no con lo que sabes.
- Sobrina: ¿Y qué de Jesús?
- Tío: Amo a ese sujeto, haz lo que Él dice.
- Sobrina: Pero, ¿es Él Dios?
- Tío: No lo sé. Tengo una opinión, pero es mi opinión, y podría estar equivocada. ¿Para qué estropear la tuya? Usa tu cabeza, y no tengas miedo de creer cosas tampoco.
- Sobrina: Bueno, había un tipo en tv que decía que no hay Dios.
- Tío: La única diferencia entre ese ateo en tv y Roberta es que ella te ama y quiere ayudar. Te diré algo más: Al final, todos estaremos juntos. Es eso lo que quieres saber, ¿no?
- Sobrina: Sí.
- Tío: Ok. Encuentra otra cosa de que preocuparte.

La teología cristiana puede resumirse en la siguiente frase: “Jesús es el Hijo de Dios”. La pregunta que deberíamos responder sobre esta declaración es la siguiente: ¿Eso es algo que creemos y sentimos, o es algo que sabemos? Para poder responder a esta pregunta, es necesario entrar en el campo de la epistemología. La epistemología puede ser definida como la ciencia que estudia el origen, la naturaleza, los métodos y los límites del conocimiento.³ En términos sencillos, “es la ciencia que responde a la pregunta: ¿cómo lo sabes?”.⁴ Ahora bien, ¿qué es el conocimiento? ¿Cómo se obtiene? ¿Qué relación tiene esto con la teología cristiana?

Con relación al origen, una teoría del conocimiento puede ser rastreada en el intento de Platón en su diálogo *Theaetetus* de distinguir “opinión” de “conocimiento”. La intensa discusión que fue generada por esta distinción ha llevado a un estable consenso de que el conocimiento puede ser legítimamente definido como “creencia garantizada”.⁵ Con respecto a la manera de obtener conocimiento, se han planteado al menos tres tipos generales de epistemología a lo largo de la historia de la filosofía, las cuales han ejercido influencia sobre el pensamiento cristiano y el no cristiano por igual.

² GONZÁLEZ, Justo. **Historia del pensamiento cristiano**. Barcelona: CLIE, 2010, p. 31.

³ Normalmente la filosofía se divide en tres áreas: Ontología (estudio del ser), epistemología (estudio del conocimiento) y ética (estudio del comportamiento).

⁴ RAMSAY, Richard. **Certeza de fe**. Barcelona: Flet y CLIE, 2006, p. 36.

⁵ MCGRANTH, Alister. **A scientific theology**: Reality. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 3.

Primero, *el racionalismo* o apriorismo, cuyas bases fueron puestas por René Descartes. Según esta filosofía, el conocimiento se basa, no en la experiencia sensorial, sino en la mente humana y en sus habilidades lógicas para conceptualizar la verdadera filosofía.⁶ Dicho de otro modo, “el ser humano debe mirar dentro de la mente como fuente de la verdad”.⁷ Algunos de los más prominentes racionalistas fueron: Descartes, Spinoza y Leibniz.

Segundo, *el empirismo*, que surgió como una reacción al racionalismo y se originó en filósofos ingleses como John Locke. Según esta filosofía, el ser humano no viene al mundo con ideas innatas, sino que viene como una hoja en blanco,⁸ por tanto, el conocimiento se obtiene por medio de la experiencia sensorial o de los sentidos.⁹ Algunos de los más prominentes empiristas fueron: Locke, David Hume e incluso cristianos, como fue el caso del apologeta George Berkeley.

Tercero, *el kantianismo*, que se originó en Emanuel Kant. Esta filosofía tomó de las dos filosofías anteriores, diciendo que el conocimiento es fruto de la síntesis entre ideas (lo cual viene a priori y no se deduce de los sentidos) y experiencias (que viene a posteriori y se obtiene a través de los sentidos).¹⁰ El kantianismo, tratando de sacar del hoyo al empirismo de Hume, argumenta que la experiencia, los valores y el significado mismo de la vida serán completamente subjetivos sin haber sido primero subsumidos a la razón pura, y que usar la razón sin aplicarla a la experiencia, nos llevará inevitablemente a ilusiones teóricas.¹¹

Además de estos tres tipos de epistemología, hay una cuarta forma de abordar este tema y es a lo que el teólogo John Frame ha llamado *el Subjetivismo*, es decir, “la opinión de que no existe una verdad ‘objetiva’, sino sólo una verdad ‘para’ el sujeto que conoce, verificada por criterios internos al sujeto”.¹²

Sin embargo, la pregunta que nos atañe en este escrito es la siguiente: ¿Cómo se relaciona la epistemología con la teología cristiana? ¿Qué tipo de epistemología se necesita para su desarrollo? De eso se trata este artículo.

1. TESTIMONIO BÍBLICO

El Dr. Samuel E Waldrom, define la teología de la siguiente forma: “Es la ciencia que estudia a Dios y sus relaciones con el universo, tal como Él se ha revelado a Sí mismo para nuestro conocimiento y Su alabanza, para Su gloria y nuestra salvación”.¹³ Esta definición presupone, no solo que Dios existe, sino también que debe haber un medio de comunicación en el cual ese conocimiento sea traído a la mente.¹⁴ La implicación de esto es que, así como cada ciencia tiene su metodología epistemológica, la cual está determinada por el carácter del objeto en investigación, la teología debe también asumir o presuponer una doctrina de como conocemos a Dios. Sobre esto dice Alister McGrath:

Así como las ciencias naturales desarrollan un vocabulario distintivo, conjunto de entidades y construcciones hipotéticas para representar los niveles de realidad que encuentran, así la teología cristiana ha evolucionado en su propia terminología característica, modelos y conceptualizadas para representar la realidad que se encuentra y revela en Jesucristo”.¹⁵

La pregunta básica es entonces la siguiente: ¿Cuál es la metodología epistemológica requerida para construir la teología cristiana? En 1 Corintios 2.9-10, leemos lo siguiente: “sino como está escrito:

⁶ DELLUTRI, Salvador. *La aventura del pensamiento*. Miami: FLET y UNILIT, 2002, p.127-132.

⁷ WALDROM, Samuel. *Apologetics*. Clases impartidas y archivadas en el Reformed Baptist Seminary, p. 59

⁸ WALDROM, p. 60.

⁹ DELLUTRI, 2002, p. 132-136.

¹⁰ DELLUTRI, 2002, p. 137-139.

¹¹ WALDROM, p. 63.

¹² FRAME, John. *Epistemological perspectives and evangelical apologetics*. Artículo escrito por John Frame el 17 de Mayo del 2012. Disponible en <https://frame-poythress.org/epistemological-perspectives-and-evangelical-apologetics>

¹³ WALDROM, p. 15.

¹⁴ BERKHOF, Luís. *Introducción a la Teología Sistemática*. Grand Rapids: Editorial Desafío, 2002, p. 36.

¹⁵ MCGRANTH, 2002, p. 4.

‘Cosas que ojo no vio, ni oído oyó, ni han entrado al corazón del hombre, son las cosas que Dios ha preparado para los que le aman’. Pero Dios nos las reveló por medio del Espíritu, porque el Espíritu todo lo escudriña, aun las profundidades de Dios”. Tres cosas se resaltan en este texto:

Primero, la frase “cosas que ojo no vio, ni oído oyó” presupone que hay cosas que se llegan a conocer de manera empírica, es decir, por medio de los sentidos o experiencia sensorial. Según el testimonio Bíblico, esta forma de llegar a conocer aplica al estudio de las ciencias naturales, las cuales estudian eventos que se repiten una y otra vez de la misma forma en la naturaleza. Fue en base a la observación que Salomón hizo varias declaraciones relacionadas a los ciclos de la naturaleza (Ecl. 1.5-7). Pero esta forma de llegar a conocer también aplica al estudio de la ciencia histórica, la cual estudia eventos irrepetibles ocurridos en el tiempo y en el espacio y que dependen de testigos que han visto y oído las cosas que narran (1Jn. 1.1-3). Y en vista de que Dios se ha revelado por medio de la naturaleza (Sal. 8.3; 19:1-6; Rom. 1.20) y de la historia (Gal. 4.4; Heb. 1.1-3), esta metodología no puede ser descartada a la hora de construir una teología completa sobre el Dios de la Biblia.

Segundo, la frase “Ni han entrado al corazón del hombre” presupone que hay cosas que se llegan a conocer de manera racional o por medio de la intuición y sin ningún tipo de experimentación sensorial. Según el testimonio Bíblico, hay cosas que el ser humano sabe sin necesidad de un estudio empírico. Por ejemplo, al contemplarse y estudiarse a sí mismo, el ser humano puede lógicamente llegar a la conclusión de que hay “alguien” ahí que explique nuestra existencia y personalidad, alguien que debe ser buscado, aunque sea a tientas (Hch. 17.25-28). A esto Calvino le llamó el “sensus divinitatis”.¹⁶ De ahí que Calvino expresó que “nadie se puede contemplarse a sí mismo sin que al momento se sienta impulsado a la consideración de Dios, en el cual vive y se mueve”.¹⁷ En esa misma línea de la introspección o intuición, según Romanos 2.14-15, hay cosas relacionadas a la ética y a los principios de conducta exigidos en la ley de Dios que aún los paganos que no tienen ley reconocen. Pablo nos dice allí que los gentiles que no tienen revelación divina se comportan instintivamente como si tuviesen una ley, pues ellos “son una ley para sí mismos”. De hecho, ellos actúan como si fuesen confrontados por una ley interna, la cual les acusa o defiende en sus razonamientos a través de la conciencia. Por esa razón, esta metodología tampoco debe ser descartada a la hora de construir una teología, pues como el mismo Pablo dice en Romanos 1.28-32, aun los paganos conocen el decreto de Dios que une el pecado con la muerte.

Tercero, la frase “Pero Dios nos las reveló por medio del Espíritu” presupone que hay cosas que no pueden ser conocidas, ni de manera empírica, ni a través de un proceso de racionalización e introspección, simple y sencillamente porque pertenece a un plano espiritual o sobrenatural, al cual Pablo se refiere como “las profundidades de Dios” (v.10), “los pensamientos de Dios” (v.11), “las cosas del Espíritu de Dios” (v.14) y “la mente del Señor” (v.16). Sobre esto comenta el pastor Sugel Michelén:

¿Cuáles son estas cosas, que no pueden ser conocidas a través de la observación, la razón o la meditación? Las verdades que pertenecen al reino espiritual. Pablo se refiere aquí a verdades espirituales; las bendiciones que Dios ha reservado para Su pueblo. Pero si estas cosas no pueden ser percibidas por los cinco sentidos, ni pueden ser descubiertas a través de un proceso de razonamiento, o a través de la meditación o la reflexión, ¿cómo podemos, entonces, conocerlas? Dios ha revelado ciertas cosas a los hombres que de otro modo no hubiesen podido ser conocidas. Es a este proceso que llamamos revelación.¹⁸

Pero todo esto levanta una pregunta: ¿Por qué se necesita una revelación adicional para conocer a Dios? ¿Por qué la observación y la intuición no son suficientes? Por dos razones: En primer lugar, debido al objeto de estudio: Dios. Dicho de otro modo, en vista de que Dios es un Ser sobrenatural, entonces se necesita algo más que pensar de manera introspectiva o que un estudio de la naturaleza

¹⁶ Es un término acuñado por el famoso teólogo francés Juan Calvino para describir lo que él y muchos otros han considerado como una especie de “sexto sentido” innato al ser humano: el conocimiento de Dios.

¹⁷ CALVINO, Juan. **Institución de la religión cristiana**: Libro I. Países Bajos: FeLiRé, 1986, p. 3.

¹⁸ MICHELÉN, Sugel. **Doctrina de las Escrituras**. Clases impartidas y archivadas en la Academia Ministerial Logos, p. 5.

para conocerle; se necesita también que Él revele o dé a conocer de manera sobrenatural Su Ser y Su voluntad. De ahí que Zofar dijo a Job: “¿Descubrirás tú las profundidades de Dios? ¿Descubrirás los límites del Todopoderoso? Altos son como los cielos; ¿qué harás tú? Más profundos son que el Seol; ¿qué puedes tú saber?” (Job 11.7-8). Y en otro lugar Dios dijo a través del profeta: “Porque *como* los cielos son más altos que la tierra, así mis caminos son más altos que vuestros caminos, y mis pensamientos más que vuestros pensamientos” (Isa. 55.9). En segundo lugar, la revelación es necesaria debido al pecado. En Romanos 8.7 Pablo dice que la mente puesta en la carne es enemiga de Dios, y esa es la razón por la que, según Romanos 1, a pesar de la claridad del testimonio de Dios en la naturaleza y en la conciencia y de que en un sentido los hombres “conocieron a Dios”, el ser humano tiende a retener injustamente dentro de sí lo que es evidente (Rom. 1.18-20) y a la hora de construir un razonamiento filosófico, prefiere cambiar la verdad por una mentira (Rom. 1.23,25-27).

La realidad es entonces que el racionalismo puro no puede llevar a Dios. Descartes admitió la existencia de Dios, pero su racionalismo lo llevó, no al Dios de la Biblia, sino a al dios de la filosofía, uno que se ajuste a la razón humana, creado a su imagen y semejanza. El empirismo puro tampoco no puede llevar a Dios. El empirismo de Loke lo llevó a admitir la existencia de Dios, pero el distante del deísmo, no el cercano del teísmo. Y basado en esta misma filosofía, David Hume negaba las realidades espirituales debido a que no son un asunto de experiencia empírica (no pueden ser probadas). En vista de lo ya expuesto, dice Calvino, “es necesario entonces que haya otro medio, y más apto, que derechamente nos encamine y haga conocer a quien es Creador del universo. Por lo cual, no sin causa, Dios añadió la luz de su Palabra, a fin de que para nuestra salvación le conociéramos”.¹⁹

Podemos resumir entonces el testimonio Bíblico sobre la epistemología y la teología de la siguiente forma: Primero, en vista de que Dios es sobrenatural y nosotros somos seres finitos y pecadores, se requirió que Él se revelara sobrenaturalmente a nosotros, dándonos a conocer así Su Ser y Sus propósitos salvadores. Esa revelación hoy está preservada en las Sagradas Escrituras. Segundo, en vista de que la revelación de Dios está enraizada en la naturaleza y en la historia, se requirió y se requiere de nuestra parte el uso de los sentidos para recibirla. Tercero, en vista de que esa revelación debe ser entendida, requiere de nuestro entendimiento y sentido común para darle una explicación racional que nos lleve a creerla y aceptarla. En palabras de John Frame, estos tres métodos epistemológicos se correlacionan con las tres fuentes de la revelación divina afirmadas en las Escrituras y la teología cristiana: Las Escrituras, la naturaleza y la personalidad humana (la imagen de Dios).²⁰

2. DOCTRINA BÍBLICA

La enseñanza tradicional de la iglesia a través de los siglos con relación a como llegamos a conocer a Dios y Sus relaciones con el universo puede resumirse así: Dios decidió revelarse a nosotros de varias formas: Por la observación de la naturaleza, por la contemplación propia y por medio de palabras dadas a un pueblo y puestas por escrito. Por eso los escolásticos de la edad media hablaron de la fe (el ámbito de la teología) y la razón (el ámbito de la filosofía).²¹ Juan Calvino habló del sentido de la divinidad que está en el ser humano y que se confirma por la creación y la revelación de Dios en la Biblia.²² Mas adelante, los teólogos de Princeton hablaron de la razón o naturaleza y de la revelación.²³ John Frame, por su parte, habla de Dios revelándose o dándose a conocer a través de eventos (de la naturaleza y de la historia), de palabras y de personas. En fin, la enseñanza de la iglesia acerca de cómo llegamos a conocer a Dios puede resumirse en las siguientes palabras contenidas en la Confesión de Fe de Westminster:

¹⁹ CALVINO, 1986, p. 26.

²⁰ FRAME, 2012.

²¹ Para más detalles, ver AQUINO, Tomás. **Introduction to St. Thomas Aquina**. New York: Modern Library College, 1948, p. 23-24.

²² CALVINO, 1986, p. 13, 26.

²³ Para más detalles, ver WARFIELD, B. B. **Studies in Theology**. Grand Rapids: Baker Books, 1981, p. 7, 63, 69, 74.

Aunque la luz de la naturaleza y las obras de creación y de providencia manifiestan la bondad, sabiduría, y poder de Dios de tal manera que los hombres quedan sin excusa, sin embargo, no son suficientes para dar aquel conocimiento de Dios y de su voluntad que es necesario para la salvación; por lo que le agradó a Dios en varios tiempos y de diversas maneras revelarse a sí mismo y declarar su voluntad a su Iglesia; y además, para conservar y propagar mejor la verdad y para el mayor consuelo y establecimiento de la Iglesia contra la corrupción de la carne, malicia de Satanás y del mundo, le agradó dejar esa revelación por escrito, por todo lo cual las Santas Escrituras son muy necesarias, y tanto más cuanto que han cesado ya los modos anteriores por los cuales Dios reveló su voluntad a su Iglesia.²⁴

3. PLANTEAMIENTO DEL PROBLEMA

Los intentos de tratar de explicar la verdad y los grandes misterios del universo sin una revelación divina no es algo nuevo. La filosofía griega surgió precisamente para tratar de responder a las grandes interrogantes de la vida a través de una explicación más racionalista y sin apelar a una revelación sobrenatural. Platón, por ejemplo, apeló al mundo de las ideas. Y Aristóteles, aunque se puede catalogar como un racionalista, formuló una teoría del conocimiento desde una perspectiva empirista.²⁵

Tales tendencias influyeron claramente en grandes pensadores de la edad media, como Anselmo y Tomás de Aquino, quienes trataron de construir una teología cristiana a partir de la pura razón y la evidencia empírica, aunque sin descartar la revelación. En la era moderna, con el auge del racionalismo y el empirismo que trajo la ilustración, se comenzó a dudar, e incluso a descartar, la noción de lo sobrenatural y de manera particular, del Dios de la Biblia. David Hume, por ejemplo, negaba las realidades espirituales debido a que estas no pueden ser probadas de manera empírica.²⁶ Y Kant, con su teoría de que la experiencia debe ser sujeta a la pura razón y que usar la razón sin la experiencia llevará a ilusiones teóricas, terminó con un escepticismo tal, que rechazó la idea de Dios. Y con el auge de la ciencia moderna, prácticamente se ha llegado a la conclusión de que de lo único de lo que podemos estar seguros es de lo que podemos ver y tocar. Max Planck, por ejemplo, expresa: “La experimentación es el único método del conocimiento a nuestra disposición. El resto es poesía, imaginación”.²⁷ No debería extrañarnos entonces que el naturalismo filosófico, basado sólo en la experiencia sensorial o la observación del mundo natural, concluye de manera circular que no existe el mundo sobrenatural y, por tanto, tampoco la revelación.

En resumen, debido a tales teorías y a través de los años, el pensamiento fue pasado de una época en la que se veía como inconcebible negar la existencia de Dios a una época en la que se comenzó a considerar como plausible o pensable el no creer en Dios. Finalmente nos ha tocado vivir en una era donde no pocos piensan que es inevitable el no creer en Dios.²⁸ Como resultado, muchos se oponen al concepto de una revelación divina como base epistemológica para construir una teología verdadera.

4. LA DEFENSA

Son muchas las cosas que podrían decirse desde una perspectiva del teísmo cristiano y en su defensa, sin embargo, me limitaré a tres cosas:

PRIMERO, el rechazo de una revelación divina a partir del puro racionalismo y del puro empirismo es un razonamiento circular e inconsistente. Decimos que es circular porque, por un lado, el racionalismo debe defender su racionalismo apelando a la razón. Y, por otro lado, si preguntamos a un científico naturalista cuáles son sus bases para defender la postura de que lo único real es lo que

²⁴ CONFESIÓN de Fe de Westminster. Capítulo 1, párrafo 1.

²⁵ DELUTRI, 2002, p. 51.

²⁶ WALDROM, p. 62.

²⁷ Citado por MCGRANTH, 2022, p. 14.

²⁸ MOHLER, Albert. *Atheism remix*. Wheaton: Crossway Books, 2008, p. 30.

se puede verificar empíricamente, apelará a su empirismo, lo cual es un problema, ya que no podrá verificar tal reclamo con el empirismo de la ciencia moderna. En consecuencia, tanto el racionalismo como el empirismo, ambas son presuposiciones filosóficas.²⁹

Ahora bien, con esto no queremos sugerir que todo razonamiento circular es inválido. Siempre será necesario razonar de manera circular cuando se trata de defender las bases epistemológicas de cualquier sistema filosófico. El problema radica en que lo circular de tales razonamientos no les permite ver sus propias limitaciones ni el papel que juegan sus propias presuposiciones. Algunas preguntas interesantes que podríamos hacer a un racionalista y a un empirista serían: Si existe un ser sobrenatural o trascendental, ¿crees que la razón pura podría llegar a conocerlo y comprenderlo del todo? ¿Qué te hace pensar que tus presuposiciones racionalistas no limitan tu manera de razonar? Si existe un Ser sobrenatural que trasciende en el tiempo y en el espacio, ¿sería el empirismo la epistemología apropiada para estudiarlo? ¿Puedes probar empíricamente que no hay Dios? ¿Has estado en todo lugar del universo para llegar a esa conclusión? ¿Has existido desde la eternidad? ¿Qué te hace pensar que tus presuposiciones naturalistas no limitan tu forma de interpretar las evidencias? Estas preguntas y otras más revelan la inconsistencia de pensar que por la pura razón se puede llegar a sondearse a un Ser que va más allá de nuestros límites, o que por medio de la pura observación de la naturaleza podemos llegar a conocer del todo a un Ser que, como Creador, trasciende a las leyes naturales.

El teísmo cristiano, en cambio, a partir de sus presuposiciones, propone que Dios nos ha dado sentidos para observar y una mente para razonar e interpretar lo que vemos, por tanto, reconoce la experiencia y la razón como medios legítimos para obtener información y llegar a la verdad. Pero, debido a que reconoce la existencia de un Ser sobrenatural que trasciende a los límites de nuestra mente y de las leyes naturales, reconoce los límites de la razón y la experiencia sensorial (1 Cor. 2.9-10). Ahora bien, ¿es este razonamiento circular? Sí, como todo razonamiento que defiende sus bases epistemológicas. ¿Es inconsistente? Solo para aquellos que presuponen que no existe en mundo sobrenatural, algo que no pueden probar. ¿Contradice los métodos mencionados para obtener información? No, simplemente los complementa porque reconoce los límites, sobre todo cuando se trata de conocer a un Ser sobrenatural.

SEGUNDO, la teología cristiana trata con verdades reveladas en la historia de un pueblo y, por tanto, son verificables empíricamente. En Filipenses 1:7 Pablo dice: “Es justo que yo sienta esto acerca de todos vosotros, porque os llevo en el corazón, pues tanto en mis prisiones como en la defensa y confirmación del evangelio, todos vosotros sois participantes conmigo de la gracia” (Fil. 1.7). La palabra griega que se traduce como “confirmación” y que acompaña a la palabra “defensa” es *βεβαιώσει* e indica que las verdades del evangelio pueden ser sujetas a verificación. ¿Por qué? Porque el proceso de la revelación no debe ser visto únicamente como Dios comunicando ciertos pensamientos abstractos a nuestra mente, sino también como Dios hablando y actuando en la historia. En palabras del pastor Sugel Michelén, “El cristianismo es mucho más que una filosofía o una manera de vivir, o incluso un conjunto de ideas acerca de Dios. El cristianismo está fundado sobre las acciones que Dios ha tomado tanto en la creación como en la redención”.³⁰

Para explicar con colores el planteamiento, tomaremos la declaración inicial de este artículo: “Jesucristo es el Hijo de Dios”. ¿Está esta declaración sujeta a verificación? En 2 Pedro 1.16-18 leemos:

¹⁶ Porque cuando os dimos a conocer el poder y la venida de nuestro Señor Jesucristo, no seguimos fábulas ingeniosamente inventadas, sino que fuimos testigos oculares de su majestad.¹⁷ Pues cuando Él recibió honor y gloria de Dios Padre, la majestuosa Gloria le hizo esta declaración: Este es mi Hijo amado en quien me he complacido;¹⁸ y nosotros mismos escuchamos esta declaración, hecha desde el cielo cuando estábamos con Él en

²⁹ Ver por MCDOWELL, Josh; MCDOWELL, Sean. **Evidencia de la Resurrección**: lo que significa para su relación con Dios. Florida: Patts, 2010, p. 169.

³⁰ MICHELÉN, p. 7.

el monte santo.

Según Pedro, el Jesús poderoso que él y los apóstoles nos dieron a conocer no se basó en mitos ni fábulas plagiados de otras culturas, como muchos hoy creen sin ningún tipo de verificación histórica, sino que se basó en lo que ellos mismos vieron y oyeron. Y esta declaración no es única en el Nuevo Testamento. Los hechos del evangelio fueron transmitidos por testigos oculares (Luc. 1.2). Los milagros de Jesús fueron hechos en presencia de sus discípulos (Jn. 20.30), incluso de sus enemigos (Hch. 2.22). Los apóstoles fueron testigos de la resurrección, junto a 500 personas más (Hch. 2.32; 1 Cor. 15.5-8). Y el apóstol Juan vuelve a resaltar la experiencia sensorial con Jesús al decir que transmitieron y escribieron lo que ellos vieron, oyeron y tocaron (1 Jn. 1.1-3). Esto no es mitología, es historia.

TERCERO, la teología cristiana trata con verdades, no sólo verificables, sino también razonables. En 1 Pedro 3.15 Pedro dice: “sino santificad a Cristo como Señor en vuestros corazones, *estando* siempre preparados para presentar defensa ante todo el que os demande razón de la esperanza que hay en vosotros, pero *hacedlo* con mansedumbre y reverencia”. Según Pedro, la esperanza cristiana no sólo está basada en eventos históricos, como lo es la resurrección de Cristo, sino que también puede ser razonada.

Una forma de explicar esto es conectándolo con el argumento anterior. Muchos vieron y oyeron a Jesús. ¿Cuál fue el razonamiento de ellos al exponerse a Sus discursos? Cuando Jesús habló a los samaritanos, ellos dijeron: “Ya no creemos por lo que tú has dicho, porque nosotros mismos *le* hemos oído, y sabemos que este es en verdad el Salvador del mundo” (Jn. 4.42). Lo mismo sucedió con los alguaciles del templo cuando fueron enviados para arrestar a Jesús: “¡Jamás hombre alguno ha hablado como este hombre habla!” (Jn. 7.46). Ellos escucharon a Jesús y dentro de ellos simplemente supieron que ninguna personalidad, ni en la religión ni en la filosofía había hablado con una autoridad así (Mat. 7.28-29). Y en esa misma línea, ¿cuál fue el razonamiento de ellos al ser testigos de Sus obras? Estas fueron las palabras de un testigo: “Rabí, sabemos que has venido de Dios como maestro, porque nadie puede hacer las señales que tú haces si Dios no está con él”. Y una multitud que fue testigo de una de Sus muchas señales, dijo: “Estas no son palabras de un endemoniado. ¿Puede acaso un demonio abrir los ojos de los ciegos?”. ¿Qué es esto, sino el sentido común funcionando de manera apropiada? La revelación en palabras y hechos de Jesús no sólo fue evidente, sino también razonable. De ahí que Justo González comenta: “En el caso de las verdades inaccesibles a la razón, esta juega un papel en la labor teológica, pues, una vez conocidas tales verdades por revelación divina, la razón se ocupa de mostrar su compatibilidad con otras verdades”.³¹

CONCLUSIÓN

El teísmo cristiano no niega el papel de los sentidos ni de la razón para obtener información sobre Dios y construir una teología. El punto es que, un Ser trascendental o sobrenatural, por definición, va más allá de lo que la razón finita y caída puede concebir y no está limitado por el tiempo ni el espacio. Por tanto, se requiere una fuente sobrenatural de información para conocerlo, que guíe la razón y los sentidos en sus conclusiones. En palabras de Richard Ramsay: “Podemos llegar a creer en Dios a través de la naturaleza y el uso de la razón, pero tenemos que leer la Biblia y ejercer fe para creer en la Trinidad”.³² Esa es la razón por la que la fe en la Biblia no es un salto al vacío ni un suicidio intelectual, sino “un culto racional” (Rom. 12.1).

REFERENCIAS

AQUINO, Tomás. **Introduction to St. Thomas Aquina**. New York: Modern Library College, 1948.

³¹ GONZÁLEZ, 2010, p. 31.

³² RAMSAY, Richard. **Integridad intelectual**. Barcelona: Clie, 2005, p. 11.

BERKHOF, Luís. **Introducción a la Teología Sistemática**. Grand Rapids: Editorial Desafío, 2002.

CALVINO, Juan. **Institución de la religión cristiana**: Libro I. Países Bajos: FeLiRé, 1986.

CONFESIÓN de Fe de Westminster. Capítulo 1, párrafo 1.

DELLUTRI, Salvador. **La aventura del pensamiento**. Miami: FLET y UNILIT, 2002.

FRAME, John. **Epistemological perspectives and evangelical apologetics**. Artículo escrito por John Frame el 17 de Mayo del 2012. Disponible en <https://frame-poythress.org/epistemological-perspectives-and-evangelical-apologetics>

GONZÁLEZ, Justo. **Historia del pensamiento cristiano**. Barcelona: CLIE, 2010.

MCDOWELL, Josh; MCDOWELL, Sean. **Evidencia de la Resurrección**: lo que significa para su relación con Dios. Florida: Pattos, 2010.

MCGRANTH, Alister. **A scientific theology: Reality**. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

MICHELEN, Sugel. **Doctrina de las Escrituras**. Clases impartidas y archivadas en la Academia Ministerial Logos.

MOHLER, Albert. **Atheism remix**. Wheaton: Crossway Books, 2008.

RAMSAY, Richard. **Certeza de fe**. Barcelona: Flet y CLIE, 2006.

RAMSAY, Richard. **Integridad intelectual**. Barcelona: Clie, 2005.

WALDROM, Samuel. **Apologetics**. Clases impartidas y archivadas en el Reformed Baptist Seminary.

WARFIELD, B. B. **Studies in Theology**. Grand Rapids: Baker Books, 1981.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

AS CONVICÇÕES TEOLÓGICAS DE PAULO PARA O PLANTIO DE IGREJAS

PAUL'S THEOLOGICAL CONVICTIONS FOR CHURCH PLANTING

Me. João Eder Graebin¹

RESUMO

Paulo via a si mesmo como um plantador de igrejas (1Co 3.6). Debaixo desse encargo, e, impulsionado por suas convicções teológicas, teve o ministério mais profícuo de estabelecimento de comunidades cristãs no primeiro século da Igreja de Cristo. Partindo do pressuposto de que Romanos contenha a suma da sua teologia e prática missionária, esse artigo pretende responder a seguinte pergunta: “Quais eram as convicções teológicas centrais que motivavam o ministério paulino de plantio de igrejas?”

Palavras-chave: Plantio de igrejas. Apóstolo Paulo. Teologia. Missiologia.

ABSTRACT

Paul through him as a church planter (1 Cor 3.6). Under this charge, and, driven by his theological convictions, he had the most fruitful ministry of establishing Christian communities in the first century of the Church of Christ. Assuming that Romans contains the sum of his theology and missionary practice, this article aims to answer the following question: “What were the central theological convictions that motivated the Pauline ministry of churches?”

Keywords: Church planting. Apostle Paul. Theology. Missiology.

¹ Mestrado em Teologia com ênfase em Missiologia pela North-West University (África do Sul), Pós-Graduação em Ministérios Urbanos pelo Seminário Presbiteriano de Brasília/DF, Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia de São Bento de Sul/SC, Superior em Tecnologia de Recursos Humanos pela UNOPAR. É pastor desde 2001 e atualmente está num projeto de plantio de igreja pela Igreja Presbiteriana do Brasil na cidade de Formosa/GO. O conteúdo desse artigo está baseado num dos capítulos da sua dissertação de mestrado que tem por título: “O plantio da Igreja Batista do Montijo: um estudo dedutivo a partir da prática e estratégia paulina”. E-mail: geruzacjoao@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O plantio de igrejas é um tema central na missão da Igreja de Cristo. Plantar igrejas é uma tarefa da missão, um método da missão e uma consequência da missão. Assim foi na vida de Paulo, o maior plantador de igrejas descrito no Novo Testamento. Ele exerceu seu ministério entre os anos 35 a 67/68 d.C. Desse período, Atos narra as três viagens missionárias de Paulo, a partir do envio da igreja de Antioquia (At 13.1-21.16). Num período que cobre aproximadamente dez anos (46/48 a 57 d.C.) plantou igrejas em quatro províncias do Império Romano: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. O livro de Atos termina descrevendo Paulo preso em Roma, a capital do Império, anunciando ali o evangelho de Cristo (At 28.30,31). Era por volta do ano de 59-61/62 d.C. Depois disso, embora não haja um consenso entre os eruditos, supõe-se – com base em Romanos 15.24 e Tito 1.5 – que Paulo foi solto e ainda teve, pelo menos, duas áreas de atuação ministerial: Espanha e Creta.²

Qualquer leitor observa que o ministério de Paulo foi exercido muitas vezes debaixo de grande oposição e sofrimento. O Cristianismo, sendo “algo novo”, e uma religião não permitida no Império Romano, sofria grande repulsa. Embora nem sempre Paulo pregava em redutos exclusivamente judaicos, quase todos os judeus rejeitavam a pregação e a pessoa de Paulo, considerando seu ensino como blasfemo. Isso sem falar na realidade da oposição demoníaca enfrentada por todos aqueles que levam a luz do evangelho num contexto de trevas espirituais.

Talvez o mais impressionante é que, apesar de todo o sofrimento que viveu (veja 1Co 11.23-33), Paulo persistiu no seu ministério, até o dia da sua decapitação, numa prisão em Roma, por volta de 67/68 d.C. Antes, porém, testemunhou aos presbíteros de Éfeso: “Agora, compelido pelo Espírito, estou indo para Jerusalém, sem saber o que me acontecerá ali, senão que, em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa que prisões e sofrimentos me esperam. Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus” (At 20.22-24).

Diante desse quadro, faz-se necessário perguntar: “O que motivava Paulo a exercer o seu ministério?” Lopes responde essa pergunta nos seguintes termos:

O que motivava o apóstolo Paulo a sair plantando igrejas, organizando comunidades ao longo da bacia do Mediterrâneo, apesar da rejeição dos seus patrícios e das implacáveis perseguições que sofria? O que o movia não eram arroubos de piedade, espírito proselitista, amor ao lucro, popularidade ou qualquer outra motivação similar. Essas motivações não teriam suportado as angústias do campo missionário por muito tempo. Paulo estava motivado por suas *convicções teológicas*.³

Nesse artigo irá se elencar as convicções teológicas centrais que motivaram o ministério de Paulo. Especificamente, a pergunta que se pretende responder é: “Quais eram as convicções teológicas centrais que motivavam o ministério paulino de plantio de igrejas?”⁴

1. EPÍSTOLA AOS ROMANOS: A SÍNTESE DA TEOLOGIA MISSIONÁRIA DE PAULO

Sistematizar todas as convicções teológicas de Paulo possivelmente seria tarefa para uma vida inteira. Contudo, há pontos centrais da sua teologia que o levaram a exercer o seu ministério de plantio de igrejas. Esses pontos são expostos, sobretudo, na sua carta aos Romanos. Uma das razões que fez

² Allen resume o ministério paulino de plantio de igrejas da seguinte maneira: “In little more than ten years St. Paul established the Church in four provinces of the Empire, Galatia, Macedonia, Achaia and Asia. Before 47 A.D. there were no Churches in these provinces; in 57 A.D. St. Paul could speak as if his work there was done, and could plan extensive tours into the far West without anxiety lest the Churches which he had founded might perish in his absence for want of his guidance and support” (ALLEN, Roland. **Missionary methods: St. Paul's or ours?** Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1962, p. 3).

³ LOPES, Augustus Nicodemus. Paulo, Plantador de Igrejas: repensando os fundamentos bíblicos da obra missionária. **Fides Reformata**, XV, número 2:1-15, 1997, p. 2.

⁴ Ao longo do artigo será usado o texto da Nova Versão Internacional nas citados bíblicas.

com que Paulo escrevesse essa carta era apresentar sua teologia ao grupo de crentes romanos, com a finalidade de estabelecer com essa igreja uma parceria financeira para a sua empreitada missionária à Espanha (Rm 15.24). Nas palavras de Carson *et al*, “o teor teológico geral da carta deve-se ao desejo de Paulo de comprovar que ele é ortodoxo e merecedor de apoio [para sua ida à Espanha]”.⁵

Dentre as convicções teológicas centrais que levavam Paulo a exercer o seu ministério de plantação de igrejas, em Romanos destacam-se cinco:

1.1 “NÃO HÁ NENHUM JUSTO, NENHUM SEQUER”

A primeira convicção teológica de Paulo era a condição pecaminosa e de alienação de Deus comuns a todas as pessoas. Em Romanos 3.10-18, Paulo usa várias citações do Antigo Testamento para resumir a condição humana: “Não há nenhum justo, nenhum sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, nenhum sequer (...)”.

Constable comenta:

Nos versículos 10-12, a declaração da universalidade do pecado abre e fecha a passagem. O pecado afetou o intelecto, as emoções e a vontade humana: todos os aspectos da personalidade humana. Observe a repetição de “nenhum”, bem como “todos” e “nem mesmo um”, todos termos universais. Nos versículos 13-18, Paulo descreveu as palavras (vv. 13-14), atos (vv. 15-17) e atitudes (v. 18) do homem como maculado pelo pecado. Esta passagem é uma das mais fortes nas Escrituras que trata da depravação total do homem.⁶

A depravação total atinge todas as classes de pessoas: pagãos, idólatras e imorais (Rm 1.18-32), moralistas (Rm 2.1-16), judeus (Rm 2.17-3.8). É uma condição herdada de Adão (Rm 5.12) e evidenciada pela Lei (Rm 7.7ss). O homem está escravizado a essa situação (Rm 7.1ss.) e, uma vez que ele está “morto nos seus delitos e pecados” (Ef 2.10), não há nada que possa fazer para – por si mesmo – para sair dela.

Em resumo, para Paulo, o fato de o homem ter suprimido a verdade pela injustiça, o colocou debaixo da ira de Deus (Rm 1.18ss.), entregue à impureza sexual (Rm 1.24), a paixões vergonhosas (Rm 1.26), a uma disposição mental reprovável (Rm 1.28). O homem está numa situação de escravidão diabólica (Cl 1.13). É um réu, injusto e calado diante do juízo de Deus (Rm 3.19). Um réu culpado que deveria ser punido “sofrendo a pena da destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder” (2 Ts 1.9).

Portanto, no primeiro bloco de temático de Romanos (1.1-3.21) Paulo destaca a necessidade da justiça de Deus. Por que faz isso? Segundo Murray porque “o evangelho como poder para a salvação se torna sem significado à parte do pecado, condenação, miséria e morte. Essa é a razão por que Paulo se propõe a demonstrar que todo o mundo é culpado diante de Deus e está sob a sua ira e julgamento”.⁷

Resumindo, a primeira motivação teológica para Paulo ser um plantador de igrejas era a convicção de que todo o ser humano era carente da glória de Deus (Rm 3.23) e, como tal, não adorava a Deus como ele deveria ser adorado (Rm 1.18-32).

1.2 “O EVANGELHO É O PODER DE DEUS PARA A SALVAÇÃO DE TODO AQUELE QUE CRÊ”

Num primeiro momento, em Romanos, Paulo destaca a necessidade da justiça de Deus pelo fato de todo homem ser pecador. Entretanto, num segundo instante, Paulo afirma que todos podem ter

⁵ CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 280.

⁶ CONSTABLE. Disponível em: <https://lumina.bible.org/bible/Romans+3>. Acesso em 25 set. 2017.

⁷ Citado por SILVA, Norval Oliveira da. **Teologia e missão: perspectiva paulina da missão urbana em Romanos**. São Paulo: Morávios, 2000, p. 14.

acesso à justiça de Deus por meio do evangelho. Em Romanos 1.16 ele afirma: “Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que nele crê: primeiro do judeu, depois do grego”.

Duas palavras são centrais nesse versículo: “evangelho” e “poder”. Compreendê-las na sua etimologia é fundamental para a interpretação daquilo que Paulo está frisando. A palavra “evangelho” (*euangelion*), significa “boas novas”, “boas notícias”, “evangelho”. No Novo Testamento, ocorre frequentemente em Paulo (60 vezes). No Grego Clássico o termo era usado para designar a boa notícia da vitória em uma guerra, ou quaisquer outras notícias políticas e pessoais que causavam alegria, como, por exemplo, o nascimento do filho do Imperador. No Antigo Testamento *euangelion* é usado para falar da recompensa por trazer “boas novas” (por exemplo, 2 Sm 4.10). É também a mensagem de que Javé é o grande Rei Universal e domina para todo o sempre (Sl 40.9).⁸

Mas em que sentido Paulo entende o evangelho como uma boa notícia, da qual não deve se envergonhar? No sentido de que o evangelho é o poder (*dunamis*) de Deus para a salvação. *Dunamis* tem um significado amplo. Dentre eles estão: “potência”, “força”, “fortaleza”, “habilidade”, “capacidade”, “ato de poder”, “recursos”, “milagre”. No Novo Testamento ocorre 118 vezes, com relativa frequência nos escritos paulinos. No Grego Clássico, essa palavra geralmente se encontra de Homero em diante. Significa essencialmente “capacidade de realizar”, “força física”, “tropas”, “força de combate”, “poder político”. Quando a filosofia e a medicina grega refletiam sobre a natureza do homem, o seu conceito aparecia no seu sentido original de “força” ou “capacidade para viver e agir”. Mas também *dunamis* poderia se referir ao “poder do calor e do frio” ou o “poder curativo das plantas e dos elementos”.⁹

O *euangelion* (a boa notícia), definido por Paulo como o *dunamis* (milagre) de Deus, está no fato de que “agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; mas, no presente, demonstrou a sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde está, então, o motivo de vanglória? É excluído. Baseado em que princípio? No da obediência à lei? Não, mas no princípio da fé. Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, independente da obediência à lei” (Rm 3.21-28).

Em outras palavras, Paulo cria que Deus havia mandado Jesus para morrer sacrificialmente por todos os injustos (“Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação” – Rm 3.4). Segundo o Antigo Testamento, o Messias seria “levado para o matadouro como uma ovelha” (Is 53.5), e morreria substitutivamente em sacrifício pelos pecados (Is 53.5). Paulo cria que essa profecia havia se cumprido em Jesus, “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). Nesse sentido, Paulo assumia que em Cristo havia se iniciado um novo tempo da história. Como indica Lopes:

[Paulo cria] que seus dias eram um período momentoso da história da humanidade, em que todas as antigas promessas de Deus estavam sendo cumpridas através da vida e obra de Jesus de Nazaré. Ele estava persuadido de que a era escatológica, prometida pelos profetas, havia raiado pouco antes da sua conversão, que a plenitude do tempo havia se consumado com a vinda do Filho de Deus em carne (Gl 4.4; Ef 1.10), que o reino de Deus havia irrompido na pessoa de Cristo, que em Cristo Jesus a redenção agora se anunciava a todos os homens.¹⁰

⁸ Pesquisa baseada em SCHMOLLER, Alfred. **Handkonkordanz**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1955, p. 210; BECKER, Ulrich. 1989. *Euangelion*. In: Brown, Colin (edit.). **Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989. Vol. 2, p. 166-174.

⁹ Pesquisa baseada em SCHMOLLER, 1955, p. 133,134; BETZ, O. *Dunamis*. In: Brown, Colin (edit.). **Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989. Vol. 2, p. 573-578.

¹⁰ LOPES, 1997, p. 2.

Segundo Paulo, o acesso à justiça de Deus oferecida em Cristo não se dá pela obediência à Lei (Rm 3.21). Na verdade, essa Lei evidencia a injustiça humana, fazendo do homem um réu culpado e calado diante de Deus, plenamente consciente do seu pecado (Rm 3.19,20). O meio pelo qual a justiça é obtida, de acordo com Paulo, é a fé (*fides*) na boa notícia (*euangelion*) da graça (*cháris*) de Deus. Em Romanos 3.22,24, Paulo afirma: “justiça de Deus mediante a fé (...) sendo justificados gratuitamente por sua graça”. Nas palavras de Ladd, [justificação] é a declaração de Deus, o justo juiz, de que o homem que crê em Cristo, embora possa ser pecador, é justo – é visto como sendo justo porque, em Cristo, ele chegou a um relacionamento justo com Deus”.¹¹

Para ilustrar esse princípio (justificação por graça e fé), Paulo usa a história de Abraão, descrita em Gênesis: “Portanto, que diremos do nosso antepassado Abraão? Se de fato Abraão foi justificado pelas obras, ele tem do que se gloriar, mas não diante de Deus. Que diz a Escritura? ‘Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça’” (Rm 4.1-3). Por fim, para concluir o seu argumento, Paulo traz uma aplicação dessa narrativa veterotestamentária: “Em consequência, ‘isso lhe foi também creditado como justiça’. As palavras ‘lhe foi creditado’ não foram escritas apenas para ele, mas também para nós, a quem Deus creditará justiça, para nós, que cremos naquele que ressuscitou dos mortos a Jesus, nosso Senhor. Ele foi entregue à morte por nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação” (Rm 4.22-25).

Em Efésios 2.1-10, Paulo usa uma outra figura de linguagem (a da morte espiritual) para desenvolver a mesma doutrina da justificação por graça e fé, conforme pode-se observar abaixo:

Quadro 1 – A justificação por graça e fé em Romanos e Efésios

Ensino	Romanos	Efésios
Figura de linguagem para descrever o estado do homem	Réu culpado no tribunal (Rm 3.19,20)	Morto em seus delitos e pecados (Ef 2.10)
O que consegue fazer para sair dessa situação	Nada, deve calar-se	Nada, pois está morto
O que Deus fez	Ofereceu a Cristo como sacrifício, morrendo substitutivamente (Rm 3.25)	Deu vida ao homem, ressuscitando com Cristo (Ef 2.5,6)
Como se tem acesso ao que Deus fez	Se acessa a graça de Deus pela fé, não pela obediência à lei (Rm 3.28)	Se acessa a graça de Deus pela fé, não por obras (Ef 2.8,9)

Por fim, Paulo destaca os benefícios da justificação (Rm 5.1-21): (a) paz com Deus (v.1), (b) firmeza na graça (v.2a), (c) capacidade de gloriar-se na esperança da glória de Deus (v.2b), (d) capacidade de gloriar-se nas tribulações (vv.3-8), (e) certeza da salvação por meio de Cristo (v.9,10), (f) capacidade de gloriar-se em Deus (v.11).

É impressionante o contraste desses versículos com o início de Romanos. Antes, Paulo destaca que toda a humanidade sem Cristo vive debaixo da ira e do julgamento de Deus, entregue aos seus próprios caminhos rebeldes (Rm 1.18-32). Agora, àquele que crê na boa notícia do sacrifício de Cristo (Rm 3.24,25) lhe é apresentado a certeza da sua salvação (Rm 5.9). Os justificados podem alegrar-se porque eram inimigos de Deus que foram “reconciliados com ele mediante a morte do seu Filho” (Rm 3.10a). Os justificados podem alegrar-se porque antes viviam a morte de Adão, mas agora vivem a vida de Cristo (Rm 5.12-19). Para Paulo: “A Lei foi introduzida para que a transgressão fosse ressaltada. Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça, a fim de que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reine pela justiça para conceder vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5.20,21).

¹¹ LADD, Georg E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodius, 1997, p. 409.

Resumindo, a segunda motivação teológica de Paulo para plantar igrejas era a convicção de que o evangelho de Cristo recebido em fé era a única maneira de justificar o ser humano diante de Deus.

1.3 “A FÉ VEM POR SE OUVIR A MENSAGEM”

Depois de estabelecer a condição humana (depravação total) e que evangelho de Cristo é a resposta de Deus para a justificação do homem (justificação por graça e fé), agora Paulo destaca o meio usado por Deus para o despertamento da fé: “a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10.17). Isto é, Paulo cria que a clara exposição do evangelho, que aqui chama de palavra (*rematos*) era o meio usado por Deus para despertar a fé, que levaria às pessoas a invocar o nome do Senhor. Afinal “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10.13). Porém, “como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregar?” (Rm 10.14). Como comenta Pohl: “Antes que venha a fé, vem a mensagem (...): a fé é a aceitação da mensagem. (...) Por trás da boca do mensageiro está a boca do Cristo ressuscitado”.¹²

Stott observa que os argumentos de Paulo nesses versículos seguem uma lógica, segundo os quais pode-se ver a essência dos mesmos: “Cristo *envia* seus arautos; os arautos *pregam*; as pessoas *ouvem*; os ouvintes *creem*; os crentes *invocam*; e aqueles que invocam *são salvos*”.¹³ Esse mesmo conceito é desenvolvido por Paulo também em 2 Coríntios 5.18,19 onde afirma que Deus lhe deu o “ministério da reconciliação” (v.18). Tal ministério estava baseado na “mensagem da reconciliação” (v.19). Qual é essa mensagem? “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (v.19).

Quanto ao fato de que a fé salvadora ser despertada pela clara pregação da palavra (do evangelho) a Confissão de Fé de Westminster afirma no seu capítulo XIV artigo I: “A graça da fé, pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles, e é ordinariamente operada pelo ministério da palavra”.

Um exemplo dessa sequência (pregar, ouvir e crer) e da instrumentalidade da pregação da palavra como meio para o despertamento da fé é encontrada em Atos:

No sábado saímos da cidade e fomos para a beira do rio, onde esperávamos encontrar um lugar de oração. Sentamo-nos e começamos a conversar com as mulheres que se haviam reunido ali. Uma das que ouviam era uma mulher temente a Deus chamada Lídia, vendedora de tecido de púrpura, da cidade de Tiatira. O Senhor abriu seu coração para atender à mensagem de Paulo. Tendo sido batizada, bem como os de sua casa, ela nos convidou, dizendo: ‘Se os senhores me consideram uma crente no Senhor, venham ficar em minha casa’. E nos convenceu (Atos 16.13-15).

Williams, ao comentar essa perícopes, destaca: “Todos haviam pregado às mulheres (“falamos às mulheres que ali se reuniram” v.13), mas Lucas atribui a conversão de Lídia, no que concerne a instrumentalidade humana, à atuação de Paulo que, sem dúvida, era o principal preletor”.¹⁴

Outro fator importante nesse horizonte é que Paulo cria que estava vivendo os últimos tempos que antecederiam o retorno de Cristo. Esta esperança escatológica está refletida em Romanos 13.11,12, onde ele afirma: “(...) agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos. A noite está quase acabando, o dia logo vem”. Portanto, o tempo de pregar o evangelho ao mundo carente da glória de Deus, estava reduzido, limitado. Por isso, como afirma Green:

A expectativa pelo retorno iminente de Cristo deu um ímpeto poderoso à evangelização nos primeiros tempos da igreja. É suficiente abrir em 1 Tessalonicenses 1.5-10 para ver como a pregação do evangelho por Paulo aos tessalonicenses e depois por eles, à medida que ‘repercutiu a palavra do Senhor’ nas regiões vizinhas, foi colocada no contexto de uma esperança escatológica para breve, pois eles esperavam que o Filho de Deus

¹² POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1999, p. 173.

¹³ STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007, p. 347.

¹⁴ WILLIAMS, David John. **Atos**: novo comentário bíblico contemporâneo. São Paulo: Vida, 1996, p. 312.

retornasse do céu.¹⁵

Resumindo, a terceira motivação teológica de Paulo para plantar igrejas era a convicção de que o evangelho – a única solução para tirar o ser humano do seu estado de injustiça diante de Deus –, deveria ser proclamado pelos servos do Senhor, afinal como iriam crer se não houvesse quem pregasse?). Além de central, a pregação do evangelho deveria ser prioritária, uma vez que a realidade dos tempos apontava para a iminente vinda escatológica de Cristo.

1.4 “CHAMADOS PARA SEREM SANTOS”

A pregação do evangelho não opera na vida dos crentes apenas a fé para a salvação. A palavra opera também santificação. Por isso, Paulo afirma aos Romanos: “Vocês também estão entre os chamados para pertencerem a Jesus [justificação, resultante da ação da palavra]. A todos os que em Roma são amados de Deus e chamados para serem santos [santificação, resultante da ação da palavra]” (1.6,7a). Ou seja, “aqueles que foram chamados pelo Deus santo são santos em virtude do chamado dele e são assim reclamados para a santidade de vida. Conforme empregado por Paulo, ‘chamado’ designa a vocação eficaz de Deus: os chamados são os que foram convocados por Deus e que responderam igualmente ao chamado dele”.¹⁶ Ou, como frisou Stott “o Deus da graça não somente perdoa pecados, mas também nos liberta de pecar. Pois a graça, além de justificar, também santifica. Ela nos une a Cristo (...) e nos inicia em um novo processo de escravidão: escravos da justiça”.¹⁷

Após uma breve introdução ao tema da santificação nos primeiros versículos de Romanos, Paulo desenvolve e aprofunda o assunto em Romanos 6.1-8.39. Especificamente, três questões são levantadas: (a) por que o justificado deve viver em santificação (6.1-7.6)?; (b) por que o justificado tem dificuldade de viver em santificação (7.7-25)?; (c) qual é a fonte de poder para o justificado viver em santificação (8.1-39)?

Em Romanos 6.1-7.6 Paulo responde a pergunta “por que o justificado deve viver em santificação?” A primeira razão é que ele está morto para o pecado. “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma! Nós, *os que morremos para o pecado*, como poderemos continuar vivendo nele?” (Rm 6.1,2 – grifo meu).

Para ilustrar o que aconteceu àquele que foi justificado por Cristo, Paulo usa, em primeiro lugar, a figura do batismo. “Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte? Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6.3,4). De acordo com Stott:

Estes versículos parecem ser uma alusão ao simbolismo pictorial do batismo, embora sua significância permaneça firme (nosso compartilhar na morte, sepultamento e ressurreição de Cristo), mesmo que o simbolismo não precise ser tomado no sentido literal. Sandy e Headlam fazem uma descrição gráfica desse simbolismo: “O mergulho nas águas correntes foi como uma morte; o momento em que as águas passaram sobre a cabeça foi como um sepultamento; e o erguer-se outra vez para respirar à luz do sol foi uma espécie de ressurreição”.¹⁸

Além da figura do batismo, em segundo lugar, Paulo usa a figura da escravidão para salientar o que aconteceu àquele que foi justificado. Antes, os crentes romanos “ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e à maldade que leva à maldade” (Rm 6.19b). Em outras palavras, Paulo está salientando que a escravidão às práticas pecaminosas eram consequência de uma vida injusta (depravação total, como visto acima). Por outro lado, agora, com Cristo, há o seguinte imperativo:

¹⁵ GREEN, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 322.323.

¹⁶ CRANFIELD, C. E. B. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 23.

¹⁷ STOTT, 2007, p. 197.

¹⁸ STOTT, 2007, p. 207.

“ofereçam-se em escravidão à justiça, que leva à santidade” (Rm 6.19c). Portanto, paradoxalmente, se, por um lado o cristão foi libertado do seu pecado por Cristo, agora deve viver como escravo de Cristo. Nas palavras de Paulo: “Vocês foram libertos do pecado e tornaram-se escravos da justiça” (Rm 6.18).

Além da figura do batismo e da escravidão, Paulo usa a ilustração do casamento para mostrar que o justificado deve viver em santificação (Rm 7.1-6). Especificamente nos versículos 2,3 ele afirma:

Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada a seu marido enquanto ele estiver vivo; mas, se o marido morrer, ela estará livre da lei do casamento. Por isso, se ela se casar com outro homem enquanto seu marido ainda estiver vivo, será considerada adúltera. Mas se o marido morrer, ela estará livre daquela lei, e mesmo que venha a se casar com outro homem, não será adúltera (Rm 7.2-3).

Por fim, ele aplica sua ilustração: “Assim, meus irmãos, vocês também morreram para a lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerem a outro, àquele que ressuscitou dos mortos, a fim de que venhamos a dar fruto para Deus” (Rm 7.4). Para Dunn, aqui “Paulo pretendia que a ilustração documentasse a mudança de status do crente (a mulher liberta pela morte de seu marido)”.¹⁹

Em Romanos 7.7-25, Paulo responde a pergunta: “Por que o justificado tem dificuldade de viver em santificação?” O fato é que o processo de santificação não se dá de forma romântica. Há uma luta no interior do crente: um conflito entre o seu desejo de obedecer ao Senhor – operado pelo Espírito Santo – e a força do pecado – operada pela carne. Assim, como disse Paulo: “Sabemos que a lei é espiritual; eu, contudo, não o sou, pois fui vendido como escravo ao pecado. Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio. E, se faço o que não desejo, admito que a lei é boa. Neste caso, não sou mais eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim” (Rm 7.14-20).

Por fim, em Romanos 8.1-39 Paulo responde à pergunta: “Qual é a fonte de poder para o justificado viver em santificação?” Segundo essa passagem, somente o Espírito Santo pode produzir uma vida santificada. Como asseverou Thielmann: “O Espírito permite que todos os cristãos, quer judeus, quer gentios, cumpram as justas exigências da lei (Rm 8.4a) a fim de que não andem segundo a carne (8.4b), que matem os atos (errôneos) do corpo (8.13) para que tenham vida tanto agora (8.10) como no tempo da ressurreição final (8.11)”.²⁰

Paulo destaca quatro atuações específicas do Espírito Santo no sentido de produzir santificação naquele que foi justificado: (a) O Espírito Santo liberta da lei do pecado e da morte (Rm 8.2-4). Conforme sublinha Stott:

(...) por mais que nos deixe chocados, a santa lei de Deus pode, sim, ser chamada de *a lei do pecado e da morte*, uma vez que ocasionou tanto um como o outro. Neste caso, ser libertado da lei do pecado e da morte por meio de Cristo é não estar mais ‘debaixo da lei’, isto é, deixar de depender da lei tanto para a justificação quanto para a santificação.²¹

(b) O Espírito Santo produz uma nova mentalidade (Rm 8.5-8). De acordo com Paulo, “quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja” (Rm 8.5). Stott, ao comentar Romanos 8.5-8, salienta:

Vemos aqui duas categorias de pessoas (os não regenerados, que estão “na carne”, e os regenerados que estão “no Espírito”), as quais têm duas perspectivas e disposições de mente (“a inclinação da carne” e a “inclinação do Espírito”), que levam a dois padrões de comportamento (viver segundo a carne ou de acordo com o Espírito) e que resultam em dois estados espirituais (morte ou vida, inimizade ou paz). Assim a nossa mente, isto

¹⁹ DUNN, James D. G. **Word biblical commentary**: Romans 1-8. Dallas: Word Books, 1988. Vol. 38a, p. 368,369.

²⁰ THIELMANN, F. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2007, p. 848.

²¹ STOTT, 2007, p. 261.

é, o seu enfoque e as ideias que a ocupam, desempenha um papel central, tanto em nossa conduta presente, quanto em nosso destino eterno.²²

(c) O Espírito Santo habita no justificado (Rm 8.9-15). Agora, o crente é vivificado pelo Espírito Santo (vv.9-11), oportunizando que a santificação aconteça, afinal “você não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em você. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo” (Rm 8.9). Além disso, a habitação do Espírito Santo na vida do crente gera uma dívida ou obrigação (v.12). “Que dívida é essa? Agora não é mais uma questão de compartilhar o evangelho com o mundo (como em 1.14), mas de viver uma vida justa”.²³

(d) O Espírito Santo testemunha ao justificado (Rm 8.14-17), guiando-o à santidade (v.14); levando-o a substituir o medo pela liberdade na sua relação com Deus (v.15); fazendo-o chamar Deus de “Pai” nas orações (v.15); levando-o às primícias da sua herança espiritual (v.17).²⁴

Se em Romanos 6-8 Paulo estabelece os fundamentos teológicos da santificação, em Romanos 12.1-16.27 Paulo aplica-os à diferentes facetas da vida cristã. Ou seja, embora a santificação seja o resultado direto da ação do Espírito Santo no interior daquele que foi justificado por Cristo, ela precisa ser exteriorizada de forma prática, “em palavras e atos, deve ser vivida nas situações concretas difíceis e perigosas da situação humana pelos fiéis que estão, todos, longe de ser plenamente ajuizados, sérios e sinceros”.²⁵

Assim, nesse bloco (Rm 12.1-16.27), Paulo estabelece padrões éticos para os crentes, no que diz respeito aos relacionamentos na comunidade cristã (12.1-21); ao relacionamento com os governantes (13.1-7); com as pessoas em geral (13.8-10); e aos irmãos fracos na fé (15.1-13).

Nota-se que Paulo dá um acentuado destaque na relação existente entre a santificação e a comunidade cristã local. Thielman, ao comentar essa relação, destaca:

O Espírito derruba as barreiras sociais e traz unidade para a igreja. A igreja, como grupo social, toma o lugar do templo de Israel como símbolo do lugar da habitação do Espírito de Deus (1 Co 3.16). Nesse sentido, o cristão individual que constitui a igreja precisa trabalhar na “edificação” uns dos outros (3.14; Ef 2.18-22) e usar seus dons espirituais para essa finalidade (1 Co 14.1-5, 12; 12.1-11). Eles precisam lutar contra a divisão, já que isso ameaça a integridade do templo de Deus (3.14-16). Os cristãos devem fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4.3).²⁶

Fica claro, portanto, que edificar uns aos outros é um processo que não se resume, mas que passa pelos relacionamentos e pelo serviço de uns para com outros dentro do Corpo de Cristo (Rm 12.3-8).²⁷ Num primeiro momento é nesse contexto que a santificação deve se manifestar de forma prática. Assim, ao saber de conflitos de relacionamentos vividos na igreja de Roma, Paulo orienta esses irmãos no sentido de reconciliarem-se e viverem um clima fraternal de respeito.

Bruce diz que a igreja de Roma poderia se desintegrar rapidamente se os grupos cristãos (judeus e gentios) insistissem em exercer sua liberdade cristã sem se importar com a opinião dos outros. Paulo, então apresenta um critério que deve ser seguido por todos para resolver essas questões práticas na igreja: o amor e a tolerância. No verso 13 do capítulo 14 ele insta os cristãos a não julgarem um ao outro. A colocarem o interesse do próximo acima do seu próprio interesse.²⁸

²² STOTT, 2007, p. 269.

²³ STOTT, 2007, p. 273.

²⁴ STOTT, 2007, p. 277-285.

²⁵ CRANFIELD, 1992, p. 274.

²⁶ THIELMANN, 2007, p. 84.

²⁷ Como diz Lewis: “Nenhum cristão, e mesmo nenhum historiador podem aceitar o epigrama que define a religião como ‘aquilo que o homem faz com a sua solidão’. Creio ter sido um dos irmãos Wesley que disse não haver no Novo Testamento o menor indício de religião solitária. Somos proibidos de negligenciar nossas reuniões. O cristianismo já é institucional desde o mais antigo dos seus documentos. A igreja é a noiva de Cristo. Somos membros uns dos outros” (LEWIS, C. S. **Peso de glória**. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 37).

²⁸ SILVA, 2000, p. 16.

Além disso, é na comunidade cristã local que os justificados têm acesso aos meios públicos da graça, por meio dos quais podem crescer em santificação.

O Catecismo de Westminster define a expressão ‘meios da graça’ como os recursos visíveis e comuns pelos quais Cristo transmite à sua igreja os benefícios de sua mediação [ou seja, de sua morte]. (...) Através dos meios da graça, Deus concede força, paz, conforto, instrução, disciplina, orientação, alegria e muitas outras coisas necessárias à vida cristã.²⁹

Ainda, de acordo com Blackbourn³⁰, são quatro os meios públicos da graça: (a) reunir-se para a adoração; (b) as ordenanças do evangelho; (c) comunhão com irmãos e irmãs em Cristo; (d) a oração coletiva. Todas essas atividades estão documentadas como atividades a serem vividas pelos crentes em Roma.

Resumindo, a quarta motivação teológica de Paulo para plantar igrejas era a convicção de que os crentes não foram apenas justificados diante de Deus, mas, em Cristo foram chamados para serem santos. O cristão morreu para a sua antiga vida e vive uma nova vida com Jesus. Agora é um escravo da justiça. Está morto para a Lei, mas vivo para Cristo. Tem, pelo Espírito Santo, capacidade para lutar contra o pecado. Além de que, a santificação, como um processo, é desenvolvida no seio da comunidade cristã, através, dos meios da graça.

1.5 “SOU DEVEDOR TANTO A GREGOS COMO A BÁRBAROS”

A última convicção teológica central de Paulo em Romanos é o seu chamado. Em Romanos 1.14 ele afirma: “Sou devedor [do evangelho] tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”. Na sua compreensão, Paulo devia o evangelho a todas as classes e culturas (gregos, bárbaros, sábios e ignorantes), ou seja, devia àqueles que tinham domínio da filosofia e da sabedoria humana – os gregos. Bem como àqueles que não tinham a cultura helenista nem falavam o grego – os bárbaros. Todos estavam na lista de crentes de Paulo.

Essa compreensão aparece de forma direta, pelo menos, duas outras vezes em Romanos. Primeiro, em Romanos 1.1,5, onde Paulo saúda a igreja afirmando o seu chamado apostólico. Depois o mesmo conceito reaparece em Romanos 15.15-17, onde diz:

A respeito de alguns assuntos, eu lhes escrevi com toda a franqueza, como para fazê-los lembrar-se novamente deles, por causa da graça que Deus me deu, de ser um ministro de Cristo Jesus para os gentios, com o dever sacerdotal de proclamar o evangelho de Deus, para que os gentios se tornem uma oferta aceitável a Deus, santificados pelo Espírito Santo. Portanto, eu me glorio em Cristo Jesus, em meu serviço a Deus (Rm 15.15-17).

Em relação a afirmação paulina de que é um ministro de Cristo Jesus, com o dever sacerdotal de proclamar o evangelho (Rm 15.16), Stott comenta:

Paulo considera sua obra missionária como sendo um ministério sacerdotal porque ele é capaz de oferecer os seus convertidos gentios como um sacrifício vivo a Deus (...). Embora os gentios fossem rigorosamente excluídos do templo de Jerusalém, e não lhes fosse permitido de forma alguma participar do ofertório de seus sacrifícios, agora, através do evangelho, eles mesmos passam a ser uma oferta agradável e aceitável a Deus.³¹

Portanto, Paulo vê o seu chamado ministerial sob dois ângulos. Do ponto de vista divino, Paulo crê ser chamado pelo Senhor. Era um ministro *de Cristo*. Do ponto de vista humano, era chamado para pregar o evangelho às pessoas. Era um devedor *a sábios e a ignorantes*.

Em outras cartas Paulo também destaca o seu senso de chamado. Por exemplo, à igreja de Corinto, disse que o Senhor não o chamou para batizar, mas para pregar o evangelho, “não porém com palavras de sabedoria humana, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada” (1 Co 1.17). Nessa mesma

²⁹ BLACKBOURN, Earl. 1999. **Os meios da graça**. http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/122/Os_Meios_da_Graca. Acesso a 06 Out. 2017, p. 12.

³⁰ BLACKBOURN, 1999, p. 12-14.

³¹ STOTT, 2007, p. 457.

carta, em 9.17, disse que tinha que cumprir a incumbência a ele confiada. Qual era essa incumbência? “Pregar o evangelho” (1 Co 9.16).

Para Paulo, seu ministério de pregação da palavra era fruto da graça de Deus. Pois ele mesmo se considerava indigno de exercer tal função. Nas suas próprias palavras: “Pois sou o menor dos apóstolos e nem sequer mereço ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus. Mas, *pela graça de Deus*, sou o que sou, e *sua graça* para comigo não foi em vão; antes, trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas *a graça de Deus comigo*” (1 Co 15.9,10 – grifo meu). Além disso, Paulo cria que o seu chamado para a pregação do evangelho se dava pela soberania de Deus:

Quando Paulo diz que Deus o tinha separado para a tarefa da sua vida, pregar a Cristo entre as nações ‘antes de eu nascer’ (Gl 1.15) – está ecoando (...) a palavra inicial que veio a Jeremias. E quando suas credenciais apostólicas foram questionadas, ele bem poderia ter dito, como Jeremias em situação similar: ‘Na verdade, o Senhor me enviou para [...] dizer essas palavras’ (Jeremias 26.15).³²

Se Paulo entendia que uma das funções do seu chamado era pregar o evangelho, entendia também que Deus o havia chamado para ensinar a igreja (pregação para fortalecimento ou edificação). Aqueles que respondiam em fé à pregação do evangelho, precisavam, então, serem edificados pelo ensino. Assim como afirma Lopes:

Paulo vê a Igreja como uma edificação cujo fundamento é o próprio Cristo (1Co 3.11). (...) Paulo tinha consciência de que Cristo o havia chamado para ser um instrumento pelo qual essa edificação ocorreria (...) Talvez possamos dizer que não há uma distinção rígida no pensamento de Paulo – e nem em sua prática – entre o fazer a Igreja se expandir e o enraizá-la, fundamentá-la e fortificá-la. (...). O seu apostolado consistia não somente em plantar igrejas (...) (expansão) mas em firmá-las e fundamentá-las (...) (edificação).³³

É a mesma lógica de Colossenses 1.24-29, onde Paulo diz que é um ministro de Cristo (mesma palavra usada em Rm 15.16). E, como ministro, o que ele faz? Apresenta plenamente a palavra de Deus, que é Cristo (pregação para evangelização), adverte e ensina a cada um com toda a sabedoria, a fim de que apresente todo homem perfeito em Cristo (pregação para edificação).

Em Atos, Lucas destaca esses dois aspectos do chamado e, conseqüentemente, da ação de Paulo. Por exemplo, no contexto da sua conversão, o Senhor disse a Ananias: “Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, perante o povo de Israel” (At 9.15). Essa palavra se cumpriu, de modo que em Atos 9.20 é dito que Paulo estava em Damasco e “logo começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus”. Ou seja, Paulo começou o seu ministério evangelístico. Posteriormente, levantou-se uma grande oposição a ele e a Bíblia afirma que “seus discípulos o levaram de noite e o fizeram descer num cesto, através de uma abertura na muralha” (At 9.25). A expressão “seus discípulos” é “uma interessante indicação de que a sua liderança já era reconhecida e que tinha atraído seguidores”.³⁴ Ou seja, esses discípulos eram as pessoas que haviam recebido o evangelho e agora estavam sendo ensinadas (edificadas) por Paulo.

Do modo semelhante, em Derbe, Paulo e Barnabé “pregaram as boas notícias [pregação evangelística] (...) e fizeram muitos discípulos [pela pregação para edificação]” (At 14.21). Então, no mesmo contexto, é dito que voltaram para Listra, Icônio e Antioquia – lugares onde haviam evangelizado. Retornaram com que objetivo? Para fortalecer os discípulos e encorajá-los a permanecer na fé (At 14.21,22).

Nesse ponto é interessante observar que, na compreensão de Paulo, a igreja é uma peça indispensável na missão. Todas as convicções teológicas de Paulo estão diretamente ou indiretamente ligadas com sua eclesiologia. Dito de outra forma, Paulo não desenvolveu uma missiologia separada de uma eclesiologia, nem mesmo uma eclesiologia desconectada da missiologia. Aliás, o próprio tema

³² BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça**: sua vida cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003, p. 139.

³³ LOPES, 1997, p. 3,4.

³⁴ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. São Paulo: ABU, 1994, p. 197.

da eclesiologia em si, é amplamente discutido em todo o *corpus* Paulino, o que pode ser facilmente observado, por exemplo, no uso que ela faz da palavra *ekklesia*: “dos 114 exemplos de *ekklesia* no Novo Testamento, 62 estão em Paulo, o que equivale a mais de 50%. Isso pressupõe o grande interesse de Paulo por essa instituição”.³⁵

É de extrema importância destacar que “Paulo ensina que a igreja local, embora indissoluvelmente unida a todo o poder de Deus, é uma igreja completa. Todas as promessas de Deus se aplicam a ela, e Cristo, o cabeça e Senhor da Igreja, acha-se tão presente ali como em qualquer entidade mais ampla”.³⁶

Assim, para Paulo, a relação entre a igreja e a missão, pode ser observada nos seguintes ângulos: em primeiro lugar, para ele, a igreja é fruto da missão. Os crentes estavam “destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23), mas foram “chamados para pertencerem a Jesus” (Rm 1.6), pelo fato de que apóstolos foram levantados “para chamar dentre todas as nações um povo para a obediência que vem pela fé” (Rm 1.5). A igreja local é consequência do ministério evangelístico. A figura evocada aqui é de uma lavoura, que é fruto da sementeira do evangelho (por exemplo, 1Co 3.9).

Em segundo lugar, a igreja é local da santificação. Os crentes foram “chamados para serem santos” (Rm 1.7). Santificação não é outra coisa do que obediência. E é na igreja local que a obediência deve ser ensinada e vivida. Os crentes agora são chamados a crescer em santidade. Precisam edificar-se mutuamente. A figura aqui é a de um templo onde os crentes oferecem-se como sacrifícios de louvor a Deus (Rm 12.1,2).

Em terceiro lugar, a igreja é a agente da evangelização e a apoiadora da missão. A igreja é enviada ao mundo, afinal “como, pois, invocarão naquele em quem não creram? E como crerão naquele em que não ouviram falar? E como ouvirão se não houver quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: ‘Como são belos os pés dos que anunciam boas novas!’” (Rm 10.14,15). E, por outro lado, a igreja é a apoiadora da missão. Paulo explicita isso em Romanos 15.23-28:

Mas agora, não havendo nestas regiões nenhum lugar em que precise trabalhar, e visto que há muitos anos anseio vê-los, planejo fazê-lo quando for à Espanha. Espero visitá-los de passagem e dar-lhes a oportunidade de me ajudar em minha viagem para lá, depois de ter desfrutado um pouco da companhia de vocês. Agora, porém, estou de partida para Jerusalém, a serviço dos santos. Pois a Macedônia e a Acaia tiveram a alegria de contribuir para os pobres dentre os santos de Jerusalém. Eles tiveram prazer nisso, e de fato são devedores a eles. Pois se os gentios participaram das bênçãos espirituais dos judeus, devem também servir aos judeus com seus bens materiais. Assim, depois de completar essa tarefa e de ter a certeza de que eles receberam esse fruto, irei à Espanha e visitarei vocês de passagem (Rm 15.23-28).

A figura aqui é de um exército, enviado com uma missão (por exemplo, At 13.3).³⁷

Portanto, como disse Goppelt:

Paulo compreende como Igreja de Deus o grupo de pessoas atingidas pelo chamado eletivo de Deus na pregação missionária e no Batismo, grupo esse que, portanto, está *en Christo*, pelo qual e através do qual é pregada a palavra e celebrada a Ceia do Senhor, que responde ao Evangelho, confessando, crendo e servindo em fé, e que, por isso, está trilhando o caminho através da cruz para a Ressurreição.³⁸

Resumindo, a quarta motivação teológica de Paulo para plantar igrejas era a sua convicção pessoal de que Deus o havia separado para pregar o evangelho. Tal tarefa, além de um privilégio, era uma responsabilidade, qual a necessidade premente de um devedor pagar o seu credor. Além disso,

³⁵ REGA, Lourenço Stelio. *A ética em Paulo*. In: REGA, Lourenço Stelio (org.). **Paulo e sua teologia**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009, p. 202.

³⁶ LADD, 1997, p. 721.

³⁷ Lidório salienta que a imposição das mãos por parte dos líderes da igreja em Antioquia, ao enviar Paulo e Barnabé (At 13.3), era um sinal de cumplicidade. Era uma prática usada no contexto do Império Romano, “quando generais eram enviados a terras distantes para coordenar uma província” (LIDÓRIO, Ronaldo. 2015. **Não vá! Seja enviado**. <http://apmt.org.br/central-de-artigos/nao-va-seja-enviado-504>. Acesso em 26 set. 2017).

³⁸ GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2002, p. 383.

Paulo cria que aqueles que recebiam o evangelho em fé, formavam a Igreja – fruto da missão, local de santificação, agente da missão. A Igreja deveria ser fortalecida pela exposição didática das Escrituras, e que esse era o meio usado pelo Senhor para edificar os seus discípulos.

As convicções teológicas de Paulo que o impulsionavam para o ministério de plantio de igrejas podem ser resumidas no quadro abaixo:

Quadro 2 – As convicções teológicas de Paulo para plantar igrejas

As convicções teológicas de Paulo para plantar igrejas					
Convicção	“Não há nenhum justo, nenhum sequer”	“O evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”	“A fé vem por se ouvir a mensagem”	“Chamados para serem santos”	“Sou devedor tanto a gregos quanto a bárbaros”
Referencial bíblico	Rm 3.10	Rm 1.16	Rm 10.17	Rm 1.7	Rm 1.14

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, essas não são as únicas convicções teológicas que motivaram Paulo a plantar igrejas. Todavia, indubitavelmente, são as centrais e seguem uma ordem lógica. Paulo entendia que o ser humano injusto só poderia ser justificado por Deus por meio do evangelho. Esse evangelho deveria ser exposto pela pregação da Palavra, o meio usado pelo Senhor para despertar fé dentre os eleitos. Uma vez justificados por Cristo, os crentes foram chamados para serem santos por meio da ação do Espírito Santo, da exposição didática da palavra, através dos meios da graça, no contexto da comunidade cristã. Por fim, Paulo entendia que estava pessoalmente comprometido com esse projeto, chamado por Deus para pregar o evangelho, com o mesmo peso de responsabilidade de um devedor diante do seu credor. Por fim, pode-se afirmar que as convicções teológicas de Paulo o levaram a desenvolver uma filosofia ministerial e uma metodologia específicas para o plantio de igrejas.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Roland. **Missionary methods: St. Paul's or ours?** Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1962.
- BECKER, Ulrich. 1989. *Euangelion*. In: Brown, Colin (edit.). **Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989. Vol. 2, p. 166-174.
- BETZ, O. *Dunamis*. In: Brown, Colin (edit.). **Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989. Vol. 2, p. 573-578.
- Bíblia Sagrada**, Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2007.
- BLACKBOURN, Earl. 1999. **Os meios da graça**. http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/122/Os_Meios_da_Graca. Acesso a 06 Out. 2017.
- BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça: sua vida cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- Confissão de fé de Westminster**. Disponível em: <http://monergismo.com/textos/credos/cfw.htm>. Acesso em 06 out. 2017.
- CONSTABLE**. Disponível em: <https://lumina.bible.org/bible/Romans+3>. Acesso em 25 set. 2017.

- CRANFIELD, C. E. B. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- DUNN, James D. G. **Word biblical commentary**: Romans 1-8. Dallas: Word Books, 1988. Vol. 38a.
- GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2002.
- GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- LADD, Georg E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodus, 1997.
- LEWIS, C. S. **Peso de glória**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- LIDÓRIO, Ronaldo. 2015. **Não vá! Seja enviado**. <http://apmt.org.br/central-de-artigos/nao-va-seja-enviado-504>. Acesso em 26 set. 2017.
- LOPES, Augustus Nicodemus. Paulo, Plantador de Igrejas: repensando os fundamentos bíblicos da obra missionária. **Fides Reformata**, XV, número 2:1-15, 1997.
- POHL, Adolf. **Carta aos Romanos: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 1999.
- REGA, Lourenço Stelio. *A ética em Paulo*. In: REGA, Lourenço Stelio (org.). **Paulo e sua teologia**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009. p. 53-74.
- SCHMOLLER, Alfred. **Handkonkordanz**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1955.
- SILVA, Norval Oliveira da. **Teologia e missão: perspectiva paulina da missão urbana em Romanos**. São Paulo: Morávios, 2000.
- STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. São Paulo: ABU, 1994.
- STOTT, John R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007.
- THIELMANN, F. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2007.
- WILLIAMS, David John. **Atos: novo comentário bíblico contemporâneo**. São Paulo: Vida, 1996.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

BREVE RESEÑA BIOGRÁFICA SOBRE EL DISTINGUIDO REV. JONATHAN EDWARDS

Brief biographical review on the distinguished Rev. Jonathan Edwards

Dr. Juan C. de la Cruz¹

RESUMEN

Esta breve reseña de la vida de Jonathan Edwards se circunscribe estrictamente a mostrar la data general de la vida del Rev. Jonathan Edwards, sus ancestros, su familia, sus ministerios y sus descendientes; a la par con algunas reflexiones prácticas sobre su legado. Estos datos aparecen ampliados en: BIOGRAFÍA DE JONATHAN EDWARDS: VIDA, OBRA Y PENSAMIENTO, de mi pluma; publicada en 2023 por Editorial Clie, España.

Palabras-claves: Jonathan Edwards. Vida. Obra. Pensamiento. Biografía.

ABSTRACT

This brief review of the life of Jonathan Edwards is strictly limited to showing the general data of the life of Rev. Jonathan Edwards, his ancestors, his family, his ministries and his descendants; along with some practical reflections on his legacy. These data appear expanded in: JONATHAN EDWARDS BIOGRAPHY: LIFE, WORK AND THOUGHT, by my feather; published in 2023 by Editorial Clie, Spain.

Keywords: Jonathan Edwards. Life. Construction site. Thought. Biography.

INTRODUCCIÓN

Jonathan Edwards nació en la aurora del siglo XVIII, de hecho, el 5 de octubre de 1703, siendo entonces el mismo comienzo del denominado siglo de las luces, y el siglo de las grandes e inspiradoras revoluciones. Aunque a tal momento Jonathan ya estaba muerto, al ocaso del siglo acontecieron

¹ Juan C. de la Cruz (IQ / UASD, MS / UASD, ThM / SBS, MA / SEBTS, PhD pelo SBS). Pastor principal en la Iglesia Bautista Nueva Jerusalén, Bonaio, Republica Dominicana (www.ibnjrd.org). Director del Southern Baptist School for Biblical Studies, en Republica Dominicana (www.sbs-edu.org). E-mail: jcanabel@gmail.com

dos de las revoluciones icónicas; (1) la Guerra de la Independencia americana, y (2) la archi famosa Revolución Francesa, las que además motivaron y/o fueron impulsadas tanto la modernidad como por la Revolución Industrial, dependiendo de la óptica con que se observen. El siglo XVIII fue el siglo en el que vivieron (nacieron y/o ejercieron) luminarias como Isaac Newton (m. 1727), Cotton Mather, Emanuel Kant, David Hume, Benjamin Franklin, Jean-Jacques Rosseau, François Voltaire, Adam Smith, James Watt, etc. En la música y las artes fue el siglo de J. S. Bach, Antonio Lucio Vivaldi, George Händel, y de Vincent van Gogh... y la lista se extiende casi al infinito. En el mundo teológico, a parte de nuestro biografiado, el siglo XVIII vio nacer al Dr. John Gill, George Whitefield, John y Charles Wesley, Gilbert Tennent, Dr. Jonathan Edwards Jr., David Brainer, Dr. Samuel Hopkins, Andrew Fuller, Robert Hall, John Newton, William Carey, entre otros.

¡Se trató de un verdadero siglo ilustrado! La religión experimentó cambios y avivamientos de diversas clases. Fue el siglo del Gran Despertar, que acaeció en Nueva Inglaterra, pero se extendió al reino unido y parte del viejo continente.

A Edwards se le atribuye la paternidad (haber sido el personaje clave) del Gran Avivamiento; y fue Edwards quien inspiró el venidero siglo de las misiones, especialmente con su obra “Diario del Rev. David Breiner”; y fue el padre de la Nueva Teología, la que inspiraría el Evangelicalismo americano del siglo XIX, extendiendo su secuela hasta hoy.

Si bien Edwards nació en la aurora de tal siglo, también murió relativamente joven, a poco más de mediados del mismo siglo, el 22 de marzo de 1758, a los 54 años. Edwards nació en Windsor, Connecticut, poblado a 28 km al norte de Hartford, la capital del estado. De hecho, Jonathan fue el único varón del matrimonio de Timothy y Esther Edwards entre 10 hermanas.

El tatarabuelo de Jonathan, el Rev. Richard Edwards —de origen galés—, fue un clérigo en Londres, en los días de la Reina Elizabeth.² Fue, como era común al clero, “profesor”, por cierto, “en la escuela de la compañía Cooper en Londres”.³ Murió de la plaga en 1625, dejando viuda a su esposa Ann, con quien había procreado un solo hijo, William.

La viuda contrajo nuevas nupcias con el Sr. James Coles; y estos emigraron a Hartford, Connecticut, Nueva Inglaterra.⁴ En los alrededores de 1645, William Edwards contrajo nupcias con Agnes, la cual había emigrado a Nueva Inglaterra desde Inglaterra con sus padres. No es sabido si tuvieron algún otro hijo a parte de Richard. William Edwards, fue comerciante e hizo buena fortuna.⁵

Richard Edwards fue dado a luz el 16 de mayo de 1647, en Hartford, ciudad en la cual permaneció hasta su muerte. Richard, cual su padre, fue también mercante; y también adquirió fortuna.⁶ Fue un hombre muy devoto, incluso comunicador de la iglesia presbiteriana de Hartford. Se casó con Elizabeth Tuttle⁷ (hija de William y Elizabeth Tuttle, comerciantes de Nueva Haven). Richard y Elizabeth tuvieron siete⁸ hijos, el mayor de los cuales fue Timothy, el padre de Jonathan Edwards. Al enviudar, Richard contrajo nuevas nupcias con la señorita Talcot, de Hartford, quienes juntos procrearon seis hijos. Richard murió el 20 de abril de 1718, a la edad de 71 años.⁹

² EDWARDS, Tryon. **The works of Jonathan Edwards**. Andover, 1842. Vol. I, p. x.

³ MILLER, Perry. **Jonathan Edwards**: bison book. Nebraska: University of Nebraska, 1949, p. 35.

⁴ **The Works of Jonathan Edwards**. Santiago: El Estandarte de la Verdad. A dos volúmenes condensados. Abreviación WJE, vol. I, p. ccviii. Geni: <https://www.geni.com/people/Rev-Timothy-Edwards/600000002897115106>.

⁵ MILLER, 1949, p. 35.

⁶ WJE, vol. I, p. ccviii.

⁷ WJE, vol. I, p. ccviii, registra el apellido como Tuthill, en vez de Tuttle. Parece ser que Tuttle es el correcto (así aparece en los registros web, como en wikitree, p. ej.).

⁸ Miller registra que fueron seis hijos de la pareja, en vez de 7 (p. 35). Pero registra que Elizabeth tenía una mente enfermiza (igual que otros de sus hermanos, uno de los cuales asesinó a su hermana con un hacha, y fue ahorcado por ello; otra hermana asesinó a su propio hijo, etc.), y que Elizabeth tuvo un séptimo hijo de otro hombre, razón por la que su esposo justificó divorciarse. No obstante, su hijo Timothy fue totalmente sano y equilibrado (MILLER, 1949, p. 35).

⁹ MILLER, 1949, p. 35.

Timothy Edwards fue dado a luz en Hartford, Connecticut, el 14 de mayo de 1669. Se matriculó en Harvard en 1687, y se graduó “con distinguidos honores”¹⁰ literalmente el mismo día, de Bachiller en Artes (B.A.) en la mañana, y de Maestría en Artes (M.A.) por la tarde,¹¹ el 4 de julio de 1691.¹² Luego de agotar el currículo de Harvard, obtuvo su licencia para predicar y fue invitado y ordenado al sagrado ministerio del evangelio en la Iglesia Congregacional de Windsor del Este,¹³ Connecticut, en mayo de 1694. La parroquia en Windsor del Este fue virtualmente iniciada por Timothy, permaneciendo desde entonces en aquella congregación (con la excepción de unas pocas semanas de ausencia en 1711, cuando fue nombrado capellán de las tropas de Connecticut en una expedición militar a Canadá), hasta su muerte, completando allí casi sesenta y cuatro años.

Timothy contaba ya con 86 años de edad cuando hizo su primera solicitud de un asistente.¹⁴ Aquel longevo ministerio de Timothy Edwards en Windsor del Este fue muy viable por su éxito.¹⁵ Además, Timothy trabajaba enseñando a los aspirantes universitarios (preparatoria), trabajo que realizaba de forma particular (pues siempre fue un ministro bivocacional). Timothy tuvo otros negocios, por ejemplo, una fábrica de cidra a mediana escala.

Pocos meses después de haber sido instalado en Winsor del Este, el 6 de noviembre de 1694, (contando con apenas 23 años de edad),¹⁶ Timothy contrajo sagrado matrimonio con Esther Stoddard, la segunda hija del Rev. Solomon Stoddard, de Northampton, Massachusetts. Stoddard precisamente pastoreaba la iglesia donde 33 años después, su nieto Jonathan Edwards ejercería su ministerio por casi un cuarto de siglo.¹⁷ Esther había nacido el 2 de junio de 1672. Ella fue una mujer de una inusual fortaleza y una mente bien cultivada, tanto como de muy altos estándares y elevada piedad,¹⁸ sumado a ello su independencia de carácter. Timothy y Esther permanecieron juntos por casi 63 años, hasta que los separó la muerte. Tuvieron once hijos, siendo Jonathan el único varón, el quinto en orden de nacimiento. Esther murió el 19 de enero de 1771, a los 98 años.¹⁹

Richard, inmediatamente después del matrimonio de su hijo Timothy y Esther les compró una propiedad de moderada extensión y le construyó una modesta pero hermosa casa, que estuvo en pie hasta 1803. Fue el hogar en el que crecieron Jonathan y sus hermanas. Timothy y Esther vivieron en ella por el resto de sus días.²⁰

Por el lado materno de Jonathan, el padre de Esther (Stoddard) Edwards, Solomon Stoddard (1643-1729),²¹ estudió en Harvard bajo la cátedra de Elijah Corlet. Stoddard se graduó de Bachiller en Artes (B.A.) en 1662. De 1667 a 1674 fue bibliotecario del colegio, siendo el primero en ejercer dicho cargo. Durante este periodo, en 1667, por razones de salud, fue capellán de los congregacionalistas en Barbados, por invitación del exgobernador Searle. En 1669 regresó a Boston y a punto de zarpar para

¹⁰ EDWARDS, 1842, vol. I, p. x.

¹¹ “Una muestra de mercado respeto como paga a su competencia en el aprender” (Ver: *WJE*, vol. I, p. ccviii).

¹² *WJE*, vol. I, p. ccviii.

¹³ Windsor fue el primer asentamiento colonial en Connecticut, habiéndose construido su primera casa en 1633. La primera iglesia congregacional de Windsor había sido iniciada en Dorchester, Massachusetts, el 20 de marzo de 1630, bajo la dirección del Rev. John Warham, no conformista (quien previamente había servido cual distinguido ministro en Exeter, Inglaterra). Aquella comunidad -e iglesia- se trasladaron desde Dorchester en Massachusetts a Windsor en Connecticut, en el verano de 1635. (*JEW*, I: ccix). La fotografía del letrero de la Iglesia Congregacional de lo que entonces fuera Windsor del Este refiere a Windsor del Sur. Lo que entonces era Windsor del Este, ahora incluye ambos Windsor del Este y del Sur. Fotografía tomada en octubre, 2020.

¹⁴ Geni: <https://www.geni.com/people/Rev-Timothy-Edwards/6000000002897115106>.

¹⁵ EDWARDS, 1842, vol. I, p. x.

¹⁶ DWIGHT, Timothy. **Memorias de Jonathan Edwards**, Tomo I. (Versión digital), p. 2.

¹⁷ EDWARDS, 1842, vol. I, p. x..

¹⁸ EDWARDS, 1842, vol. I, p. x-xi.

¹⁹ MILLER, 1949, p. 36.

²⁰ *WJE*, vol. I, p. ccix.

²¹ Anthony Stoddard, el padre de Solomon, había venido desde el oeste de Inglaterra a Boston. Su primera esposa, Mary Dowing (la hermana de Sir George Dowing), fue la madre de Solomon (*WJE*, vol. I, p. ccviii).

Inglaterra fue invitado a predicar en Northampton, Massachusetts, en noviembre de ese mismo año, inmediatamente luego de la muerte del Rev. Eleazar Mather, su predecesor (quien murió joven). El 4 de marzo de 1670 fue definitivamente llamado por aquella iglesia a ser pastor de ellos. Fue ordenado al santo oficio el 11 de septiembre de 1672.²² Permaneció en el oficio hasta su muerte.

El 8 de marzo de 1670, Solomon contrajo nupcias con Esther Warham Mather, viuda del fallecido Rev. Eleazar Mather (quien dejó 3 hijos). Esther era hija del Rev. John Warham, de Windsor, Connecticut (John fue el primer ministro del evangelio que hubo jamás en Windsor, y había sido pastor en Exeter, Inglaterra, antes de embarcarse a Massachusetts, justo entre los primeros colonos, en 1630). Esther Warham era nieta, por el lado materno, del Rev. Thomas Hooker, el más poderoso de toda la primera generación de predicadores puritanos en Nueva Inglaterra.²³

Los Stoddard tuvieron doce hijos, seis varones (aparte de otro varón que murió al nacer),²⁴ de entre quienes sobresalió el coronel John Stoddard (1681–1748), miembro del consejo del gobernador y comandante de la división occidental de Massachusetts. Este sería un consorte y consejero de Jonathan Edwards durante su pastorado allí. Entre los hijos de los Stoddard figura también Esther —su segunda hija—, madre de Jonathan Edwards. Este Jonathan Edwards fue nombrado pastor asistente junto a su abuelo Solomon en la iglesia en Northampton en 1727.²⁵ Entre las hijas de Solomon y Esther también sobresalió Christian, quien contrajo matrimonio con William Williams, ministro en Hartfield, Connecticut, una vez este enviudó de su primera esposa. Solomon, uno de los dos hijos de William y Christian, en su momento fue pastor en Lebanon, Connecticut. Los Williams fueron un gran clan de carácter regio.²⁶

El clan Stoddard dominó la opinión en todo el valle de Connecticut. Sus hijos, yernos y nietos ocuparon prácticamente todos los púlpitos de renombre en el valle del río Connecticut (todo el Oeste de Massachusetts y el Norte de Connecticut). Este asunto, sobre el gran liderazgo de Solomon y el lugar donde estaba ubicado, Northampton, en donde se encontraba uno de los púlpitos más sobresalientes de toda Nueva Inglaterra, hizo que la voz de Solomon fuera dominante en su denominación, incluso por sobre la de los Mather de Boston.

Solomon tuvo gran renombre en su generación por su capacidad, su entendimiento del hombre, su gran influencia entre las iglesias de Nueva Inglaterra, y su vitalidad religiosa; y será recordado por mucho tiempo debido a sus valiosos escritos que con frecuencia eran publicados de ambos lados del Atlántico. Dejó en Northampton un legado de originalidad, talento, energía y de piedad que tardó más de un centenario en apagarse.²⁷ Stoddard, su abuelo, fue quizás el escritor más citado por Jonathan Edwards en sus obras, compitiendo en este puesto solo quizás con el Rev. Thomas Shepard.

1. LA PREPARACIÓN DE JONATHAN

Timothy Edwards el padre de Jonathan y su abuelo Solomon —ministros de congregacionalistas neo-ingleses—, graduaron de Harvard. Jonathan Edwards va a cambiar la historia en este respecto.

Luego de una exitosísima y rigurosísima escolaridad en la escuela normal (la cual operaba en su misma casa), cuando Jonathan aún no había cumplido los 13 años, Timothy —su padre— lo matriculó en la Universidad de New Haven (luego Yale), Connecticut, en el otoño de 1716.

Desde la fundación de Yale en 1701, y durante casi dos décadas después, se produjeron luchas

²² *WJE*, vol. I, p. ccviii.

²³ SIMONSON, Harold P. *Jonathan Edwards: un teólogo del corazón*. Barcelona: CLIE, 2020, p. 30. Consulte aquí: “Diagrama Genealógico de los Edwards” en el “Apéndice B”. Consúltese también: “Cronología de la vida y obra de Jonathan Edwards”, en el “Apéndice A” de este trabajo.

²⁴ *WikiTree*: <https://www.wikitree.com/wiki/Stoddard-1124>.

²⁵ Iglesia Evangélica Pueblo Nuevo: https://www.iglesiapueblonuevo.es/index.php?codigo=bio_stoddards.

²⁶ MILLER, 1949, p. 36.

²⁷ *WJE*, vol. I, p. ccviii.

por su ubicación permanente. Cuando Edwards fue estudiante, él y sus compañeros de clase fueron trasladados de un lado a otro como peones en un político juego de ajedrez,²⁸ entre New Haven y Wethersfield, Connecticut.

Pese a todo, el padre de Jonathan estaba complacido con el “buen nombre” que su hijo se había hecho en Wethersfield, “tanto en cuanto a su porte y aprendizaje”.²⁹

A través de su vida Jonathan habitualmente estudiaba con pluma en mano, registrando sus pensamientos en numerosas libretas cosidas a mano; una de las cuales, su “*Catalogue*” (Catálogo) de libros, demuestra la amplia variedad de su interés.³⁰ Un ensayo de John Locke concerniente al *entendimiento humano* “*Essay Concerning Human Understanding*” (publicado en 1690),³¹ le causó una profunda impresión y ejerció mucha influencia en su pensamiento. Otros apuntes de Edwards que se conservaron de sus ensayos universitarios fueron “*The Mind*” (La mente); “*Natural Science*” (Ciencia natural), que contiene una discusión de la teoría atómica; “*The Scriptures*” (Las Escrituras) y “*Miscellanies*” (Misceláneas), que albergaban un gran plan para un trabajo sobre filosofía natural y mental, y le brindaron reglas de composición.

Edwards parece haber sido muy personalizado o solitario en la selección de su método. “El relato de la lectura de Locke que realizó Jonathan se registra en una carta (1719) en la que él le pide a su padre que le envíe dicho texto lógico, según puede ser observado en las páginas 31–32 en el volumen I de la edición a diez volúmenes de “*The Works of President Edwards*”, editado por S. E. Dwight (Nueva York, 1829–30).

Pese a que la peregrinación intelectual de Edwards parece haber sido siempre una aventura esencialmente solitaria... nunca estuvo desesperado por darse a conocer ni le gustaba la innovación, pero seleccionaría y rechazaría sin ostentación, de lo viejo y lo nuevo, de acuerdo con algún principio de gusto personal”.³² Es bueno recordar que él se tomó en serio en su vida como divinista y predicador el principio de ‘*Sola Scriptura*’, y se propuso muy joven no derivar su teología de los sistemas ni de los escritos humanos, sin cometer el error de ignorarlos.

De lo que hay pocas dudas es de que, como resalta Marsden: “Locke fue crucial en establecer la agenda filosófica de Edwards y dando forma a algunas de sus categorías”.³³ Locke abrió el espectro a una forma enteramente nueva de ver las cosas, especialmente la relación entre ideas y realidades.³⁴ Y siendo que Edwards se encuentra en el límite entre la salida del clasicismo medieval y la entrada de la era moderna; y que al mismo tiempo la universidad adaptaba su *currículum* a los nuevos cambios, migrando del aristotelismo (que pronto fue denominada como la “lógica antigua” de Petrus Ramus (1515-1572), a la nueva era ilustrada, precisamente añadiendo algo de Locke y de Newton); asuntos que colocaron a Edwards en un punto fundamental en la historia de Nueva Inglaterra.³⁵

Que estas cosas fueron así, especialmente la influencia del “Ensayo” de Locke, o sea: “Ensayo concerniente al entendimiento humano”, lo refleja claro el primer biógrafo y amigo de Edwards, el Rev.

²⁸ BROOKS, Mather; KELLEY, Yale. **A History**. Nueva Haven: Yale Univ. Press, 1974, p. 9, 21—31; DEXTER, *History*, p. 20—191; OVIATT, Edwin. **The Beginnings of Yale, 1701—1726**. Nueva Haven: Yale Univ. Press, 1916, p. 304—43, 360—75; and WARCH, Richard. **School of the Prophets**: Yale College, 1701—1740. Nueva Haven: Yale Univ. Press, 1973, p. 72—95. Puede consultar aquí también la cita anterior.

²⁹ Ver carta de Timothy Edwards a Mary Edwards, 27 de enero, 1717/18, Trask Library. (Trask Library, ALS, dirigida al reverso a Mary Edwards en Northampton. Publicado en Dwight ed., 1, 29-30.)

³⁰ SCHAFFER. Disponible en: <https://www.britannica.com/biography/Jonathan-Edwards>.

³¹ HUNT, L; MARTIN, T. R.; BÁRBARA, H. R.; PO-CHIA HSIA, R.; BONNIE, G. S. **The making of the West**. 2.ed. Bedford: St.Martin's, 2007. Vol. 1, p. 563.

³² **The Works of Jonathan Edwards**. MILLER, Perry; SMITH, John E.; STOUT, Harry S. (eds). New Haven: Yale Versity Press, 1957-2008. JEW, vol 1, p. xx; vol. 10, p. 3ss. Ed. Kinmach: <http://edwards.yale.edu/>

³³ MARSDEN, George M. **Jonathan Edwards, a life**. New Haven and London: Yale University, 2003, p. 63.

³⁴ Ver: MARSDEN, 2003, p. 63.

³⁵ Ver: MARSDEN, 2003, p. 63.

Samuel Hopkins, al registrar en su biografía sobre Edwards lo siguiente:

En su segundo año en la universidad, a los trece años de edad, leyó a ‘El entendimiento humano’ de Locke, con gran deleite y provecho... Tomando tal libro en sus manos, en una ocasión, no mucho tiempo antes de morir, dijo a ciertos de sus amigos selectos... que él fue entretenido y estuvo complacido de tal libro, más allá de lo que podía expresar, cuando lo leyó en su juventud en la universidad; que él estuvo tan comprometido y tuvo tanta satisfacción y placer al estudiarlo, que la más codiciosa miseria de coleccionar con sus manos oro y plata de algún tesoro recién descubierto.³⁶

De nuevo, debe quedar fuera de toda duda la influencia de Locke en Jonathan Edwards, y podemos enmarcar en un renglón similar a John Smith, a Newton (este último era fijo en *The Spectator*, una revista científica editada por Joseph Addison y Richard Steele, y que llegaba fija a Nueva Inglaterra, la cual Edwards devoraba mientras era estudiante universitario³⁷), Descartes y Berkeley.

Jonathan se graduó de Yale en septiembre de 1720 de bachiller en artes como mejor alumno y representante de su clase, unos días antes de su cumpleaños número 17.

Para esta época, Edwards luchaba con sus convicciones teológicas. De hecho, impresionantemente a pesar del puritanismo (y por tanto sin lugar a dudas calvinismo) de su padre; y a pesar del catecismo que había sido utilizado en su casa en su formación y de la confesión de fe que se utilizaba en la mayoría de las iglesias congregacionales por esa época (muy probablemente la Profesión de Fe y el Catecismo de John Davenport),³⁸ además del catecismo de Heidelberg que era muy usual, tanto que según el Dr. Minkema, Stoddard tenía uno en su biblioteca, también el Rev. Williams, tío de Edwards tenía una copia, Yale tenía copias, etc.,³⁹ y los catecismos y la Confesión de Westminster comenzaba a ser normativos en la generación de Edwards en Nueva Inglaterra, la mentalidad del jovencito era tendiente al arminianismo.

Luego de graduarse de su bachillerato en artes (B. A.) en Yale, de inmediato se matriculó en la misma universidad para cursar su Maestría en Divinidades. Aquel programa duraba dos años, más el tiempo que le tomara escribir y presentar la disertación (normalmente un semestre o dos). En ese ínterin, Jonathan había estado predicando en New York por un lapso de nueve meses luego de terminar el programa de posgrado en New Haven (antes de defenderla y mientras la preparaba), desde agosto de 1722.

“En mayo de 1723, Edwards regresó de nuevo desde Nueva York a Windsor del Este, a casa de sus padres, para completar el trabajo de su tesis de maestría, que ese septiembre presentó en su *Quaestio* (defensa pública). En su *Quaestio*, Edwards defendió el entendimiento tradicional de la Reforma de ‘la justificación por la fe sola’ y criticó a la Iglesia de Inglaterra”,⁴⁰ básicamente con “el caso Cutler” en mente, controversia que había causado que precisamente un año antes de la presentación de la tesis de Edwards, Timothy Cutler, el rector de New Haven, fuera despedido por abandonar el congregacionalismo en favor del anglicanismo. Jonathan “también completó sus ‘70 Resoluciones’ en agosto de 1723, poco antes de su *Quaestio*”.⁴¹

“Edwards, además, escribió varios ensayos durante el verano y el otoño de 1723 que esperaba publicar en revistas científicas. Él era intelectualmente ambicioso y quería contribuir a las grandes discusiones académicas de su época. Para dar un ejemplo bien conocido, Edwards escribió un ensayo

³⁶ MARSDEN, 2003, p. 62.

³⁷ Ver: MARSDEN, 2003, p. 62.

³⁸ The Profession of faith was first printed in London in 1642. The Catechism Containing the Chief Head of Christian Religion was printed in London in 1659. (<https://archive.org/details/catalogueofperso00dave/page/n27/mode/2up>).

³⁹ Ver: MINKEMA. Disponible en: <http://ngtt.journals.ac.za>

⁴⁰ FINN, Nathan A.; KIMBLE, Jeremy M. **A reader’s guide to the major writings of Jonathan Edwards**. Wheaton: Crossway, 2017, p. 52.

⁴¹ FINN; KIMBLE, 2017, p. 53.

sobre “Las arañas” que esperaba publicar en las actas de la *Royal Society* en Inglaterra”.⁴² La *Royal Society of London* era por cierto la más alta expresión de la publicación de novedades científicas de entonces en el mundo angloparlante. Al momento que Edwards procuró publicar, Isaac Newton era el presidente de tal Sociedad.

Edwards finalmente se graduó de Maestría en Estudios Teológicos (M.A.) en septiembre de 1723. De hecho, fue a Edwards a quien le tocó pronunciar el discurso de despedida en la universidad,⁴³ cuestión para la que solían seleccionar al más sobresaliente de la promoción.

2. LA CONVERSIÓN DE JONATHAN EDWARDS

Como buen congregacionista, Jonathan fue bautizado a ley de una semana de su nacimiento. Luego fue instruido en los asuntos de la fe cristiana en su casa y en la parroquia. Además, Jonathan siendo todavía niño experimentó los efectos de un avivamiento que hubo en la parroquia y comunidad donde vivía (la cual pastoreaba su padre).

No obstante, Edwards se cuestionó ampliamente, y al parecer tuvo serias discusiones con su Padre respecto a por qué, aunque él era considerado a toda costa un cristiano y un miembro del pacto, en realidad luego él entró en conciencia de no serlo. Edwards escribió (el 12 de enero de 1723):

Principalmente, lo que ahora me hace reflexionar acerca de mi condición interior es el **no haber experimentado la conversión** en esos pasos específicos en los que solían experimentarla el pueblo de Nueva Inglaterra, y antiguamente los disidentes de la vieja Inglaterra, por lo tanto, ahora *resolví que nunca dejaría de buscar el fondo del asunto hasta que haya encontrado satisfactoriamente la verdadera razón y fundamento por los cuales se convirtieron de esa manera.*⁴⁴

En otras palabras, Edwards averiguaría con empeño el por qué él no llegó a experimentar su salvación en la vida de iglesia en la que creció, cual los cristianos que le precedieron la habían (al parecer) experimentado.

Pero fue mientras cursaba se maestría en Yale, entre su primer año y el año de preparación para su disertación (en New York) que Edwards experimentó gradualmente lo que él entiende que fue su conversión. Él mismo se ocupó de darnos esa información en su Narrativa cuando dijo: “Mi **sentido** de las cosas divinas parecía aumentar gradualmente, hasta que fui a predicar a Nueva York; que fue un año y medio después de que *esto comenzó*”.⁴⁵

Es decir, esa *nueva manera de ver las cosas divinas*, que le producían afectos agradables y dulces, no sin desalientos y un gran sentido de impotencia, como dijo, sucedieron un año y medio (casi seguro la primavera de 1721) antes de mudarse a New York, lo cual hizo en agosto de 1722. O sea, que aquella *nueva visión de las cosas de Dios* le aconteció por primera vez a Edwards al final del invierno nórdico de 1720 (menos probable), o al comiendo de la primavera de 1721, es decir, aproximadamente entre febrero y abril de 1721 (más probable).

No obstante, a diferencia de la mayoría de los biógrafos de Edwards, el prof. Simonson⁴⁶ (un excelente crítico de Edwards y sus trabajos) cree que la experiencia de conversión de Edwards fue justamente en esa ocasión del 12 de enero de 1723, a sus 19 años de edad, mientras estaba en Nueva York ministrando como interino en aquella pequeña iglesia presbiteriana. Simonson creyó que hay una casi incuestionable coincidencia entre lo que anotó en su “*Diario*” ese 12 de enero, y lo que relató sobre *su conversión* en su “*Narrativa*”; e, incluso, la resolución que escribió justamente ese día, la cual reza como sigue:

⁴² FINN; KIMBLE, 2017, p. 53.

⁴³ SCHAFER. Disponible en: <https://www.britannica.com/biography/Jonathan-Edwards>

⁴⁴ STORMS. Disponible en: <https://www.coalicionporelevangelio.org/articulo/10-cosas-deberias-saber-jonathan-edwards/>

⁴⁵ EDWARDS, Jonathan. **Narrativa personal**. Editorial Proclama, 2021.

⁴⁶ Consulte: SIMONSON, 2020, p. 30, 31.

Resuelvo: que no tendré otro fin excepto la religión, y nada tendrá ninguna influencia en cualesquiera de mis acciones; y que no habrá acción alguna, aún en la más mínima circunstancia, que no sea aquella a la que la finalidad religiosa conlleve.⁴⁷

Pero creo que hay que observar que Edwards habla de un comienzo y un progreso en esta experiencia. Y Él mismo escribió que aquello comenzó al comienzo de su maestría en Yale.

Yo creo que aquí ayudan en sobremanera el análisis de las demás resoluciones tomadas por Edwards ese mismo día. Por ejemplo, resaltó también el prof. Simonson que “es claro que ese sábado Edwards estaba *consagrándose* al Señor, pues recuerda aquí: (1) la consagración bautismal (la cual le fue administrada cuando recién nacido, según la costumbre congregacionalista), (2) la consagración de cuando fue recibido en la comunión de la iglesia (que era un acto consciente a petición del individuo, quien confesaba de ese modo su fe públicamente, según la tradición congregacionalista por entonces, que generalmente acontecía entre la niñez tardía y la adultez), y consagraba solemnemente esa determinación de ese 12 de enero de 1723”; además de haberse referido expresamente a “su primera convicción”, en el primer cuatrimestre de 1721. Observe su otra resolución de aquel 12 de enero:

Resuelvo: renovar frecuentemente **la dedicación de mí mismo a Dios**, la que fue hecha el día de mi bautizo, la cual solemnemente renové cuando fui recibido en la comunión de la iglesia, y la que **solemnemente vuelvo a hacer en este día**⁴⁸ 12 de enero de 1723.⁴⁹

Más específico, categórico y amplio no pudo ser. Edwards está claramente recordando momentos remarcables en la historia de su espiritualidad.

Por otra parte, el Prof. Marsden, una de las más grandes autoridades de finales del siglo XX y de este siglo en curso (XXI) sobre Edwards, ve tanta ambivalencia en las determinaciones de Edwards en tal respecto, que incluso especula que la conversión de Edwards pudo haber ocurrido después, entre su pastoría en Bolton y su tutoría en Yale. Marsden refiere que Edwards tuvo otra serie de discusiones con sus padres entre el momento de haber regresado desde New York a Windsor y su determinación de pastorear en Bolton, y el profesor no está seguro si esas discusiones fueron sobre la negativa de Edwards de querer quedarse pastoreando en Bolton (pues tenía el anhelo de regresar a New York) — sin data clara aquí sobre este particular —, o aquella discusión sobre los asuntos de la conversión.⁵⁰

Edwards explica este proceso (de su conversión y dedicación a Cristo) con mucha maestría en su “Narrativa Personal”. De ese tratado produjimos una edición anotada y explicada, publicada por Editorial Proclama, titulada igual, “Narrativa Personal”, en cuya obra creemos haber dado en el clavo en aquello que debe ser entendido respecto de la conversión, basados en la conversión de Jonathan. No deje de analizarla, una impecable pieza de la literatura narrativa que ha recibido múltiples elogios, siendo colocada entre las mejores de esa clase, al lado de la de Agustín, “Confesiones”; y la de Bunyan, “Gracia abundante para el mayor de los pecadores”.

Aquí una de mis conclusiones en este respecto. Note Ud. la cita de lo que Edwards describió que sucedió en aquella primavera de 1721:

La primera vez que recuerdo de esa clase interior de *gran deleite en Dios y de las cosas divinas*, eso que yo he vivido mucho desde entonces, fue al leer esas palabras en 1 Timoteo 1:17... Al estar leyendo esas palabras, ellas vinieron a mi alma, y fue como si hubieran derramado en ella, *una sensación de la gloria del Divino Ser; una nueva sensación*, bastante diferente de cualquier cosa que hubiera experimentado anteriormente... oré de una manera bastante diferente a la que estaba acostumbrado con *una nueva clase*

⁴⁷ Resolución Nº 44 del 12 de enero de 1723. Ese mismo sábado Edwards escribió varias de sus resoluciones; tenemos 4 fechadas ese día, desde la 42 hasta la 45; pero casi seguro la Nº 46 es del mismo día.

⁴⁸ Es evidente que Edwards está dedicando solemnemente su vida a Cristo ese 12 de enero de 1723, estando en NY. Y es exactamente el fruto de su meditación reciente que había entendido que su conversión no había acontecido de la forma tradicional que anunciaban los antiguos inmigrantes a Nueva Inglaterra y los que le habían precedido en aquella nación —que a ese momento contaba con poco más de un siglo—.

⁴⁹ Resolución Nº 42.

⁵⁰ Ver aquí: MARS DEN, 2003, p. 44-58.

de afecto.

Ahora, note la cadencia de ese mismo párrafo al final:

Pero nunca vino a mi pensamiento, que hubiera algo espiritual, o de una naturaleza salvadora en esto.⁵¹

Notemos lo que el mismo Edwards dice en la última oración del párrafo anterior (resaltado en negrita); es decir, aunque le había asaltado una sensación gloriosa y una luz para saborear y comprender las Escrituras, él mismo relata “pero **nunca vino a mi pensamiento, que hubiera algo espiritual, o de una naturaleza salvadora en esto**”. Es lógico ver aquí que hubo una infusión del Espíritu de Gracia, pero eso no es equivalente a la conversión. Creemos que eso es literalmente nombrado en las doctrinas cristianas como la “regeneración”. Que a mi juicio (y esto es especulativo en el campo lógico), la regeneración espiritual (la obra interior del Espíritu en el hombre por haber oído el evangelio), no tiene que coincidir en tiempo y espacio con “la conversión”. La primera (regeneración) es una obra secreta de Dios en el alma (el corazón) del pecador, la segunda (conversión) es una acción pública consciente de confesión (usualmente se hace acompañar del rito del bautismo). La primera asegura indefectiblemente la segunda, pero se puede lógicamente notar un lapso temporal entre una y otra, aunque sea de unos pocos minutos; pero a mi juicio puede tomarse días y hasta más tiempo: ¿por qué no?

Yo percibo que hubo cuatro eventos en la vida de Edwards en este respecto:

1. *Su bautismo*. El Sabbat 14 de octubre de 1703.⁵² De seguro le fue administrado por su padre en Windsor.
2. *Su membresía*. En las iglesias más conservadoras los candidatos habilitados debían dar testimonio público para ser aceptados como miembros. Especulamos que tal suceso aconteció muy probablemente cuando tenía entre 11 y 12 años, durante el avivamiento en Windsor.
3. *La primera convicción*, como él le llamó, le aconteció según su testimonio en la primavera de 1721, mientras se capacitaba a nivel de maestría en Yale. Presuntamente *la regeneración*.
4. Su consagración absoluta a Dios y a la causa de la religión le aconteció el 12 de enero de 1723 (mientras vivía y ministraba en NY). El más específico momento en que le ocurrió una conversión verdadera y definitiva. Presuntamente *su conversión*.

Y esos cuatro eventos no garantizaron para Edwards, ni garantizan para nadie, una completa consagración a Cristo. Por eso, Edwards escribió párrafos como el que sigue:

Tuve grandes y violentas luchas internas, hasta que después de muchos conflictos con las perversas inclinaciones, repetidas resoluciones y compromisos bajo los cuales me había propuesto yo mismo, como una clase de votos a Dios, **fui sanado totalmente** para romper con todos los caminos perversos, y todas las formas de pecados carnales exteriores, **y para dedicar mi vida a buscar la salvación**, y a realizar muchos deberes religiosos pero sin esa clase de emociones y delicias que yo anteriormente experimenté.⁵³

Notemos que él habla de “dedicar su vida a la búsqueda de la salvación”. Evidente es entonces que a lo menos en algún sentido creía no tener tal gracia por entonces, o que pensaba en ella como un proceso. Pero que sin embargo era claro que alguna obra del Espíritu estaba siendo una realidad en su vida, si bien al momento que aconteció no se daba cuenta de la influencia y acción del Espíritu en él. ¿O acaso alguien puede gustar de la verdad sin haber sido iluminado por el Espíritu? ¿Podría alguien comenzar a ver y gustar del reino de Dios sin antes haber nacido de nuevo? El mismo Edwards se

⁵¹ Es decir, él no hizo ningún voto o decisión en ese momento.

⁵² La costumbre de la época era bautizar al púrpulo a distancia de una semana a partir de su nacimiento, como vimos que Edwards hizo con los suyos. Puesto que Edwards nació el viernes 05 de octubre del año 1703 de nuestro Señor, podemos casi asegurar que tal sacramento le fue administrado el domingo 14 de octubre, según la costumbre de los Congregacionalistas por la época.

⁵³ EDWARDS, 2021.

opuso rotundamente a conceder la mínima posibilidad de que alguien pueda gustar tan solo una chispa de lo espiritual sin haber sido regenerado. En el mismo párrafo que cité anteriormente, a continuación, Edwards escribe:

Mi interés ahora trajo más luchas internas y conflictos y autorreflexión. **Hice de buscar la salvación el asunto más importante de mi vida.** Pero, aun así, me parecía, que la buscaba en una manera miserable, la cual me hizo algunas veces preguntarme si alguna vez llegaría a aquello que era salvarse. Estaba listo para dudar si alguna vez esa búsqueda miserable tendría éxito. **Fui ciertamente llevado a buscar la salvación, de una forma como nunca antes lo había sido.** *Sentía un espíritu de romper con todas las cosas en el mundo, para un mayor interés en Cristo.* Mis preocupaciones continuaron y prevalecieron con muchos pensamientos y luchas internas; pero, aun así, el expresar esa preocupación por el nombre de terror, nunca parecía ser la forma apropiada.

Sobre su terror, escribiría luego de convertido: “Antes [de mi conversión] solía asustarme descomunadamente con los truenos y con las tormentas de truenos; pero ahora, por el contrario, me gozo en ello, siento a Dios, si puedo expresarme así, cuando suceden las tormentas de truenos; y suelo aprovechar la ocasión, en tales momentos, para repararme con tal de ver las nubes, el espectáculo de los rayos, y escuchar la majestuosa y temeraria voz de los truenos de Dios, que a menudo es extremadamente entretenido, guiándome a contemplaciones dulces de mi Dios”.⁵⁴

De hecho, es justamente dos párrafos después del anteriormente citado de su “Narrativa personal” que Edwards relata aquel acontecer interior que le llevó a entender las Escrituras y contemplar a Cristo de una manera que nunca antes había acontecido. Según su relato: **La primera vez** que yo recuerdo de esa clase interior de **gran deleite en Dios y de las cosas divinas**, eso que yo he vivido mucho desde entonces, fue al leer esas palabras en 1 Timoteo 1:17... Fue en aquel preciso momento cuando dejó de luchar en su interior respecto especialmente a la doctrina de la soberanía de Dios en la salvación y la justicia divina en salvar a unos y endurecerse hacia otros.

El énfasis en la ocasión de aquella “primera convicción” que Edwards experimentó, es de lo que abundantemente nos habla en su “Narrativa”.

Lo clarísimo aquí es la conversión de Jonathan Edwards y el cambio, aunque gradual, pero total, que experimentó en su carácter y sus afectos; lo cual estamos resaltando en este libro.

3. LA ESPOSA Y FAMILIA DE JONATHAN EDWARDS

Aunque aparentemente Jonathan conocía a Sarah, el cortejo inició justamente cuando Edwards comenzó a trabajar como tutor en Yale (a donde se movió desde mayo de 1724). Elisabeth Dodds asevera que Edwards cortejó a Sarah por cuatro años a partir de 1723.⁵⁵ Se comprometieron en la primavera de 1725.⁵⁶ La boda se realizó el 28⁵⁷ de julio de 1727, apenas cinco meses luego de la ordenación de Jonathan como pastor-maestro asociado en Northampton.⁵⁸ Para entonces, Sarah contaba con 17 años de edad, y Jonathan con 24 años. Su vestido no fue blanco, sino verde olivo satinado⁵⁹ brocado con un patrón atrevido mientras esperaba a su amado. El vistió una peluca nueva empolvada con un set nuevo

⁵⁴ CRAMPTON, Gary. **A conversation with Jonathan Edwards.** Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2006, p. 11.

⁵⁵ DODDS, Elisabeth D. **Marriage to a difficult man.** Jerry Marcelino: Audubon Press, 2004, p. 13.

⁵⁶ PIPER, John; TAYLOR, Justin. **A god-entranced vision of all things.** Wheaton: Crossway, 2004, p. 58.

⁵⁷ El epitafio en Princeton dice que fue 20 de julio... y de 1727, en vez de 1728. <http://edwards.yale.edu/archive?path=aHR0cDovL2Vkd2FyZHMueWFsZS5lZHUvY2dpLWJpbj9uZXdwIGlsby9nZXRVYmplY3QucGw/Yy4zODoxNi53amVv>.

⁵⁸ Fecha escrita a mano por Edwards en la Biblia de la familia. Muchas de las biografías que leí registran que la boda fue en julio del 1728, pero es una fecha descuidada porque su primogénita Sarah nació precisamente el 5 de agosto de este año, lo cual sería una contradicción. Además, tanto su Biblia anotada como el epitafio en Princeton dicen que fue en julio de 1727. Noel Piper registra que fue el 28 de julio de 1727 (The Legacy of J. E., p. 59).

⁵⁹ Durante los días de Martha Washington, una descendiente de Sarah remodeló el vestido, copiando la moda de la Primera Dama (DODDS, 2004, p. 27).

de banda clerical que su hermana Mary (su favorita en la familia) le había regalado para la ocasión.⁶⁰

Sarah, que nació el 9 de enero de 1710,⁶¹ fue la séptima hija del matrimonio entre James Pierpont y Mary Hooker. James Pierpont fue un prestigioso clérigo congregacionista (ordenado el 2 de julio de 1685), nació en Roxbury, Massachusetts,⁶² el 4 de enero de 1659, el cual pastoreó la Primera Iglesia de Nueva Haven desde Julio de 1685 hasta su muerte el 22 de noviembre de 1714. James egresó de Harvard en 1681, y fue uno de los fundadores del Colegio de Nueva Haven (luego Universidad Yale, la que en su momento presidirían dos de sus descendientes —por la línea de Sarah y Jonathan—, a saber, Timothy Dwight y Theodore Dwight). De hecho, James Pierpont sirvió como administrador fundador de Yale desde el 16 de octubre de 1701 hasta su muerte. Luego de haber enviudado dos veces, primero de Abigail Davenport (hija del colono y ministro John Davenport) con quien se había casado el 27 de octubre de 1691 (la cual murió el 3 de febrero del año siguiente); James se casó con Sarah Haynes (hija del Rev. Joseph Haynes) el 30 de mayo de 1694, enviudando también de esta (quien falleció el 27 de octubre de 1696). Bien que James y Sarah procrearon a Abigail Pierpont. Entonces, en 1698, James contrajo nupcias con su entonces tercera esposa Mary Hooker⁶³ (1663–1740) de Farmington (hija del Rev. Samuel Hooker, y nieta del Rev. John Hooker). James y Mary tuvieron 8 hijos, 6 varones y 3 hembras, entre los cuales *Sarah Pierpont Hooker* (la esposa de Jonathan Edwards) fue la séptima. Los Pierpont eran acaudalados. Vivían en una mansión en Nueva Haven.⁶⁴

Sarah Pierpont Hooker combinó una profunda, siempre quieta, piedad con una bondad personal y un gran sentido práctico.⁶⁵ Ella era de disposición jovial y alegre, una ama de llaves práctica, una esposa modelo y fue una verdadera madre para sus once hijos. Como hija de una familia aristócrata, recibió la más avanzada educación que podía recibir una fémica entonces (lo equivalente a la preparatoria o secundaria hoy día). En esa época la educación colegiada era exclusiva para el género masculino.

Se escribió de Sarah en su epitafio (en la tumba conjunta en Princeton):

Una amiga sincera. Una vecina cortés y complaciente. Una madre judicialmente indulgente. Una esposa cariñosa y prudente. Y una cristiana muy eminente.⁶⁶

Tryon Edwards,⁶⁷ —un bisnieto suyo por la línea de su hijo Jonathan Jr.—, escribió una abundante semblanza de elogios en su obra “Las obras de Jonathan Edwards”.⁶⁸

Antes de las nupcias, Jonathan escribió sobre Sarah:⁶⁹

Dicen que hay una joven en Nueva Haven que es amada por ese Ser omnipotente que hizo y gobierna el mundo, y que hay ciertas estaciones en las que este gran Ser, de alguna manera u otra, invisiblemente viene a ella y llena su mente con tan dulce deleite que ella no se interesa en otra cosa excepto que en meditar en Él. Que ella espera que en algún momento será recibida donde Él está, ascendida de este mundo al cielo donde Él se encuentra, segura de que Él la ama demasiado para dejarla alejada de Él. Allí habitará con Él, y será cautivada con su amor y deleite para siempre. Por lo tanto, si se le presenta el mundo entero ante ella, con las mayores riquezas de sus tesoros, ella los ignora y no

⁶⁰ DODDS, 2004, p. 27.

⁶¹ No hay un consenso total de si fue del año 1710 o del anterior que Sarah nació.

⁶² <https://archive.org/details/pierpontgenea00moffgoog/page/n36/mode/2up>.

⁶³ Catalogue of the First Church in New Haven de 1685 a 1757. Se puede notar el récord de membresía de Mary en la Primera Iglesia de Nueva Haven el 19 de febrero de 1699 (<https://archive.org/details/catalogueofpersooodave/page/n27/mode/2up>), o sea, unos meses luego de haber contraído matrimonio con el pastor de aquella congregación, el Rev. James Pierpont.

⁶⁴ Pierpont Genealogies. Pp. 30-37. Puedes consultar este material en línea en: <https://archive.org/details/pierpontgenea00moffgoog/page/n36/mode/2up>.

⁶⁵ SCHAFER. Disponible en: <https://www.britannica.com/biography/Jonathan-Edwards>

⁶⁶ Jonathan Edwards Center: <http://edwards.yale.edu/archive?path=aHR0cDovL2Vkd2FyZHMueWFsZS5lZHUvY2dpLWJpb9uZZX dwaGlsby9nZXRvYmplY3QucGw/Yy4zODoxNi53amVv>.

⁶⁷ Tryon Edwards fue un teólogo y escritor estadounidense, ministro de la Segunda Iglesia Congregacional en New London, Connecticut, desde 1845 hasta 1857, después de haber servido en Rochester, Nueva York.

⁶⁸ EDWARDS, 1842, vol. I, p. xi, xii.

⁶⁹ Según lo que sabemos, Edwards plasmó esta nota (que quizás es parte de una carta que le escribió), en una página en blanco de un libro, quizás tan temprano como en 1723.

se preocupa por ello, y no tiene en cuenta ningún dolor o aflicción. Tiene una extraña dulzura en su mente y una singular pureza en sus afectos; es muy justa y recta en todas sus acciones; y no podrías persuadirla de hacer nada malo o pecaminoso, aunque le dieras todo el mundo, para no ofender a este gran Ser. Ella tiene una maravillosa dulzura, tranquilidad, y pensamiento de benevolencia universal; especialmente después de aquellos momentos en que este gran Dios se ha manifestado a su mente. A veces va de un lugar a otro cantando dulcemente; y parece estar siempre alegre y complacida, y nadie sabe por qué. Le encanta estar sola y pasear por los campos y las montañas, y parece tener a alguien invisible conversando con ella siempre.⁷⁰

Tal poema fue escrito en la tapa en blanco de un libro de gramática griego, cuando parece que se preparaba para enseñar gramática griega, pues entonces era tutor en Yale.

Samuel Hopkins, quien la conoció más tarde (de hecho, vivió una temporada con los Edwards —la familia de Jonathan y Sarah— por nueve meses desde diciembre de 1741), enfatizó su “peculiar belleza de expresión, el resultado combinado de bondad e inteligencia”.⁷¹

George Whitefield, el famoso evangelista y *revivalista* inglés (quien también se hospedó en casa de los Edwards en dos ocasiones), escribió: “No he visto una pareja más dulce hasta ahora... ella... habla con sentimiento y sólidamente de las cosas de Dios, y luce ser tal ayuda idónea para su esposo que me movió... [a orar] a Dios, que se agradara en enviar a una hija de Abraham a que sea mi esposa”.⁷²

Cabe poca duda, si alguna, del carácter de Sarah Edwards. Lo que fue Edwards como ministro descansa en gran medida sobre los hombros de aquella gran mujer, esposa y madre. Que además, al parecer, era músico (quizás tocaba el laúd). El Prof. Marsden nota que “el hogar de los Edwards pronto sería conocido como un lugar para la música y el canto, y la misma Sarah quizás tocaba un instrumento, muy probablemente el laúd, como a menudo solían las mujeres de esa época”.⁷³

Pero quien además regía la carreta familiar la mayoría del tiempo a riendas solas era precisamente Sarah, debido a que Edwards estudiaba más de 12 horas al día y dedicaba no más de una hora al cuidado de sus 11 hijos al día, cuando estaba en casa, pues a menudo estuvo haciendo trabajos itinerantes. Sarah, además, dirigía la granja y los negocios (tenían ventas de ovejas y lana), por la misma razón comentada anteriormente. Edwards era un hombre de familia, pero pastor de una gran congregación y a menudo tenía estudiantes de Yale en su casa para la instrucción práctica.

El éxito de Edwards en su familia y oficio, no hay dudas que después de Dios se lo debió a Sarah, su amada. Sarah y su esposo amaban pasar tiempo juntos a solas. Disfrutaban caminar juntos y hablar. Él encontró en ella una mente que igualaba su belleza. De hecho, ella le presentó un libro que era propiedad de Peter van Maastricht, un libro que más tarde influyó en el pensamiento de Jonathan sobre el Pacto.⁷⁴

Los afectos de Jonathan por su amada fueron tan profundos que Noël Piper hace notar, citando a Dodds, que “una vez, por ejemplo, Jonathan usó el amor de un hombre y una mujer como una ilustración de nuestra comprensión limitada del amor de una persona hacia Dios. ‘Cuando tenemos la idea del amor de otra persona por una cosa, si es el amor de un hombre por una mujer... generalmente no tenemos una idea más amplia de su amor, solo tenemos una idea de sus acciones que son los efectos del amor... Tenemos una idea débil y desvanecida de sus afectos’”.⁷⁵

⁷⁰ HUMFREY. Disponible en: <https://www.reviveourhearts.com/true-woman/blog/sarah-edwards-leaving-legacy-godliness/>. Hay varias versiones del texto y las condiciones publicadas en los archivos de Yale sobre JE en: <http://edwards.yale.edu/archive?path=aHR0cDovL2Vkd2FyZHMueWFsZS5lZHUvY2dpLWJpb9uZXdwGlsby9nZXRvYmplY3QucGw/Yy4zODoxOS53amVv>.

⁷¹ PIPER; TYLOR, 2004, p. 57.

⁷² DODDS, 2004, p. ix.

⁷³ MARSDEN, 2003, p. 34.

⁷⁴ DODDS, 2004, p. 25.

⁷⁵ PIPER; TYLOR, 2004, p. 59.

El matrimonio de los Edwards es digno de ser estudiado y admirado. Edwards se dedicó por entero al oficio pastoral. Aunque Edwards hacía rutinas, como cortar leña (especialmente en la época invernal), limpiar el jardín en ocasiones, etc., su concentración eran los estudios y la predicación (siempre con pluma y papel a mano). Mientras no tuvieron hijos, eso les daba cierta ventaja de tiempo a los Edwards, pero fueron viniendo los hijos, y visitas frecuentes que se quedaban varios días y semanas (predicadores y demás), y jóvenes egresados (generalmente de Yale) que se quedaban varios meses (cual el caso de Samuel Hopkins que vivió con los Edwards por 8 meses), hasta año y medio (como en el caso de Joseph Bellamy), para ser entrenados en teología y en el pastoreo práctico; todo lo cual de seguro implicó mucha ocupación y poco tiempo para la pareja.

El amor de Sarah y Jonathan, su modelo de administración familiar, su modelo de crianza, etc., sirvió de inspiración y modelo para muchos en toda Nueva Inglaterra. Hopkins, Whitefield y Bellamy escribirían al respecto. No debemos dejar de remarcar que el citado Dr. Samuel Hopkins fue el primer biógrafo de Edwards, y que, como hemos dejado ver, fue testigo de primera mano.

Creo de mucha pertinencia aquí traer a colación las últimas palabras de Jonathan a sus dos hijas Lucy y Esther, las cuales estaban presente en su lecho de muerte en New Jersey (para entonces Sarah Edwards apenas se preparaba para mudarse de Stockbridge a New Jersey), pues muestran el peso de lo dicho anteriormente, escribió él:

Me parece que es la voluntad de Dios que yo en breve las deje; por tanto, den mi afectuoso amor a mi querida esposa, y díganle, que la poca común unión que por largo tiempo ha subsistido entre nosotros, ha sido de tal naturaleza, según confío en lo espiritual, y lo seguirá siendo por siempre; y espero que ella soporte tan gran prueba y se someta a la voluntad de Dios.⁷⁶

Y resulta aquí del mismo modo muy inspirador y corroborativo de la mutualidad de aquella inspiradora historia de amor verdadero entre aquellos dos santos tortolitos leer la carta que tras la muerte de Jonathan le escribiera Sarah Edwards a su hija Esther Burr, quien también, había perdido a su esposo unos meses antes, y ahora a su padre, la cual nunca llegaría a leer (pues murió en el ínterin); tal carta reza:

Mi muy estimada hija, ¿qué debo decir? Un santo y buen Dios nos ha cubierto con una nube negra. ¡Oh, que besemos la vara y nos pongamos las manos en la boca! El Señor lo ha hecho. Él me ha hecho adorar sus bondades, pues le tuvimos por mucho tiempo. Pero mi Dios vive; y Él posee mi corazón. ¡Oh, que legado el que mi esposo, y tu padre, nos ha dejado! Nosotros somos todos dádivas a Dios; y ahí estoy, y amo estar.⁷⁷

Jonathan y Sarah procrearon once hijos (el último nacido en 1750). Por tanto, como puede uno discernir aquí, eventualmente las finanzas no fueron suficientes, así que los Edwards tuvieron que hacerse de un aprisco para poder sufragar las demandas de una familia de 13, sin contar los frecuentes invitados y algunos siervos. Casi no hubo época en la que no hubiera por lo menos un huésped en la casa de los Edwards. Por ejemplo, cuando le tocó a Samuel Hopkins, que llegó a la casa de los Edwards en diciembre de 1741 (en pleno apogeo del Gran Despertar), habiendo culminado el programa en Yale ese mismo año. Cuando Samuel llegó a la casa, Edwards se encontraba ausente por varios días, había siete niños en la familia a ese punto, y la dulce Sarah tuvo que atender al jovencito; y para colmo había llegado con cierto grado de timidez y una especie de depresión,⁷⁸ la que los consejos de Sarah disiparon de inmediato; además de que la Sra. Edwards serviría de inspiración y motivación para el jovencito, el cual llegaría a ser uno de los más grandes líderes pro avivamiento del siglo XVIII en toda Nueva Inglaterra. De hecho, a la escuela de pensamiento de Edwards, Nueva Teología o *edwardsismo*, a menudo es nombrada como *hopkinsianismo*, en honor a este teólogo, el Dr. Samuel Hopkins.

Todo esto nos da un espectro de las ocupaciones de aquellos padres, particularmente de Sarah.

⁷⁶ LAWSON, Steven J. **The unwavering resolve of Jonathan Edwards**. Crawfordsville: Reformation Trust Publishing, 2008, p. 19.

⁷⁷ LAWSON, 2008, p. 19.

⁷⁸ PIPER, Noël. Disponible en: <https://youtu.be/WdUKM4-tNWI>.

Bien que los Edwards tuvieron a Venus, una sierva joven que Jonathan compró; tuvo también a Tito, un joven esclavo negro, y quizás otra esclava llamada Leah (aunque esta, según algunos, no era una tercera, sino que era el nombre cristiano que le pusieron a Venus, la data es un tanto borrosa aquí). No obstante, en 1740, Edwards y Sarah firmaron conjuntamente una garantía legal de apoyo financiero para dos esclavos liberados en el testamento de la madrastra de Sarah Edwards. Para los habitantes de Nueva Inglaterra de su estatus de élite, la participación de los Edwards en el comercio y la propiedad de esclavos no era la excepción.⁷⁹

4. LOS HIJOS DE JONATHAN Y SARAH

Jonathan y Sarah tuvieron 11 hijos.⁸⁰ El siguiente es un listado de asuntos apremiantes relacionados a toda la familia. Se trata de “una copia del récord de la familia, de sus propias manos, anotado en la Biblia de la Familia”:

- **Jonathan Edwards**, hijo de **Timothy y Esther Edwards** de Windsor, Connecticut.
 - **Yo** nací el 5 de octubre de 1703.
 - Fui ordenado en Northampton el 15 de febrero, 1727.
 - Contraí matrimonio con **Sarah Pierpont**, el 28 de julio, 1727.
 - **Mi esposa** nació el 9 de enero, 1710.
1. **Mi hija Sarah** nació un Sabbat,⁸¹ entre las 2 y las 3 de la tarde, el 25 de agosto, 1728.
 2. **Mi hija Jerusha** nació un Sabbat, a la conclusión del ejercicio de la tarde, el 26 de abril, 1730.
 3. **Mi hija Esther** nació un Sabbat entre las 9 y las 10 de la noche, el 13 de febrero, 1732.
 4. **Mi hija Mary** nació el 7 de abril, 1734, siendo Sabbat, a una hora y media de haber salido el sol, por la mañana.
 5. **Mi hija Lucy** nació un jueves, el último día de agosto, 1736, entre las 2 y las 3 de la mañana.
 6. **Mi hijo Timothy** nació el martes 25 de julio de 1738, entre las 6 y las 7 de la mañana.
 7. **Mi hija Susannah** nació el viernes 20 de junio de 1740, alrededor de las 3 a.m.
- Toda la familia mencionada arriba se enfermó de sarampión al final del año 1740.
1. **Mi hija Eunice** nació la mañana del lunes 9 de mayo de 1743, como media hora luego de la media noche, y fue bautizada el sábado de esa misma semana.
 2. **Mi hijo Jonathan** nació el Sabbat 26 de mayo de 1745 por la noche, entre las 9 y las 10 p.m., y fue bautizado el sábado siguiente.
- **Mi hija Jerusha** murió el sábado 14 de febrero de 1747, alrededor de las 5 a.m., a la edad de 17 años.
1. **Mi hija Elizabeth** nació el miércoles 6 de mayo de 1747, entre las 10 y las 11 de la noche, y

⁷⁹ Bien que Edwards reconoció la crueldad del comercio de esclavos y consideró a las personas esclavizadas como sus iguales, el propio Edwards tuvo esclavos. Ver el interesante art. Jonathan Edwards Sr.: Princeton & Slavery. Por Richard Anderson en: <https://slavery.princeton.edu/stories/jonathan-edwards>.

⁸⁰ <https://www.britannica.com/biography/Jonathan-Edwards>.

⁸¹ Sabbat, es decir, domingo.

fue bautizada el sábado siguiente.

2. Mi hijo **Pierpont** nació el Sabbat 08 de abril, 1750, entre las 8 y las 9 de la noche, y fue bautizado el domingo siguiente.
 - Yo fui despedido de mi relación pastoral en la Primera Iglesia de Northampton el 22 de junio de 1750.
 - Mi hija **Sarah** se casó con el **Dr. Elihu Parsons**, el 11 de junio de 1750.
 - Mi hija **Mary** se casó con **Timothy Dwight**, esq. de Northampton, el 8 de noviembre, 1750.⁸²
 - Mi hija **Esther** se casó con el **Rev. Aaron Burr** de Newark, el 29 de junio de 1752.
 - El **Sr. Burr**, antes mencionado, presidente del Colegio de New Jersey, murió en Princeton el 24 de septiembre de 1757, de la fiebre nerviosa. El Sr. Burr había nacido el 4 junio de 1715.
 - Yo inicié la presidencia del colegio de New Jersey, el 16 de febrero de 1758.⁸³

5. LA CRIANZA DE LOS EDWARDS

Podemos estar seguros de que Jonathan y Sarah estaban conscientes de la realidad de las promesas de Dios sobre la honra y la prosperidad de la descendencia de los piadosos (como se puede corroborar que sucedió con ellos y sus descendientes) por varias razones:

1. Ambos, Jonathan y Sarah eran descendientes de varias generaciones de piadosos, la mayoría ministros del evangelio, tanto del lado paterno como materno (en ambos casos).
2. Jonathan y Sarah habían sido educados en el seno de familias muy piadosas (congregacionalistas y puritanas).

Ambos, como era la costumbre para entonces en la piedad puritana, fueron educados a los pies de las Sagradas Escrituras y muy probablemente a los pies del Catecismo de John Davenport y/o el de Westminster, además de quizás la confesión de la Plataforma de Cambridge de 1648, en incluso quizás la de Saboya. No había necesariamente un consenso en el congregacionalismo sobre la fórmula de fe a ser utilizada, como nos deja saber el Dr. Minkema.⁸⁴ En realidad, las iglesias congregacionalistas eran literalmente de administración congregacional.

Encaja perfectamente aquí traer la narrativa de la crianza de los Edwards que plasmó el Dr. Hopkins en su excelente biografía sobre la vida y el carácter de Jonathan Edwards. Recordar aquí que el testimonio de Hopkins es de suma importancia porque además de ser un amigo de la familia y el teólogo quizás más aventajado entre quienes fueron discípulos de Edwards, él fue testigo ocular ya que —entre otras y diversas ocasiones— el Rev. Hopkins fue huésped estudiante en casa de los Edwards

⁸² **Timothy Dwight IV** (1752-1817), S.T.D, LDD., fue el segundo hijo de Mary Edwards Dwight y del Mayor Timothy Dwight III (quien batalló en la guerra revolucionaria independentista). El Dr. Timothy Dwight IV fue tutor en Yale de 1771 a 1777, y en ese año recibió su licencia de predicador, y presidente de la misma institución de 1795 hasta su muerte en 1817 (ver una semblanza más amplia en el Cap. XV de esta obra). Sereno Edwards Dwight (1786-1811) fue hijo de Timothy Dwight IV y Mary Woolsey Dwight. Este Sereno, bisnieto de Edwards, compiló los trabajos de Jonathan Edwards.

⁸³ Aquí la fecha de vida de cada uno de los hijos de Jonathan y Sarah: “Sarah (25 de agosto de 1728 – 15 de mayo de 1805), Jerusha (26 de abril 1730 – 14 de febrero de 1748), Esther (13 de febrero de 1732 – 7 de abril de 1758), Mary (4 de abril de 1734 – 28 de febrero de 1807), Lucy (31 de agosto de 1736 – 18 de octubre de 1786), Timothy (25 de julio de 1738 – 27 de octubre de 1813), Susanna (20 de enero de 1740 – 2 de mayo de 1803), Eunice (9 mayo de 1743 – 9 de septiembre de 1822), Jonathan Jr. (26 de mayo de 1745 – 1 de agosto de 1801), Elizabeth (6 de mayo de 1747 – 1 de enero de 1762), † Pierpont (8 abril de 1750 – 5 de abril de 1826)”.

⁸⁴ En cuanto al **Catecismo y la Confesión de Westminster**, aunque no categóricamente, el que en general usaba el clero de Nueva Inglaterra, mientras que la confesión en la que se basaba, de nuevo, en general, era la Plataforma de Cambridge de 1648 (respuesta por correo electrónico del Dr. Minkema a la pregunta sobre el catecismo y la confesión que utilizaban en Nueva Inglaterra a inicios del siglo XVIII). El Dr. Minkema, además, escribió un artículo titulado “Jonathan Edwards and the Heidelberg Catechism” (NGTT Deel 54, Nommers 3 & 4, September en Desember 2013) en el que demuestra que Heidelberg aparece con frecuencia en las bibliotecas de los ministros de Nueva Inglaterra, y que Edwards tuvo amplio acceso a tal fórmula de fe.

por ocho meses. Miremos sus observaciones en este tenor:

Conductualmente en su familia, Edwards practicó esas escrupulosas normas precisas que eran perspicuas en todos sus caminos. Mantuvo una gran estima y consideración por su amable y excelente confort. Gran parte de la ternura y amabilidad se expresó en su conversación con ella y se condujo hacia su protección. No la admitía con frecuencia en su estudio, pero conversaba libremente con ella sobre cuestiones religiosas. Y solía orar comúnmente con ella en su Estudio, al menos una vez al día, a menos que se lo impidiera algo extraordinario. El tiempo en el que solía ser frecuentado era justo antes de irse a la cama, después de Oraciones en familia.

Como él mismo se levantaba muy temprano, solía tener a su familia en el mar por la mañana; después de lo cual, antes de que la familia entrara en los asuntos cotidianos, dirigía las oraciones familiares. Cuando se leyó un capítulo de la Biblia, comúnmente a la luz de las velas en el invierno; sobre lo cual hizo preguntas a sus hijos según su edad y capacidad; y aprovechó la ocasión para explicar algunos párrafos en él, o hacer cumplir cualquier deber recomendado, etc., que pensó más apropiado.

Fue extremadamente cuidadoso en lo concerniente al gobierno de su familia, en consecuencia, los niños lo reverenciaban y lo amaban. Se ocupó cuidadosamente de la cuestión del gobierno según la temporada de sus hijos. Cuando ellos descubrían cualquier poco de libertad, él los dirigía hasta que entendieran a fondo y se sometieran. Y toda prudente disciplina, ejercida con la mayor calma, y comúnmente sin dar un golpe, repetido una o dos veces, era generalmente suficiente para ese Niño; y estableció eficazmente su Autoridad paterna, y produjo una obediencia alegre permanente.

Mantuvo una estricta supervisión sobre sus hijos, de tal manera que los amonestaría a la primera vez que fallaran, con miras a dirigirlos al camino correcto. Tomaba oportunidades en sus estudios, especialmente en lo concerniente al cuidado de sus almas; y darles advertencias, exhortaciones y dirección en la medida que encontraba ocasiones. Se esforzó en sobremanera para instruirlos en los fundamentos de la Religión, en lo cual debió usar el Catecismo Menor Ensamblado (*Assembly's Shorter Catechism*): los guiaba en su aprendizaje y entendimiento doctrinal, le hacía más preguntas en cada respuesta, con explicaciones. El tiempo usual para esto era los sábados por las mañanas. Y como creía que el Sabbat (Domingo) iniciaba a la puesta del sol del día anterior, requería a sus niños que terminaran todo asunto secular el sábado antes de la caída de sol; cuando los reunía, un Salmo era cantado y oraciones realizadas, como una introducción a la santificación del Sabbat. Esto previno la profanación del tiempo Santo evitando atender cuestiones comunes, lo cual era habitual hacer en otras familias con reglas distintas a comenzar la observación del Sabbat el día anterior.⁸⁵

Ningún comentario extra que añadir.

6. EL LEGADO FAMILIAR DE LOS EDWARDS

Queremos aquí presentar una breve sinopsis del legado en general de los Edwards. Entre las hijas de los Edwards, todas fieles creyentes y exitosas en sus respectivas maternidades, a juzgar por la piedad de sus descendientes:

Esther fue esposa de un ministro de suficiente fama, Aaron Burr Sr., quien por cierto fuera el segundo presidente del Colegio de Nueva Jersey (hoy Princeton), de hecho, a quien sustituyó Edwards a la muerte de este acaecida en septiembre de 1757.

Mary Edwards se casó con el Mayor Timothy Dwight III. Entre sus hijos sobresalió el Rev. Dr. Timothy Dwight IV, quien llegó a ser tutor y presidente de Yale, y quien a su vez fue padre de los abogados, reverendos y escritores William y Sereno Dwight (a este Sereno lo hemos citado abundantemente en este trabajo por su compilación de los Trabajos de Jonathan Edwards). Más adelante presentamos una breve semblanza de Timothy Dwight IV.

Entre los hijos varones de Sarah y Jonathan:

⁸⁵ HOPKINS, Samuel. **On the late rev. JE, president of the college in NJ together of a number of his sermons in various important subjects.** Boston: S. Kneeland, M,VCC,LXV, p. 43, 44.

Timothy, egresó de Princeton en 1757, fue un renombrado abogado y jurista. Al graduarse, comenzó a trabajar como comerciante en Elizabethtown, Nueva Jersey. Luego se mudó a Stockbridge alrededor de 1770, donde fue un ciudadano destacado durante cuarenta y tres años, y se desempeñó como juez de sucesiones del condado de Berkshire. Timothy se casó con Rhoda Ogden. Tuvieron quince hijos, entre quienes sobresalió su hijo William (nacido en Elizabethtown, NJ, y murió en Brooklyn, NY), fue un exitoso inventor y renombrado hombre de negocios en la industria del cuero, de hecho, introdujo el sistema ahora empleado en casi todas las curtidurías estadounidenses, mediante el cual el cuero se fabrica en aproximadamente una cuarta parte del tiempo requerido por los antiguos procesos europeos.

Jonathan Jr., fue misionero, pastor, también prolijo escritor y llegó a ser presidente de la Universidad Union de New York. Hubo un impresionante paralelismo entre el pensamiento y los sucesos de Jonathan padre y Jonathan hijo muy interesante, digna de estudio y consideración.

Pierpont Edwards fue uno de los principales inversores de la *Connecticut Land Company*. Este, el menor del reverendo Jonathan Edwards fue un destacado abogado, político y juez en New Haven y Bridgeport entre su primera elección a la legislatura estatal en 1777 y su muerte en 1826. De hecho, llegó a ser delegado del Congreso Continental Americano y un Juez Federal de los Estados Unidos. Fue uno de los líderes del partido Republicano y una voz importante en la política estatal. Trabajó como abogado tanto para South Carolina *Yazoo Land Company* como para Connecticut *Susquehanna Company*. Pierpont tuvo cuantiosas inversiones en la *Connecticut Land Company*, cosechando así el cinco por ciento (5%) de las tenencias de la Compañía en la Reserva.

Por otra parte, resulta interesante analizar lo que un educador estadounidense, A. E. Winship, decidió rastrear a los descendientes de Jonathan Edwards casi 150 años después de su muerte. A continuación, las estadísticas sobre los descendientes de los Edwards:

Un vicepresidente de los Estados Unidos de América, un decano de una facultad de derecho, un decano de una facultad de medicina, tres senadores de los Estados Unidos, tres gobernadores, tres alcaldes, trece presidentes universitarios, 30 jueces, 60 médicos, 65 profesores, 75 Oficiales militares, 80 titulares de cargos públicos, 100 abogados, 100 clérigos y 285 graduados universitarios.⁸⁶

¿Cómo se puede explicar esto? El mismo Winship afirma: “Gran parte de la capacidad y el talento, la intensidad y el carácter de los más de 1.400 de la familia de Edwards se deben a la Sra. Edwards”.⁸⁷

Los Edwards fueron fieles modelos y espectadores que disfrutaron las promesas de Dios a los piadosos: “La comunión íntima de Jehová es con los que le temen, a ellos se dará a conocer cara a cara” (Sal. 25:14).

Los Edwards nos dejaron un legado glorioso.

7. NO PIERDA DE VISTA EL TRASFONDO

Como plasmamos arriba, el padre de Jonathan, Timothy Edwards, fue ministro del evangelio. También fue un renombrado ministro del evangelio su abuelo materno, el Rev. Solomon Stoddard. Su tatarabuelo, el Rev. Richard Edwards, y su bisabuelo materno, el Rev. John Warham, fueron también clérigos (Richard Edwards lo fue en Inglaterra), si bien el Rev. Warham nació y también ministró en Inglaterra, antes de emigrar a Nueva Inglaterra donde también pastorearía.

La amada esposa de Jonathan Edwards, Sarah Pierpont Edwards, corrió con la misma realidad ancestral. Su padre, James Pierpont, fue un renombrado ministro del evangelio, y también lo fue su abuelo materno, el Rev. Samuel Hooker, y su bisabuelo materno, el Rev. John Hooker (el más

⁸⁶ BELLARD. Disponible en: <https://www.ywam-fmi.org/news/multigenerational-legacies-the-story-of-jonathan-edwards/>

⁸⁷ BELLARD. Disponible en: <https://www.ywam-fmi.org/news/multigenerational-legacies-the-story-of-jonathan-edwards/>.

renombrado predicador puritano de Nueva Inglaterra de la primera generación de ministros puritanos en ese país).

La abuela materna de Jonathan, Esther Warham Mather, hija del Rev. John Warham, enviudó del Rev. Eleazar Mather, contrayendo luego nuevas nupcias con el Rev. Solomon Stoddard (uno de los grandes predicadores de la historia americana).

Es también necesario hacer notorio aquí que los ancestros de Jonathan y Sarah hasta sus bisabuelos, no solo casi todos fueron renombrados clérigos congregacionalistas, como hemos mostrado hasta aquí, sino que además eran egresados de Cambridge o de Harvard, estando varios de ellos a su vez ligados a la instrucción académica en Harvard y/o Yale.

Podría especularse que las habilidades y la eficiencia de Jonathan Edwards, si bien sin duda alguna son fruto de los dones y el llamamiento divinos, parece además haber cierto nexo relativo a su herencia étnica, tanto como a su temprana instrucción, pues sus ancestros ejercieron su mismo oficio.

Muchos de los descendientes de los Edwards fueron ministros y esposas de ministros. Varios de ellos muy sobresalientes. Entre ellos, Dr. Jonathan Edwards Jr. (hijo, llegó a ser presidente de Union College en NY y escritor), Dr. Timothy Dwight (nieto, y llegó a ser presidente de Yale y escritor), y Rev. Tryon Edwards (bisnieto, prolijo escritor), y el Rev. John E. Edwards (hno. de Tryon).

8. LA MUERTE DEL REV. JONATHAN EDWARDS

La vida ministerial de Edwards se movió a partir de su casa en Windsor del Este (donde nació), egresando de Yale en Nueva Haven, Connecticut (donde cursó sus estudios superiores desde 1717 hasta 1722); de ahí dirigiéndose a su primer trabajo ministerial en la convulsa Ciudad portuaria de Nueva York (por nueve meses), luego pasando a pastorear Bolton, Connecticut (por seis meses). Desde Bolton, Jonathan fue a Yale por poco más de dos años (mayo 1724 a agosto 1726), en cuyo período cortejó a su amada Sarah Pierpont. De ahí Edwards pasaría a pastorear la 1ra. Iglesia de Cristo de la ciudad de Northampton, condado de Hampshire, Massachusetts, Nueva Inglaterra, donde ministró desde el otoño de 1726 hasta la primavera de 1751 (siendo ordenado al sagrado ministerio por su abuelo Solomon Stoddard el 15 de febrero de 1727, y despedido del pastorado allí el 22 de junio de 1750, ocupando el púlpito de aquella iglesia por seis meses después de ser despedido, en lo que ellos contrataron otro pastor). Desde el invierno de 1750-1751, Edwards fue invitado a predicar en Stockbridge, Massachusetts, a una comunidad mixta conformada por neo-ingleses e indígenas, siendo finalmente contratado como el pastor-misionero de aquella comarca el 10 de julio de 1751, dejando dicho trabajo en el mes de diciembre de 1757, para dirigirse a su última labor como presidente en Princeton, que inició el 16 de febrero de 1758.

A la muerte del Sr. Burr, los fideicomisarios del Colegio de Nueva Jersey le pidieron a Jonathan ocupar la presidencia de tal institución. Edwards no se sentía digno de tan honorable posición. A la petición de los fideicomisarios, en su carta del 19 de octubre de 1757, Edwards respondió con las siguientes razones por las que se sentía incapaz para ese deber:

Tengo una constitución peculiarmente infeliz en muchos aspectos, acompañada de un cuerpo flácido, apagado, de escasa fluidez, y de espíritu abatido, ocasionando a menudo una especie de debilidad infantil y una despreciable oratoria, presencia y comportamiento; soy de una monotonía y una rigidez desagradables, incapacitándome para la conversación, pero más concretamente, para el gobierno de una universidad (*Yale*, JEW 16:726). También citó lo que creía que era su deficiencia en algunas partes del aprendizaje, particularmente en álgebra, y en los conceptos superiores de las matemáticas.⁸⁸

Como lamentable suceso, en el sentido de su utilidad, el presidente y consagrado divinista, el Rev. Jonathan Edwards, falleció el 22 de marzo de 1758, justo una semana luego de haber sido inculcado.

⁸⁸ STORMS. Disponible en: <https://www.coalicionporelevangelio.org/articulo/10-cosas-deberias-saber-jonathan-edwards/>

Debido a la vacuna, contrajo una infección secundaria. Unos días seguidos murió Esther su hija, y unos meses después, su amada Sarah. Ambos Sarah y Edwards fueron sepultados en el mismo lugar.

Resulta dignificante que plasmemos aquí de nuevo la inscripción del epitafio sobre la tapa de su tumba en el Cementerio de Princeton:

EPITAFIO DE SARAH Y JONATHAN EDWARDS

Epitaph on JE's grave, Princeton cemetery

TEXTO ORIGINAL EN LATÍN	TRADUCCIÓN AL ESPAÑOL
<p><i>Epitaph⁸⁹</i> <i>Anonymous M.S. Reverendi admodum Viri, JONATHAN EDWARDS, A.M.</i> <i>Collegii Novæ Casariæ Præsidis.</i> <i>Natus apud Windsor Connecticutensium V Octobris, A.D. MDCCIII. S.V.</i> <i>Patre Reverendo Timotheo Edwards oriundus,</i> <i>Collegio Yalensi educatus;</i> <i>Apud Northampton Sacris initiatus, XV Februarii MDCCXXVI-VII.</i> <i>Illinc dimissus XXII Junii MDCCL,</i> <i>Et Munus Barbaros instituendi accepit.</i> <i>Præses Aula Nassoviciæ creatus XVI Februarii MDCCCLVIII.</i> <i>Defunctus in hoc Vico XXII Martii sequentis, S.N.</i> <i>Ætatis LV, heu nimis brevis!</i> <i>Hic jacet mortalis Pars.</i> <i>Qualis Persona quæris, Viator?</i> <i>Vir corpore procer, sed gracili,</i> <i>Studiis intentissimis, Abstinentia, et Sedulitate, Attenuato.</i> <i>Ingenii Acumine, Judicio acri, et Prudentiâ,</i> <i>Secundus Nemini Mortalium.</i> <i>Artium liberalium et Scientiarum Peritia insignis,</i> <i>Criticorum sacrorum optimus, Theologus excimius,</i> <i>Ut vix alter æqualis: Disputator candidus;</i> <i>Fidei Christianæ Propugnator validus et invictus;</i> <i>Concionator gravis, serius, discriminans;</i> <i>Et, Deo favente, Successu Felicissimus.</i> <i>Pietate præclarus, Moribus suis severus,</i> <i>Ast aliis æquus et benignus.</i> <i>Vixit dilectus, veneratus-</i> <i>Sed, ah! lugendus Moriebatur,</i> <i>Quantos Gemitus discedens ciebat!</i> <i>Heu Sapientia tanta! heu Doctrina et Religio!</i> <i>Amissum plorat Collegium, plorat Ecclesia:</i> <i>At, eo recepto, gaudet Calum.</i> <i>Abi Viator, et pia sequere Vestigia.</i></p>	<p>Consagrado a la memoria del hombre muy reverendo Jonathan Edwards, A.M. Presidente de la universidad de Nueva Jersey. Nació en Windsor, C.T. el 5 de octubre de 1703 d. C. Nacido de su padre, el reverendo Timothy Edwards, Educado en Yale College; Admitido al ministerio en Northampton el 15 de febrero de 1726-7. Despedido de allí el 22 de junio de 1750, Recibió el cargo de educar a los salvajes. Fue nombrado presidente de Nassau Hall el 16 de febrero de 1758. Murió en esta aldea el 22 de marzo siguiente, a los 55 años, ¡oh, un lapso demasiado corto! Aquí yace la parte mortal. ¿Qué clase de persona buscas, oh peregrino? Era un hombre alto de cuerpo, pero delgado. Debilitado por los estudios más intensos, abstinencia y esfuerzo constante. En agudeza mental, juicio penetrante y prudencia insuperable por ningún mortal. Distinguido a través de la experiencia de las artes y ciencias liberales, El mejor de todos los críticos sagrados y un teólogo extraordinario; Tal que difícilmente algún otro fuera su igual. Un franco disputante, un fuerte e invencible defensor de la fe cristiana; Un predicador de peso, serio y exigente, Y, si le agrada a Dios, lo más feliz en cuestión. Notable en la devoción, estricto en su moral, Pero justo y amable con los demás. Vivió amado, venerado. ¡Pero, oh!, él murió, y debe ser llorado: ¡Cuántos suspiros incita al partir! ¡Ay, qué gran sabiduría! ¡Ay, qué gran enseñanza y devoción! La universidad lamenta su pérdida, la Iglesia también: Pero el cielo, habiéndolo recibido, se regocija. Vaya peregrino y siga sus pasos sagrados.</p>
<p>In Memory of SARAH, Wife of the Revd. JONATHAN EDWARDS. Who was born Jan. 9. 1709-10 O.S. Married July 20, 1727. Died October 2. 1758 N.S. A sincere Friend. A courteous and obliging Neighbor. A judicially indulgent Mother. An affectionate and prudent Wife. And a very eminent Christian.</p>	<p>En memoria de SARA, esposa del Rev. JONATHAN EDWARDS. La cual nació el 9 de enero 1709-10 O.S. Casados el 20 de julio de 1727. Fallecida el 2 de octubre de 1758 N.S. Una amiga sincera. Una vecina cortés y complaciente. Una madre judicialmente indulgente. Una esposa cariñosa y prudente. Y una cristiana muy eminente.</p>

Esas palabras en la inscripción son suficientes para nuestro propósito aquí.

REFERENCIAS

ALLEN, Alexander V. G. **American religious leader, Jonathan Edwards.** Cornell Univ. Library, 1889. Digitalizado por Cornell Univ.: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo1.ark:/13960/t7np2nc8x-&view=1up&seq=355>

⁸⁹ JEW. Disponible en: <http://edwards.yale.edu/archive?path=aHR0cDovL2Vkd2FyZHMueWFsZS5lZHUvY2dpLWJpbj9uZXdwaGlsby9nZXRvYmplY3QucGw/Yy4zODoxNi53amVv>

BENNETT, William J. **América: la última esperanza**. California: Grupo Nelson, 2014. Vol. 1.

Britannica Encyclopedia. Disponible en: <https://www.britannica.com/>

CRAMPTON, Gary. **A conversation with Jonathan Edwards**. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2006.

DODDS, Elisabeth D. **Marriage to a difficult man**. Jerry Marcelino: Audubon Press, 2004.

DWIGHT, Timothy. **Memorias de Jonathan Edwards**, Tomo 1. Disponible en: http://www.iglesiareformada.com/las_obras_jonathan_edwards_1.pdf

DWIGHT, Timothy. **Memorias de Jonathan Edwards**, Tomo I. (Versión digital)

EDWARDS, Jonathan. **El amor y sus frutos**. Grand Rapids: Teología para vivir, 2021.

EDWARDS, Jonathan. **El fin por el cual dios creó al mundo**. Audio book. Disponible en: https://youtu.be/p_jDsVAb_S4

EDWARDS, Jonathan. **Los afectos religiosos**. 2.ed. Graham: Faro de Gracia, 2011.

EDWARDS, Jonathan. **Los afectos religiosos**. Graham: Faro de Gracia, 2000.

EDWARDS, Jonathan. **Narrativa personal**. Editorial Proclama, 2021.

EDWARDS, Jonathan. **Un avivamiento verdadero: las marcas de la obra del Espíritu Santo**. Grand Rapids: Teología para Vivir, 2020.

EDWARDS, Tryon. **The works of Jonathan Edwards**. Andover, 1842. A dos volúmenes (I y II).

FINN, Nathan A.; KIMBLE, Jeremy M. **A reader's guide to the major writings of Jonathan Edwards**. Wheaton: Crossway, 2017.

HOPKINS, Samuel. **On the late rev. JE, president of the college in NJ together of a number of his sermons in various important subjects**. Boston: S. Kneeland, M,VCC,LXV.

HUNT, L; MARTIN, T. R.; BÁRBARA, H. R.; PO-CHIA HSIA, R.; BONNIE, G. S. **The making of the West**. 2.ed. Bedford: St.Martin's, 2007. Vol. 1.

LAWSON, Steven J. **The unwavering resolve of Jonathan Edwards**. Crawfordsville: Reformation Trust Publishing, 2008.

LLOYD-JONES, Martin. **Avivamiento**. Una serie de 24 sermones predicados en la capilla de Westminster en 1959 con motivo del 100 aniversario del avivamiento en Gales en 1859. Trad. de Mario López. Recurso gratuito auspiciado por MYJ Ministry TRUST.

LLOYD-JONES, Martin. **Los puritanos**. Santiago: El Estandarte de la Verdad, 2013.

MARSDEN, George M. **A short life of Jonathan Edwards**. Grand Rapids: Eerdmans, 2008.

MARSDEN, George M. **Jonathan Edwards, a life**. New Haven and London: Yale University, 2003.

MILLER, Perry. **Jonathan Edwards**: bison book. Nebraska: University of Nebraska, 1949.

PIPER, John. **La supremacía de Dios en la predicación**. 2.ed. Graham: Faro de Gracia, 2010.

PIPER, John; TAYLOR, Justin. **A god-entranced vision of all things**. Wheaton: Crossway, 2004.

SIMONSON, Harold P. **Jonathan Edwards**: un teólogo del corazón. Barcelona: CLIE, 2020.

The Works of Jonathan Edwards Online. A 73 volúmenes (hasta dic. 2020). Disponible en <http://edwards.yale.edu/>

The works of Jonathan Edwards. Carlisle: The Banner of Truth, 1995. Vols. I y II.

The Works of Jonathan Edwards. MILLER, Perry; SMITH, John E.; STOUT, Harry S. (edits). New Haven: Yale Versity Press, 1957-2008. A 26 volúmenes. Abreviación JEW, 1.xx.

The Works of Jonathan Edwards. Santiago: El Estandarte de la Verdad. A dos volúmenes condensados. Abreviación WJE, I.xx.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

VISÃO PANORÂMICA DA TEOLOGIA DA CRIAÇÃO NO LIVRO DE SALMOS

Panoramic vision of creation theology in the book of Psalms

Me. Francis Natan Gonçalves Martins¹

RESUMO

O livro dos Salmos é sem dúvidas um registro fantástico, no qual são expressos os mais variados sentimentos do povo de Deus diante da história de Israel e o seu relacionamento com o Altíssimo. Embora seu conteúdo seja bem pessoal e dotado de expressões humanas diante da vida, o livro dos Salmos carrega em si uma teologia substancial, no tocante a diversos temas, como a teologia da criação – assunto em questão. Esta fora constituída em tempos pré escrita ao livro, mediante a influência da tradição oral hebraica, a qual resultou em registros da manifestação da pessoa do Deus Criador na história da humanidade, suas criaturas. Além do mais, o livro dos Salmos está repleto de menções específicas da criação, algumas bem detalhadas, em consonância ao relato criacional de Gênesis. Também, os Salmos revelam que, muito além de apenas ter poder de criação, o Deus Criador manifesta-se como Sustentador e Governador de toda existência, sendo que nada foge de seu domínio, pois Ele é detentor de toda a existência. O reconhecimento da teologia da criação contida nos Salmos, deve suscitar todo louvor ao Criador, pois sua obra manifesta sua sublimidade e soberania. Considera-se que a teologia da criação expressa no livro dos Salmos encerra poder didático, bem como manifestação de adoração e reconhecimento da sublimidade do Criador, ações estas que aduzem confiança aos seres criados.

Palavras-chave: Salmos. Criação. Criador. Teologia.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira; Pós-graduado em Marketing pela Unijuí e em Novas Tecnologias, Transformação Digital e Agilidade pela FIA (Fundação Instituto de Administração); e Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Professor, Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: natanmartins@batistapioneira.edu.br

ABSTRACT

The book of Psalms is undoubtedly a fantastic record, in which the most varied feelings of the people of God are expressed in the face of Israel's history and its relationship with the Most High. Although its content is very personal and endowed with human expressions in the face of life, the book of Psalms carries a substantial theology with regard to various themes, such as the theology of creation – the subject in question. This was constituted in pre-written times to the book, through the influence of the Hebrew oral tradition, which resulted in records of the manifestation of the person of the Creator God in the history of humanity, his creatures. Furthermore, the book of Psalms is full of specific mentions of creation, some very detailed, in keeping with the Genesis creation account. Also, the Psalms reveal that, far beyond just having the power of creation, the Creator God manifests himself as Sustainer and Governor of all existence, and nothing escapes his domain, for He is the holder of all existence. The recognition of the theology of creation contained in the Psalms must raise all praise to the Creator, for his work manifests his sublimity and sovereignty. The theology of creation expressed in the book of Psalms is considered to have didactic power, as well as a manifestation of worship and recognition of the Creator's sublimity, actions that add confidence to created beings.

Keywords: Psalms. Creation. Creator. Theology.

INTRODUÇÃO

Os Salmos são o conjunto de poesias, cântico e hinos que exprimem a relação que o povo de Israel teve com o Deus Altíssimo no decorrer da história passada. Visto que compõem um conjunto de expressões humanas de felicidade, júbilo, tristezas, angústias, petições, adoração e louvores, podem estes conter teologia? Sendo a resposta positiva, podem os Salmos expressarem uma teologia da criação adequada e que toque detalhes deste ato de forma razoável e substancial?

Para se alcançar respostas, analisar-se-á a influência da tradição hebraica relativa à formação teológica dos salmistas. Em sequência, será proposto um olhar panorâmico do livro dos Salmos propriamente dito, discorrendo sobre as manifestações da pessoa do Criador, expressas nas palavras dos salmistas. A partir do então, serão levantadas as citações específicas da criação no livro dos Salmos, concordantes a criação detalhada no Gênesis. Por fim, observar-se-á os atos de sustento e governo do Criador em relação e em favor de sua obra criada.

1. A CRIAÇÃO DIVINA E SEU ENSINO A PARTIR DA TRADIÇÃO HEBRAICA

Para avaliar a influência e ensino da criação, a partir da tradição hebraica é necessário começar lembrando que o povo de Israel tinha por elevado valor o conhecimento do temor ao Senhor, motivo este, pelo qual investia com afincos no ensino religioso às gerações seguintes, dispondo de todos os esforços e recursos para que a fé no Altíssimo se mantivesse viva entre o povo. Sendo assim, o povo hebreu concentrava maior parte de suas energias à preservação da herança religiosa recebida dos seus antepassados.²

Um dos principais aspectos deste empenho é demonstrado nitidamente na compreensão e aplicação da ordem bíblica registrada em Deuteronômio 6.7, de utilizar-se da rotina familiar

² COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991, p. 121-122.

cotidiana para ensinar aos seus predecessores a observância da vontade de Deus. O povo tinha por responsabilidade, diante das expressas ordens divinas, a educação na vida religiosa no âmbito do lar,³ como o primeiro contato com a fé, onde os pais repassavam o conhecimento da revelação divina aos seus filhos. Pelo que se indica no enredo bíblico, os pais hebreus levavam a sério esta tarefa do ensino, transmitindo os princípios básicos da fé, sendo os primeiros mestres a partilhar da tradição aos seus filhos. O sistema de ensino acontecia na rotina cotidiana comum, pois, em situações normais da vida (como no trabalho, criação de animais, administração de recursos), os pais narravam histórias da intervenção e manifestação de Deus na esfera humana e no tocante a história de Israel. Também usavam da leitura e do compartilhar da interpretação da Lei, sendo que o sistema de decoração de trechos das Escrituras era muito comum ao povo hebreu desde as mais tenras idades.⁴

Outro campo de investimento no partilhar da tradição e fé era no aspecto do ensino no meio religioso e comunitário, ou seja, em reuniões religiosas públicas, como festividades israelitas, cultos, ritos e rotinas sacrificiais. Desde a liturgia até o compartilhar da interpretação da Lei, a tradição hebraica era extremamente didática, tornando o envolvimento e participação nestes um tanto orientativa. Cada momento, como os mencionados, era extremamente significativo aos hebreus, pois através destes a teologia do povo ia sendo fixada em seus corações.⁵

Quanto as formas de ensino, estas eram dotadas de variados recursos, sendo que o hebreu aprendia através da escrita e até mesmo a partir do uso de adereços em vestimentas. Além do mais, semanalmente estes eram expostos a leitura dos rolos da Lei, visualização de trechos desta nos umbrais das portas e o compartilhar oral das interpretações das Escrituras Sagradas.⁶

Dentre os assuntos ensinados pelo povo hebreu as gerações futuras a criação tem destaque. Os Salmos revelam tal evidência, pois pelo fato de serem expressões individuais e nacionais de reconhecimento da pessoa de Deus, carregam em si não apenas percepções particulares experienciadas no relacionamento com o Divino, mas conhecimento passado de geração em geração, que dentre o povo hebreu tinha muita significância, pois eram manifestações de intervenções do Senhor na história do povo.⁷ Ademais, os salmistas relatavam em suas composições, convicções teológicas a respeito de Deus, como o entendimento de que este era o Criador de toda a existência.⁸ Não há questionamentos nos Salmos em relação a criação e ao Criador, pelo contrário, estas temáticas são apresentadas como fatos incontestáveis.⁹

Sendo assim, observa-se que os salmistas não chegaram ao determinado livro desprovidos de uma teologia, mas carregaram a ótica perpassada através da tradição aderida no âmbito da cultura hebraica. Portanto, as expressões descritas nas páginas dos Salmos são reflexo desta tradição colhida ao longo de gerações, sendo que a sua composição abrange cerca de oito séculos.¹⁰ Tendo isso em vista, compreende-se que o conceito de criação expresso nos Salmos não é um conhecimento original ou novo, destacado no livro, mas uma manifestação do conhecimento emanado do ensino hebraico, que também está intimamente ligado aos demais livros das Escrituras Sagradas e a tradição oral judaica.¹¹

Quanto aos conceitos do Criador e da criação, observa-se este em textos como Salmo 95.6-7, no

³ KUNZ, Marivete Z. A relevância do ensino formal e informal nas Escrituras. **Revista Via Teológica**. Vol. 17, nº 34. Dez/2016, p. 2-3.

⁴ COLEMAN, 1991, p. 127.

⁵ COLEMAN, 1991, p. 125-127.

⁶ KUNZ, 2016, p. 3.

⁷ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 300.

⁸ MONLOUBOU, L. **Os Salmos e os outros escritos**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996, p. 13-14.

⁹ PALMER, Robertson, O. **A estrutura e teologia dos Salmos**. Tradução de Thiago Machado Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 45-50.

¹⁰ MONLOUBOU, 1996, p. 68.

¹¹ PALMER, 2019, p. 45-50.

qual o salmista convida a comunidade a adoração do reconhecido Criador da humanidade. Também no Salmo 149.2, o salmista encoraja o louvor e a adoração ao Criador de Israel, sendo expresso este conceito como algo de conhecimento geral e natural ao povo, sem necessidade de ensejo conceitual explicativo para tal titulação. Ademais, nota-se que esta compreensão de Deus como o Criador – assim como as perspectivas de conhecimento de Sua Pessoa – eram perpassadas de geração em geração, conforme expresso no Salmo 145.4-13. Neste trecho, o salmista – possivelmente Davi – menciona o fato que o povo de Israel contava aos seus descendentes os feitos do Senhor, compartilhando as manifestações experienciadas com o Criador de toda existência. Sendo assim, os Salmos revelam em muitas unidades de sua coleção, percepções da Pessoa do Criador, que serão observadas à seguir.

2. REVELAÇÃO DA PESSOA DO CRIADOR

Segundo Robertson, o livro dos Salmos é mais do que uma coletânea de hinos e cânticos que expressavam a devoção do povo de Israel. É um recorte das Escrituras que contém um resumo de todos os conceitos teológicos da fé bíblica. Neste livro, é possível encontrar aspectos da teologia que estão descritos em todos os demais livros do Antigo Testamento. Sendo assim, é possível deparar-se com muitos textos que embasam a revelação da Pessoa do Criador, segundo as percepções do povo de Israel, através da história.¹² Passar-se-á a uma breve observação de alguns Salmos que destacam o Criador a partir das palavras dos salmistas.

Conforme já mencionado, Israel tinha por convicção o conceito de Deus, Iavé, como o Criador de toda a existência. Além disso, entendia-se que somente Ele é o Criador, sendo apenas uma a sua criação. Os céus, lua, estrela e seres vivos, são obras de seus dedos, referindo de forma poética que, sua criação foi feita como uma obra artesanal do Senhor (Sl 8.3-4). Foi sua palavra, o *divar* (sopro de sua boca – cf. Sl 33.6), que criou todas as coisas, céus, corpos celestes e tudo o que se vê. Nota-se também, através do ato de sua criação, que o Criador é um ser inteligente, fazendo com que a criação passe a existir do nada e a partir de coisas criadas. Sendo assim, Sua inteligência é revelada na criação!¹³

Outro aspecto do Criador apontado e reconhecido no livro de Salmos é seu esplendor e glória, destacado em diversos texto, a saber no Salmo 19.1. Neste texto, é utilizado o termo hebraico *kavod*, que se traduz por peso, esplendor e magnificência, sendo que seu uso é litúrgico, dando a conotação de glória, honra, poder e autoridade. A criação, obras de suas mãos, declaram a sua glória inigualável, a qual testifica sua dignidade de reconhecimento e adoração.¹⁴

Mas embora excelso em grandiosidade diante de sua criação, sua transcendência não implica em imanência. O Deus Criador é apontado também no livro de Salmos como um Ser pessoal, que intervém na história dos homens, suas criaturas, provendo livramentos e manifestações soberanas de domínio sobre os acontecimentos. Isso se mostra no texto de Salmo 136, no qual o salmista descreve a atuação poderosa e miraculosa do Senhor desde a libertação do povo de Israel do domínio do faraó egípcio até a posse da terra prometida.¹⁵ Ademais, o texto já mencionado, de Salmo 8.4, aponta a preocupação do Altíssimo Criador com os seus seres criados, no qual o salmista expõe a pequenez do ser humano e como o Deus Sublime se lembra deste.¹⁶

Também, consonante a este esplendor e sublimidade do Criador, o livro de Salmos expõe o quão temível é o Senhor. Os versos 8 e 9, do Salmo de número 33, revelam que o Senhor deve ser temido por todos os indivíduos, pois em seu domínio e poder, apenas ordenou, e tudo se fez. O ordenar e existir relatados são amostras de como o Criador domina sem necessidade de mínimo esforço. Tal

¹² ROBERTSON, Palmer. **A Estrutura e a Teologia dos Salmos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WDvoDq99zL0>. Acesso em 17 de maio de 2021.

¹³ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Teologia do Salmos: princípios para hoje e sempre**. Rio de Janeiro: JUERP, 2000, p. 38.

¹⁴ COELHO FILHO, 2000, p. 38.

¹⁵ COELHO FILHO, 2000, p. 39-40.

¹⁶ GONÇALVES, Almir dos Santos. **O livro dos Salmos: comentários salmo a salmo**. Rio de Janeiro: JUERP, 2003, p. 31, 32.

conhecimento deve suscitar o mais profundo temor em suas criaturas!¹⁷ Cita-se ainda, que tal conceito, da criação mediante a palavra é pouquíssimo mencionado no Antigo Testamento fora do livro do Gênesis, sendo que ocorre apenas cinco vezes nos demais livros. Destas, duas ocorrências aparecem nos Salmos, em Salmo 33.6 e 148.5. Nestas ocorrências refletem-se a absoluta ausência de esforço para a ação criativa de Deus. Além do mais, tais textos dão a entender que criação não é emanada, mas um objeto externo sobre o qual o Criador é Senhor.¹⁸

Destaca-se também, no livro de Salmos, que o Senhor Deus Criador é Bondoso e Digno de ser louvado, como mencionado no Salmo 100. No verso terceiro, é descrito que o Senhor fez todos os habitantes da terra, os quais devem louvá-lo por Sua reconhecida bondade (v.5). Este convite é feito a humanidade, frente a realidade da libertação do povo judeu do exílio babilônico. Sua intervenção redentora evidenciou o fato de que os judeus eram criaturas de suas mãos, sendo rebanho do Senhor, e por isso este não poderia permitir o permanente aprisionamento do povo, visto que lhe pertenciam. Tal ato do Senhor, lembrado no Salmo em destaque, manifesta a reconhecida natureza bondosa do Criador, em conformidade ao restante das Escrituras.¹⁹

Também o Criador é revelado nas páginas dos Salmos como “Eterno”. O Salmo 90, possivelmente escrito por Moisés, expressa o reconhecimento deste atributo do Deus Criador, sendo que Ele é de eternidade em eternidade, antes mesmo do mundo e os montes serem formados por sua manifestação criadora. O salmista Moisés também expressa neste Salmo a realidade atemporal de Deus, o qual não está limitado a contabilidade de períodos do dia, dias, anos e gerações.²⁰ O conceito da eternidade de Deus também é relatado no Salmo 102.24-27 destaca sua eternidade frente a finitude de sua criação. O salmista, ciente de sua condição como criatura do Senhor, expõe sua aflição e sua dependência do sustento por parte do Criador, para que seus dias não se findem. Ao mesmo tempo, faz uma bela declaração da eternidade do Senhor, que não é meramente infinito, mas eterno, por não ter início e não ser parte da existência, mas Criador desta. A partir de sua permissão, os céus, terra e humanidade vieram a existir e um dia terão fim. Mas o Criador não está sujeito a esta limitação! Além do mais, o salmista expressa neste Salmo a imutabilidade do Criador, a despeito do tempo que se passa à humanidade (v.27). O Deus que criou tudo que existe, não mudou, embora sua criação esteja em constante mudança e finitude.²¹

Além disso, os salmistas destacam a soberania do Criador, o qual é proprietário de sua criação e tem poder para abençoar e conceder livramentos a suas criaturas, em conformidade com os textos dos seguintes Salmos 24.1-2; 115.15; 121.2; 124.8; 134.3; 146.6. Referindo-se ainda ao Salmo 24, no verso 10 nota-se o reconhecimento daquele que fundou os mares, como *Iavé Tseva 'oth*, o Senhor Soberano que detêm domínio supremo e majestoso sobre a existência, não sendo afetado em momento algum pelo intento de poder de suas criaturas.²²

Além de tudo isso, algo que se faz relevante pontuar nesta sessão, referente a revelação do Deus Criador no livro do Salmos, é o que o texto de Salmo 19.1-4, no qual é mencionado que os céus declaram, o firmamento proclama, um dia fala a outro, a noite revela a outra, uma voz ressoa por toda a terra, dando a conhecer da manifestação do Criador. Neste trecho percebe-se que além de revelar-se pessoalmente, mediante o relacionamento com a humanidade, o Criador revela-se através da obra de suas mãos. Esta revelação, diferente da manifesta no relacionamento pessoal, é uma revelação que

¹⁷ KIDNER, Derek. **Salmos 1-72**: introdução e comentário aos livros III a V dos Salmos. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 156-157.

¹⁸ SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. Tradução de Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 170.

¹⁹ GONÇALVES, 2003, p. 206-207.

²⁰ CALVINO, João. **Livro dos Salmos**: Salmos 69 a 106. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Parakletos, 2002, 426-437.

²¹ KIDNER, Derek. **Salmos 73-150**: introdução e comentário aos livros III a V dos Salmos. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 379-382.

²² MONLOUBOU, 1996, p. 76-77.

pode ser chamada de revelação geral, dada a todos os seres humanos em todos os tempos. Embora o salmista Davi use da poesia em suas palavras descritas neste trecho, o que segue como guia nesta primeira parte do Salmo é o fato de que Deus se dá a conhecer a todos, marcando a criação com sinais de sua pessoa.²³ Relativo a este texto, cita Bruce:

Assim como uma peça de arte rara serve para dar glória a seu artesão, o objetivo projetado para o mundo criado é glorificar a Deus por meio da reflexão do seu poder e glória. Ao cumprirem a função determinada por Deus, as obras da criação existem como testemunho eloquente da revelação de Deus.²⁴

Tal manifestação também fora demonstrada noutras páginas dos Salmos, através do apontamento específico da criação do Senhor, sendo que nada que existe veio a existência senão pela ordem dele. Sobre isso, discorrer-se-á no ponto seguinte.

3. APONTAMENTOS ESPECÍFICOS DA CRIAÇÃO

Como já mencionado acima, Deus Iavé é o único Criador de toda existência. Isto se sobressalta pelo uso do termo *bara*, registrado Antigo Testamento 48 vezes, em suas raízes *qal* e *nifal*, os quais traduzem-se pelo ato de criar, a partir do nada. No livro dos Salmos, o termo é empregado em 6 momentos: Salmo 51.10; 89.12,47; 102.18; 104.30; 148.5. O interessante é notar que o termo em língua semita não fora encontrado em nenhum outro escrito antigo que não o Antigo Testamento. A explicação para tanto se dá pelo fato de que quando o termo é empregado, o sujeito é sempre Deus. Para o povo hebreu, usar tal termo relativo ao ato de um ser humano para criar algo seria tomado como blasfêmia, pois somente o Deus Iavé tem autoridade e poder para o ato de criar, segundo esta conotação.²⁵

O livro de Salmos também destaca outros termos para apontar o ato criador de Deus, como por exemplo o uso do verbo *fazer*, utilizado no saltério através do termo *yasad* (lançar os alicerces do mundo), mencionado em Salmo 24.2; 78.69; 89.11; o termo *raqa* (estendeu a terra), utilizado em Salmo 136.6; e *conen* (fundar a terra), mencionado em Salmo 24.2; 119.20. Também, em se tratando de termos, outro que é utilizado nos Salmos, a saber, no capítulo 90, verso 2, é *yalad*, que remete a concepção ou nascimento, assimilando a termos usados por outros povos.²⁶

Nota-se que o ato criador de Deus é incontestável aos salmistas. Ele, o Senhor Deus Iavé é o Criador de tudo o que há, sendo que nada existe sem a sua permissão. No decorrer dos Salmos, detalha-se especificamente sua criação da existência em todos os aspectos, remetendo à descrição da criação da perspectiva de Gênesis 1 e 2.²⁷ Elencar-se-ão versos dos Salmos que apontam o ato criador de Deus:

²³ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado** - versículo por versículo. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, vol. 2, p. 2106-2107.

²⁴ BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008, p. 902.

²⁵ SMITH, 2001, p. 171.

²⁶ SMITH, 2001, p. 169, 172.

²⁷ COELHO FILHO, 2000, p. 38.

Tudo o que há SI 33.9	Céus, Terra e Mar SI 146.6	Céus SI 19.1 SI 96.5; SI 104.2-3	<ul style="list-style-type: none"> • SI 8.3 Céus, Lua e Estrelas • SI 33.6 Céu, Corpos Celestes • SI 74.16-17 Sol e Lua, Limites da Terra e Estações • SI 104.19 Sol, Lua e Estações • SI 136.4-9 Céus, Terra, Luminares, Estrelas e Cosmos • SI 147.4 Estrelas • SI 148.1-6 Anjos, Exércitos Celestes, Sol, Lua, Estrelas e Nuvens • SI 115.15; SI 121.2; SI 124.8; SI 134.3 Céus e Terra
		Terra SI 24.2; SI 90.2; SI 104.5	<ul style="list-style-type: none"> • SI 102.25 Fundamentos da Terra e Céus • SI 89.12 Extremidades da Terra e Montes • SI 65.6 Montes • SI 104.14 Vegetação e Pastagens
		Água SI 104.10	<ul style="list-style-type: none"> • SI 95.5 Mar e Terra Seca
	Homem SI 89.47; SI 95.6-7; SI 100.3; SI 119.73; SI 149.2	Orgãos e Estrutura Física do Homem SI 94.9; 33.15; 139.13-16	
	Seres Vivos, Animais e demais Criaturas SI 104.24-30		

Mediante a exposição apresentada, constata-se a atuação criadora inequívoca do Senhor em todos os âmbitos da existência. Sua obra criacional, relatada nos Salmos, descrevem sua ação ativa e inteligível ao trazer a existência tanto o cosmos e a natureza, bem como os seres vivos, em toda a sua complexidade. Além do mais, relembra-se que em sua maioria, suas criações passaram há existir a partir do nada, mediante suas ordens soberanas. Ainda, ressalta-se que muito além de trazer a existência o que pode ser percebido na atualidade, o Senhor sustenta e governa sobre a sua obra criada – assunto que será discorrido com maior profundidade no próximo ponto.

4. O CRIADOR COMO SUSTENTADOR E GOVERNADOR DA OBRA DE SUAS MÃOS

Além de revelar Deus Iavé como o Criador de toda a existência, conforme constatado no quadro acima, o livro de Salmos o aponta como o Sustentador de sua criação. Deus é tão Poderoso, que além de criar, tem toda suficiência para manter, ordenar e dirigir sua criação em conformidade a seu querer. Afirmar isso, não implica em pensar que este ocupa-se constantemente em organizar a existência da obra de suas mãos; mas esta segue aquilo que Ele determinou em sua Soberania quando a trouxe a existência.²⁸

Menciona-se, neste sentido, o ritmo dos astros (sol e lua) e períodos do dia determinados pelo Criador. Estes cumprem seu papel diante do universo, seguindo o mandato de sua existência desde o ato de sua criação, sem a necessidade de quaisquer esforços do Senhor para que este ritmo se desenvolva sem interferências.²⁹ A referida jornada contínua dos astros e períodos do dia são apontados nos Salmos número 19, versos 1 a 6:

Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos. Um dia fala disso a outro dia; uma noite o revela a outra noite. Sem discurso nem palavras, não se ouve a sua voz. Mas a sua voz ressoa por toda a terra, e as suas palavras, até os confins do mundo. Nos céus ele armou uma tenda para o sol, que é como um noivo que sai de seu aposento, e se lança em sua carreira com a alegria de um herói. Sai de uma extremidade dos céus e faz o seu trajeto até a outra; nada escapa ao seu calor (SI 19.1-6).

Outro aspecto do governo e domínio do Deus Criador sobre sua criação é apontado no Salmo 89.9, no qual o salmista indica que o Senhor domina os mares e acalma as ondas. Embora a fúria do mar possa deixar o ser humano atônito, Kidner argumenta que tal ato só é possível àquele que fundou os mares (SI 24.2; 95.5), testificando que este pode domar aquilo que formou sem quaisquer limitações.³⁰

²⁸ SMITH, 2001, p. 179.

²⁹ GONÇALVES, 2003, p. 50-51.

³⁰ KIDNER, 1981, p. 345.

Também pode ser mencionada a realidade da definição e determinação do Criador em relação as estrelas. Em sua soberania, Deus estabeleceu a quantidade exata das miríades de estrelas, conforme o Salmo 147.4: “Ele determina o número de estrelas e chama cada uma pelo nome”.³¹ Além do mais, o Criador não apenas determinou a quantidade das estrelas (incontáveis aos homens), mas as chama pelo nome, demonstrando seu governo absoluto e ilimitado sobre os exércitos celestes. Neste trecho, também é apontada a infinidade do conhecimento do Criador.³²

Ainda, em se tratando das maravilhas criadas nos céus, o Salmo 148.6 discorre: “Ele os estabeleceu em seus lugares para todo o sempre; deu-lhes um decreto que jamais mudará”.³³ Percebe-se que além de criar, determinar a quantidade das estrelas e ter ciência de cada uma, o Deus Criador estabeleceu a localização de cada uma destas - bem como dos astros, sol e lua (cf. Sl 148.2-3). Este decreto do Senhor é além de tudo imutável, dependendo de sua soberania e governo infalível.³⁴

Destaca-se ademais, o governo do Criador relativo ao estabelecimento dos climas e fenômenos da natureza, conforme descritos no Salmo 147.8 e 15-18. O Criador é quem determinou a ordem dos climas como bem lhe aprouve, sendo que este ritmo segue como um embalo impulsionado por suas mãos. Mas não só isso, o salmista expõe o fato de que os fenômenos da natureza (chuva, neve, geada e degelo) atendem ao seu reconhecido domínio, cumprindo o que Ele suas ordens de sua voz (cf. Sl 147.15).³⁵

Ainda Salmo 147, nos versos 8 e 9, percebem-se em mais dois momentos o governo e sustento do Criador sobre as suas obras. O salmista afirma que o Criador faz crescer a relva sobre as colinas e alimenta os animais famintos. Além do cuidado ao ser humano, Deus se manifesta também como provedor às inferiores criaturas. Tremendo Deus é este que cuida dos mínimos detalhes a sua criação, não esquecendo-se nem mesmo de um pequeno animal, mas atuando de forma providencial para que esta se mantenha ordenada e suprida.³⁶

Relativo à grandiosidade manifesta pelo Criador no ato constante do sustento da obra de suas mãos, Monloubou declara:

A grandiosidade de Deus... sua altura e a sua majestade são lembradas a partir de sua ação criadora e do domínio que ele exerce sobre a história. A sua graça age quando ele olha para a profundidade, quando liberta, salva e cura; ele ainda está em ação quando Deus mantém sua criação e quando dá pão aos famintos.³⁷

O Deus Criador demonstra tal atuação em relação às suas criaturas, a humanidade, sendo que opera em todos os aspectos para que esta se mantenha viva e desfrute de benefícios qualitativos em sua jornada terrena. Isso mostra-se reconhecido no livro dos Salmos, nos textos, apresentados na tabela a seguir.³⁸

Ação	Textos
Provisão do fôlego de vida	Salmo 39.4-5; 102.24; 104.29-3; 121.7;
Provisão do alimento	Salmo 37.25; 81.10; 104.14-15; 111.5; 136.25; 145.15; 146.7;
Provisão de livramentos	Salmo 3.8; 41.1; 116.1-6, 16; 121.1-2;
Provisão de cura	Salmo 6.2; 30.2; 41.2-3; 103.3; 107.20;

³¹ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada NVI**. Nova versão internacional. Santos: Bíblia, 2000. p. 503.

³² GONÇALVES, 2003, p. 298.

³³ **Bíblia Sagrada NVI**, 2000, p. 503.

³⁴ KIDNER, 1981, p. 492.

³⁵ BRUCE, 2008, p. 901-902.

³⁶ BRUCE, 2008, p. 901.

³⁷ MONLOUBOU, 1996, p. 78.

³⁸ MONLOUBOU, 1996, p. 78.

Provisão satisfação	Salmo 1.2; 41.1-2; 112.1; 145.16;
Provisão de segurança	Salmo 3.3; 23.1-4; 94.14,22; 121.5-6; 124.8; 127.2;
Provisão de cuidado constante	Salmo 8.4; 95.7; 139.10;
Provisão da descendência	Salmo 89.29; 105.24; 112.2; 115.14-15; 127.3; 128.3;

Os Salmos refletem o cuidado constante e especial do Senhor sobre o ser humano. Embora Deus tenha criado tudo o que há, para sua glória e louvor, a criação do ser humano destaca-se como um ato maravilhoso e diferenciado (Sl 139.13-18) – pois para a criação do primeiro casal, Deus dispôs-se a gerá-los pelo trabalho de suas mãos. Tal criação apresenta-se contemplando no homem o acabamento da obra criadora. Sendo assim, justifica-se o tamanho cuidado sustentador do Criador referente ao homem quanto criatura.³⁹

Ainda pode-se destacar o Salmo 104, um poema repleto de reconhecimentos do sustento e governo do Criador em relação a sua obra como um todo. A seguir, relacionar-se-á os apontamentos descritos no Salmo:⁴⁰

Verso	Ação de Sustento do Criador	Ação de Governo do Criador
1-4		Sob os céus, nuvens, ventos e relâmpagos
5	Aos fundamentos da terra	
6-10		Sob as águas e fontes
11-18	Aos animais selvagens, animais domésticos, montes, frutos, vegetação e homens	
19-26		Sob as estações, astros, períodos do dia, animais selvagens, homens, mar e feras marítimas
27-30	Aos animais selvagens, homens e feras marítimas	
31-35		Sob a terra, montes, justos e ímpios

A ação sustentadora de Deus em relação a sua criação, revela o seu domínio sobre tudo o que há. Por ser Criador de toda existência, Ele tem status de possuidor do universo, conforme Salmos 24.1,2: “Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele vivem; pois foi Ele quem fundou-a sobre os mares e firmou-a sobre as águas”.⁴¹ Embora o ser humano, ser criado, possa desfrutar das belezas e benefícios do mundo em que vive, a terra foi criada prioritariamente para satisfação suprema da glória de seu Criador. Também, tudo o que há na esfera terrestre – assim como em todo universo –, inclusive a humanidade (Sl 100.3), é dEle e existe para a glória de seu Criador. Entende-se nisso que tal conceito, permeado no saltério, deve não apenas repassar informação ao leitor, mas despertá-lo ao propósito de sua existência: existir e se mover para a glória de seu Criador!⁴²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saltério tinha papel didático e de lembrança ao povo hebreu; mas sua atuação perpassa a barreira nacional e alcança toda a humanidade. Neste, pode-se conhecer mais do Deus Criador e sua manifestação presente na esfera humana. Além do mais, os Salmos servem de guia à contemplação da obra criada pelo Senhor, ora orientando, dando a conhecer as especificidades da criação, mas acima de

³⁹ BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Jó a Lamentações. Tradução de Ney Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 131.

⁴⁰ BRUCE, 2008, p. 864-866.

⁴¹ **Bíblia Sagrada NVI**, 2000, p. 452.

⁴² KIDNER, 1980, p. 132-133.

tudo, encorajando o engrandecimento daquele que soberanamente moveu-se no ato criador de toda a existência. Ainda, percebe-se nos Salmos que o Senhor Deus Criador é tão poderoso, que muito além de criar, formar, gerar, tem absoluta suficiência para manter, ordenar e dirigir sua criação de acordo com sua soberana determinação; sendo que nada, em toda a existência, foge do ritmo definido pelo Senhor! Sendo assim, tal reconhecimento do Deus Criador deve suscitar o mais profundo louvor, confiança e humilde submissão a Ele, conforme é encorajado no Salmo 95.6-7a: “Venham! Adorem os prostrados e ajoelhem-se diante do Senhor, o nosso Criador; pois ele é o nosso Deus, e nós somos o povo do seu pastoreio, o rebanho que ele conduz”.⁴³

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada NVI**: Nova versão internacional. Santos: Bíblica, 2000. 992 p.
- BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Jó a Lamentações. Tradução de Ney Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1993. 299 p.
- BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. 2271 p.
- CALVINO, João. **Livro dos Salmos**: Salmos 69 a 106. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Parakletos, 2002. 704 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado** - versículo por versículo. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001. V. 2, 2771 p.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Teologia do Salmos**: princípios para hoje e sempre. Rio de Janeiro: JUERP, 2000. 151 p.
- COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.
- GONÇALVES, Almir dos Santos. **O livro dos Salmos**: comentários salmo a salmo. Rio de Janeiro: JUERP, 2003. 302 p.
- KIDNER, Derek. **Salmos 1-72**: introdução e comentário aos livros III a V dos Salmos. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1980. 280 p.
- KIDNER, Derek. **Salmos 73-150**: introdução e comentário aos livros III a V dos Salmos. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1981. 494 p.
- KUNZ, Marivete Z. A relevância do ensino formal e informal nas Escrituras. **Revista Via Teológica**. Vol. 17, nº 34. Dez/2016. 15 p.
- MONLOUBOU, L. **Os Salmos e os outros escritos**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996. 522 p.
- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. 506 p.
- ROBERTSON, Palmer. **A estrutura e a teologia dos Salmos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WDvoDq99zL0>. Acesso em 17 de maio de 2021.
- ROBERTSON, Palmer. **A estrutura e teologia dos Salmos**. Tradução de Thiago Machado Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. 288 p.

⁴³ **Bíblia Sagrada NVI**, 2000, p. 482.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. Tradução de Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001. 444 p.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

MATEUS, O APÓSTOLO IMPROVÁVEL

MATTHEW, THE UNLIKELY APOSTLE

Me. Erivelton Rodrigues Nunes¹

RESUMO

O primeiro livro do Novo Testamento conhecido como o Evangelho segundo Mateus é atribuído a um homem cuja profissão e posição na sociedade de então o classificaria como improvável, como um absurdo para os padrões de sua época. Um publicano era odiado pelos judeus e o problema se agrava ainda mais ao notar que o público alvo era exatamente o que o odiava. O presente artigo faz uma abordagem geral sobre o autor, sua profissão, seu ministério e sua obra, considerando a classificação do conteúdo, suas subdivisões, o material exclusivo, discute a questão da autenticidade do Evangelho, testemunhos históricos entre outros aspectos relevantes. Ressalta os diversos testemunhos históricos dos pais da Igreja que afirmam que houve um escrito inicial de Mateus em hebraico ou aramaico antes da versão final em grego que é utilizada na Bíblia, além de discutir brevemente a primazia de Mateus em contraposição aos teóricos que defendem a primazia e dependência de Marcos. Ressalta as principais características do conteúdo do Evangelho com ênfase no cumprimento das profecias do Antigo Testamento, genealogia, o reino dos céus, a escatologia, entre outros.

Palavras-chaves: Mateus. Evangelho. Publicano.

ABSTRACT

The first book in the New Testament known as the Gospel according to Matthew is attributed to a man whose profession and position in society at the time would classify him as improbable, as absurd by the standards of his day. A publican was hated by the Jews, and the problem is further aggravated by noticing which target audience was exactly what hated him. This article makes a general

¹ O autor é graduado em Educação Musical pela UFSCAR, Redes de Computadores pela FHO-UNIARARAS, Teologia pelo Seminário SEIFA e mestre em Teologia pela FABAPAR. E-mail: ernsys@gmail.com

approach about the author, his profession, his ministry and his work, considering the classification of the content, its subdivisions, the exclusive material, discusses the issue of the authenticity of the Gospel, historical testimonies, acceptance in the canon, among other aspects. relevant. It highlights the various historical testimonies of the Church Fathers who claim that there was an initial writing of Matthew in Hebrew or Aramaic before the final Greek version that is used in the Bible, as well as briefly discussing the primacy of Matthew in opposition to theorists who defend the primacy and dependence on Mark. It highlights the main characteristics of the content of the Gospel with an emphasis on the fulfillment of Old Testament prophecies, genealogy, the kingdom of heaven, eschatology, among others.

Keywords: Matthew. Gospel. Tax collector.

INTRODUÇÃO

Os Evangelhos foram escritos em sua maioria por autores judeus, excetuando o médico Lucas a quem se atribui a autoria do terceiro evangelho. De acordo com o relato dos Evangelhos, Jesus Cristo nomeou doze de seus discípulos como apóstolos e os enviou para pregar a sua mensagem de boas novas às ovelhas perdidas da casa de Israel, usando a linguagem de sua época, no caso, o aramaico, língua semítica vernácula usada pelos judeus a partir do exílio babilônico dentro do território de Israel. Lucius afirma:

O aramaico era o idioma falado originalmente pelos povos arameus, os quais eram tribos de pastores seminômades que se estabeleceram nas terras de Aram (Síria), conforme atestado pela Bíblia e outros autores da antiguidade. Após o estabelecimento do império Assírio, o idioma aramaico se tornou a língua falada por diversos povos em toda a extensão do império e continuou como a principal língua vernácula falada em grande parte do Oriente Médio, até as conquistas árabes do nono século.²

Os judeus do primeiro século eram um povo semita que usava o idioma hebraico apenas no seu sistema litúrgico uma vez que as Escrituras Sagradas, o Tanakh ou o Antigo Testamento havia sido escrito em hebraico com pequenos trechos em aramaico. No entanto, esses judeus adotaram o aramaico como idioma vernacular a partir do exílio babilônico. Dessa forma, o hebraico ficou restrito ao uso religioso e com o passar das gerações a população leiga foi perdendo sua língua original. Em virtude disso, após o retorno do cativo babilônico foi necessário instituir a figura do intérprete das Escrituras ou rabino que passou a ler em hebraico e explicar o conteúdo ao povo em aramaico. Mesmo após a conquista dos persas, gregos e romanos o idioma aramaico não foi substituído totalmente. Os gregos influenciaram os povos conquistados em vários aspectos e a língua grega passou a ser usada predominantemente nas relações comerciais, isso explica por que o Novo Testamento foi escrito em grego koiné, no entanto, as palavras ditas por Jesus e seus apóstolos foram verbalizadas em aramaico.

Alguns autores acreditam que o evangelho de Mateus tenha sido escrito originalmente em aramaico e depois traduzido para o grego. De acordo com Rienecker, a referência mais antiga para essa afirmação vem do bispo Papias da cidade de Hierápolis que viveu por volta do ano 100 a 150 d.C., foi contemporâneo de Policarpo de Esmirna, aluno do apóstolo João e autor de uma obra com cinco livros intitulada *Exposições das Palavras do Senhor*.³ Infelizmente os cinco volumes de Papias foram perdidos, mas o bispo Eusébio de Cesareia que teve acesso a esses volumes em sua época faz uma citação importantíssima sobre o evangelho de Mateus e que ficou registrada no livro *História Eclesiástica*. Essa citação de Papias, diz o seguinte: “Mateus compilou os discursos de Jesus em língua hebraica (siro-caldeu ou aramaica), mas cada um os traduziu da melhor maneira que sabia”. Cesareia ainda observa que, para essas afirmações sobre o evangelho de Mateus, Papias se reporta a comunicações pessoais do

² LUCIUS, Fernando. **Manual da Peshitta**. Rio de Janeiro: BV Books, 2019, p.1.

³ RIENECKER, F. **Comentário Esperança, Evangelho de Mateus**. Curitiba: Esperança, 1998, p. 23.

“velho João”, isto é, do apóstolo João. Vale ressaltar que Papias confirma que as primeiras anotações de Mateus relacionadas aos discursos do Senhor foram feitas em aramaico.⁴ Reinecker observa:

Olhando para o conteúdo do evangelho de Mateus, é muito digno de nota que, em meio às narrativas, encontramos cinco discursos completos do Senhor! Esses cinco grandes discursos do Senhor distinguem-se nitidamente das narrativas que os rodeiam. A diferença também é demarcada exteriormente por uma fórmula especial: no final de cada grande discurso lê-se sempre de novo uma expressão quase idêntica:

1. Mt 7.28: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras...”
2. Mt 11.1: “Tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos...”
3. Mt 13.53: “Tendo Jesus proferido estas parábolas...”
4. Mt 19.1: “E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras...”
5. Mt 26.1: “Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos...”

Se ligássemos os cinco grandes discursos uns aos outros, não poderíamos chegar à conclusão de que esses cinco grandes discursos do Senhor formam uma unidade coesa em si? Ademais, não poderíamos supor que os cinco grandes discursos já surgiram e existiram como uma unidade antes do evangelho de Mateus? Uma tal obra consistente dos discursos maiores do Senhor poderia ter-se destinado a instruir a jovem comunidade cristã palestina nos ditos e ensinamentos do Senhor. O objetivo era mostrar à jovem comunidade qual era a vontade de Jesus, a saber, a sua santificação, ou seja, que ela seguisse a Cristo de forma verdadeira e autêntica.⁵

Green observa que os pais da igreja como Papias, Irineu, Orígenes, Eusébio e Jerônimo afirmaram que Mateus escreveu seu evangelho primeiramente com letras hebraicas. Se for feita uma análise superficial parece haver uma discordância entre alguns autores porque uns dizem que foi escrito em aramaico e outros dizem que foi hebraico, mas não há contradição uma vez que ambas as línguas usam as mesmas letras, ou seja, o mesmo sistema de símbolos ou caracteres. Na perspectiva daqueles que viram o texto escrito era muito difícil distinguir um idioma do outro porque na forma escrita são idênticos.⁶ Portanto, fica evidente que o estudo dos idiomas bíblicos pode contribuir muito para o entendimento do significado original do texto.

Para Reinecker os discursos do Senhor anotados por Mateus eram um assunto extremamente importante porque continham as palavras de Jesus.⁷ Em Atos dos Apóstolos 2.42 relata que os primeiros crentes perseveravam na “doutrina dos apóstolos” que provavelmente era composta pelos discursos didáticos de Jesus que foram transmitidos para a nova comunidade de fiéis. Com certeza essa tarefa foi realizada pelo apóstolo Mateus (pois, por causa de sua profissão como cobrador de impostos, com certeza era o mais capacitado na escrita e nas línguas) até aquele momento. Mauerhofer afirma que:

A autoria de Mateus tem atestação tão intensa por meio dos manuscritos antigos que não pairam dúvidas de que essa designação, que significativamente não pertence ao texto do evangelho, desde muito cedo desfrutava aceitação geral.⁸

Lopes observa que Mateus pelo fato de ter a profissão de cobrador de impostos, quando foi chamado para fazer parte do grupo de discípulos e apóstolos de Cristo, trouxe consigo sua caneta, sua habilidade para escrever, seu conhecimento do Antigo Testamento e dos idiomas principais de sua época e colocou todas as suas habilidades a serviço do evangelho.⁹ Mauerhofer cita o testemunho dos pais da Igreja como Irineu, bispo de Lião (m. c. 202) que afirmou ser Mateus apóstolo de Cristo. Orígenes (m. 254) de Alexandria confirma que o primeiro evangelho foi escrito em hebraico por um ex-publicano que se tornou apóstolo. Eusébio menciona que Pateno (m. antes de 200), precursor de

⁴ CESAREIA, Eusebio de. **História Eclesiástica**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 119.

⁵ RIENECKER, 1998, p. 24.

⁶ GREEN, Michael. **The Message of Matthew: The Kingdom of Heaven**. Revised Edition. London: Inter-Varsity Press, 2000, n.p.

⁷ RIENECKER, 1998, p. 26.

⁸ MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos Escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010, p. 79.

⁹ LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o Rei dos Reis**. São Paulo: Hagnos, 2019, n.p.

Clemente de Alexandria, tendo ido à Índia encontrou alguns habitantes que conheciam a Cristo através do Evangelho segundo Mateus, que fora anunciado pelo apóstolo Bartolomeu e que este deixou uma cópia do Evangelho de Mateus escrito em hebraico aos nativos. Embora os relatos de Eusébio muitas vezes sejam questionados, é digno de nota observar que todos esses testemunhos são complementares aos escritos de Papias. Além disso, Crisóstomo (m. 407), bispo de Constantinopla também deixou registrado que o primeiro Evangelho era de autoria de Mateus, cuja profissão fora publicano e que a pedido dos seus ouvintes judeus, deixou-lhes um evangelho escrito em idioma hebraico. Todos esses testemunhos atestam duas coisas importantes: a autoria do Evangelho por Mateus bem como uma versão hebraica (aramaica) do Evangelho.¹⁰

1. QUEM FOI MATEUS?

Aqueles que rejeitam a autoria do ex-publicano e apóstolo Mateus o fazem porque essas informações contrariam a posição dos que defendem a primazia de Marcos, uma vez que não faz sentido algum dizer que o apóstolo Mateus, além de ser um dos doze homens mais próximos de Cristo e ser uma testemunha ocular dos eventos relatados nos Evangelhos, tenha copiado suas informações de uma fonte secundária. Para entender melhor quem é Mateus, se faz necessário recorrer ao próprio texto bíblico. Mateus, em hebraico מתתיהו (*Matityahú*)¹¹ significa “dom ou dádiva de Yahweh”, no texto grego Μαθθαῖος (*Maththaios*)¹² significa “dom ou dádiva de Deus”. Bashaw observa que nas narrativas do Novo Testamento, Mateus é conhecido principalmente como tendo sido um coletor de impostos que, como discípulo, ofereceu um banquete para Jesus, juntamente com outros coletores de impostos e pecadores em sua casa (Mt 9.10; Mc 2.15; Lc 5.29). Seu chamado está registrado em Mateus 9.9. Seu nome aparece na lista dos 12 discípulos em Mateus 10.3, Marcos 3.18, Lucas 6.15, e Atos 1.13.¹³ Observe a tabela a seguir:

	Mateus 10.2-4	Marcos 3.18	Lucas 6.15	Atos 1.13
1	Simão Pedro	Simão Pedro	Simão Pedro	Pedro
2	André	André	André	André
3	Tiago	Tiago	Tiago	Tiago
4	João	João	João	João
5	Filipe	Filipe	Filipe	Filipe
6	Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu
7	Tomé	Tomé	Tomé	Tomé
8	Mateus	Mateus	Mateus	Mateus
9	Tiago filho de Alfeu	Tiago filho de Alfeu	Tiago filho de Alfeu	Tiago filho de Alfeu
10	Lebeu ou Tadeu	Tadeu	Judas irmão de Tiago	Judas irmão de Tiago
11	Simão o Zelote	Simão o Zelote	Simão Zelote	Simão Zelote
12	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Matias

Tabela 1 - Lista dos Apóstolos de Cristo

Marcos e Lucas identificam Mateus por seu nome na lista dos doze apóstolos. Mas, no relato onde Jesus chama o cobrador de impostos, eles o identificam como Levi, não Mateus (Mc 2.14; Lc 5.27). Isso parece sugerir que Mateus, o coletor de impostos, de Mateus 9.9 e 10.3 é a mesma pessoa que

¹⁰ MAUHERHOFER, 2010, p. 85-87.

¹¹ Todas as palavras hebraicas e suas transliterações desta pesquisa são provenientes do **Léxico Lexham da Bíblia Hebraica**. Bellingham: Lexham, 2020.

¹² Todas as palavras gregas e suas transliterações desta pesquisa são provenientes do **Léxico Lexham do Novo Testamento Grego**. Bellingham: Lexham, 2020.

¹³ BASHAW, J. G. *Matthew the Apostle*. **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020, n.p.

Levi, o cobrador de impostos nos relatos paralelos de Marcos e Lucas. Esses três relatos provavelmente descrevem o mesmo evento, conforme sugerido por suas semelhanças literárias e sua colocação dentro do mesmo contexto narrativo em todos os três evangelhos sinópticos: em cada livro, o relato está situado entre a cura de Jesus a um paralisado (Mt 9.1-8; Mc 2.1-12; Lc 5.17-26) e Jesus respondendo a perguntas sobre jejum (Mt 9.15-17; Mc 2.18-22; Lc 5.33-39). Mauerhofer argumenta que em todos os três Evangelhos a vocação sucede ao mesmo milagre, a saber, à cura de um paralisado. Também a passagem subsequente tem em todos os três o mesmo conteúdo: a questão do jejum. Visto que Levi não está listado entre os apóstolos em Marcos 3.16-19, Lucas 6.13-16 e Atos 1.13, mas Mateus está incluído em todas, é razoável concluir que o Mateus das listas de apóstolos é o Levi da história do coletor de impostos. Mateus poderia ter dois nomes semitas, usando Levi e Mateus por causa da prevalência do nome Levi. Sob essa hipótese, ele seria semelhante a José, que também foi chamado de Barnabé (At 4.36), e Barrabás, quem algumas cópias antigas de Mateus identificam como Jesus Barrabás (Mt 27.16-17). Levi também poderia ser o nome de Mateus antes da conversão.¹⁴

1.1 A PROFISSÃO DE MATEUS

Neves e McGee comentam que Mateus trabalhava na alfândega, perto de Cafarnaum, taxando o comércio que cruzava o Mar da Galileia. Era um homem culto, poliglota, e como fiscal alfandegário devia conhecer (pelo menos), o grego, o latim, o aramaico e o hebraico. Como publicano (ele é o único que se descreve assim – 10.3), era odiado e considerado um traidor pelos judeus, pois trabalhava a serviço do governo de Roma cobrando taxas e impostos dos seus patrícios. A profissão de coletor de impostos, *τελώνης* (*telônês*) em grego, tornava Mateus uma pessoa odiada pelos seus compatriotas.¹⁵ Miller em seu dicionário bíblico afirma que os cobradores de impostos, também conhecidos como publicanos, cobravam pedágios e impostos em nome do governo romano. Esses subcontratados do governo privado tributavam os viajantes que transportavam mercadorias entre propriedades ou entregassem mercadorias ao longo de certas estradas bem definidas. Roma preferia contratar moradores que estivessem familiarizados com os habitantes, terras e estradas de uma região. Alguns agentes tributários eram responsáveis por territórios tão extensos que funcionavam como subcontratados, contratando seus próprios funcionários para coletar os impostos.¹⁶ Zaqueu parece se enquadrar nessa categoria, já que é descrito como um “chefe” do coletor de impostos (Lc 19.2-10). Os coletores de impostos obtinham lucro exigindo do povo um imposto mais alto do que aquele que pagavam antecipadamente ao governo romano. Esse sistema gerou ganância e corrupção generalizadas. A profissão de arrecadador de impostos estava saturada de pessoas sem escrúpulos que sobrecarregavam os outros para maximizar seus ganhos pessoais. Como os judeus se consideravam vítimas da opressão romana, os coletores de impostos judeus que sobrecarregavam seus conterrâneos eram especialmente desprezados. Deiros observa:

Os cobradores de impostos eram odiados em todos os tempos e lugares, mas o ódio que os judeus nutriam por esses servidores públicos chegava às raias da violência. Os judeus do tempo de Jesus eram nacionalistas fanáticos. Contudo, o que mais os deixava exasperados era a convicção religiosa de que só Deus era Rei. Desse modo, pagar um imposto a um rei mortal era uma violação aos direitos exclusivos de Deus e um insulto à sua majestade soberana.¹⁷

Existem vinte referências aos coletores de impostos na Bíblia e todas estão nos Evangelhos Sinópticos. O texto dos Evangelhos tende a conectar os coletores de impostos aos pecadores (Mt 9.10; Mc 2.15-16; Lc 15.1-2). Os líderes religiosos judeus desprezavam particularmente os cobradores de impostos (Mt 9.11; 11.19; Lc 5.30; 7.34), considerando-os cerimonialmente impuros e excluindo-os

¹⁴ MAUERHOFER, 2010, p. 97.

¹⁵ NEVES, I.; MCGEE, J. V. **Comentário Bíblico de Mateus**: Através da Bíblia. 2.ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012, p. 23.

¹⁶ MILLER, J. E. *Tax Collector*. **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020, n.p.

¹⁷ DEIROS, Pablo A. **Mateus**: o evangelho do reino. São Paulo: Vida, 2021, p. 29-30.

das atividades religiosas. No entanto, João Batista batizou muitos cobradores de impostos, mas não os instruiu a mudar de profissão. Em vez disso, os exortou: “não cobreis mais do que o estipulado” (Lc 3.12-13; 7.29). Jesus interagiu com os cobradores de impostos ao longo das Escrituras, mas também falou depreciativamente sobre eles, às vezes associando-os a prostitutas (Mt 21.31-32) e gentios (Mt 18.17). Sobre se deve ou não pagar impostos, Jesus concorda que pagar impostos é correto (Mc 12.17), mas ele desaprova a corrupção generalizada existente entre os cobradores de impostos. Eles estão entre os perdidos que veio encontrar (Lc 19.10) e os enfermos a quem veio curar (Mt 9.10-12). Em Mateus 21.31-32, Jesus declara que certas prostitutas e cobradores de impostos entrariam no reino antes dos líderes religiosos porque haviam crido na mensagem de arrependimento de João. A parábola de Jesus sobre o fariseu e coletor de impostos em Lucas 18.10-14 ensina que a justiça própria desagrada a Deus quando exibida por qualquer pessoa (mesmo um fariseu), enquanto o arrependimento agrada a Deus quando exibido por qualquer pessoa (até mesmo um coletor de impostos). A associação de Jesus com os cobradores de impostos se mostra impopular, especialmente entre os líderes religiosos judeus, que consideravam a comunhão com pecadores uma culpa por associação e igual a um compromisso moral. A comunhão à mesa com cobradores de impostos é apresentada como sendo especialmente escandaloso (Mt 9.11; Mc 2.16; Lc 5.30; 15.1-2), em parte porque se pensava que a refeição teria sido comprada com os lucros obtidos com impostos antiéticos. Quando acusado de ser amigo de cobradores de impostos e pecadores impenitentes, no entanto, Jesus nega, juntamente com a acusação de que ele é um glutão e um bêbado (Mt 11.18-19; Lc 7.34).

1.2 A FAMÍLIA DE MATEUS

Quanto à família de Mateus, o texto bíblico de Marcos 2.14 apresenta-o como filho de Alfeu. No entanto, Mauerhofer afirma:

O pai de Mateus se chamava Alfeu (Mc 2.14), porém não é idêntico ao pai de Tiago, que tinha o mesmo nome. Se Mateus e Tiago fossem irmãos, eles teriam sido classificados nas listas como tais, em analogia à dupla Pedro e André e aos filhos de Zebedeu (João e Tiago), ainda mais que aparecem lado a lado em Mateus 10.3 e Atos 1.13.¹⁸

Lopes diverge nesse aspecto acreditando que Mateus e Tiago eram irmãos. Na lista dos apóstolos, Tiago, filho de Alfeu, vem sempre próximo de Tadeu, Simão, o zelote, e Judas Iscariotes. Se levar em consideração que os zelotes eram revolucionários e estavam prontos a pegar em espadas para resistir ao governo de Roma, e se considerar que Iscariotes pode vir de sicarius [sicário], palavra latina para “zelote”, então, provavelmente, Tiago, filho de Alfeu, recebeu influência desses revolucionários resistentes ao governo de Roma.¹⁹ Se isso é fato, dentro dessa mesma família, Mateus se apresenta como um publicano, um cobrador de impostos, alguém que vai na contramão dessa posição ideológica, uma vez que coopera com Roma em sua dominação. Neves e McGee afirmam que Mateus era filho de Alfeu (Mc 2.14), mas não era irmão de Tiago, o menor (Mt 10.3).²⁰

1.3 A CIDADE DE MATEUS

Winstead em seu dicionário bíblico comentou que o texto bíblico situa Mateus na cidade de Cafarnaum, em grego, Καφαρναούμ (*Kapharnaoum*) que significa “a casa (ou cidade) de Naum”; no entanto, a identidade deste Naum é desconhecida. Na época do Novo Testamento, Cafarnaum era um centro de comércio. A pesca e o comércio em geral eram as atividades mais importantes da região, nela também havia um centro fiscal romano. Cafarnaum ficava na costa noroeste do Mar da Galileia. Os escritores dos Evangelhos se referem a ela como a “cidade de Jesus” (Mt 9.1) porque, depois de deixar Nazaré, ele foi morar lá (Mt 4.13). Em comparação com a cidade vizinha de Magdala, Cafarnaum era

¹⁸ MAUERHOFER, 2010, p. 98.

¹⁹ LOPES, 2019, p. 19-20.

²⁰ NEVES; MCGEE, 2012, p. 23.

muito pequena, mas ficava na estrada que ligava a região a Damasco na Síria, por isso era um posto estratégico para Roma.²¹

Os Evangelhos fazem referência a Cafarnaum dezesseis vezes, o texto de Mateus 17.24-27 demonstra que, como um bom cidadão da cidade, Jesus pagou o imposto do templo lá. O lago em que Cafarnaum foi construída tem quatro nomes diferentes na Bíblia:

1. Mar de Quinerete (Nm 34.11; Js 12.3; 13.27)
2. Mar de Genesaré (Lucas 5.1)
3. Mar de Tiberíades (João 6.1; 21.1)
4. Mar da Galileia (Mt 4.18)

Quando Cafarnaum é mencionada no Novo Testamento, geralmente é em conjunção com o Mar da Galileia (Mt 4.13-22; 8.5-24; Mc 1.16-21; Jo 6.17,24). Foi nesta cidade, na coletoria de impostos que Jesus encontrou Mateus e o chamou para segui-lo.

1.4 OS ÚLTIMOS DIAS DE MATEUS

De acordo com as tradições das Igrejas Católica Romana e Ortodoxa, Mateus pregou por quinze anos o Evangelho na Judéia, depois da dispersão seguiu para várias províncias romanas levando e espalhou os ensinamentos de Jesus entre os etíopes, macedônios, persas e partos. morrido mártir na Etiópia. Neves e McGee informam que Mateus desenvolveu seu ministério no norte da África, na Etiópia, e lá morreu martirizado.²²

2. O CHAMADO DE MATEUS E SUA OBRA

Deiros está correto ao afirmar que nunca houve um homem menos propenso a se tornar apóstolo que Mateus. Quando Jesus o chamou, estava chamado um homem que todos odiavam. No entanto, esse chamado demonstra a capacidade de Jesus de ver o potencial de cada um, não somente no presente, mas o que seus discípulos iriam se tornar. Jesus fez três convites específicos a Mateus.²³

Primeiro ele foi convidado a reconhecer que Jesus era o Messias, ao ouvir “siga-me”, Mateus tomou uma decisão rápida, firme e pública de deixar tudo para andar com Jesus. O segundo convite está implícito no jantar que Mateus fez em sua casa na companhia dos seus amigos de profissão, como se Jesus estivesse pedindo a Mateus que lhe apresentasse os seus amigos que eram excluídos do sistema religioso da nação por serem cobradores de impostos, considerados como traidores de seu povo. Esse jantar foi uma oportunidade única para essa classe de pessoas. Os fariseus que observavam o comportamento de Jesus não compreendiam suas atitudes, por isso ele replicou-lhes com a célebre sentença “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes... pois não vim chamar justos, e sim pecadores” (Mt 9.12,13). O terceiro convite foi para que Mateus usasse os seus talentos em prol do Reino de Deus, como cobrador de impostos ele sabia ler e escrever e essa capacidade foi usada para a glória de Deus. Hendriksen sobre esse assunto afirma:

Além disso, como coletor, Mateus era obrigado a apresentar relatórios escritos do dinheiro que cobrava. Talvez até mesmo conhecesse algum sistema de taquigrafia. Portanto, ele era a pessoa mais indicada para tomar notas das palavras e obras de Cristo.²⁴

Neves e McGee comentam que quando Jesus chamou Mateus, sem demora ele deixou tudo para segui-lo (9.9). Ao receber Jesus com um grande banquete para o qual convidou também seus amigos publicanos, Mateus demonstrou ser alguém abastado financeiramente e amoroso para com os seus colegas de profissão, que talvez sentissem a necessidade de um verdadeiro significado de vida (9:10;

²¹ WINSTEAD, M. B. *The Lexham Bible Dictionary*. Bellingham: Lexham, 2016, n.p.

²² NEVES; MCGEE, 2012, p. 23.

²³ DEIROS, 2021, p. 30.

²⁴ HENDRIKSEN, W. *Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, vol. 1, p. 127.

Mc 2:15-17).²⁵

De acordo com Lopes, Mateus foi testemunha ocular e auditiva do conteúdo que registrou em sua obra. Ele se apoia na fonte mais segura de toda historiografia, a saber, o verdadeiro testemunho presencial dos fatos. Quando a obra foi escrita, os apóstolos e os irmãos de Jesus ainda viviam. Por isso, não é aceitável falar que Mateus usou lendas e sagas, uma vez que lendas e sagas se formam somente depois que se rompeu a ligação com os acontecimentos. Muito menos se pode falar em mitos, uma vez que mitos são ideias transformadas em histórias. Os apóstolos, os parentes de Jesus e as testemunhas presenciais certamente impediriam na raiz o surgimento de qualquer lenda ou mito nos evangelhos.²⁶

Carson resume os principais propósitos do Evangelho de Mateus, que são:

1. demonstrar que Jesus é o Messias prometido, o Filho de Davi, o Filho de Deus, o Filho do Homem, Emanuel;
2. que muitos judeus, e especialmente os líderes, pecaminosamente falharam em perceber isso durante seu ministério;
3. que o reino messiânico já havia amanhecido, inaugurado pela vida, ministério, morte, ressurreição e exaltação de Jesus;
4. que este reinado messiânico, caracterizado pela obediência a Jesus e consumado por seu retorno, é o cumprimento das esperanças proféticas do AT;
5. que a igreja, a comunidade daqueles, tanto judeus como gentios, que se curvam incondicionalmente a autoridade de Jesus, constitui o verdadeiro locus do povo de Deus e o testemunho ao mundo do “evangelho do reino”;
6. que ao longo dos séculos os verdadeiros discípulos de Jesus devem superar a tentação, suportar a perseguição de um mundo hostil, testemunhar a verdade do evangelho e viver em submissão profundamente enraizada às exigências éticas de Jesus, mesmo enquanto desfrutam da nova aliança, que é simultaneamente o cumprimento da antecipação da antiga aliança e a experiência do perdão concedido pelo Messias que veio para salvar seu povo de seus pecados e que veio para dar sua vida em resgate por muitos.²⁷

Quanto à data da escrita do Evangelho, Neves e MacGee comenta que a maioria dos especialistas apontam entre 50 e 70 d.C., antes da destruição do Templo e da cidade de Jerusalém, tendo sido escrito provavelmente em Antioquia da Síria para público-alvo judaico, em hebraico/aramaico e posteriormente em grego, que era a língua mais difundida na época.²⁸ MacDonald apresenta outra possibilidade onde se for procedente a convicção difundida de que Mateus fez uma edição do seu Evangelho (ou pelo menos das declarações de Jesus) primeiramente em aramaico, a data desse evangelho seria por volta de 45 d.C., quinze anos após a ascensão de Jesus, o que concordaria com a antiga tradição. Ele poderia ter editado o evangelho canônico mais completo, em grego, no ano 50 ou 55, ou até mesmo mais tarde.²⁹

2.1 ESTRUTURA DO LIVRO E CONTEÚDO

Um esboço geral do livro foi sugerido por Lopes, considerando 5 blocos:

- Capítulos 1–4 – Introdução: genealogia, infância (1–2); batismo e começo do ministério (3–4).
- Capítulos 5–7 – Ensino 1 – O sermão do monte.
- Capítulos 8 e 9 – Os milagres de cura operados por Jesus.

²⁵ NEVES; MCGEE, 2012, p. 23.

²⁶ LOPES, 2019, p. 16-17.

²⁷ CARSON, D. A. *The Expositor's Bible Commentary*: Matthew, Mark, Luke. Vol. 8. Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 25.

²⁸ NEVES; MCGEE, 2012, p. 21.

²⁹ MACDONALD, W. *Comentário Bíblico Popular*: Novo Testamento. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 10.

- Capítulo 10 – Ensino 2 – O comissionamento dos discípulos.
- Capítulos 11 e 12 – A rejeição de João e de Jesus pelos judeus.
- Capítulo 13 – Ensino 3 – As parábolas do reino.
- Capítulos 14–17 – Milagres, controvérsias com fariseus, a confissão de Pedro e a transfiguração.
- Capítulo 18 – Ensino 4 – A igreja.
- Capítulo 19–22 – Jesus vai a Jerusalém e ensina.
- Capítulos 23–25 – Ensino 5 – Julgamento e fim dos tempos.
- Capítulos 26–28 – Os últimos dias, morte e ressurreição de Jesus.³⁰

A partir da perspectiva da divisão dos ensinamentos de Jesus em cinco discursos, é possível atribuir um título a cada um desses discursos conforme sugerido por Reinecker:

- 1º Discurso (cap. 5–7): Jesus, o novo legislador da sua comunidade.
- 2º Discurso (cap. 10): Jesus, o construtor de sua comunidade através de seus enviados.
- 3º Discurso (cap. 13): Jesus, o promotor de sua comunidade (parábolas).
- 4º Discurso (cap. 18): Jesus, o organizador de sua comunidade.
- 5º Discurso (cap. 24–25): Jesus, o aperfeiçoador de sua comunidade no seu retorno.³¹

Além dos discursos didáticos do Senhor ou sermões presentes no evangelho de Mateus que foram direcionados aos judeus crentes, a segunda grande divisão do livro era composta pelos relatos da vida de Jesus que tinham como finalidade convencer os judeus não crentes que Jesus era o Messias prometido no Antigo Testamento. Wiersbe diz que Mateus apresentou 129 citações ou alusões ao Antigo Testamento, tudo isso porque seu público-alvo era principalmente os judeus que precisavam compreender que Jesus era o Messias de Israel. Pois o caráter messiânico de Jesus era o principal ponto de controvérsia entre o judaísmo e o cristianismo primitivo. Jesus não tinha trazido o que o judaísmo esperava do Messias, libertação do jugo romano e instalação do domínio mundial do povo eleito. Ele fora rejeitado pelo povo judeu e pela autoridade religiosa competente, sendo executado como criminoso. Com isso foi definitivamente declarada nula a sua reivindicação da honra de Messias.³²

Diante de tudo isso, pois, fazia-se necessário destacar a partir do Antigo Testamento o verdadeiro sentido da função do Messias caracterizado em Jesus. Mateus conhece bem o Antigo Testamento. Com base numa interpretação nova e independente do conteúdo escriturístico, ele traz a comprovação bíblica inegável de que Jesus é aquele que de fato e verdadeiramente cumpre as profecias do Antigo Testamento.

Wiersbe afirma que pelo menos 60% do evangelho de Mateus é dedicado aos ensinamentos de Jesus.³³ Para Lopes, no sermão do monte:

Mateus está apresentando Jesus como um segundo Moisés, maior do que o primeiro. A lei prescrita por Jesus não é nenhum código de regras exteriores que possa ser seguido ao pé da letra, mas, sim uma série de princípios, ideias e motivos para a conduta, a lei gravada no coração...

No célebre sermão do monte, Jesus mostrou, de forma eloquente, que o reino de Deus é um reino de ponta-cabeça. A pirâmide está invertida. Feliz é aquele que nada ostenta diante de Deus e ainda chora pelos seus pecados. Feliz é aquele que abre mão dos seus direitos em vez de oprimir aqueles que reivindicam até direitos que não têm. Feliz é o que abre a mão ao necessitado, e não o que explora para enriquecer-se. Feliz é o que constrói pontes de contato entre as pessoas, e não aquele que cava abismos de inimizades entre as pessoas. Feliz é o que ama e pratica a justiça, e não aquele que usa as filigranas da lei para

³⁰ LOPES, 2019, p. 23-24.

³¹ RIENECKER, 1998, p. 25.

³² WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento, Volume I.** Santo André: Geográfica, 2006, p. 9.

³³ WIERSBE, 2006, p. 10.

auferir vantagens próprias. Feliz é aquele que busca a santidade, e não aquele que rasga a cara em ruidosas gargalhadas carregadas de lascívia. No reino de Deus, ser perseguido por causa da justiça é melhor do que fazer injustiça e posar de benemérito da sociedade.³⁴

Para Neves e McGee, o Sermão do Monte apresenta de forma resumida o tipo de vida que Jesus, o Rei, o Messias de Israel quer que seus súditos vivam.³⁵ Stott pondera que o Sermão do Monte é provavelmente a parte mais conhecida dos ensinamentos de Jesus, embora se possa argumentar que seja a menos compreendida e, certamente, a menos obedecida. Mateus organiza os ensinamentos de Jesus em cinco discursos como uma forma de traçar um paralelo entre Cristo e Moisés, escritor dos cinco primeiros livros da Bíblia, a quem os judeus muito respeitavam. Mateus procura enfatizar que Cristo é o cumprimento da profecia do próprio Moisés (Dt 18.15-19).³⁶

Sobre o paralelo entre Jesus e Moisés, Hendriksen acrescenta:

O Monte das Beatitudes tem sido com frequência comparado e contrastado com o Monte Horebe, donde Moisés recebeu a lei de Deus. De um lado, o Monte Horebe: frio, desolado, estéril, quase inacessível, situado no meio de um deserto insuportável com suas serpentes ardentes. De outro, o Monte das Beatitudes com suas paisagens prazenteiras e seus declives verdejantes, como se estendesse as cordiais boas-vindas a todos e distribuísse deleites por meio de seus lírios, margaridas, jacintos e anêmonas. No Horebe: Deus aparece entre trovões e relâmpagos, e o povo, sucumbido pelo terror. Na Galileia: Emanuel, com a graça e a verdade fluindo de seus lábios, assentado no meio de seus discípulos, que ouvem sem medo ou tremor. Contudo, devemos ser cuidadosos, não obstante ser verdade que do Monte Horebe Jeová revelou sua grandeza e sua glória, a lei foi dada num contexto de amor (ver Êx 20.2; Dt 5.2,3,6,28,29,32,33; 6.3-5). Além disso, o que fora proclamado no Sinai não é rejeitado por Jesus Cristo, senão que ele lhe emprestou a sua mais profunda interpretação espiritual conforme Mt 5.17.³⁷

Pennington acrescenta que Mateus fornece uma definição completa e inequívoca do “Evangelho do Reino”; que é a mensagem e a realidade que a realeza ou reinado de Deus veio através de Jesus. Tanto João Batista (Mt 3.2) quanto Jesus fizeram a proclamação do reino de forma idêntica (Mt 4.17), isto é, “é chegado o Reino dos Céus”.³⁸ Para Morris, Mateus tem um grande interesse nos ensinamentos de Jesus, e isso fica evidente na forma como foi organizado o conteúdo. Ele coloca uma boa parte do ensino em uma forma facilmente memorizável, como por exemplo: usando um sistema de numeração para auxiliar os leitores, três (três mensagens para José, três negações de Pedro), sete (sete parábolas no capítulo 13, sete desgraças no capítulo 23) entre outros grupos numéricos que podem ser facilmente memorizados.³⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mateus como um publicano, odiado por seus compatriotas, alheio e excluído do sistema religioso da época, não era o tipo de pessoa “adequada” aos padrões vigentes para representar o Messias prometido de Israel. Nesse aspecto, fica evidente o poder de Cristo em identificar o potencial, transformar vidas, treinar seus liderados para serem os melhores sucessores e enviá-los para continuar a sua obra e ministério. Sem dúvida o método de formação de líderes aplicado por Cristo produziu efeitos longos e duradouros, uma vez que o Cristianismo chegou a diversas partes do mundo e até hoje continua em expansão. O texto do Evangelho escrito por Mateus, o improvável, é considerado por muitos especialistas como um dos mais importantes textos bíblicos porque funciona como uma ponte de ligação entre o Antigo e o Novo Testamento, além de evidenciar e referenciar o cumprimento das

³⁴ LOPES, 2019, n.p.

³⁵ NEVES; MCGEE, 2012, p. 53-54.

³⁶ STOTT, John R. W. **A mensagem do sermão do monte**: Contracultura Cristã. 3.ed. São Paulo: ABU, 2008, p. 1.

³⁷ HENDRIKSEN, 2010, p. 321-322.

³⁸ PENNINGTON, 2019, p. 26.

³⁹ MORRIS, L. **The Gospel according to Matthew**. Grand Rapids / Leicester: Eerdmans / Inter-Varsity, 1992, p. 6.

profecias relacionadas à pessoa de Cristo. Lopes, citando alguns autores, reuniu relatos impressionantes sobre a vida e obra de Mateus:

Renan, o grande crítico francês, afirmou que “Mateus é o livro mais importante que já foi escrito”. Michael Green, nessa mesma linha de pensamento, diz que o evangelho de Mateus é, talvez, o mais importante documento no Novo Testamento, porque nele encontramos o mais completo e sistemático registro do nascimento, vida, ensino, morte e ressurreição do fundador do cristianismo, Jesus, o Messias. Em grandeza de concepção e no rigor com que uma massa de material se subordina a grandes ideias, nenhum livro dos dois Testamentos, tratando de um tema histórico, deve ser comparado com Mateus. O mesmo autor, ainda, entende que Mateus não é um livro biográfico propriamente dito, embora contenha biografia. Não é um livro basicamente histórico, embora reflita o aspecto histórico. Mas é a proclamação das boas-novas: as boas notícias da salvação aguardada no judaísmo e que para os cristãos havia chegado em Jesus de Nazaré.⁴⁰

Exceto Cristo, ninguém escolheria um homem como Mateus para ser um dos seus maiores representantes. Isso só reforça o que o apóstolo Paulo escreveu aos Coríntios em sua primeira carta:

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (1Co 1.26-29).

Julgar pelas aparências é uma característica comum dos seres humanos. Entretanto, de acordo com a palavra de Deus ao profeta Samuel: “o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1Sm 16.7). Sendo assim, o critério de seleção para qualquer tipo de serviço é olhar como Jesus olharia, fazer como Jesus faria, isto é, replicar o seu comportamento, uma vez que os cristãos são discípulos de Cristo e precisam agir como ele agiria. Dessa forma o improvável, torna-se provável e o impossível torna-se possível.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BASHAW, J. G. *Matthew the Apostle*. **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020.
- BRANNAN, R. **Léxico Lexham do Novo Testamento Grego**. Bellingham: Lexham, 2020.
- CARSON, D. A. **The Expositor’s Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke**. Vol. 8. Grand Rapids: Zondervan, 1984.
- CESAREIA, Eusebio de. **História Eclesiástica**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- DEIROS, Pablo A. **Mateus: o evangelho do reino**. São Paulo: Vida, 2021.
- GREEN, Michael. **The Message of Matthew: The Kingdom of Heaven**. Revised Edition. London: Inter-Varsity Press, 2000. Não paginado.
- HENDRIKSEN, W. **Mateus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Vol. 1.
- LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o Rei dos Reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.
- LUCIUS, Fernando. **Manual da Peshitta**. Rio de Janeiro: BV Books, 2019.
- MACDONALD, W. **Comentário Bíblico Popular: Novo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

⁴⁰ LOPES, 2019, p. 16.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos Escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

MILLER, J. E. *Tax Collector*. **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020.

MORRIS, L. **The Gospel according to Matthew**. Grand Rapids / Leicester: Eerdmans / Inter-Varsity, 1992.

NEVES, I.; MCGEE, J. V. **Comentário Bíblico de Mateus: Através da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012.

RIENECKER, F. **Comentário Esperança, Evangelho de Mateus**. Curitiba: Esperança, 1998.

STOTT, John R. W. **A mensagem do sermão do monte: Contracultura Cristã**. 3.ed. São Paulo: ABU, 2008.

WINSTEAD, M. B. **The Lexham Bible Dictionary**. Bellingham: Lexham, 2016.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento, Volume I**. Santo André: Geográfica, 2006.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

EM MOMENTOS DIFÍCEIS: ANÁLISE DA ORAÇÃO DE JONAS COM DESTAQUES EXEGÉTICOS

In difficult moments: analysis of Jonah's prayer with exegetic highlights

Esp. João Paulo Gouvêa²

Dr^a Marivete Zanoni Kunz³

RESUMO

Dentre os muitos textos bíblicos, o capítulo dois de Jonas destaca-se como um dos mais humanos, sensíveis e impressionantes. Nele observa-se exposta toda a fragilidade de um ser humano, que como outro qualquer, faz escolhas a partir de seu egoísmo, de suas dores, de sua falta de sensibilidade e compaixão. Nesta análise com destaques exegéticos houve ênfase a gratidão do profeta fragilizado pela dor, pelos sentimentos de angústia e desespero que em muitos momentos da vida invade o ser machucando profundamente pela existência. Discorreu-se sobre vários versículos, em especial no capítulo dois. Evidenciou-se que a experiência de Jonas foi profunda e a dor, medo e sofrimento o fizeram entender a grandeza de Deus.

Palavras-chave: Escolha. Angústia. Deus.

ABSTRACT

Among the many biblical texts, the second chapter of Jonah stands out as one of the most human, sensitive and impressive. In it, all the fragility of a human being

¹ Este artigo é parte de conteúdo de trabalho do curso de Mestrado em Teologia que está sendo desenvolvido na FABAPAR, por João Paulo Gouvêa.

² Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Pós-graduado em Teologia Bíblica pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Professor de Teologia do Antigo e Novo Testamento e Teologia Sistemática no Seminário Teológico Batista Mizpá. Pesquisador do grupo de pesquisa em Religiões contemporâneas – LABÓ da PUC-SP, Pesquisador do grupo de pesquisa de interpretação textual das Faculdades Batista do Paraná. Coordenador editorial da RTM Editora. Apresentador dos programas “Painel Literário” e “De pai pra filha”. E-mail: jpngouvea@transmundial.com.br

³ Bacharel em Teologia (Faculdades Batista do Paraná - Curitiba/PR) e em Pedagogia (UNIJUÍ- Ijuí/RS); Mestre e Doutora em Bíblia (Escola Superior de Teologia - São Leopoldo/ RS); Pós-Doutorado em Exegese e Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Curitiba/PR). Professora da Faculdade Batista Pioneira em Ijuí/RS e Professora do Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná em Curitiba/PR. Editora responsável da Revista Ensaios Teológicos (ISBN: 2447-4878). Coordenadora do grupo de Pesquisa “Leitura e Interpretação de Textos Bíblicos”: E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

is exposed, who, like any other, makes choices based on his selfishness, his pain, his lack of sensitivity and compassion. In this analysis with exegetical highlights, there was emphasis on the gratitude of the prophet weakened by pain, by the feelings of anguish and despair that in many moments of life invades the being, hurting deeply by existence. Several verses were discussed, especially in chapter two. It was evident that Jonah's experience was profound and the pain, fear and suffering made him understand the greatness of God.

Keywords: Choice. Anguish. God.

INTRODUÇÃO

Jonas é um livro diferenciado na literatura profética. O registro mostra que Jonas, na função de profeta, embora fale que a capital do império Assírio, Nínive, sofrerá devido seus pecados, não mostra uma caminho de esperança para o povo, como os demais profetas faziam, ao menos o registro do texto não deixa isso evidente. Além disso, a denúncia das crueldades de Nínive (1.2) não foi trazida pelo profeta, mas isso foi a ele informado. Certamente que o profeta não tinha interesse na salvação dos ninivitas por estes serem um povo cruel com os povos que conquistavam e o reino norte, possível região na qual pertencia o profeta, sofreu com ataques assírios.

O livro não traz indicações sobre o período de sua mensagem. Entretanto o texto de 2 Reis 14.25 fala de um profeta chamado Jonas, filho de Amitai, de Gate-Hefer, que atuou durante o reinado de Jeroboão II. Considerando ser este o profeta Jonas sabe-se então que ele viveu na época de Jeroboão II, o qual reinou entre 781-753 a.C., e por isso seus acontecimentos são descritos como do século VIII a.C.

Compreendo que Jonas foi um profeta diferente, bem como os motivos de seu amor pelos ninivitas chama a atenção o relato e a experiência do profeta no ventre do grande peixe, conforme relato bíblico do capítulo dois do livro. Assim surge a pergunta e o interesse em saber de forma mais profunda ou específica: O que o texto hebraico ou alguns termos revelam sobre esta experiência?

O artigo que segue destacará o relato do capítulo dois do livro de Jonas e mostrará o que alguns termos hebraicos revelam sobre a experiência do profeta. O capítulo um também será inserido no escrito, mas de forma breve, a fim de auxiliar na compreensão do relato destaque, ou seja, o capítulo 2.

1. A DESCIDA VERTIGINOSA QUE ANTECEDE A SÚPLICA E A GRATIDÃO

Ao ler o texto do livro bíblico de Jonas, observa-se no verso dois do capítulo dois que o profeta afirma que clamou ao Senhor, *Yahweh*, em sua profunda e angustiante dificuldade. Seu clamor foi respondido em um lugar inóspito e estranho: o *mibbeten* (מִבְּטֵן) (2.3), expressão traduzida literalmente como ventre ou barriga do 'אֲוֵל' (sheol). Muitos traduzem o termo sheol como *inferno*, mas neste caso específico esta tradução não parece devida. Para entender melhor este termo neste texto é preciso observar dois aspectos que o envolvem no hebraico antigo, a saber: primeiro ele se refere a *sepultura*, o que parece apontar para uma realidade de pós-morte e o segundo aspecto, é o que se pode referir a *pó* ou *profundez*. Este verso (2.3) tem a intenção de apontar para baixo e em termos gerais está associado ao estado ou a realidade dos mortos, como se tratasse de apresentar o angustiante mundo dos mortos. Embora pode-se observar o resultado da descida do profeta no capítulo dois, vale considerar que o capítulo um aponta a decadência deste processo a qual pode ser compreendida no comentário de Filho, a saber:

O texto usa o verbo descer várias vezes para mostrar a jornada de Jonas apartando-se de Deus, ele desce para Jope, desce para o porão do navio, desce para a profundidade do mar e da Terra. Lição fácil de se notar: o caminho da desobediência é um caminho descendente.

Quem conhece a vontade de Deus para sua vida e foge dela, está fazendo um caminho para baixo.⁴

Portanto, ‘do ventre das profundezas da morte’⁵ (2.2a), ele gritou por socorro. Além disso, a expressão *šiwwa’it* (שׁוּעָה)⁶ não é uma simples expressão, ela revela uma situação de morte ou de sofrimento profundo. É um termo muito forte, mas ainda assim, nesta condição angustiante, ele traz a confirmação que Deus ouviu seu clamor. A segunda parte do verso, a saber: ‘eu clamei e o Senhor ouviu’⁷ funciona como um texto paralelo que enfatiza e amplia parte do início do verso.-

A poesia do verso dois é construída com detalhes preciosíssimos. Na primeira parte (2.2a), o autor do texto afirma que ‘Ele me respondeu’, expressão que é conjugada a partir da raiz do verbo *ʾānāh* (עָנָה) na terceira pessoa do singular. Já na segunda parte deste mesmo verso (2.2b) o autor registra a frase: ‘Tu ouviste o meu clamor’. Aqui o verbo conjugado foi *šāma’tā* (שָׁמַעְתָּ) na segunda pessoa do singular, revelando que a conversa entre o profeta e seu Senhor caminhava para uma relação mais íntima e pessoal, mostrando que o único caminho para uma espiritualidade saudável era retornar ao relacionamento íntimo e sincero com Deus.

O verso três do capítulo dois inicia uma oração na qual observa-se uma certa aproximação, ele buscava intimidade, pois sua fala continua construída em segunda pessoa, como pode ser lido: ‘pois tu me lançaste nas profundezas’, ‘as tuas torrentes passaram por cima de mim’.

Essa intimidade gerou uma possibilidade de abrir o coração em meio a dor e ao sofrimento. Isso fez com que, mesmo com o coração angustiado e aflito, ele descrevesse a realidade à sua volta, e ainda pudesse ser conduzido ao reconhecimento da soberania, da supremacia e do poder de Deus em todos os aspectos da existência humana. Jonas apresentou a situação que estava ao seu redor, a situação dos seus sentimentos e descreveu a realidade do seu relacionamento com Deus.

Assim, observa-se que o foco do escrito do texto é demonstrar a realidade à sua volta, pois, por causa da total negligência de Jonas ele foi parar nas profundezas, no coração dos mares. O autor mostrou que Jonas descreveu isso com uma certa dose de dramaticidade, como quem buscava se afirmar ou ainda, se justificar dos maus feitos, reconhecendo que recebeu a paga de sua indiferença, afirmando: ‘suas correntezas, suas torrentes formaram um turbilhão, uma tormenta que passava por cima de mim’. Aqui pode-se ver o ‘caos’ que rodeava a realidade humana do profeta, um pensamento comum do mundo antigo, e um pensamento que seguiu ao longo do verso cinco: ‘As águas me cercaram até a alma, o abismo me rodeou, e as algas se enrolaram na minha cabeça’. O verbo *ʾapāūnī* (אִפְּיִנִי), traduzido como ‘cercar’, parece ter sido colocado como uma expressão onomatopaica, um vocábulo que tem uma intenção sonora de turbilhão, de agitação, o qual fica ligado ao verbo, *sāvav* (סָבַב), que é traduzido por cercar, rodear ou virar, cujo som também remete a este ‘caos’, a este turbilhão que se tornou a vida do profeta.

Jonas estava em perigo, suplicava das profundezas e dizendo que as águas agitadas o cercavam até o *nephesh* (נֶפֶשׁ). Essa palavra, *nephesh*, em geral é traduzida como *alma*, mas, neste caso, não parece coadunar com o sentido real. Os antigos, para saber se a pessoa estava viva, simplesmente observavam se ainda estava respirando, se não existe mais respiração, não existe mais vida. Aqui, esse termo, *nephesh*, envolve esse conceito de respiração, de fôlego de vida. Portanto, ‘as águas agitadas me cercaram ou me envolveram até a minha alma’ ou ‘até o meu pescoço’, possivelmente, descreve alguém que está morrendo afogado ou sufocado pelas angústias que o cercam, alguém que corre risco de perder sua vida, pois está

⁴ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Os profetas menores (I)**: Oséias, Joel, Amós, Obadias e Jonas. Rio de Janeiro: JUERP, 2004, p.143.

⁵ A versão bíblica Edição Contemporânea traz a seguinte tradução para o versículo 2 do capítulo 2: ‘Disse ele: Na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me respondeu. Das profundezas da sepultura gritei, e tu ouviste a minha voz’ – São Paulo: Vida, 1990.

⁶ A divisão dos versículos no texto hebraico é diferente da tradução encontrada nos textos em português, portanto algumas expressões aqui expostas, do texto hebraico, estarão no versículo seguinte. Um exemplo é a expressão *šiwwa’it*, a qual no texto hebraico é encontrada no capítulo dois, versículo três enquanto nas traduções em português está no capítulo 2 versículo 2. Aqui neste artigo será considerado a análise conforme tradução do texto em português.

⁷ Neste artigo será utilizado a versão da Bíblia de Estudo Brasileira, na versão Almeida século 21. e quando não será feita a indicação.

rodeado, sobrecarregado e sufocado até o pescoço.

Outro termo que chama a atenção é a palavra *mayim* (מים), a qual é traduzida por *águas*. Nesta poesia, *mayim* é paralela de outro termo que aparece na segunda parte do versículo, a saber: *tebôm* (תְּהוֹם), que significa abismo. Estas palavras estão relacionadas à criação (Gn.1), relato no qual lê-se que o Espírito de Deus pairava não somente sobre a face das águas, mas também sobre a face do abismo. Esses termos evocam uma realidade difícil de ser percebida pelos ocidentais, pois, este pensamento comum aos antigos, envolve uma espécie de caos, um movimento ameaçador. Alguns estudiosos, como Bernard Batto, em seu artigo ‘*The Reed Sea: Requiescat in Pace*’⁸, aponta para um tipo de intersecção entre as culturas antigas e o pensamento hebraico e veem neste termo, *tebôm*, uma espécie de referência a um monstro caótico da mitologia da Mesopotâmia antiga, descrito no mito da criação chamado *Enúma Elish*⁹. Este monstro, uma espécie de serpente, é chamado de *Tiamat*, senhor das águas salgadas e agitadas, muitas vezes comparada com o caos. Conforme relatos, na batalha ele foi vencido por Marduk que reestabeleceu a ordem e a harmonia. Jonas diz que as águas são *agitadas*, são *ameaçadoras* e o envolvem até o ponto de atingir o centro da vida. O abismo, o caos, o medo o rodearam, e o cercaram.

A palavra *sûp* (סוּף), traduzida como *algas*, parece fazer referência ao Mar Vermelho (*yam sûp* - יַם סוּף), mais especificamente o Mar de Juncos. Para Batto, este termo também evoca a ideia de águas ameaçadoras, águas que assustam, sugerindo uma possível perda do domínio divino.¹⁰ Ao mesmo tempo, o uso destes termos lembra a grande vitória de Deus sobre as águas descrito no livro do Êxodo:

Lançou no mar os carros do faraó e o seu exército; os seus capitães de elite foram afogados no mar vermelho (*yam sûp* יַם סוּף). Os abismos (*tehom* - תְּהוֹם) os cobriram; desceram às profundezas como pedra (Êx 15.4-5).

Portanto, há aqui uma mensagem que estabelece um contraste entre o profeta de coração endurecido incapaz de entender a vontade divina e o Deus que domina sobre tudo e sobre todos. A descida de Jonas continua vertiginosa, porém agora bem mais perto do fim, como pode-se observar, no verso seis, a partir do uso do verbo, *yārad^etî* (יִרְדָּתִי), o qual pode ser traduzido por: *eu descí* ou *eu afundei*. Na visão do Antigo Testamento a realidade *lá embaixo*, nos oceanos, nos lugares mais profundos, evoca a ideia de distanciamento de Deus. Esse tipo de linguagem procura evidenciar sentimentos profundos vividos pelos seres humanos, como por exemplo, ir ao *Sheol*, que mostra um sentimento como o de descer à sepultura ou descer ao mundo dos mortos, sentimento existencial profundamente obscuro, doloroso e amedrontador. O relato descrito no texto (2.6) evidencia essa descida aos lugares mais profundos como alguém que está se distanciando de Deus, pois Deus estabeleceu sua morada nas alturas, Ele está nos céus. Deus se revela na montanha do Sinai (Êx 3), Jesus profere seus ensinamentos no Monte (Mt 5-7), o salmista olha para o alto, para o monte na expectativa do seu socorro (Sl 121). Portanto, numa linguagem que envolve a compreensão da realidade no mundo antigo, Jonas se expressou metaforicamente ao dizer que foi até o fundamento dos montes e desceu às partes mais profundas da terra, reconhecendo que estava distante de Deus.

Na segunda parte do versículo 6 observa-se a frase: *hāerets beriheyha baāḏî l’olam watta’al* (וְתַעֲלֶה הָאָרֶץ בְּרִיחֶיהָ בְּעַדִּי לְעוֹלָם), a qual pode ser traduzida por: ‘*A terra me fechou*, ou *me encerrou para sempre*

⁸ BATTO, B. F. The Reed Sea: Requiescat in Pace. In: **The Beginning: Essays on Creation Motifs in the Ancient Near East and the Bible**. Penn State University Press, Vol. 9. p. 158–174. Disponível em: <https://doi.org/10.5325/j.ctv1bxgwf3.9>

⁹ Neste mito há uma descrição da criação a qual é comparada, por alguns, a narrativa da criação encontrada em Gênesis. As proximidades e paralelos citados são alguns, tais como: a) enquanto na narrativa de Gênesis Deus é a fonte de poder e transcende a criação no relato de Enúma Elish há fórmulas mágicas que são a fonte suprema de poder e os deuses estão sujeitos à natureza; b) enquanto na narrativa de Gênesis existe o relato organizado da criação em Enúma Elish não há a inclusão da criação da vegetação, animais ou luz, mas a existência destes é assumida; c) Gênesis tem como propósito o reconhecimento de Deus como Senhor da criação e em Enúma Elish há louvor a Marduk como poderoso dos deuses; d) em Gênesis o ser humano é criado do solo e no relato de Enúma Elish o ser humano é criado do sangue de um herói ferido e assim há outras diferenças (WALTON, Jonh. **O Antigo Testamento em quadros**: conheça melhor o Antigo Testamento através de tabelas e diagramas cronológicos e explicativos. Tradução de William Lacy Lane. São Paulo: Vida, 2001, p. 80).

¹⁰ BATTO, 2013, p. 167.

com as suas trancas ou ferrolhos'. Uma linguagem metafórica que expressa o desespero existencial de Jonas, pois ele disse: *Eu descí, descí, descí, fui ao extremo, tão fundo que ficarei preso para sempre nesse ambiente de morte*. Algumas vezes o ser humano é assolado por estes sentimentos de angústia, e de desespero. Para Kierkegaard, estes sentimentos não são apenas negativos, mas como condição inerente dos seres humanos, para ele a regra são pessoas desesperadas e os não desesperados são extremamente raros. Estes sentimentos possibilitam que os indivíduos encontrem a realidade que os cercam.¹¹ Assim, no relato de Jonas surgiu a súplica e a oração de gratidão, conforme segue no próximo ponto.

2. UMA SÚPLICA E UMA ORAÇÃO DE GRATIDÃO

Avaliando a súplica e a gratidão do profeta Jonas é necessário considerar que o segundo versículo do capítulo 2 do texto no livro de Jonas possui algumas palavras importantes. A primeira é o verbo que no texto hebraico aparece como *wayyitpallél* (וַיִּתְפַּלֵּל), o qual tem como raiz o verbo *pālāl* (פָּלַל) que originalmente quer dizer *julgar*¹², mas na forma reflexiva tem o sentido de *orar* ou *fazer uma súplica*, o que leva a compreender este texto como uma oração.¹³ A segunda palavra é o nome do profeta *Yóná*, (יֹנָה). A terceira é a preposição *el* ou *para* (אֶל) que aponta a direção das súplicas do agonizante e, por fim, a forma mais pura e sublime do nome de Deus, a saber: *Yahweh* (יְהוָה) juntamente com *‘ēlōhîm* (אֱלֹהִים). Este pequeno trecho ressalta a grande indiferença de Jonas que até aqui não havia se voltado em nenhum momento para Deus. Não existe nenhuma indicação de que ele tenha retrucado ou respondido à ordem Divina, ele simplesmente não dirigiu uma única palavra a Deus. Ao usar o nome de Deus na terceira pessoa, *Yahweh* com *‘ēlōhîm*¹⁴ o texto revela-se irônico e provocativo, pois após ter exposto seu descaso e desleixo foi *humilhado* (1.10-14) pelos pagãos e somente quando chegou, ao que se pode chamar de no *fim do poço* Jonas desistiu de ignorar a Deus. Assim de dentro do grande peixe lamentou sua condição atual e confessou sua carência e total dependência de Deus. Estando no ventre do grande peixe Jonas clamou, mas até chegar a esta situação houve um caminho de queda, foco apresentado no ponto anterior.

A partir, da metade do verso seis, observa-se a grande virada de um salmo de lamentação, para um salmo de gratidão, a partir do aparecimento da conjunção adversativa *wat ta'al* (וַתַּעַל), a qual é traduzida por, *mas*. Apesar de estar em uma condição de quase morte, sentindo sua vida se esvaindo, pressionado por todos os lados, percebendo que não tinha saída, ele disse: *‘Mas Tu trouxeste a minha vida de volta da sepultura’*. Surpreendentemente, a frase *‘Tu trouxeste-me das profundezas* inclui a palavra *vida*, descrita em hebraico como *hayay* (חַיָּה). Entretanto agora, não como no verso anterior, com o termo *nepesh*, no sentido indireto e mais amplo da vida, mas agora diretamente, intimamente ligado à pessoa do profeta. Agora Jonas agradeceu a *Yahweh*, ao Senhor, seu Deus por tê-lo trazido de volta à vida.

Deus fez *subir*, (alah - עָלָה) é um termo, faz contraste aos termos usados até aqui que direcionavam para um sentimento descendente (de descida). Agora Deus fez a vida voltar da sepultura, do buraco profundo, do abismo tenebroso, seu sentido é ascendente e não mais descendente. No auge do sofrimento de Jonas, no momento mais terrível de sua descida, quando não havia esperança, ele se dirigiu a Deus na segunda pessoa do singular, o que revela um grande sinal de intimidade, conforme pode ser lido em 2.7b (*eu me lembrei do Senhor, Yahweh*). Portanto, Deus impediu que ele morresse e mostrou que mesmo com todas as ameaças que o cercavam, mesmo na presença do *tebôm* do *abismo* terrível, mesmo com águas ameaçadoras, mesmo com algas enrolando seu pescoço, mesmo no lugar mais profundo no qual estão as bases das montanhas e as trancas profundas da terra, mesmo com tudo

¹¹ KIERKEGAARD, Sören. *O desespero humano*. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 28.

¹² DAVIDSON, Benjamin. *Léxico analítico hebraico e caldaico*. Tradução de Daniel de Oliveira e William Lane. São Paulo: Vida Nova, 2018.

¹³ BAKER, David W.; ALEXANDER, Desmond T.; STURZ, Richard. *Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 128.

¹⁴ Por isso pode-se observar claramente em algumas traduções: ‘e Ele me respondeu’.

isso, Deus não pode ser impedido.

Deus é descrito no capítulo 1.9 como Deus dos céus, da terra e do mar. Esse Deus demonstra que é poderoso, soberano, que é Senhor de tudo e de todos e que bondosamente e na sua ação misericordiosa foi em socorro de Jonas e impediu que ele perdesse a vida. Por isso, a oração (de Jonas) de lamentação se converteu em uma oração de gratidão.

Jonas disse: ‘...a minha oração chegou a ti no teu santo templo’ (2.7c). Essa frase retoma um conceito colocado no verso quatro, quando Jonas disse que estava afastado de Deus, ou que fora lançado para longe de diante dos olhos de Deus, porém voltaria a ver o santo Templo (*hēkal qādash* - הֵיכַל קָדֹשׁ). Neste verso, quando Jonas afirmou que estava distanciado de Deus, há uma conjunção (*’ak - אַךְ*) que une as duas partes do versículo, e a maioria das traduções bíblicas atribui uma função adversativa a esta conjunção. Assim, o sentido da frase seria: ‘*Estou afastado ou fui afastado da tua presença, no entanto, tornarei a ver o teu santo templo*’. Ainda no verso sete, a construção do verbo com a preposição *’elēsha* (אֵלֶיךָ) transmite a ideia de que a oração chegou e entrou lá no santo templo do Senhor, assim, a conversa ficou no pessoal, na intimidade, ou seja, o profeta não estava mais longe de Deus, sua fala estava na presença de *Yahweh*.

Piper diz:

Deus é a realidade mais importante e mais valiosa que existe. Ele é digno de interesse, atenção, admiração e gozo do que quaisquer outras realidades, incluindo o universo inteiro.¹⁵

Por isso não surpreende que, no auge da crise mais intensa, quando não existia mais nenhuma alternativa, Jonas lembrar-se do Senhor e que nessa declaração de fé dramática e intensa sua oração tenha chegado a Deus.

Agora o autor do texto afirma que Jonas disse:

Aqueles que acreditam em ídolos inúteis desprezam a misericórdia. Mas eu, com um cântico de gratidão, oferecerei sacrifício a ti. O que prometi, cumprirei totalmente. A salvação vem do Senhor (Jn 2.8-9).

Algumas versões podem confundir a interpretação do texto ao dizer que: ‘...os que observam as falsas vaidades deixam a sua misericórdia’. Aqui a palavra para *vaidades*, no original hebraico, é *hablē*, (הַבְּלִי) e tem a mesma raiz do nome de Abel, sendo também os significados semelhantes. Está palavra também está presente no livro de Eclesiastes, e é traduzida por *vaidade*, ou *futilidade* e sugere a ideia de *vapor*, ou *neblina* que se vai rapidamente, mas esse não é o caso aqui. A ideia do texto seguramente está associada a ídolos falsos, ídolos inúteis, pois Jonas, como observado no ponto um, está cercado não apenas pelas águas, mas pelos pagãos que acreditavam nos ídolos inúteis. É muito possível que ele estivesse dizendo simplesmente o seguinte: ‘*fico feliz, e te agradeço, meu Deus, porque eu conheço a verdade. Afinal de contas, eu tenho certeza de que quem acredita em deuses falsos está longe da tua misericórdia.*’ Parece que Jonas estava simplesmente agradecendo o fato de que conhecia o Deus verdadeiro, em oposição a toda a idolatria que existia no mundo pagão, ele celebrou, pois, conhecia o *hasdōw* ou o *hesed* de Deus, ou seja, ele conhece a misericórdia de Deus, sua bondade, seu amor fiel à aliança que tinha com Israel.

Depois das dores angustiantes que passou o jovem profeta, agora se aproximou de Deus com uma atitude mais adequada, oferecendo um cântico de gratidão. Em sua fala ele usou o termo, *tōwdāh* (תוֹדָה), que significa agradecer. Agora ele reafirmou sua condição de profeta e assumiu seu compromisso com Deus dizendo que cumpriria o que prometeu, a saber: ser a voz de Deus entre todos os povos. Assim anunciaria a salvação do Senhor, como segue na explicação do próximo ponto.

3. A SALVAÇÃO VEM DO SENHOR

No fim do verso nove no capítulo 2, depois de afirmar seu compromisso com Deus, Jonas fez

¹⁵ PIPER, John. **Providência**. São José dos Campos: Fiel, 2022, p. 243.

a declaração teológica mais importante do texto, a saber: *‘Do Senhor vem a salvação’*. O texto é claro e inclui as palavras *yəšū‘āzāh laYahweh* (ישועתה ליהוה), a quais são traduzidas por: *‘a salvação é de Yahweh’* ou *‘pertence ao Senhor’*.

O que está por trás dessa declaração? Enquanto Jonas estava voltado para si mesmo, as únicas coisas que alcançou foram a angústia e o desespero, pois ignorar a Deus e voltar-se para si é a raiz de todos os males existenciais. A angústia, vivida pelo profeta, é uma característica extremamente humana, pois é o sentimento resultante da possibilidade de escolha, da liberdade. Pape diz que Deus moveu céu e terra, para que a vontade d’Ele prevalecesse na vida de Jonas, bem como no Seu propósito de evangelizar Nínive, sem com isso violar a liberdade de escolha de Jonas.¹⁶

Jonas fez sua escolha, decidiu não obedecer, fugiu da vontade de Deus e experimentou as dores angustiantes de sua decisão. A angústia se assemelha ao desespero, mas não se confunde com ele. O desespero é um sentimento diferente da angústia, pois esta aparece na relação entre o ser humano e mundo que o cerca¹⁷, mas, o desespero é uma doença do espírito, que aparece da relação do indivíduo com o eterno, ou seja, com Deus e com a largura, comprimento, altura e profundidade do seu amor. O desespero é uma espécie de discordância do finito frente ao infinito, é o estado no qual o ser humano se coloca diante de si, do seu Criador e da consciência de suas limitações frente ao eterno.¹⁸

Então é possível que a raiz da perturbação do ser humano, assim como a do profeta, está nas relações rompidas com Deus. Este rompimento fecha a mente e o coração e assim, os seres humanos são levados a um caminho de angústia e desespero, que só pode ser solucionado quando Deus os encontra no meio do autocentrismo de cada um. Se há o reconhecimento da incapacidade, se for declarado a necessidade de livramento e se humildemente houver um retorno para Deus, Ele é fiel e justo para purificar e perdoar o ser humano de todas as suas escolhas estúpidas e erradas (1Jo 1.9). A salvação das crises existenciais só é concretizada pelas misericórdias de Deus. Mora diz que somente Deus pode salvar da morte certa, só Deus liberta do perigo.¹⁹

Depois da crise profunda, das dores das escolhas individuais, das adversidades que a vida propõe, é certo que virá a grande experiência espiritual que conduzirá cada indivíduo ao compromisso e ao conhecimento íntimo de Deus, necessários para atingir profundamente o coração e fazer sair dos lábios do ser humano o que procede do fundo da alma a saber: *‘Do Senhor vem a salvação!’*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Jonas de maneira geral não denuncia os pecados e a violência dos assírios, apesar destes serem mencionados como a força motivadora do juízo de Deus contra eles (1.2), mas denuncia a desobediência do profeta, sua resistência, sua insensibilidade e seu coração duro e obstinado. Este relato da história de um povo que oprimiu a nação de Israel, registrado no livro de Jonas revelou que este Deus é um Deus misericordioso.

Uma grande ironia cerca essa história, todos obedeceram às ordens do Criador, a saber: o tempo, com seus fortes ventos e chuva (1.4a), o navio que estava pronto a se destruir nas pedras (1.4b), os marinheiros e suas crenças pagãs (1.5), o capitão com todas suas indagações (1.6-7), o mar tempestuoso (1.11) e até o grande peixe que engoliu carinhosamente o desordeiro (1.17). Somente aquele que, *‘a priori’*, deveria obedecer sem pestanejar, recusou as ordens e fugiu em uma jornada sem rumo em direção ao que se convencionou chamar de *‘fim do Mundo’*.

Jonas, até certo grau, manteve seu coração obstinado e estava decidido a não obedecer a tarefa que fora comissionado por seu Senhor, por isso foi levado aos mais terríveis sentimentos de desespero,

¹⁶ PAPE, Dionísio. **Justiça e esperança para hoje**: a mensagem dos profetas menores. São Paulo: ABU, 1983, p. 56.

¹⁷ KIERKEGAARD, 1968, p. 49-55.

¹⁸ KIERKEGAARD, 2002, p. 19.

¹⁹ MORA, Vincent. **Jonas**. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 16.

que beiram os limites profundos do fim da vida humana. Somente assim ele confessou a verdade de suas intenções e ações, mesmo que impulsionado por uma falta de ânimo espiritual terrível que o assolava no íntimo.²⁰ No capítulo dois parece que o profeta alcançou o ápice de sua desgraça e desesperança, tudo parece definitivamente acabado e é neste ponto que se pode observar algumas das características fortes e absolutas do Criador, sua graça e misericórdia. Características estas que são irrevogáveis e alcançam as pessoas em seu estado mais profundo de sofrimento.

Na descrição acima, verificou-se que a perícopa escolhida para análise, a saber 2.1-10, começou e terminou com a ordem divina e a obediência do grande peixe, evidenciando que Deus é o Deus do todo, que controla tudo e todos, que se manifesta de maneira universal na história da humanidade. Também mostrou que Ele assim trabalha para atingir a realidade mais particular, mais pessoal e individual das pessoas. As grandes discussões existenciais e filosóficas envolvem uma espécie de dicotomia, uma separação entre o que é pessoal e o que é geral ou universal. Aqui se vê que o tratamento individual de Deus para com Jonas uniu-se com seu domínio holístico. Sua interferência, mesmo que individual, mexeu com todos os aspectos da vida comunitária universal. Ficou claro que Deus age na história da humanidade sem perder o foco na relação individual com todos os seres vivos no tempo e na história.

Muitos se perguntam por que Deus possibilitou tantas dificuldades para ensinar Jonas, ele poderia ter simplesmente conversado com ele, ou feito tudo sem dor, Crabtree diz que não é assim que Deus trabalha com os seres humanos que tanto ama. Ele usa tudo para todos em todo tempo, e assim, revela toda sua soberania e poder.²¹

Finalmente, com a análise acima, foi possível verificar que de modo geral, imagina-se que as experiências mais devastadoras, mais ameaçadoras e mais terríveis, podem anular o significado da vida proposto por Deus. Porém, a Bíblia mostra exatamente o contrário, a experiência de fé autêntica é um aprendizado que vem da crise mais intensa e mais profunda. Dificilmente uma pessoa autocentrada conseguirá, em seu egocentrismo, ter os olhos abertos para enxergar a vontade de Deus, a crise ajuda a tirar os olhos de si e focar nas realidades que estão à volta. O Deus todo poderoso cuida para que o ser humano seja conduzido ao amadurecimento da relação que tem com Ele. Este cuidado é chamado de *providência divina*. Esta providência levou Jonas a reconhecer e exaltar a Deus no meio das angústias. Ele estava focado em sua vontade de ver Nínive destruída, por isso ignorou a vontade de Deus, mas o Criador não permitiu que ele ficasse inerte ou longe de Si, antes providenciou uma nova perspectiva e conduziu Jonas, através do sofrimento, a perceber a realidade de sua incapacidade e a realidade da presença e da vontade de Deus.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. **Jonas**: o sucesso do fracasso. Venda Nova: Betânia, 1991.

BAKER, David W.; ALEXANDER, Desmond T.; STURZ, Richard. **Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2001.

BATTO, B. F. The Reed Sea: Requiescat in Pace. In: **The Beginning: Essays on Creation Motifs in the Ancient Near East and the Bible**. Penn State University Press, Vol. 9. p. 158–174.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Os profetas menores (I)**: Oséias, Joel, Amós, Obadias e Jonas. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

CRABTREE, A. R. **Profetas menores**. São Paulo: Casa Publicadora Batista, 1971.

²⁰ ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. **Jonas**: o sucesso do fracasso. Venda Nova: Betânia, 1991, p. 17.

²¹ CRABTREE, A. R. **Profetas menores**. São Paulo: Casa Publicadora Batista, 1971, p. 94-95.

DAVIDSON, Benjamin. **Léxico analítico hebraico e caldaico**. Tradução de Daniel de Oliveira e William Lane. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KIERKEGAARD, Sören. **O conceito de angústia**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1968.

KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MORA, Vincent. **Jonas**. São Paulo: Paulinas, 1983.

PAPE, Dionísio. **Justiça e esperança para hoje: a mensagem dos profetas menores**. São Paulo: ABU, 1983.

PIPER, John. **Providência**. São José dos Campos: Fiel, 2022.

WALTON, Jonh. **O Antigo Testamento em quadros: conheça melhor o Antigo Testamento através de tabelas e diagramas cronológicos e explicativos**. Tradução de William Lacy Lane. São Paulo: Vida, 2001.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema Blind Review (avaliação cega), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail revista@batistapioneira.edu.br

DIGITAÇÃO

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

RESUMO / ABSTRACT

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

TEXTO PRINCIPAL

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

REFERÊNCIAS

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

RESENHAS

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.